PRINCÍPIOS DE UMA NOVA ÉTICA

Autor: Pietro Ubaldi

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

I — DEUS — DUAS CONCEPÇÕES
Duas concepções de Deus e a estrutura das atuais religiões. O presente amadurecimento evolutivo exige explicações inteligentes das verdades da fé. A Lei, absoluta religião de substância sem possibilidade de enganos ou evasões. A religião do involuído e a do evoluído, a do passado e a do futuro, e as éticas que delas decorrem. A consciência da Lei, a sensação viva da presença de Deus e as relações entre o ser e Ele.

II — A EVOLUÇÃO DA ÉTICA
O Significado da ética, norma relativa e progressiva, na transformação evolutiva que vai do AS para o S. A ética do involuído e a do evoluído. O problema da autoridade, do poder, da obediência. A ética do evoluído julgada utopia pelo involuído. A verdadeira divisão: justos e injustos, e a nova revolução

III — MÉTODOS DE VIDA
A ética do involuído. O método da força e astúcia evolui para o da justiça e honestidade. A força em defesa da justiça. Responsabilidade e culpabilidade. O problema da consciência. A eliminação do mal pela reação do lesado e as sanções penais. As leis, julgadas um obstáculo a vencer. Adaptações do ideal, a hipocrisia, o livre exame. Os vários graus de evolução, de entendimento e de conduta. A ética universal. Conclusões

IV — A PERSONALIDADE HUMANA
O fenômeno da personalidade humana no seu aspecto estático (como estrutura) e no seu aspecto dinâmico (como transformismo evolutivo), nos seus três níveis: 1) Subconsciente; 2) consciente; 3) Superconsciente. Reencarnação e criação tirada do nada

V — OS TRÊS BIÓTIPOS TERRESTRES
O fenômeno do destino em geral. Tipos de destino correspondentes aos três níveis evolutivos e correlativos tipos biológicos

VI — O DESTINO
O fenômeno do destino no caso particular do indivíduo e a técnica da construção da personalidade

VII — PSICANÁLISE
Psicanálise pré-natal. Elementos da psicodiagnose. Leitura do subconsciente. A função ética da psicanálise e o complexo de honestidade

VIII — A NOVA PSICANÁLISE
A nova psicanálise. Freud. Os arquétipos de Jung. Nevroses e complexos. O conceito de doença,

penitência por culpa, experiência de salvação. Exploração psicanalítica do subconsciente. Penetração introspectiva nas camadas profundas do eu. Período fetal. Existência pré-natal. Trabalho introvertido do período de desencarnado. Dupla forma de atividade construtora da personalidade, conforme o nível evolutivo do ser

IX — TÉCNICAS DE TRATAMENTO
A psicodiagnose: 1) Análise da personalidade e do destino do paciente; 2) Análise das suas confissões; 3) Análise dos seus sonhos. O tratamento: 1) por substituição; 2) por sublimação. A técnica da superação. Neuroses-crises de crescimento. Psicanálise e religiões. O modelo ideal. Proporcionar o tratamento ao amadurecimento espiritual do indivíduo

X — A ÉTICA DO SEXO

XI — A ÉTICA SEXÓFOBA DO CRISTIANISMO

XII — O SEXO COMO PROBLEMA ATUAL

XIII — CONCLUSÕES — AMOR E CONVIVÊNCIA SOCIAL

APRESENTAÇÃO

Princípios de uma Nova Ética é o 10.º volume da II Obra, que foi chamada de brasileira, porque escrita no Brasil; livro que segue o recém publicado *Queda e Salvação,* que é o 9.º volume da Obra. Assim está sendo publicada esta segunda série de 12 volumes, paralela à primeira, já quase toda editada no Brasil, também de 12 volumes.

Estamos, desse modo, nos aproximando do encerramento desta gigantesca Obra em duas partes, I e II, um conjunto com cerca de 10.000 páginas. Por isso, a fase atual de desenvolvimento do pensamento central da Obra não é mais aquela das teorias gerais orientadoras do conhecimento a respeito do imenso problema do universo, mas é a fase do estudo das conseqüências das afirmações gerais e das suas aplicações no terreno prático, para iluminar quem queira viver com inteligência e honestidade, compreendendo o pensamento das leis que dirigem a existência de todos os seres.

E neste ponto que o leitor amadurecido poderá ver a importância destes últimos livros conclusivos, escritos para nos dirigir na ação, o que quer dizer agir com inteligência, evitando erros que depois, pelos princípios de equilíbrio e justiça da Lei, é inevitável ter de pagar, duramente, cada um às suas custas, com a própria dor.

Nestes livros, porém, não queremos impor uma conduta ou outra. Cada um permanece livre e ninguém pode constrangê-lo. Podemos apenas aconselhá-lo, mostrando-lhe o melhor caminho para evitar a reação da Lei que é a dor, saudável aviso para não voltar ao erro; mostrando o que fatalmente acontece depois como conseqüência dele, se escolhermos viver não de acordo com a Lei, mas contra ela. O destino de cada um está nas suas mãos e não nas de quem só pensa e escreve e com isso pode explicar, pelas leis que dirigem a vida, o que acontece ao indivíduo como conseqüência de seu livre comportamento. Para um ser inteligente, que sabe raciocinar, tal demonstração poderia bastar. Mais do que isto o escritor não pode fazer. Se o leitor não entender, terá depois que ler outro livro, escrito por ele mesmo, com a sua dor, no seu destino. Mas é bom que lhe seja oferecida uma explicação preliminar, um aviso, de modo que ele conheça o funcionamento das leis que regulam a sua vida e assim sabendo, lhe seja possível evitar o que pode prejudicar.

As teorias gerais de que acima falávamos estão contidas nos livros básicos da obra: ***A Grande Síntese, Deus e Universo, O Sistema*** e ***Queda e Salvação***. Eles oferecem um sistema científico-filosófico-ético-teológico completo, cujos pormenores os outros livros da Obra explicam, ampliando aspectos particulares. Nesses livros básicos o leitor encontrará as demonstrações que nos autorizam a chegar às conclusões contidas no presente volume. Isto prova que não chegamos a elas levianamente, fantasiando, mas amadurecidos pelo pensamento desenvolvido em milhares de páginas, que constituem a premissa positiva das conclusões.

I

DEUS — DUAS CONCEPÇÕES

Deus existe Uma prova poderia ser a que nos é oferecida pelo materialismo ateu que O nega. Assim como a sombra implica a presença da luz, também a negação pressupõe a existência do que se nega. Só se pode afirmar a não-existência daquilo que sabemos que existe. De outra maneira, de que se afirmaria a não-existência? Do nada? Mas o nada já não existe por si próprio e para que ele não exista, não é necessário afirmar a sua não-existência. Nada se pode dizer do que não conhecemos, porque não existe. Como se pode afirmar que não existe o que não sabemos o que é? E se não sabemos o que é o nada, é porque ele não existe. Como se pode afirmar a sua não-existência, quando ninguém sabe da sua existência? Portanto, se negamos uma coisa, é porque ela existe. A negação de Deus prova a Sua existência.

No caso do materialismo ateu essa negação não representa, porém, a negação de Deus no que Ele é — porque para o homem isto está além do seu conhecimento e porque, no absoluto Deus está acima de toda a nossa negação ou afirmação —; mas é uma negação somente do que o homem, num dado momento histórico, pensa que Deus seja, isto é, da representação que ele naquele tempo faz de Deus, conforme o grau de evolução atingido. Assim, por exemplo, um materialista entre os selvagens seria quem nega a existência do Deus do feiticeiro, representado por um boneco com a cara e as qualidades do selvagem.

Há, então, dois pontos bem diferentes e distintos: o que é Deus em Si mesmo, no absoluto, acima da compreensão humana; e o que é Deus como idéia concebida pelo homem no seu relativo, a imagem que ele faz de Deus conforme os seus poderes de representação. O primeiro caso foge-nos completamente, porque está além do nosso conhecimento. O segundo caso representa tudo o que conseguimos saber de Deus, isto é, uma representação a nós relativa, mas progressiva em função do grau de evolução por nós atingido.

Que negou, então, o materialismo da ciência? Negou somente a única coisa que ele podia negar, isto é, o que o homem conhecia: o conceito relativo vigorante nas religiões, no período histórico em que o materialismo apareceu. Mas pelo próprio fato de que aquele conceito é relativo e em evolução, e de que hoje a humanidade entrou numa fase mais adiantada de amadurecimento mental, pelo qual se concebe tudo, e também Deus, com outra forma psicológica e pontos de referência diferentes, eis que o velho materialismo ateu acabou por se encontrar perante uma outra idéia de Deus, não mais aquela que ele estava negando. Com a evolução, que tudo arrasta no seu caminho, esta idéia se havia transformado, devido a um amadurecimento evolutivo geral, do qual a própria ciência materialista, como também a sua negação do velho conceito de Deus, faz parte. Disto se segue que o clássico materialismo ateu não representa, hoje, senão uma negação da velha concepção de Deus sustentada pelas religiões, enquanto a própria ciência acabou desembocando numa mais adiantada concepção de um Deus que ela não pode mais negar, mas, pelo contrário, tem que aceitar, porque explica e funde em unidade os parciais resultados daquela ciência, a eles dando um sentido orgânico e telefinalista, sem o qual tudo fica abandonado na desordem do acaso e no mistério de tantos problemas

ainda não resolvidos.

Assim, na economia da vida, o materialismo ateu não foi um meio para chegar à negação de Deus, mas só para destruir a velha idéia que Dele o homem fazia nas religiões, e com isso atingir outra nova, mais evoluída, completa, convincente. Tal processo se está ainda realizando. De fato, a nova ciência destruiu a concepção materialista da matéria, que desintegrou, desmaterializando-a em energia. Hoje está acontecendo isto: a ciência está constrangida pelos fatos, que não pode negar, a abstrair-se cada vez mais da materialidade sensória para chegar a entender a matéria como uma realidade imaterial, e a explicar a substância das coisas com um conceito que cada vez mais se aproxima e tende a coincidir com aquele imponderável inteligente, que no passado foi chamado espírito.

O que nos interessa agora é observar quais são essas duas concepções de Deus, com tudo o que delas decorre, sobretudo a respeito da conduta humana, o que nos conduz ao terreno da ética, que representa o nosso assunto atual, desenvolvido neste volume. As duas concepções, como sempre acontece entre o que está morrendo e o que nasce no seu lugar, estão em luta. A primeira está fixada nas religiões e na respectiva forma mental, filha do passado menos evoluído. A segunda e representada pelos espíritos mais amadurecidos, que se rebelam contra o passado, antecipam a nova maneira de conceber Deus e as relações do homem com Ele.

O conceito que de Deus e respectiva ética nos oferecem as religiões atuais, corresponde ao grau de amadurecimento evolutivo atingido pela humanidade atual. Esse é o único conceito que as religiões nos podem oferecer, porque é o único que a maioria pode entender, o único com que ela concorda porque, não importa se atrasado, ele corresponde aos seus instintos naturais. Um conceito mais adiantado a massa não poderia aceitar, porque está fora da sua forma mental que estabelece quais são as idéias vigorantes em nosso mundo. Já explicamos em outros livros nossos que o biótipo dominante na Terra é o involuído, que, sendo maioria, tem todos os direitos, afirma e pratica a verdade que quer, não importa qual seja a sua teórica profissão de fé e as verdades eternas, que ele sabe, por longa experiência, torcer, adaptando-as às suas comodidades.

Qual é então esse conceito que agora mencionávamos? Porque é da ética que aqui vamos falar, examiná-lo-emos sobretudo pelo que se refere à nossa conduta humana, a respeito do ponto de referência Deus e do nosso conceito, do qual ela depende. A idéia de Deus que o homem possui, herdada do passado, é sobretudo a do todo-poderoso, que por isso pode fazer o que quer, arbitrariamente violando à vontade as leis que Ele próprio estabeleceu para o funcionamento da fenomenologia universal. Assim o homem tinha construído com a sua forma mental um Deus com as suas qualidades bem humanas, de dominador rebelde, cujo poder se realiza e se manifesta impondo, qualquer que ela seja, a sua vontade a todos, cioso dos rivais e egoisticamente preocupado só em dominar e ser obedecido pelos seus súditos O poder Dele não está na ordem, mas na violação da ordem. Mas esse é o poder da revolta que gera desordem e destruição, representa o poder negativo do anti-Deus, e não o positivo de Deus. Estamos nos antípodas. Instintivamente o homem criou para si uma idéia de Deus feita à sua imagem e semelhança, idéia derivada da posição do homem, invertida pela queda no anti-sistema. (Que o universo está cindido nos dois termos opostos do dualismo: Sistema e Anti-Sistema, foi explicado em nosso volume: ***O Sistema***. Também no presente livro quando falarmos de Sistema, abreviaremos com S; e quanto falarmos de Anti-Sistema, abreviaremos com AS).

Tal Deus faz milagres, contrapondo-se arbitrariamente à Sua própria ordem, o que leva ao absurdo de uma contradição, possível na criatura que se revolta contra Deus, mas inadmissível em Deus, que neste caso se revoltaria contra Si próprio. Mas o homem não podia sair da sua forma mental e, nada mais possuindo, teve de construir para si a sua idéia de Deus somente com os conceitos que lhe forneciam as suas experiências terrenas, ficando fechado dentro do seu inexorável antropomorfismo Esse Deus favorece quem quer, com a Sua graça, infringindo o Seu princípio de justiça. Ele cria do nada as almas e, pelos Seus imperscrutáveis desígnios, as envia a viver na Terra em condições bem diferentes uma da outra, muitas vezes em condições de sofrimentos diversos, sem que elas saibam o porquê dessa diferença e de tal condenação. Esse Deus pode fazer qualquer coisa, pelo direito do mais forte, na mais desordenada e

injustificável arbitrariedade, e a criatura tem de obedecer cegamente sem ter o direito de saber, obedecer, não porque entendeu e aceita convencida, mas porque constrangida pelo cálculo egoísta do terror do inferno a fugir e da cobiça do paraíso a ganhar. Entender não é possível, é até proibido, porque é ousadia querer desvendar os mistérios. Não resta, então, senão fé cega, terror, ignorância.

De tudo isto não se pode culpar ninguém, porque não foi feito com propósito de maldade. Tal é o nível evolutivo, seja dos chefes, seja do seu rebanho, e neste nível o homem não sabe conceber e funcionar com outra forma mental. Mas é lógico que, se desta sai aquela concepção de Deus, saia também uma proporcionada concepção da ética, isto é, u'a moral egoísta, de arbítrio, baseada no mesmo princípio da força, que autoriza Deus a mandar, ou da astúcia, que ajuda o homem a se evadir daquele comando. Essa é uma posição falsa e emborcada da ética. Estamos num terreno escorregadio, que em lugar de levar em subida para o S, leva o ser em descida para o AS. Isso representa o triunfo do involuído, que tudo criou no seu mundo para si, à sua imagem e semelhança. No seu plano evolutivo, tudo é regido pela lei da luta, pela seleção do mais forte e pelos instintos que ela constrangeu o homem a desenvolver, nos quais se baseia a sua ética atual. Nesta fase primitiva não é possível apoiar-se na inteligência e exigir que ela funcione, quando ainda não está suficientemente desenvolvida.

Se o conceito de Deus é esse bem terreno de um padrão que manda e pune quem lhe não obedece, só pelo direito que lhe vem da sua força de todo-poderoso, a lógica posição do fiel é, por equilíbrio e defesa da vida, a do criado que procura evadir-se, seja amansando a ira do patrão, que ele provocou com a sua desobediência (para isso fazendo preces, arrependimentos, promessas, mesmo que mentirosas para arrancar o perdão, ofertas, honras etc.), seja procurando subtrair-se à dura lei do patrão com enganos e todas as escapatórias possíveis. Essa atitude é fatal conseqüência dessa posição, em que o homem se coloca perante Deus, de antagonismo e não de fusão de interesses, posição devida ao estado de revolta, na qual, pela queda, a criatura se encontra perante o Criador. Essa posição invertida vai-se endireitando cada vez mais com a evolução. E assim se explica como a condição do atual ser primitivo seja de inimizade com Deus, a do mais fraco que foge do mais forte, e não de amizade com Deus, isto é, a situação de um amigo que colabora para uma finalidade comum.

Explica-se desse modo a estrutura das atuais religiões, feitas sobretudo de práticas exteriores, fáceis de realizar com pouco sacrifício, sem incomodar no que mais interessa, que é a liberdade na sua própria conduta, deixando a cada um a possibilidade de satisfazer os seus instintos e fazer os seus negócios. É reconhecido, desta maneira, e respeitado o direito de pecar, isto é, de violar a Lei, coisa que constitui sempre a grande atração dos primitivos que formam a maioria: violação prevista de antemão por uma organização encarregada de remendar sem fim tais pecados, para os quais fica, então, amplo lugar no seio das religiões, sem que eles produzam graves conseqüências em cima de quem os praticou. Em vez de ter, inexoravelmente, de pagar aquelas conseqüências até ao último ceitil em outras encarnações, sem escapatória possível, é lógico que convém mais rezar uma leve penitência e, com um provisório e relativo arrependimento, de fortuita duração, considerarem-se quites, prontos a repetir, continuando assim a satisfazer-se. Método adaptado à comum psicologia atual, aceito porque o pagamento é barato, convindo como bom negócio. Permanece, porém, com tal método, o defeito de que ele é um engano que o homem quereria praticar à custa da justiça de Deus, mas que acaba recaindo sobre o culpado, que nem por isso poderá escapar àquela justiça, e que terá de pagar da mesma forma a sua dívida, e isto sem entender nada, nas reencarnações futuras. Nem Deus aparece na Terra para esclarecer e impor à força a Sua Lei, mas deixa que o ser a descubra experimentando à sua custa. Assim, apesar de o homem acreditar que lhe escapa com a sua astúcia, a Lei continua funcionando do mesmo modo, porque para isso ela não precisa do nosso conhecimento. Até que o homem a descubra, ele terá de pagar com o seu sofrimento o preço da sua ignorância.

Eis, então, o que se encontra na realidade dos fatos. Temos, de um lado, a casta sacerdotal que justifica a sua existência e posição de domínio enquanto representante de Deus, com poderes espirituais dos quais depende a nossa vida futura. Do outro lado, temos o termo oposto, representado pela massa dos fiéis, que procuram os meios para se assegurarem nas melhores condições de vida na sua continuação depois da

morte. Uns e outros são impulsionados pelo mesmo instinto vital, que quer viver e sobreviver, e lutam por isso. Mas todos, uns e outros, vivem num mundo e dentro de um nível de evolução onde não há ser que não seja rival de outro. Para satisfazer a necessidade de todos, que é a de viver, é necessário concordar numa convivência, à qual não se pode chegar sem se estabelecer um equilíbrio entre as exigências opostas, o que pode ser atingido com o método da troca, pelo qual, para que seja possível coexistir, cada uni dos dois dá alguma coisa, para receber outra. Cada um dá o que tem. Assim, a casta sacerdotal oferece ao mundo a solução do problema da vida de além-túmulo com a salvação eterna, e recebe em troca os recursos materiais e o domínio do qual precisa para viver. Do outro lado, a massa dos fiéis recebe da autoridade espiritual para isso encarregada por Deus, a garantia de uma vida futura feliz, executando apenas algumas praticas exteriores e afirmando que acredita em coisas que não entende, nem lhe interessa entender. Por sua vez, a classe sacerdotal, pelo princípio da troca, tem direito que a sociedade lhe retribua essa dádiva, reconhecendo o seu poder terreno com todas as suas decorrências.

Realiza-se, assim, a troca que permite a convivência, qual meio necessário para chegar, nesse nível evolutivo e conforme as suas leis, à simbiose. Assim cada um está pago com a moeda que o outro lhe oferece. Simbiose entre o espiritual e o material, cada um dando o que tem ao outro, a quem falta. O espiritual concede o paraíso e obtém a sua posição material; o material dá vantagens concretas, mas exige por isso ser pago, e toma as vantagens espirituais. Mas cada um faz as suas contas, e o mundo sabe bem o que vale o que ele concede e calcula para receber, dando o menos possível, sobretudo o seu incômodo esforço individual. Como em tudo na terra, há luta também entre os dois termos da simbiose, cada um procurando a sua maior vantagem possível à custa do outro. Então, para receber a sua posição na sociedade e nela a manter, era necessário que o poder religioso não lhe pedisse sacrifícios demasiados, permitindo-lhe ser possível atingir o seu objetivo, a salvação final, praticando uma moral que consinta muitas escapatórias, pelas quais, com o mais profundo respeito pelas práticas exteriores, é possível dar bastante satisfação aos instintos involuídos, o que a maioria mais exige.

Deste modo todos estão satisfeitos, porque cada um acredita ter sido o mais astuto, recebendo mais do que dá: o espiritual, dando promessas de salvação, mas recebendo a vantagem bem positiva da sua posição social; o material, ganhando a salvação com o mínimo incômodo e esforço possível. O único que não ficou satisfeito foi Deus, cuja justiça reclama e exigirá pagamento de ambas as partes Pela grande sabedoria das astúcias humanas parece que o único, neste jogo, a ficar enganado é Deus com a Sua Lei Isto é o que pode pensar o homem com a sua forma mental de involuído e de rebelde à ordem, julgando, com tal psicologia de primitivo, que possa haver vantagem em intrujar a Deus. Mas o homem não sabe que o único a não ser enganado é exatamente Deus e que o engano cairá em cima dos dois enganadores, os quais não poderão deixar de pagar os terríveis efeitos da sua astúcia. Só na ignorância do primitivo se pode acreditar que seja possível intrujar a Deus. Mas o involuído é espontaneamente levado a tal absurdo pelo seu instintivo impulso de revolta, ao qual ele inconscientemente obedece sem ter conhecimento da Lei ou suspeitar das suas reações, pelas quais acontece que querer enganar a Deus significa apenas enganar-se a si próprio. Entretanto, as religiões desconhecem ainda o conteúdo da Lei e os princípios que regem a vida, de modo que não os podem ensinar. Enquanto não entender tudo isto o mundo continuará vivendo satisfeito com esse acordo, o qual, embora lhe ofereça a vantagem de satisfazer o seu instinto de aproveitar de tudo com a sua astúcia, o condena depois a pagar inexoravelmente o seu erro e dívida à justiça divina. O jogo é bem combinado. As castas sacerdotais podem ficar nas suas posições; e a massa dos fiéis, pagando apenas com práticas exteriores e seguindo nas suas comodidades, pode satisfazer-se durante a vida, assegurando-se, ao mesmo tempo, a salvação para depois da morte. Desse modo todos estão contentes porque puderam continuar vivendo, atingindo o maior resultado com o menor esforço, o que para todos representa um grande ideal. A maioria fica satisfeita só com o presente, só com a vantagem imediata. Para ela, desconhecedora da Lei e do seu conteúdo, o futuro, que é o nosso presente de amanhã, é algo inconcebível que desaparece nas neblinas do mistério.

* * *

Esse jogo corre bem enquanto o homem permanece nas suas atuais condições de involução e de ignorância, as quais não lhe permitem aperceber-se como para ele é prejudicial tal método de enganos, que no fim não deixará de o levar a pagar esse erro, à sua custa e com o seu sofrimento. Se ele hoje apenas sabe entender o que se verifica no presente imediato, e é assim tão míope que não se apercebe das conseqüências do seu método atual, é fatal que tais conseqüências acabem chegando e que ele acabe pagando. A dor cumpre, assim, a tarefa de lhe ensinar a conhecer a Lei, e a não mais errar por ir contra ela. Deste modo, pela dor, a mente humana irá aprendendo cada vez mais, e com isso começará a entender quão louco e perigoso é o seu atual método.

Mas estamos ainda bem longe de aí ter chegado. O homem funciona ainda impulsionado irresistivelmente pelos seus instintos, fruto do seu passado; ainda não soube libertar-se deles, evoluindo, e continua satisfeito ao obedecer-lhes cegamente. O fato é que a lei desse plano de vida é a da luta pela conquista de uma posição superior à dos outros; e quem se encontra situado nesse nível de evolução, aceita e vive essa lei. É assim que tal método tende a prevalecer em todas as raças, religiões, partidos, ou seja, onde quer que exista o homem. É assim que quem tem o poder e manda, muitas vezes é levado a aproveitar-se dessa posição não para cumprir uma tarefa diretiva, mas para dominar e levar vantagem sobre os seus dependentes, que, por sua vez, procuram pagar aos chefes na mesma moeda, defendendo-se o mais que podem e tentando todas as escapatórias para se evadir das leis. É assim que o povo busca enganar os ministros das religiões, mostrando-se fiel nas práticas, mas fazendo os seus negócios ao mesmo tempo e aproveitando as oportunidades; enquanto os chefes ficam com o poder, prometendo em troca a salvação eterna Assim é a lei deste nível, que a forma mental humana deseja; é a posição na qual tantos ficam satisfeitos, porque a ela corresponde a natureza do homem, que, desse modo, fica ao sabor dos seus instintos. Julgam-se, assim, inteligentes e sábios. Neste esforço de superação recíproca está o nosso maior trabalho, a satisfação do nosso orgulho, a prova da nossa inteligência e do nosso valor.

Há, porém, outro fato. A lei do progresso trabalha continuamente para tirar o homem dessa sua triste posição, impulsionando-o a evoluir Através de incessantes e duras experiências neste baixo nível de vida, o homem acabará forçosamente por atingir o amadurecimento necessário para compreender a estupidez de tal método, um método de quem só sabe agir em obediência cega aos seus instintos de inconsciente. O homem terá assim de aprender a pensar e, depois, a comportar-se com inteligência e consciência. A lei da evolução, que incansavelmente o está impulsionando de baixo para cima nesse sentido, não pode tolerar que tal jogo de involuído dure sempre, que o homem continue sendo um menino apenas dirigido pelo seu subconsciente animal, um menor que não sabe o que faz, incapaz de receber de Deus as suas liberdades, já que não sabe assumir as suas responsabilidades. A vida apenas pode permitir tudo isto a seres primitivos, no atual baixo nível biológico. Pela fatal lei do progresso a mente humana terá de se abrir, a fim de poder chegar a dirigir a vida com métodos mais inteligentes, honestos e vantajosos.

É exatamente essa mudança que hoje se começa a realizar. A mente humana está saindo das nuvens da menoridade, faz perguntas e pede respostas, não mais aceita só por fé cega, verdades baseadas no mistério, começa a raciocinar e olhar as coisas com espírito crítico, antes de obedecer, exige ver claro com a lógica e a razão, pede a quem manda que justifique a sua posição, quer ver o que está atrás dos bastidores das verdades proclamadas e da autoridade que nelas pretende basear-se, não mais ficando satisfeita com palavras tradicionais e afirmações teóricas.

Chegou a hora de explicar tudo, com sinceridade e justiça, se quisermos que os indivíduos obedeçam às leis. Até ontem foi necessário o método da fé cega, porque não se pode dar explicações a meninos incapazes de as entender, já que isso geraria naqueles cérebros de primitivos complicações e mal-entendidos perigosos. Mas hoje que o homem começa a amadurecer, é cada vez mais necessária uma verdade demonstrada que tudo explique, que responda aos porquês, que resolva os problemas — e isto se não quisermos que ele vire as costas a qualquer princípio superior, acabando no ceticismo. Mas infelizmente é o que está acontecendo. De fato, o homem novo encontra-se hoje perante sistemas velhos, adaptados a outras formas mentais, e que ele não aceita mais. O que ele hoje pede é um pão verdadeiro, um nutrimento vivo, aderente à realidade biológica, proporcionado ao seu estômago mais exigente, apto a digerir novos pratos, isto é, as mesmas

verdades eternas, mas completadas e explicadas nos seus mistérios, demonstradas para convencer, postas em dia, a par com o grande progresso da ciência, atrás do qual hoje as religiões, outrora na vanguarda do pensamento mundial, ficaram atrasadas e quase abandonadas como coisa velha, destinadas ao sótão ou a um museu. Ao invés de satisfazer essa legítima nova fome espiritual, as religiões continuam repetindo as velhas coisas com as velhas palavras, nas quais os séculos passados adormeceram, sem levar em conta e sem acompanhar essa renovação que se está verificando na forma mental humana.

Os jovens pedem esse nutrimento novo e fresco, apresentado numa forma mais vigorosa, como os tempos apocalípticos o exigem, e o vão procurar alhures, sobretudo na ciência, porque nas religiões apenas encontram um nutrimento rançoso, que hoje ninguém mais digere, apresentado naquela forma estereotipada pela longa repetição e consumida pelo uso dos séculos, forma essa para adormecidos, de palavras aprendidas de cor, cansadas pelo peso do tempo, com o sentido já perdido para o ouvido moderno. Não é que na alma, sobretudo na dos jovens, fala a sede de verdades eternas. Mas às velhas teologias não se propõem os problemas dos tempos modernos. Quantos não gostariam de ser esclarecidos para poderem resolver os problemas máximos do conhecimento e assim se dirigirem inteligentemente com sua conduta! Todavia, existem idéias velhas, feitas de propósito para nos embalar no sono da indiferença, com os conceitos que no decorrer do tempo esgotaram o seu impulso vital, e que o progresso abandonou ao lado do caminho da evolução. Os jovens de hoje cansam-se e não prestam mais ouvidos. Eis de onde nasce a hodierna indiferença, o absenteísmo espiritual, o desinteresse de quem não toma a sério, por falta de convicção. Indiferença cheia de respeito — respeito como as religiões exigem como é dever para com os monumentos do passado e os túmulos dos mortos. Indiferença que desemboca no materialismo ateu, no epicurismo, na filosofia animal do primitivo, triste substituto do que em vão se procura e se não encontra, fruto do desespero da alma insatisfeita que, precisando de uma filosofia qualquer para se dirigir, não achou coisa melhor.

Os jovens estão famintos de sinceridade, honestidade, justiça, estão desiludidos do passado, que muitas vezes lhes soa a engano, pelo mau uso que foi feito de tantas verdades. E se eles estão revoltados, não é por maldade sua, mas porque encontram falta de bondade. Eles, que agora aparecem no palco da vida, vão observando o que há de verdade por detrás das aparências, e ficam tristes e desnorteados pela falta de uma orientação sadia, coerente, convincente, que os ajude a navegar no oceano desconhecido da vida, dando a esta um significado e uma finalidade a atingir, que justifique e valorize tantos esforços, luta e sofrimentos. Esse é o pão substancial que é urgente dar ao mundo, um pão de honestidade e de verdade. Disto o mundo precisa muito mais do que de atingir a Lua ou ir a outros planetas (para levar até lá as suas guerras) ou do que de fazer novos inventos para destruir a humanidade e a sua civilização. O indispensável, hoje, é u'a moral que corte até às raízes toda possibilidade de violência e de mentira — como lamentávamos acima —, mostrando que há leis na vida que ninguém pode enganar.

No nível animal-humano, a vida se desenvolve num regime de luta, porque tal é a lei desse plano evolutivo. Disto decorre que, em tal ambiente, a regra é os bons serem explorados e eliminados por não serem fortes nem astutos. Para o nosso mundo, a bondade é uma forma de fraqueza que cada um pode ter o direito de explorar, utilizando-a para sua própria vantagem. Na prática, até se assiste ao absurdo de se tentar aproveitar da bondade de Deus, visto tal mundo saber ser Ele infinitamente bom. É necessário então desvendar tão perigosa ilusão, filha da ignorância e dos instintos dos primitivos. Se o mundo, porque lhe convém, gosta de imaginar Deus dessa maneira, é necessário entender que Ele não é bom só para que seja possível explorar Sua bondade com o engano, mas que Ele é sobretudo inteligente, de modo que ninguém O pode lograr e com a sua astúcia evadir-se da Sua Lei, como o homem almejaria, de acordo com a sua forma mental. É preciso compreender que, sendo Deus bom, não é por isso um simplório que possa ser enganado. Semelhante psicologia é terrena, para atingir as finalidades da lei da seleção. Na sua concepção de Deus, o homem não sabe sair da sua forma mental, produto do seu grau de evolução e adaptada ao seu ambiente, para nele promover o seu progresso e trabalho biológico.

Perante Deus e a Sua Lei é loucura querer ser astuto, porque não há escapatórias. Quem faz o mal tem de pagá-lo à sua custa, não importando se é crente ou não. A nossa opinião, a nossa fé religiosa ou filosófica, não pode fazer mudar as leis da vida. Ninguém pode embrulhar Deus e a Sua Lei. Mas o homem

não gosta de semelhante conceito, antes prefere, e por isso imaginou, um Deus bom que se pode enganar. Mas isso é um produto do subconsciente instintivo, é uma redução do conceito de Deus dentro dos limites da psicologia terrena de luta, é uma criação da mente humana para satisfazer um desejo seu, não correspondendo à verdade. Esta é o que é, em forma positiva, para todos, incluindo os ateus, e não é o resultado do que cada um, conforme a sua natureza, gosta mais de crer. O homem aceita o conceito de um deus enganável porque isso lhe agrada, ao mesmo tempo que satisfaz o seu instinto de prevalecer acima de todos, e assim pensa ser possível aproveitai--se desse Deus. Ora, é necessário não cair nesse engano, pelo qual quem quer acaba sendo enganado. O que de fato ocorre é o contrário do que o homem pensa: Deus abandona ao poder de reação da Lei quem quer fugir à obediência, enquanto defende os sinceros e os honestos, os quais, seguindo o método da justiça, não querem se aproveitar de ninguém, e isso apesar do mundo, seguidor do método da luta, os explorar e esmagar, já que naquele nível eles são considerados simplórios e tolos, isto é, o biótipo do fraco a ser eliminado, pela lei da seleção.

Na sua ignorância, o homem acredita que a sua pequena biologia terrestre representa, em todos os seus níveis, uma completa biologia do universo; e não entende que, em níveis superiores de existência, situados ao longo do caminho da evolução, possam vigorar leis tão diferentes na proteção da vida que ao pé delas os nossos atuais métodos se tornem absurdos e prejudiciais, ao mesmo tempo que prevalecem outros, nos antípodas dos nossos, tão distintos que parecem emborcados. De fato, trata-se de um progressivo processo de endireitamento das qualidades do AS nas do S. Acontece assim que, num mais adiantado plano de existência, os primeiros de hoje serão os últimos de amanhã e os últimos de hoje serão os primeiros de amanhã. Verifica-se o fato de que, quem ao progredir do AS para o S, por virtude da evolução, gradualmente se vai harmonizando no seio da Lei; por isso, cada vez menos se encontra no estado de separatismo, qualidade dos involuídos que os deixa sozinhos e abandonados, entregues apenas aos seus recursos individuais; e sempre cada vez mais se vai encontrando no estado de unificação, qualidade dos evoluídos, que os funde no organismo universal, permitindo-lhes desse modo utilizar os seus recursos e os meios de defesa. O homem não entende que a Lei é viva, que representa um pensamento a querer manifestar-se, e que ela está pronta a funcionar assim que o ser lhe excite o funcionamento com os seus movimentos. A Lei faz isso em relação àqueles movimentos que dependem da natureza do indivíduo, a qual é conseqüência da posição por ele ocupada na escada da evolução. E então lógico que a lei feroz da seleção do mais forte no plano físico funcione só no plano animal-humano, no seio da biologia desse nível, ao passo que outra lei, esta de harmonia e de justiça, funcione num plano superior, no seio da biologia desse nível. Verifica-se, assim, que no plano inferior quem é julgado o melhor (o mais forte, vencedor) se torna o pior no plano superior (o rebelde à ordem, delinqüente); e que quem no plano inferior é julgado o pior (o homem bom e honesto, julgado fraco) no superior se torna o melhor (o mais forte, vencedor porque defendido pela Lei). A Lei apenas aceita o método da luta pela seleção do mais forte nos níveis inferiores, onde tal método representa uma defesa da vida. Mas tudo se transforma, na evolução do AS para o S, incluindo o método dessa defesa, o qual deixa de ser representado pela supremacia bestial de um indivíduo sobre outro, como convém num mundo em estado de caos, passando a ser constituído por uma posição de obediência na ordem, como convém num mundo que atingiu o estado orgânico, onde os impulsos inimigos (AS) chegaram, através de tanta luta, a coordenar-se em harmonia (S).

Eis a técnica do fenômeno. Em palavras simples se diz que Deus defende com a sua justiça os honestos, que o mundo condena e persegue. Deus protege quem Lhe obedece. Quem observa a Sua Lei, por Ele está defendido. A defesa de Deus representa a arma que salva os honestos, o grande poder dos que abandonaram as armas da força e da astúcia. Isto é importante, sobretudo a respeito da ética, que aqui estamos tratando, porque aqueles que o mundo julga os mais fracos podem, de fato, com tal jogo de elementos, tornar-se os mais fortes. E isso acontece em virtude de uma lei positiva que rege a vida e que está pronta a funcionar, mal qualquer indivíduo se coloque nas devidas condições.

Tudo isto está escrito na Lei, que representa o pensamento de Deus e a Sua vontade de que tal pensamento se realize. Essa Lei está feita não apenas de princípios que dirigem o caminho da vida, mas também de impulsos para que eles se tornem realidade. Essa Lei foi escrita pelo próprio Deus no funcionamento do Universo, através da Sua criação, e toda a fenomenologia a realiza; tudo e todos têm de

lhe obedecer se não lhe querem sofrer as reações. Mas a maravilha é que o primeiro a querer obedecer-lhe é o próprio Deus, e com isso mais não faz que livremente obedecer à Sua própria vontade, por Ele codificada na Sua Lei. Ora, obedecer a si mesmo não é obedecer, mas mandar. É por essa obediência de Deus, que o ser tem o mesmo dever de obediência, na mesma ordem universal que não admite ser violada pela vontade descontrolada do arbítrio de Deus. Perante a ordem Dele, isso representaria, não liberdade, mas violação e erro. Ora, essa violação pode ser permitida ao ser, que por essa culpa terá de pagar (assim se redimindo), mas não é possível em Deus, que não pode errar.

A Lei representa, então, não somente um princípio de ordem universal inviolável, mas também um compromisso entre o Criador e a criatura, garantia absolta para esta de que a Lei sempre responderá, com exatidão, aos movimentos do ser, consoante os princípios estabelecidos, e sempre em proporção ao merecimento do ser. Esta conclusão é importante (também diz respeito ao nosso atual tema da ética) e dela depende a nossa conduta; é importante, porque desse modo o indivíduo sabe que ao cumprir o seu dever de obediência à Lei ele tem o direito de receber em troca uma ajuda que o defenda. Esse é o princípio pelo qual funciona a Providência de Deus. O que sustenta o homem honesto condenado pelo mundo é a certeza de que Deus, mais do que todos, também respeita a Sua Lei, merecendo por isso toda a confiança.

Também há outra razão em que nos podemos apoiar para ter essa confiança: é ela a segurança que nos vem dos resultados, necessária para nos resolvermos a praticar todos os sacrifícios da obediência e o esforço de uma conduta certa. A idéia que as religiões nos dão de Deus é a de que Ele criou o universo, tirando-o do nada ou do caos. Mas depois de haver estabelecido a Sua ordem, Ele ter-se-ia ausentado para os céus, de lá ficando a olhar de longe a Sua obra, sem tomar parte ativa no seu funcionamento. Ora, queremos salientar aqui que nada é mais absurdo que essa idéia da ausência de Deus, que nos permite imaginá-Lo afastado, longínquo, e assim mais facilmente enganável, quando, na verdade, a lógica exige e tudo nos fala da Sua presença viva e contínua entre nós no funcionamento orgânico do todo, tudo dirigindo, de perto vigiando, controlando, velando e realizando. Este fato acarreta importantes conseqüências no terreno da ética, porque um Deus tão próximo penetra toda a nossa vida por dentro e por fora, é uma atmosfera em que todos estamos mergulhados, que todos respiramos e da qual não há possibilidade de nos separar. Trata-se de um Deus que está conosco em todo lugar e a toda hora, inclusive fora dos templos, no meio da nossa vida de luta, um Deus independente de seus ministros, o que elimina a possibilidade de enganá-Lo.

* * *

Há, pois, duas maneiras de conceber Deus, das quais derivam dois métodos de pensar e de viver, duas éticas diferentes, filhas de dois tipos de religião: a do homem atual, ainda involuído — conforme à sua forma mental de primitivo; e a do evoluído super-homem do futuro — conforme a uma outra forma mental completamente diversa. No primeiro caso, o homem concebe Deus antropomorficamente à sua imagem e semelhança, baixando-O até ao seu nível humano, sujeitando-O à sua lei de luta, tratando-O com o seu método de astúcia e psicologia de engano com que costuma enfrentar os seus semelhantes. No segundo caso, o homem concebe Deus com outra forma mental, como um ser que está acima das leis do plano humano e das suas maneiras de pensar e agir. Trata-O, por conseguinte, com absoluta sinceridade e confiança, com um método completamente diferente, o da honestidade, merecimento e justiça. Não falamos aqui das aparências costumeiras, que o mundo quereria fossem tomadas por verdades, nem tão pouco do que de exterior se apresenta nas doutrinas das religiões; falamos, sim, da substância vivida nos fatos, e não das éticas pregadas. Falamos do que na realidade o homem é, pensa e faz, e isso é a única coisa que interessa e vale.

O que, de fato, então existe no mundo são dois tipos de religião: a vigente, filha do passado, e outra, que antecipa o futuro. Ambas correspondem a dois níveis de evolução e são conseqüência da forma mental e das leis que regem a vida do involuído e do evoluído. Isso é possível devido ao fato do homem ser uma criatura em evolução, quer dizer, em estado de transformismo, de modo que ao lado do velho, que está morrendo, aparece e existe o novo., que está nascendo. E assim que temos duas verdades diferentes, aparentemente contraditórias, mas que não passam de posições mais ou menos adiantadas ao longo do mesmo caminho da evolução. São momentos sucessivos da mesma lei que está sendo cumprida por seres

pertencentes a dois níveis biológicos sucessivos, um acima do outro. De cada uma dessas duas verdades deriva uma ética especifica, porque ambas coexistem lado a lado: a inferior, praticada pela maioria involuída; e a outra, seguida por uma minoria de evoluídos, e que é exceção à regra comum.

E isto uma mera constatação de fatos, feita sem a intenção de condenar ou reformar. Com efeito, um homem ou um grupo nada podem fazer, e sim só as poderosas e sábias forças da vida e os grandes acontecimentos históricos, porque se trata de profundos amadurecimentos biológicos. E os honestos deste mundo são poucos demais para formar um grupo poderoso, além de não possuírem as qualidades de agressividade necessárias para vencer, no terreno animal-humano. Quem segue o método evangélico da não-resistência foge da luta e, consequentemente, não pratica qualquer forma imposta de ideais, o que implica ter de respeitar a ignorância em que o próximo se fecha, pronto a lutar para a defender. Quem não aceita o método da luta tem de o repudiar, mesmo quando não haja outro meio para tirar a cegueira aos cegos — há que deixá-los ser o que quiserem ser.

O que aqui queremos fazer é apenas explicar àqueles poucos, os inteligentes, as tristes conseqüências do método hoje vigorante; explicar que as dores do mundo são poucas em comparação com as que o homem merece, que quem manda não é o homem, mas a Lei, e que, quem ensina é a dor e fá-lo não com palavras, mas com fatos, deixando cada um acreditar e pregar o que quiser, mas fazendo pagar sempre o que merece. Não há. pois, necessidade de impor à forca idéias. nem mesmo a salvação, já que isso excita o instinto de agressividade provocando reação e luta, o que é um convite para a animalidade funcionar. Para que incomodar a fera com sábias pregações, quando ela se ofende em ouvi-las e se revolta contra elas? Para que, quando nas mãos da Lei está pronta a lição do sofrimento, ensinando tão bem o que ninguém pode deixar de aprender? A verdadeira ética não depende do homem, mas de Deus Ela está acima de tudo e de todos, escrita na Lei e dentro da própria natureza das coisas, daí não se poder fugir. Então, por que lutar contra os inferiores, se isso só serve para lhes excitar as reações e enganos? Por que lutar para que eles entendam, se pelo seu nível evolutivo não podem entender? Por que forçar a sua evolução, se o progresso é fatal e se só Deus tem o poder de os impulsionar para a frente? Por que, se a nossa pregação da verdade gera na sua forma mental apenas uma procura de escapatórias? Por que, se de fato o que se atinge no mundo não é uma verdade única e total, mas apenas briga entre verdades e religiões, considerando-se cada uma como absoluta e em luta para destruir as outras? Por que substituirmo-nos à sabedoria de Deus, quando a correção de todo erro é automática e a dor é o grande mestre sempre pronto a nos colocar no caminho certo?

Tudo o que podemos fazer é explicar, para os que têm ouvidos para ouvir e inteligência para entender, os imensos prejuízos que derivam da ética hoje vigorante. O atual sistema de insinceridade vale tanto quanto aquele do capitalista que explora os operários pagando-lhes o menos possível, e do operário que se compensa procurando explorar o patrão trabalhando pouco e da pior maneira possível. Que rendimento pode dar um sistema de enganos e atritos recíprocos, quando a energia tem de ser desperdiçada nessa luta para se explorarem um ao outro? Mas é por recolher os tristes resultados desse método, que se acaba entendendo quão pouco ele seja rendoso, o que impulsiona a escolher outro sem tais rivalidades e atritos, até se atingir um estado de colaboração, que representa a maior vantagem para todos. O mesmo acontece no caso semelhante que já vimos, o da casta sacerdotal, que do seu lado, com a ameaça do inferno e a promessa do paraíso, consegue ficar na sua posição de domínio; e o caso do povo que se compensa executando só práticas exteriores, e acreditando apenas no seu interesse, pensando ganhar com elas a salvação, enganando a Deus e seus ministros. Chega-se assim a uma religião às avessas, em que se satisfazem os instintos inferiores e se aprende a arte da mentira; mas isto até que, pelos muitos sofrimentos que o método gera para todos, eles aprendam outro menos prejudicial (porque não praticando enganos não terminam no engano), o método da sinceridade com Deus e consigo mesmo.

Esta é a religião à qual o impulso do progresso e a escola de tantas duras experiências terá de levar o homem. Religião do futuro, mais livre, porém sem possibilidade de enganos; imaterial, mas inflexível, e não flexível, mas como as atuais. Ela não quer destruir as velhas, e sim insuflar no seu cárcere de forma material, com o qual elas se estão fundindo e confundindo, um novo sopro espiritual, para rejuvenescê-las e vivificá-las, libertando-as o mais possível daquela forma que, quando se troca o vaso pelo conteúdo, repre-

senta um perigo. Trata-se de um progresso que mais nos aproxima do verdadeiro conceito de Deus. Isto quer dizer conquistar uma posição mais adiantada no caminho da evolução, e por isso poderosa e perfeita, porque mais próxima do S.

É estranho, porém, que tal progresso seja considerado uma ameaça pelas religiões atuais, que preferem ficar cristalizadas nas suas velhas formas, o que é morte, ao invés de correr ao encontro da vida, renovando-se. Quem procura a renovação, avaliado com as velhas unidades de medida, julgado irreligioso, rebelde, herético e como tal é condenado. E os conservadores não entendem que esses, que parecem revolucionários, não trabalham para destruir o velho, mas para salvá-lo, porque a vida está no movimento e na renovação. Quem estaciona, para conservar, envelhece e morre. Sobretudo nas horas das mais rápidas mudanças biológicas como a atual, quem não as segue acaba ficando abandonado para trás, morto no túmulo do passado. E, pela lei da evolução, o novo está destinado a arrombar mais cedo ou mais tarde as portas fechadas de todas as resistências.

Os julgados revolucionários, não são destruidores, mas construtores, para que amanhã, da ruína das velhas religiões que estão desmoronando juntamente com os sistemas éticos respectivos que nelas se baseiam, alguma coisa de firme e seguro fique no mundo para orientar positivamente o homem do futuro e dirigir com clareza e honestidade a sua conduta. A atual falta de fé, o fato de não se tomar mais a sério as coisas de Deus (não importa se disfarçado atrás de aparências formais), representa um perigo grave que ameaça as religiões atuais, anquilosadas na sua imobilidade, num momento em que todo o pensamento da humanidade está em crise e se está renovando. A ciência não soube substitui-las por nada, não se podendo dirigir o homem. Ir à Lua ou a outros planetas não orienta o homem na sua conduta e assim não resolve o problema individual, nem o social. O homem permanece uma fera, armada de recursos terríveis. Sobre a cabeça dos povos que conseguem engordar no bem-estar está suspensa por um fio a espada de Dâmocles duma guerra destruidora da humanidade e da sua civilização.

Se nestes livros procuramos explicar tudo, encarando e resolvendo os maiores problemas para dar uma resposta que hoje falta, não é para criar uma nova teologia que se substitua às velhas, mas é para lhes dar um conteúdo positivo, demonstrado, de cuja lógica a razão não possa fugir; conteúdo cuja função não é a de atingir abstrações filosóficas, mas de chegar a conclusões práticas de uma conduta certa baseada nos princípios claramente definidos, convincentes. O que procuramos é uma religião que não permita escapatórias, mas leve o homem a uma ética que, pela sua justiça evidente, tenha o direito de impor o cumprimento dos deveres que ela exige, porque se baseia na realidade da vida, e não em abstrações teóricas, que poucos entendem porque estão fora dessa realidade. Perante uma religião, demonstrada inteiramente e uma ética da natureza que dela decorre, perante esse conjunto que explica positivamente as conseqüências fatais de cada ato nosso, pelas quais cada erro tem de ser pago, não é possível ficar neutro e não há lugar para a hodierna indiferença. Acreditamos que só assim é possível vencer esse inimigo mortal de toda espiritualidade, que inicia a decomposição final das religiões e preludia a sua morte.

O que desejamos esclarecer é que não se trata de agressividade destruidora, mas de uma desesperada tentativa de injeção vital para salvar os valores eternos da velhice da forma. Quando esta vai caindo porque lhe falta a substância e não resta senão o ceticismo, então as religiões adoecem e, esvaziadas de todo o conteúdo vital, as ameaça a morte. O que de fato hoje prevalece é o materialismo religioso, isto é, só uma aparência formal de religião praticamente atéia na substância, o que representa a última fase da decadência. Na Idade Média os problemas religiosos eram percebidos e vivos, os homens lutavam naquele terreno. Hoje tais problemas não interessam mais, o mundo voltou-lhes as costas, para tomar a sério os problemas da ciência, que é a única fonte que parece oferecer um resultado a satisfazer as exigências da mente moderna. Como ninguém agride um morto, assim as religiões saíram do terreno da luta, que é o terreno da vida.

Quanto mais a mente se desenvolve, tanto mais o homem se torna exigente em querer conhecer as razões pelas quais ele tem de se conduzir de uma dada maneira, suportando os deveres e sacrifícios respectivos. Desponta então um espírito crítico e uma autonomia de juízo que não deixa mais aceitar cegamente as idéias simplistas do passado, por sugestão ou princípio de autoridade; aparece o hábito do

controle analítico das coisas e idéias, pelo qual, se o indivíduo se apercebe que os ideais proclamados não correspondem à realidade dos fatos e às exigências da vida, então os repele. Quando, com a psicanálise, se começa a controlar a natureza subconsciente de tantos dos nossos secretos impulsos, onde está a raiz das nossas ações, aos quais no passado o homem inconscientemente obedecia como uma verdade absoluta, então não é mais fácil convencer e obter obediência. Os pilares da velha lógica não se sustentam mais, porque está mudando por evolução a forma mental humana. Mas, se neles se baseia o edifício dos princípios que dirigem a nossa conduta, eis que esta fica sem alicerces e o edifício todo ameaça cair. Então os que são intelectual e espiritualmente mais fortes começam a pensar com a sua cabeça, a dirigir-se por si mesmos, assumindo sinceramente perante Deus as suas responsabilidades. Eles são condenados como rebeldes por saírem das fileiras, o que é escândalo. Mas quem tem uma cabeça não pode deixar de usá-la para pensar, nem a pode cortar no suicídio espiritual, que é a renúncia ao conhecimento. Quanto mais a evolução produz tal tipo de homem, tanto mais se torna contraproducente para as religiões o velho método absolutista. Concordar somente numa base de recíproca utilidade, que é o princípio da troca que vimos, não pode ser vantajoso, porque não é seguro para durar, nem sólido para construir.

A evolução nunca pára neste seu trabalho, lento, mas constante, de amadurecimento da forma mental humana. Chega-se assim a uma nova maneira de conceber, a orientar-se como uma nova psicologia, o que quer dizer dirigir-se com uma ética e método de conduta diferente. O ser aprende então que, para além de todas as formas exteriores há uma realidade interior independente delas, representada pela existência da mente diretriz de tudo, Deus, que fixou o Seu pensamento e a Sua vontade de realização na Sua Lei. Deus está assim sempre presente, imanente em nosso universo, e, por essa Sua presença, o ser existe mergulhado e fundido Nele, que representa o princípio da própria existência, que tudo sustenta e anima. Trata-se de um Deus do qual ninguém pode sair, ao qual nada se pode esconder, um Deus vivo, ao nosso lado a toda hora, com a Sua inteligência e atividade. Quanto mais o ser é evoluído, tanto mais ele se torna consciente dessa presença e vive em contato direto com Deus, fundindo-se na Sua vontade e, ao invés da criatura egocêntrica e rebelde, torna-se fiel instrumento Dele. Um fato assim tão fundamental orienta de maneira completamente diferente a vida, que se torna outra coisa. Então o ser se faz consciente do funcionamento orgânico do todo, dos princípios que o regem, da sua tarefa que lhe cabe realizar; ele compreende a lógica do plano divino que tudo dirige e que a sua maior vantagem está em segui-lo. Profundamente convencido disto, ele julga loucura o espírito de revolta do homem atual, e espontaneamente se coloca na ordem para obedecer à sabedoria da Lei.

* * *

Dessa nova maneira de conceber decorrem conseqüências importantes. Antes de tudo o ser atinge um conceito completamente diferente de Deus, da religião, da ética. Ao princípio antropomórfico do sistema hierárquico se substitui o princípio superior do sistema de tipo unitário. Neste, a criatura não é mais um súdito sujeito à vontade de um rei, que se colocou em cima de uma hierarquia de dependentes, perante o qual o indivíduo não tem outro direito senão o de obedecer à Lei que o rei quer e faz, transmitida por intermédio dos seus ministros, que o representam, mandando em nome Dele. A tal conceito completamente humano, que é a reprodução do que se encontra em nosso atual nível biológico, se substitui outro de um estado orgânico, conforme o qual a criatura é uma célula do todo, nele harmonicamente fundida, numa ordem superior que é a Lei, que com justiça imparcial tudo dirige e domina. A posição natural do ser não é, então, a do rebelde que é levado a se revoltar pelo fato de que os seus interesses, como acontece na sociedade humana, não são os do chefe que manda só porque venceu por ser o mais forte. Neste caso a posição natural do ser é pelo contrário a da espontânea obediência, porque esta é a condição da sua maior vantagem.

É lógico que assim seja, porque o conteúdo de um plano evolutivo superior não pode ser senão de tipo unitário, como é o S, do qual aquele plano está mais próximo; e pelo fato de que o conteúdo de um plano evolutivo inferior, humano, não pode ser senão de tipo egocêntrico separatista, como é o AS, do qual este plano está mais próximo. União, fusão, eis a psicologia de quem atingiu a forma mental superior, nos antípodas da psicologia egocêntrica, de oposição a tudo e a todos, que divide em vez de unificar. Trata-se de

duas formas opostas, de pensamentos e de existência.

De tudo isto decorre uma diferente forma de conceber e realizar as relações sociais. O indivíduo, então, não é mais um rival do seu semelhante, em luta contra ele, num regime de inimizade, guerra e atritos, mas é seu amigo, num regime de compreensão, paz e colaboração. Tudo isto representa uma grande mudança nas atuais condições da sociedade humana, será a revolução que transformará um mundo de feras num mundo de seres conscientes e civilizados.

Tudo isto é diferente da ética e religiões vigorantes; não é diferente do que elas pregam e sustentam em teoria, mas do que a maioria faz na prática, pela natureza involuída do homem atual e sua forma mental que não sabe sair do seu plano e concebe tudo antropomorficamente, reproduzindo o que ele vê acontecer na terra. A culpa, então, não é das religiões, mas do homem ainda não evoluído, que não sabe pensar de outro modo. Para ele são necessárias as formas exteriores, os absolutismos dogmáticos, o espírito de grupo para condenar todos os que se encontram fora dele, a exclusividade da verdade, a coligação de interesses, um Deus atingível só através dos seus representantes materiais, bem visíveis e concretos, o terror do dano (inferno) e a cobiça da vantagem (paraíso), sem o que tudo cairia no abuso. Trata-se, então, de um método indispensável, dada a natureza humana, de um mal necessário, porque não se pode permitir liberdade às massas ignorantes que, não possuindo qualquer instinto de autodisciplina consciente, mas só a desordenada inconsciência dos impulsos egocêntricos individualistas, acabariam na anarquia.

Se, porém, num nível superior a este, o ser atinge a consciência da Lei e da presença de Deus, e nesta consciência ele encontra a autodisciplina que dirige a sua conduta, tudo o que é produto daquela necessidade prática de dominar os rebeldes com o medo da pena e o desejo do prêmio, como agora mencionávamos, tudo isto não é mais necessário e, porque não tem mais razão para existir, terá de desaparecer. Não há mais o que justifique tais métodos quando o ser conhece a sua posição no todo, e obedece a Deus com toda a liberdade, por convicção, sem precisar de ser constrangido, porque sabe que obedecer à Lei representa a sua maior vantagem. Esse novo tipo de ética representa a maioridade das religiões, as da nova civilização do III milênio. Poderão assim desaparecer por evolução os pontos fracos que vimos a respeito das religiões atuais.

Numa religião clara e visível, positiva e racionalmente demonstrada, sem nuvens de mistério, não há mais lugar para enganos. Perante um Deus que a mente concebe verdadeiramente presente e não só em teoria, não terá mais sentido desenvolver a arte das escapatórias. Quando não houver mais comando praticado com a psicologia de dono, não haverá mais razão para a revolta que nasce no coração da criatura. Para que então desobedecer a Deus, quando a mente entendeu que isto é absurdo e prejudicial, porque rebelar-se quer dizer ferir-se com as suas próprias mãos? Quem não procura a sua vantagem e não quer fugir do seu dano? Ninguém pode ir contra a sua própria vida. O problema é só um; o de chegar a compreender quanto contraproducente seja o atual método da conduta humana. Quando o homem entender a conveniência de ser honesto, ele seria louco se não fizesse o que mais lhe convém.

Apesar de tudo muitos quereriam ficar parados, descansando nas velhas posições do passado, poupando-se ao trabalho de progredir. Mas a evolução não os deixa em paz e irresistivelmente os impulsiona para a frente. O homem aos poucos irá assim entendendo cada vez mais, até se aperceber quanto mais satisfatória seja uma conduta livre, a obediência espontânea, dirigida pelo conhecimento e a convicção, do que uma disciplina imposta à força, pelo terror da punição. A isto levará a evolução, o que significa afastamento do AS e de suas características, e aproximação do S, isto é, de Deus.

É assim que Ele se aproxima de nós e nós Dele. E urna sensação deslumbrante a percepção dessa presença. Que maravilha ir absorvendo a Sua potência vital, observando o pensamento Dele escrito na Sua Lei e ir lendo esse livro, onde estão os princípios que dirigem a vida de tudo o que existe Ele representa a atmosfera dinâmica e conceptual que respiramos toda a hora e lugar, que nos penetra e enche por dentro e circula por fora de nós. Que esplendor não ter que imaginar Deus afastado, longínquo nos céus, mas vivo entre nós, trabalhando ao nosso lado, ajudando-nos em nossa luta para evoluir, com o Seu imenso poder, bondade e sabedoria!

Não pode deixar assim de acabar por si mesmo o jogo interesseiro para nos assegurar a vida futura, quando sabemos que ela automaticamente está garantida para quem mereceu, conforme a justiça quer, e que, qualquer que seja a nossa astúcia, nada podemos obter se não for merecido. A massa dos fiéis, porém, de hoje não gosta e não aceita tal verdade, porque não sabe renunciar à bonita miragem que satisfaz os seus instintos, isto é, que seja possível realizar o sonho de receber sem pagar, de obter sem merecer. Neste nível prevalece o princípio de forca e da astúcia. No outro nível superior domina o princípio da justiça. Nestes dois níveis biológicos a vida se defende com armas diferentes. As primeiras são de tipo inferior, mais próximo do AS, representam por isso um método involuído, de superfície, com uma vitória mais imediata, mas temporária, destinada a acabar na falência, porque baseada no engano e não no merecimento. Neste caso se trata de um edifício que tem de cair porque desequilibrado e por não ter os seus alicerces nos princípios da Lei. As armas que defendem a vida no outro nível biológico são de tipo superior, mais próximo do S, e representam por isso um método evoluído, que trabalha na profundeza, com uma vitória a longo prazo, mas estável, que não acaba na falência, porque baseada na verdade e no merecimento. Neste caso se trata de um edifício que não cai, porque equilibrado, e por ter os seus alicerces nos princípios da lei.

Chegando a esse superior plano de evolução, mudam as relações entre o ser e Deus. Nada mais de arbítrio irresponsável, pelo direito do mais forte. Tal conceito não pode existir senão na forma mental humana, relativo ao nível desta e para as finalidades do seu mundo. Chegou a hora de aplicar a psicanálise a este e outros conceitos que dominam nas religiões, para ver de que impulsos do subconsciente eles nasceram. É absurdo que mais no alto domine a mesma desordem e espírito de prepotência que reina no nível humano. Direitos e deveres existem para todos, escritos na Lei. Deus é o primeiro que dá o bom exemplo de obediência a ela. Se imaginarmos Deus igual a um chefe humano que pode fazer tudo com o seu arbítrio, então o ser será por isso autorizado a agir de igual forma, terá o direito de fazer perante Deus, como de fato acontece, o que fazem os súditos humanos, isto é, procurar evadir-se da lei do mais forte, com o engano.

É lógico que em dois níveis biológicos diferentes, diverso seja o conceito de Deus. No nível superior tem de desaparecer a concepção antropomórfica do arbítrio descontrolado, absurda porque nela reina uma ordem preconcebida e perfeita. Isto não ofende a liberdade de Deus, porque não é escravo quem obedece à sua própria vontade. A primeira concepção se baseia no princípio da força do patrão, de um lado, o que em nosso mundo constitui o seu direito; este fato, por outro lado, gera a correspondente reação representada pela astúcia da criatura, que exprime o seu equivalente direito, pelo mesmo direito que todos têm à vida. A segunda concepção não se baseia naquele princípio de antagonismos e rivalidades, pelo qual é o mais fraco quem tem de obedecer ao mais forte, não mais num princípio de luta, mas de equilíbrio estável e de justiça, representado pela reciprocidade dos direitos e deveres. Então temos ordem perfeita para ambos os termos do binômio: Deus e ser. O conceito de arbítrio está ligado ao de ignorância, tentativa, escolha entre opostos, dualismos, egocentrismo individualista, desordem, imperfeição, o que não é concebível na perfeição de Deus. Então o ser sabe com clareza o que ele tem de fazer, e que pode contar com certeza com a Lei, que lhe permite calcular os efeitos das suas ações.

A palavra obediência toma outro significado neste nível superior. Nos planos inferiores o egocentrismo individualista divide, e obediência quer dizer escravidão perante uma vontade inimiga. Nos planos superiores obediência quer dizer que o ser deve concordar e harmonizar-se com os princípios que regem a sua própria vida para sua maior vantagem. Mas ser constrangido a obedecer para realizar o seu bem, não é obedecer, mas é realizar em cheio a sua própria vontade. A diferença entre os dois níveis é esta: que nos planos inferiores prevalece o antagonismo que divide os seres entre si e contra Deus, de modo que a obediência é uma opressão antivital, enquanto nos planos superiores tudo isto desaparece numa unidade que funde os seres entre si e com Deus, numa só vontade dirigida para a mesma finalidade de bem, o que transforma a obediência em elemento vital. Então neste caso obediência não significa, como acontece com os patrões terrenos, que Deus esmaga a criatura sua escrava, mas que Ele a ajuda, dignifica e respeita nela a Si próprio, todos juntos colaborando para o bem e a felicidade da criatura.

Antes de ter o dever de obedecer o ser tem o direito de saber, em proporção ao seu merecimento, desenvolvendo com o seu esforço a sua capacidade de entendimento. E Deus quer que o desenvolvamos cada vez mais, para sempre melhor entender. Ai de quem adormece por preguiça na fé cega, sustentando que tudo já foi resolvido e é conhecido! A obediência será tanto mais perfeita, quanto mais perfeito for o conhecimento. Quanto mais este se desenvolve, tanto mais o ser entende que é sua vantagem obedecer, fundindo a sua vontade com a Deus, que quer só o bem da criatura. Isto pode-se realizar pelo fato de que, subindo, desaparecem os egocentrismos separatistas dos rebeldes, para se coordenarem e organizarem dentro do único egocentrismo de Deus. Então, o maior desejo e satisfação é fazer a vontade do Pai, com a qual a nossa se tornou uma só vontade, porque aquela vontade quer o que nós mais desejamos, isto é, a nossa felicidade. Neste nível não tem mais sentido, nem há mais lugar para os métodos praticados no nível atual, baseados na idéia da vingança, no terror da pena, nas astúcias para escapar à Lei.

O ser pode finalmente movimentar-se com conhecimento num regime de lógica e clareza, que lhe garante os resultados; ele se encontra finalmente perante um Deus sobretudo inteligente, que não condena como culpa o desejo de conhecimento, admite perguntas inteligentes que responde para quem tem ouvidos. O ser sabe que tem os seus direitos e quais são, porque Deus tudo escreveu na Sua Lei; sabe que Deus não é um patrão despótico e caprichoso, mas que pode contar com Ele, porque Ele honestamente mantém a Sua palavra. Quando o ser se torna um justo, não tem mais nada a esconder de Deus, não tem medo Dele, mas Nele confia. Deus, então, não é mais um inimigo a temer, como os rebeldes acham que seja, mas é um amigo que vem ao nosso encontro para nos ajudar. O ser sabe, então, que quem obedece a Deus, em nome da Sua própria justiça, pode reclamar perante Deus que justiça seja feita, porque ninguém mais do que Deus pode exigir que seja respeitada a ordem que Ele próprio estabeleceu. Então cada um, que tenha verdadeiramente cumprido todo o seu dever e tenha a consciência limpa pode dizer: "Senhor, em nome da Tua própria justiça, que com todas as minhas forças procurei realizar, defende-me para eu obter justiça neste mundo de injustiças . O que mais ofenderia Deus seria que, para quem o mereceu, essa justiça não fosse realizada e no lugar da Lei, que é a voz do S, prevalecesse a vontade do rebelde, que representa a voz do AS. O ser pode pecar rebelando-se à vontade de Deus; mas como pode Deus pecar, rebelando-se à Sua própria vontade? E como pode ser culpa reclamar perante Deus que seja realizada a Sua lei, isto é, que seja feita a Sua vontade?

II

EVOLUÇÃO DA ÉTICA

O problema da ética é fundamental no fenômeno evolutivo, que é o maior do universo. Daí a sua extraordinária importância. É fundamental porque a ética representa a norma que dirige a nossa evolução, ensinando-nos o caminho que nos leva à salvação. Contém a regra de vida que, praticada, leva o ser cada vez mais a aproximar-se do seu estado perfeito de origem, no qual ele se encontrava no S, antes da queda. A importância da ética é fundamental, porque ela está conexa com a Lei, da qual representa a expressão direta, pelo fato de que enuncia o pensamento e manifesta a sua vontade a respeito da conduta do homem, mas dentro dos limites que ele pode entender e praticar em relação à sua posição ao longo da escala evolutiva.

É por isso que encontramos éticas relativas e progressivas, como é relativa e progressiva toda verdade conquistada pelo ser na sua subida, em proporção ao conhecimento da Lei por ele atingido, só em função do qual a ética relativa pode ser entendida e praticada. Seria por isso interessante fazer um estudo da contínua transformação evolutiva das verdades declaradas absolutas pelas religiões. Temos de lembrar que, em

qualquer tempo ou lugar, cada fenômeno e o próprio existir não pode ser entendido senão como um vir-a-ser, e o ser não pode ser colocado senão dentro desse universal transformismo evolutivo, não podendo viver senão em função dele. É por isso que a cada nível biológico corresponde a sua ética relativa, moral de conduta, que, porém, se transforma, logo que o ser sobe a um nível de evolução mais adiantado.

Eis como nasce e se justifica o conceito, que agora desenvolveremos, duma ética atual, inferior, que chamamos do involuído, e duma ética futura, mais adiantada, que chamamos do evoluído. Vemo-las existir ambas em nossa humanidade, em luta entre si: a ética da teoria e a da prática, a do Evangelho, que quer instaurar na Terra o reino de Deus, e a que fica no mundo, feita de cobiça e destruição. Mas só com esses conceitos se pode explicar a convivência de duas éticas em contradição, uma contra outra; isto porque a humanidade atual se encontra numa fase de transição evolutiva que vai de um plano biológico para outro, de modo que em nosso mundo podemos, hoje, ver coexistir a velha ética do animal ainda não extinta, ao lado da nova super-humana que cada vez mais vai se afirmando. Podemos assim entender esse fenômeno, como a luta que se verifica entre a luz e as trevas na alvorada, ambas existindo no mesmo tempo e lugar. É por isso que enfrentamos aqui o problema da ética nesta forma dupla, porque é nesta que a encontramos em nosso mundo.

Qual é então a diferença entre as duas éticas? Tomamos como pontos de referência os máximos do universo: o S, e o AS. Os que nos permite julgar uma ética, o que nos oferece a unidade de medida do seu valor, é a sua posição ao longo da escala da evolução. A ética do involuído é mais próxima do AS, e das suas qualidades, afastado, pois, do S e das qualidades deste. Também a ética do evoluído é mais afastada do AS e das suas qualidades, próxima, portanto, do S e das qualidades deste. As primeiras, como já vimos, são do tipo negativo, com todas as conseqüências que dele derivam; as segundas são do tipo positivo, com os mesmos resultados. Tais éticas representam a sabedoria que o ser com o seu esforço conquistou no caminho da sua evolução, que o leva para a salvação, com o regresso ao S. Sabedoria diferente conforme o plano de vida atingido, sabedoria que é o resultado de experimentações realizadas e lições aprendidas através do sofrimento, por meio de progressivas tentativas de cada vez maiores aproximações, como conhecimento e atuação em obediência à Lei, até chegar à perfeita coincidência com ela no S. É assim que quanto mais o ser sobe, tanto mais a sua ética é perfeita, porque tanto mais concorda e coincide com a Lei. A ética completa e perfeita é a que se encontra cm toda a sua pureza no S.

Eis então que o fenômeno da ética, como todos os fenômenos, está sujeito ao processo evolutivo. Mas por que e como acontece isto? Como já explicamos em nosso livro ***O Sistema***, no estado orgânico originário, o do S, cada ser estava fechado entre limites estabelecidos de conhecimento, em relação à função que, no organismo do todo, lhe pertencia realizar. A revolta consistiu na tentativa de sair e subir acima desses limites, como aconteceria se uma célula de tecido muscular quisesse tornar-se célula de tecido mais nobre, qual a nervosa ou a cerebral. O ser deslocar-se de sua posição, estabelecida por Deus, significa rebelião com objetivo de destruir a ordem universal. Mas tal ordem havia sido escrita e fixada por Deus na Sua Lei, sem possibilidade de destruição, acima de qualquer tentativa de desordem.

Aconteceu assim que a desordem ficou fechada dentro da ordem, foi limitada e disciplinada pela Lei, acabou por fim canalizada num caminho bem estabelecido, isto é, o da involução e evolução. O resultado da revolta foi, então, que o ser emborcou não a Lei e a ordem, para serem substituídas, mas emborcou-se a si próprio, semeando para si somente a desordem dentro da ordem, que no seu conjunto permaneceu inviolável e inviolada. Ao invés de quebrada, pelo contrário a Lei ficou firme e reagiu. O resultado foi, então, o contrário do previsto, isto é, que a revolta caiu toda em cima do rebelde. Vemos assim vigorar o princípio pelo qual, se a causa gera o efeito, este tem de voltar a ela, que é o seu ponto de partida. É por esse princípio que podemos afirmar que quem faz o bem, como o mal, a si próprio o faz. É por isso que o caso mencionado nos últimos capítulos de nosso livro ***Queda e Salvação***, desenvolveu-se depois nos fatos, exatamente conforme a teoria ali enunciada, e o agressor ficou preso dentro da sua própria rede, porque todo o mal que tinha lançado, por força da Lei voltou contra ele.

Foi assim que, na grande revolta dos espíritos, à procura de expansão contra os equilíbrios da Lei,

seguiu-se uma correspondente contração; à saída fora dos limites correspondeu uma compressão dentro dos limites. Foi assim que à pretensão de uma sabedoria fora da medida estabelecida, seguiu-se a ignorância. Mas eis que esta tem de voltar ao seu ponto de partida, que foi a sabedoria, assim como o período de afastamento do S, ou descida involutiva, tem de ser contrabalançado por um correspondente inverso período de aproximação do S, ou subida evolutiva redentora. Foi assim que, pelo fato de buscar uma demasiada sabedoria, o ser automaticamente se condenou à ignorância, por esta qualidade do AS (da qual derivam todos os males, porque não saber quer dizer errar), o ser se condenou à dor, que é conseqüência do erro; dor que depois, por sua vez, no período evolutivo, representa, na técnica da redenção, o meio que leva à salvação. Todo esse processo estava já potencialmente contido na Lei e, logo que pela sua livre vontade o ser quis movimentá-lo, ele automática e irresistivelmente desenvolveu-se como uma desintegração atômica em cadeia.

Aconteceu assim que, chegado ao ponto final da involução, isto e, ao AS, que representa a plenitude da realização do plano da revolta, o ser, em vez de se encontrar no estado desejado de máxima sabedoria e felicidade, se encontrou na condição de máxima ignorância e sofrimento. O plano, como é lógico, porque de outro modo pão podia acontecer, tinha fracassado, emborcando-se na insatisfação: mal saudável, porém, porque representa o remédio da doença, a automática correção do erro da revolta, porque é o tormento da insatisfação o que mais impulsiona, por um irresistível e instintivo almejo de libertação da dor, para o progresso no caminho da evolução. Ocorre que, se o período da descida involutiva foi o da criação da dor, o da subida evolutiva representa o período da destruição da dor; se o primeiro foi o da destruição da sabedoria e criação da ignorância, o segundo é o da reconstrução da sabedoria e da destruição da ignorância. Isto quer dizer endireitar na obediência a desobediência, em que ela se havia emborcado com a revolta. É assim que se realiza todo o ciclo de ida e volta, por esses momentos sucessivos, conseqüência um do outro: 1) ponto de partida: sabedoria e felicidade no S; 2) revolta do ser; 3) sua ignorância; 4) seus erros; sofrimentos máximos na plenitude do AS. Acaba aqui o caminho da descida e inicia-se o oposto, da subida: 1) ponto de partida dele: ignorância e sofrimento no AS; 2) eliminação do erro pela escola da dor; 3) eliminação da ignorância e reconstrução da sabedoria; 4) pela sabedoria regresso à obediência na ordem; 5) ponto de chegada final de todo o processo ao seu ponto de partida: sabedoria e felicidade no S.

Tivemos de voltar aqui a este assunto, já tratado em outros dos nossos livros, para explicar o significado profundo da ética, entendida qual norma relativa e progressiva que, por diferentes e cada vez maiores aproximações da Lei, dirige o ser ao estado perfeito que ela representa, final de todo o caminho. Vemos assim que, por esse processo, o ser está constrangido a conquistar de novo a sabedoria perdida, porque atormentado pela dor que o impulsiona a procurar libertar-se dela e isto por tentativas como só pode fazer um ignorante das leis da vida. Isto quer dizer: ter de descobrir com o seu esforço éticas cada vez mais adiantadas e próximas da verdade que contém a felicidade, e cada vez mais afastadas do erro, que representa a dor. O ser deve realizar essa conquista, essa nova descoberta da verdade, à sua custa. Foi o ser que com a sua liberdade escolheu o caminho da descida e quis gerar a sua dor. E a ele que agora pertence o trabalho de percorrer o caminho oposto e se remir da sua dor. A Lei não pode ser protecionista, o ser se colocou contra ela, e ele próprio se expulsou do seu ambiente originário de forças positivas favoráveis. De fato, o ser lançou-se num mundo de forças negativas inimigas, que agora desapiedadamente o perseguem e o perseguirão até que ele, pelo muito sofrer, aprenda e evolua, pagando a sua dívida perante a Lei e libertando-se dessa condenação. O ser tem de se reconstruir na sua sabedoria, sem, porém, possuir o conhecimento do caminho certo, mas tenho de descobri-lo por tentativas, o que quer dizer sofrendo as conseqüências dolorosas de cada erro. O ser tem de descobrir onde está a porta para sair do cárcere dos seus sofrimentos, e isto por tentativas infindas, tateando as paredes como um cego e batendo contra elas a sua cabeça até aprender de novo todo o conteúdo da Lei. O ser pela sua ignorância tem de experimentar todas as dores que se seguem a seus erros até ter aprendido toda a lição da Lei, regra por regra, letra por letra.

Falamos tudo isto para mostrar que o valor da ética está exatamente no conteúdo das normas de conduta que, em relação ao nível evolutivo que o ser atingiu, cumprem a função de iluminá-lo e dirigi-lo nas suas tentativas, para que ele, cometendo cada vez menos erros, possa cada vez mais libertar-se dos sofrimentos que deles decorrem Por outras palavras, a ética representa o guia que nos orienta e dirige no

caminho da evolução, o que nos leva para a salvação e a felicidade. Eis o significado da ética.

* * *

Deixemos agora as teorias gerais que nos explicam as razões de tais fenômenos, e observemos mais de perto as suas conseqüências, tal corno as encontramos em nossa vida prática. Agora podemos saber o que é moral ou imoral, quando e por que uma coisa é lícita ou ilícita. O ponto de referência da ética, a unidade de medida do valor positivo ou negativo das nossas ações é a Lei de Deus. Tudo o que está dentro das suas regras é bom e lícito, tudo o que está fora das suas regras é mau e ilícito. É moral tudo o que leva para o S; imoral tudo o que pertence ao AS. É moral tudo o que, pela obediência à Lei, pertencendo à positividade, constrói; é imoral tudo o que, pela desobediência à Lei, pertencendo à negatividade, destrói. No S não existe o imoral, mas tudo é moral, positivo, conforme a Lei; no AS não existe o moral, mas tudo é imoral, negativo, contra a Lei. Foi pela cisão devida à queda que nasceu o dualismo dos opostos, moral e imoral, o conceito de anti-Lei, que no S não existe. Nele tudo é moral. Quanto mais uma ética é evoluída, tanto mais ela é moral, no sentido de que se aproxima da moral perfeita do S; e quanto mais uma ética é involuída, tanto mais ela é imoral, no sentido de que se afasta da moral e se aproxima da sua negação completa no AS. Isto quer dizer que quanto mais uma ética é evoluída, tanto mais as suas normas se afastam da animalidade para a espiritualidade, das qualidades do AS para as do S; e quanto mais uma ética é involuída, tanto mais ela obedece aos imperativos dos instintos inferiores gravados no subconsciente, como muitas vezes acontece em nossa humanidade, instintos que representam o passado, isto é, o período em que no ser mais prevaleciam as qualidades do AS.

Eis então que, como cada ser pertence a um plano ou outro de evolução, assim ele possui uma ética diferente. No plano humano também as éticas não são todas iguais, mas dependem da forma mental no indivíduo, da sua maneira de conceber a vida conforme o seu nível biológico. Falamos da moral da qual o ser está convencido, a que corresponde aos seus instintos e impulsos espontâneos, a que de fato ele vive, a moral que na realidade se pratica, e não a moral oficialmente proclamada, muitas vezes professada só para melhor esconder a verdadeira conduta, bem diferente. Não nos interessam as aparências feitas para enganar, mas só o que atrás delas existe na realidade.

Então, como em nosso mundo o nível biológico oscila do plano do involuído ao do evoluído, assim a ética relativa vai de um extremo de tipo involuído a outro de tipo evoluído. Ela vai da fera ao santo, do nível do subdesenvolvido, selvagem, feroz, ao nível do super-homem, civilizado, evangélico. A maioria se equilibra no meio destes dois extremos, com uma moral ambígua, que pretende ser do segundo tipo, conquanto muitas vezes na substância é do primeiro. Moral anfíbia, de adaptações entre o superior e o inferior, ética de transformação em que coexistem as normas de conduta de dois níveis de vida, as do inferior convertendo-se nas do superior, o qual se vai conquistando por lentas aproximações evolutivas. Com essa ética, que representa a sua posição biológica, a sociedade humana, pelo direito do mais forte, que a maioria possui, condena e expulsa do seu seio os que por defeito pertencem aos planos de vida inferiores e os que por excesso pertencem aos superiores ao seu. Os primeiros são afastados como delinqüentes; os segundos são perseguidos como idealistas, utopistas, ou fracos e ineptos. Tais julgamentos dependem da forma mental do juiz, da sua posição ao longo da escala evolutiva. Assim, se o nosso mundo julga como imoral e condena tudo o que se encontra abaixo do seu nível biológico, assim os evoluídos que pertencem a um plano de vida mais adiantado, julgam imoral a nossa sociedade e condenam a sua maneira de pensar e agir, como esta condena a dos primitivos ainda não civilizados.

É assim que podemos entender o que está acontecendo em nosso mundo, chegando agora às últimas conseqüências das teorias já desenvolvidas, sobretudo a da queda, sem a qual não poderíamos ter conhecido a primeira origem desta realidade que vemos vigorar na prática, nem ter entendido o seu significado e finalidade. O conteúdo desta realidade, que salta à vista logo que o indivíduo saia acima do nível evolutivo da maioria, é o choque entre a ética do involuído e a do evoluído. A primeira é a do passado, que não quer morrer, mas que tem de morrer; a segunda é a do futuro, à qual a outra resiste, mas que tem de vencer. Por isso mesmo o tema interessa, porque se trata da nossa regra de vida de amanhã.

Para o involuído, que caiu no separatismo do AS, o ponto de referência não é o organismo do todo, em função do único centro para todos, Deus, mas é só o centro particular constituído pelo seu eu. Então a sua moral, a medida do bem e do mal, é representada pelo seu próprio interesse. O bem para ele é o que é útil para si, o mal é o que constitui o seu dano. Por isso a lei, para ser entendida e obedecida, tem de usar o método do prêmio ou da pena. Não é mais Deus que faz a Lei universal, mas é o indivíduo que faz. para si, a sua lei particular. Assim a unidade da ordem universal estabelecida pela Lei de Deus, pulverizou-se no caos de tantas leis particulares para cada indivíduo, ligadas entre si apenas no negativo, isto é, por rivalidades na luta infernal que vemos em nosso mundo. Mas tal estado de atrito e destruição recíproca quer dizer fraqueza, enquanto a união, isto é, o estado orgânico do S, faz a força, porque a evolução, conduzindo a ele, devolve ao ser o seu poder originário, que foi sua qualidade no S. Ora, isto é vantagem e então, para gozar dela, o ser sente-se impulsionado a abandonar o separatismo do AS, para se fundir com os outros seres na unidade do S, e assim automaticamente é constrangido a evoluir.

Baseando-se nestas premissas, ocorre que o problema da vida é concebido e resolvido de maneira completamente diferente, conforme o indivíduo pertence ao tipo involuído ou evoluído. Iremos agora observando o que vai acontecendo em nosso mundo a este respeito.

A nossa organização social se baseia no princípio da autoridade, que representa o cume da pirâmide. A autoridade foi exercida até há pouco tempo em nome de Deus, por quem se autonomeava seu ministro. Isto deveria ter significado que a função da autoridade era a de aplicar na Terra os princípios de uma ética superior à do plano humano, corrigindo a força com a justiça, a mentira com a verdade, a traição com a honestidade etc., e dessa maneira ensinando, educando, para levantar o ser do nível biológico de involuído ao de evoluído. Só neste sentido a autoridade podia descer de Deus e ser praticada em nome Dele. E nisto os povos de boa fé acreditaram por muito tempo. Eis, porém, que um belo dia a sua inteligência, aguçada pelo sofrimento, chegou a aperceber-se que a ética praticada pelos dominadores era a mesma que a dos súditos, a do seu próprio interesse; que todos lutavam no mesmo plano, pelas mesmas razões e com os mesmos métodos, e que os chefes mandavam, não por direito divino ou por superioridade moral, mas pelo direito do mais forte, do vencedor.

O problema da autoridade é importante, porque se trata de escolher quem manda e quem deve obedecer. Então ele foi resolvido de outra maneira. Ninguém pensa hoje que um presidente da república tenha de ser tal só porque foi consagrado por Deus por intermédio dos chefes das religiões. Caída então a lenda do poder dos reis por direito divino, esse poder que ficou sem a base teórica que o justificava, foi substituído, numa concepção realista, por outro, o da maioria, o das massas humanas e, com mais sinceridade, o direito dos seus interesses. Que uso fizeram do poder o rei, a aristocracia e o clero antes da revolução francesa? Eles traíram a missão que por direito divino pertence às classes dominantes, que é a de dirigir a marcha evolutiva do povo que, só por esse motivo, lhes está sujeito. Foi assim que pelo mesmo direito divino, que elas sustentavam como base do seu poder, esse poder lhes foi retirado pela vida, porque é um princípio da Lei de Deus que quem faz mau uso de uma posição de vantagem, não o uso que deveria fazer, não a utilizando para a finalidade pela qual ela é concedida (isto é, para ajudar os outros a subir), mas só para os explorar em seu interesse egoísta, então é princípio da Lei que quem assim procede perca aquela posição de vantagem e retroceda do plano de vida mais adiantado, no qual não se mostrou digno de permanecer, ao plano de vida inferior, do qual, com a sua forma mental atrasada, deu prova de ser cidadão. A Lei exige que o indivíduo possua e pratique a ética do nível evolutivo ao qual pretende pertencer cumprindo os respectivos deveres. Não é possível ficar em posições sociais não merecidas, sem cumprir a função evolutiva que a vida confia a quem nelas se encontra. Esta é verdade universal, para todos os tempos e lugares, verdade que muitos também hoje não entendem, mas que, por inexorável lei biológica, todos têm de aprender à sua custa, pela sua dura experiência.

A vida é sempre honesta e utilitária. O resultado útil que ela assim atingiu foi a conquista de uma maior defesa sua, pelo fato de que, com o sistema representativo, se tornou maior a extensão dos interesses protegidos, isto é, não só os de uma classe dominante, mas os de toda a nação. De um nível de ética, para o qual o mundo não se havia demonstrado maduro, o poder desceu ao nível mais baixo, prático, sem ideais, o do interesse. É assim que os homens de governo acabaram não sendo mais os representantes de um poder

por direito divino, mas somente empregados da massa dos cidadãos, que na organização do Estado pode exigir que eles prestem conta do seu trabalho e cumpram o seu dever. Mas isto só era possível agora, quando a massa não é mais um rebanho inconsciente, mas um povo que atingiu a consciência coletiva de nação, que amanhã o mundo conquistará como consciência coletiva de humanidade.

Nivelou-se, assim, tudo no plano da realidade biológica, num terreno evolutivo baixo, mas positivo. A lei desse plano é a luta pela vida para a seleção do mais forte, que, só pelo fato de ser o vencedor do mais fraco, tem o direito de mandar. Os chefes não são seres superiores, biologicamente mais evoluídos, que por isso possuem o direito de dirigir os outros atrasados, e isto para o bem deles. A posição de comando não depende do Alto, mas é só uma delegação de poderes a alguns escolhidos, da parte de quem é julgado o verdadeiro dono, que é a massa dos cidadãos da nação. Ficam então todos no mesmo nível, funcionando com a mesma forma mental e a ética a ela relativa, obedecendo todos à mesma lei da luta, que faz cada um rival do outro, assim divididos em governantes e governados, os primeiros com o direito do comando e os segundos com o dever de obediência, na posição de patrão e criado, em luta entre si, porque esta é a lei do seu plano, já que o nível superior, em que vigora o princípio da colaboração, ainda não foi atingido. Nessa luta, cada um dos dois termos usa os poderes que possui. O povo manda durante as eleições, e, então, os candidatos o cortejam para que ele lhes entregue o poder. Mas depois de ter atingido o seu objetivo, é o povo que tem de obedecer aos que elegeu. Então, se os governantes procuram evadir-se do cumprimento das suas promessas, os cidadãos procuram evadir-se da obediência. De fato, todos são cidadãos do mesmo plano evolutivo, sujeito às mesmas leis e praticando a mesma ética de luta, a do vencedor e a do vencido.

Em tal regime quem atingiu o poder tem, antes de mais nada que lutar para o defender. O bem é antes de mais nada o dele, virtude é o respeito à sua autoridade, culpa é a desobediência a ela. O bem do povo é coisa longínqua, menos tangível e urgente, adiável enquanto ele se mantiver quieto e não entrar em luta, exigindo que aquele seu bem se realize. Também os povos não têm direito a nada e a vida não lhes confere nenhuma vantagem, enquanto eles não a tiverem merecido pela sua inteligência e com o seu esforço. A natureza deixa que sejam explorados os povos atrasados, porque são eles os que mais precisam, pelo sofrimento, de aprender a sua lição, necessária para evoluir. Que esforço tremendo o povo francês teve de fazer com as guerras napoleônicas para se libertar da escravidão de uma monarquia e aristocracia podres, pronta a continuar explorando-o para sempre! A vida exigiu tal esforço, porque sem ter lutado e merecido não se pode ter direito a melhoramento algum. Não há progresso para os preguiçosos, não há elevador, mas só as nossas pernas para subir o monte da evolução. Se o povo francês não tivesse enfrentado a sua luta e vencido a sua batalha teria ficado até hoje na sua posição anterior.

Outra conseqüência de encontrar-se a grande maioria no mesmo plano evolutivo, praticando com a mesma forma mental a mesma ética, é que a autoridade, para obter obediência, tem de se apoiar no princípio que a maioria melhor entende, o da força ou da ameaça do dano individual representado pela cadeia ou pelo inferno. Porque deva ser assim, somente se explica com estas observações que aqui vamos desenvolvendo. De outra maneira não poderia ser, quando a forma mental dominante que impulsiona as ações da maioria é a do próprio interesse egoísta individual, e da luta para o satisfazer. Os próprios dirigentes estão constrangidos a usar tais métodos, porque a massa não entenderia outros, e aproveitaria para fazer o mal. No passado o problema do governo para os chefes civis, como para os religiosos, foi não somente o de educar, mas também o de amansar e domesticar a fera humana. Nos níveis mais baixos o educador precisa ser antes de tudo um domador, se não quer ser devorado pelos seus alunos. O nível do ensino depende do nível destes, ao qual o mestre tem de se proporcionar.

Verifica-se, assim, o que acontece numa classe de estudantes pelo que concerne à disciplina. O mestre está sozinho, mas nas mãos tem o poder de punir. Os alunos não têm poder algum, só o dever da obediência, mas possuem a força do número Estes dois poderes, o da autoridade, conquistada e sustentada pela lei na organização social, e o da multidão, que representa o poder dos pobres, que procuram impor-se pelo peso da sua massa, estão diante um do outro, sempre em luta, e dos dois é o mais forte quem vence e domina. Se o mestre é bom e fraco, e os alunos rebeldes, a classe se transforma num inferno e o mestre num pobre vencido. Quando o chefe é fraco, como Luís XVI na França, ou como o czar Nicolau na Rússia, então

estouram as revoluções. Se neste nível biológico a força é o único argumento que todos entendem, a culpa é de todos porque eles pertencem a um plano de vida onde, pela forma mental e ética dominante nos fatos, o método inteligente de agir espontaneamente, por compreensão e convicção, representa ainda um inconcebível. As duas partes, porque possuem a mesma forma mental, se conhecem e se compreendem. Tudo na luta é previsto e calculado. Os dois impulsos opostos, cada um para defender o seu interesse e atingir a sua vantagem, param no ponto em que se estabelece o equilíbrio entre os seus poderes contrários, que representam o seu valor. E quando a força não basta ou faz falta, segue-se então o caminho da astúcia, que representa a força mais sutil, a da inteligência, com todo o seu cortejo de enganos e escapatórias, como já vimos.

Tal é a forma mental e o método de vida do involuído. O seu sistema social, conseqüência do seu tipo de ética, é pesado porque se baseia no egoísmo, na desconfiança, na luta. Por isso ele requer infinitos controles, pelo fato de que cada célula do organismo tem de ser constrangida à força a cumprir o seu dever. Por isso a grande máquina da ordem social, seja civil ou religiosa, não pode funcionar senão por disciplina imposta à força ao indivíduo naturalmente rebelde a qualquer obediência. E os povos têm de carregar esse peso, à força, mas merecido, porque outro meio não há em nosso mundo, para manter um início de ordem, necessário, para se encaminhar para um nível mais adiantado de vida. Eis porque a sociedade tem de suportar o peso de leis coercitivas, armadas de sanções penais, e tropeçar a cada passo com regulamentos, administradores, fiscais, verificações, burocracia, tribunais, polícia, cadeias etc., e outras tantas delícias da moderna organização social. Tudo isto representa um trabalho contínuo, despesas, desperdício de energia, perda de tempo, atritos e complicações, até a necessidade de manter um exército para defender a ordem interior e a segurança contra os inimigos exteriores. Tanto tormento desaparece naturalmente no nível do evoluído que, conhecendo a sua posição no organismo coletivo e o correlativo dever, o cumpre livremente, colocando-se sem atritos no lugar que lhe pertence, porque ele sabe que nisso está o seu interesse, mas um interesse inteligente e consciente, diferente do egoísta e destruidor, praticado pelo involuído.

Trata-se de dois tipos de ética opostos, com todas as suas conseqüências. O tipo de ética do involuído é exterior, formal, de superfície, apegado às aparências que deixam possibilidade de enganos; sistema que, para se realizar, necessita de um constrangimento que chega de fora e do apoio da força material ou psicológica, precisa do medo do dano ou da cobiça da vantagem, porque só por estes impulsos o egoísmo do indivíduo, mergulhado na sua ignorância, sabe funcionar. O tipo de ética do evoluído é interior, substancial, profundo, ligado a verdades que não deixam possibilidade de enganos; sistema que se realiza espontaneamente só pelo apoio do convencimento, porque a consciência despertou, tirou o indivíduo da sua ignorância, de modo que agora, livremente, ele pode dirigir-se com o seu conhecimento. O trabalho atual da evolução em nosso mundo é de passar do 1.º tipo de ética para o 2.º. O eu vai assim despertando cada vez mais, aproximando-se das raízes espirituais do ser, funcionando sempre mais com as qualidades do S, e sempre menos com as do AS. Trata-se de um lógico desenvolvimento da evolução, de uma necessária conquista biológica, que leva consigo um novo tipo de ética e estilo de vida, conforme o telefinalismo de todo o fenômeno que vai do AS para S.

Trata-se de um passo para a frente no caminho que vai do primeiro para o segundo desses dois extremos. A ética do evoluído é mais livre, todavia mais rigorosa que a do involuído. Às exigências da substância é mais difícil de se subtrair do que às exigências da forma. O evoluído, pela sua própria lógica, tem de exigir virtude antes de tudo de si, porque a sua finalidade é subir. O involuído, pela sua forma mental diferente, é levado a exigir virtude, antes de tudo, dos outros, porque a sua ética é de luta, para os sobrepujar. O primeiro procura a honestidade antes de tudo em si mesmo, para benefício dos outros. O segundo procura a honestidade antes de tudo nos outros, para melhor explorá-los em seu proveito. O evoluído pede que os outros pratiquem a honestidade que ele primeiro pratica para seu próprio bem. Ao passo que o involuído pede que os outros pratiquem a honestidade, que ele não pratica, em seu proveito.

Quem vive num plano biológico mais adiantado não pode deixar de ficar aterrorizado pelas culpas que possui, na sua ignorância, quem pertence a um plano biológico mais atrasado, conservando perfeita convicção de inocência. A delinqüência das feras assassinas é honesta em relação à moral delas. Com a

evolução, subindo de um nível e respectiva ética a um nível e respectiva ética superiores, muita coisa julgada moral se torna imoral. Para a forma mental do evoluído a nossa sociedade atual, no terreno civil como no religioso, admite como lícitas ações e métodos que aquele biótipo não pode praticar e aos quais ele se rebela porque, para ele, são profundamente imorais, e representam um instintivo produto do subconsciente, tolerável apenas na ética de um nível de existência ainda animal. É destes fatos que aqui procuramos continuar dando exemplos explicativos.

* * *

Quando não é o evoluído a julgar o involuído, mas o contrário, como muitas vezes acontece em nosso mundo, é lógico que então seja a ética do evoluído a condenada como utopia. É natural que assim seja julgado pelos atrasados um nível de existência mais adiantado e a sua ética diferente. E de fato se trata de um mundo novo, que está fora da realidade que os involuídos conhecem e que acreditam representar toda a realidade. Fechados no seu egocentrismo, eles acreditam que a sua verdade particular seja toda a verdade.

Há, porém, um fato. A utopia do presente muitas vezes representou a realidade do amanhã. De outro lado não há outro meio para fugir dos defeitos da posição atual, bastante pesados, senão o esforço para que se torne real um mundo diferente, hoje julgado utópico porque fora da nossa presente realidade. Os homens práticos podem rir-se de tudo isto, já que lhes parece um sonho. Mas não há dúvida de que a posição atual é de muitos sofrimentos, e quem não quererá libertar-se deles. Quem fica satisfeito com uma posição desagradável quando poderia conquistar uma melhor? Quem gosta de ficar estacionário, renunciando ao progresso? E que é este senão uma contínua corrida à procura de superiores formas de vida, no passado julgadas utópicas? Se tudo isto é sonho, que os positivos têm de desprezar, então fiquemos satisfeitos com os métodos, sofrimentos e perigos atuais, até que eles nos levem talvez à destruição da humanidade.

Com as modernas armas atômicas e a dominante psicologia de involuído, tal ameaça é real. Com a sua forma mental de primitivo instintivo, o homem atual ainda não consegue entender que e método das guerras nunca resolve, mas pelo princípio de ação e reação, representa apenas a semente de uma nova guerra. Na História vemos que tal método representa somente um estado permanente de luta, porque, não há senão uma cadeia de desequilíbrios que nunca conseguem resolver-se na posição de equilíbrios de uma paz definitiva. Assim cada vitória, em substância não é uma vitória, mas uma derrota. Isto porque se trata de um mundo ainda situado perto do AS, onde vigora o princípio do emborcamento. Assim o homem tem de ficar mergulhado neste seu ambiente de ilusões, até que o sofrimento tenha desenvolvido a sua inteligência suficientemente para ele entender que, para sair deste impasse, é necessário que supere a sua atual forma mental e a ética da força a ela relativa, para assumir a forma mental do evoluído, hoje julgada utópica, e respectiva ética de justiça. Enquanto vigorar a atual psicologia do egoísmo separatista, serão inevitáveis os choques entre os impulsos opostos e os sofrimentos que disto derivam. Eles poderão acabar somente quando o homem alcançar uma forma mental de compreensão e colaboração, pela qual os impulsos, ao invés de se chocarem como inimigos, se harmonizem como amigos, substituindo assim a ordem ao caos. Mas, responde-se, na prática tal biótipo não existe e temos de trabalhar com o que o homem é, e não com o que ele deveria ser. Muito bem. Então ficamos com as nossas dores.

Não queremos renovar o mundo. Seria loucura pensar que alguns livros possam fazer isso. Mas queremos tão somente convidar o mundo, se ele assim quiser, a renovar-se por si próprio, mostrando-lhe como tudo se encontra funcionando, e que os sofrimentos que o atormentam são devidos ao fato dele não se movimentar com inteligência no seio do grande organismo do universo, de acordo com a Lei de Deus que o dirige. Não estamos aqui para ensinar métodos rápidos e fáceis para atingir a felicidade. Só procuramos explicar a causa das nossas dores, ficando no terreno positivo da realidade dos fatos. Se se libertar delas é utopia, e não coisa prática, positiva, realizável, então fiquemos com todas estas dores Se aquilo é engano, então deixemo-nos enganar por todas as outras ilusões de que está repleto o nosso mundo, isto é, que a injustiça da força possa gerar a paz, que a agressividade possa criar o bem estar, o roubo à riqueza, que do mal dos outros possa nascer o nosso bem. Continuemos, pois, a deixarmo-nos dirigir pela nossa ignorância das leis da vida, só para atingir sempre novas ilusões e termos de aprender apenas pela dura escola dos sofrimentos a que elas nos levam. Continuemos a praticar loucuras e a exigir que se realize o absurdo. E se a

solução de tais problemas é utopia, só porque na dura cabeça do homem atual não há lugar senão para uma psicologia de subconsciente, então a dor resolverá tudo automaticamente à força, porque dessa solução depende o futuro da humanidade.

A humanidade está hoje completamente fora da rota. Ideais e religiões caíram em completo descrédito. A maioria é religiosa por fora, mas atéia por dentro. A ciência não resolve. Um homem capaz de fazer o mal, mas que sabe ir à Lua e a planetas diversos, permanece sempre um homem capaz de fazer o mal, e dessa vez em qualquer parte do sistema solar. Um involuído desprovido de sentido moral, necessário para a convivência com os seus semelhantes, fica sempre um involuído em qualquer parte do universo onde se encontre. Perante as leis biológicas sempre terá mais valor um justo evoluído. O problema não é de criar novas armas para dominar o mundo, mas de criar homens justos que não queiram usar mais armas. O problema não é o de se tornar astronauta, mas de não haver ladrões e delinqüentes. O que interessa para a nossa civilização é mais a conquista da honestidade do que a do espaço.

Na Terra as religiões prometem a felicidade, mas numa outra vida além-túmulo, incontrolável. As ideologias prometem-na neste mundo, mas para um problemático dia longínquo, em função de incertos acontecimentos futuros. Elas se baseiam na modificação dos sistemas exteriores da vida, sem transformar os elementos humanos que a constituem. Muda o estilo da arquitetura do edifício, que, porém, é construído sempre com o mesmo material. Muda a estrutura e a música da orquestra, mas os músicos são sempre os mesmos. Este não é o caminho das soluções. Baseamo-nos no fato positivo da evolução biológica, cujos planos já explicamos alhures, os objetivos e a sua férrea vontade de atingi-los. Podemos fazer isso pelo fato de que as suas transformações, lentas e imperceptíveis no passado, adquiriram velocidade numa aceleração incrível no atual momento histórico, de renovação rápida, decisiva, porque se está realizando a passagem de um nível evolutivo para outro superior. Existe hoje o fato positivo de que a estrutura do sistema nervoso-cerebral e a inteligência para entender estão a desenvolver-se. Trata-se de um profundo amadurecimento biológico, que deverá levar o homem a compreender que, enquanto ele continue concebendo a vida com a sua forma mental atual e realizando-a com a respectiva conduta, os problemas que o atormentam não poderão ser resolvidos, como é justo que não sejam até que o homem, com o seu esforço, tenha desenvolvido a inteligência necessária para os resolver.

Então, quem é mais utopista: quem, baseando-se no conhecimento das leis da vida e dos objetivos da evolução no seio do sistema do universo, pode contar com o resultado porque tem a certeza que ele está garantido? Ou quem, ignorando tais leis, movido pelo instinto e não pela inteligência e conhecimento, apegado aos resultados imediatos e concretos, se vai movimentando loucamente dentro da rede de forças da Lei, assim semeando, inconsciente, as causas das suas futuras dores, de modo que não pode acabar senão na ilusão e no sofrimento? Esta é a verdadeira diferença que existe entre os homens, diferença substancial, que depende da maneira de conceber a vida. Perante tal divisão fundamental, perde todo o valor a separação que existe entre um e outro dos agrupamentos humanos. Que importa se um indivíduo pertence a este ou àquele partido ou religião, quando ele não saberá pensar e continuará agindo, com a sua forma mental de involuído, com todas as conseqüências decorrentes? Um homem desonesto permanecerá sempre um perigo social, qualquer que seja o partido ou a religião a que pertence. O contrário acontecerá em qualquer partido ou religião, se o indivíduo for honesto.

Então a verdadeira divisão entre os homens não é a do seu grupo e interesses a ele relativos, não é a divisão formal, de superfície, que vemos, mas é outra, a de justos e injustos, conforme a natureza do indivíduo. Que adianta, então, continuar repetindo sempre o velho jogo de inventar novas divisões e agrupamentos, atrás dos quais estão os mesmos interesses, deixando o homem sempre no mesmo nível evolutivo, para continuar, em forma diferente, fazendo as mesmas coisas? Isto nada resolve. O problema é diferente Trata-se de uma transformação biológica de um número sempre maior de involuídos em evoluídos, o que significa outra psicologia, outro conhecimento, outra ética e conduta, um mundo regido por outros princípios e funcionando com outros métodos. Na o há dúvida que se trata de uma revolução. Mas não da costumeira revolução, de tipo horizontal, só para dividir o mundo em grupos diferentes dos precedentes, mas de uma revolução em direção vertical, que corta o mundo em dois tipos de vida, próprios de dois biótipos

diferentes. Trata-se de substituir ao princípio da luta egoísta do ignorante, o da compreensão e colaboração do homem inteligente. Se isto parece utopia hoje, deverá ser a realidade do futuro, se a humanidade quiser civilizar-se. A futura divisão não será a dos atuais grupos políticos ou religiosos, mas a dos justos e injustos. A nova revolução não é para vencer os semelhantes com os seus mesmos métodos, ficando todos no mesmo nível evolutivo, mas é para mudar de método, subindo a um nível de vida superior. Esta é a verdadeira revolução. Eis o que quer dizer: Princípios de uma nova ética.

* * *

A nova revolução não é de superfície, onde se espalham os grupos atuais, não é para dividi-la de outra maneira em outros grupos, mas é revolução que se realiza em outra dimensão, volumétrica, pela qual o ser, aprofundando-se mais com as suas raízes, no âmago da vida, se levanta a um nível de vida superior. Então a divisão não está mais na forma, mas na substância, não no vaso que contém, mas no conteúdo, não nas aparências, mas na realidade, na natureza do indivíduo. A diferença será, entre o biótipo do evoluído e o do involuído. A revolução será interior, que produz um homem diferente; não será exterior, como as outras, que deixam o homem na mesma. Não se trata só de praticar as mesmas coisas com teorias, palavras e estilos diferentes, mas de viver a vida superior do ser verdadeiramente civilizado.

Trata-se de substituir ao princípio fundamental do nosso nível biológico, que é o da luta pela vida, pela seleção do mais forte, princípio individualista separatista, o outro colaboracionista, num estado orgânico unitário. Não se trata de pequenos reajustes dos velhos sistemas, mas de cortar o mal pela raiz iniciando outra forma de vida. Não se trata de construir novos grupos para lutar, sempre lutar, contra outros grupos para só um dominar todos os outros, mas de acabar com os desperdícios de forças, representado pela luta continua. Esse método já atingiu os seus resultados e por isso foi útil quando era necessário. Mas agora o homem é dono do planeta, e destruir-se em lutas recíprocas não tem mais finalidade biológica; seria método contraproducente e por isso a vida está pronta a abandoná-lo.

Quando for conquistado o sentido da verdadeira honestidade, com uma forma mental evoluída e uma ética inteligente, os justos se reconhecerão entre si pelas suas qualidades, que representarão o seu bilhete de reconhecimento, impresso de forma indelével como um marco de fogo na sua própria natureza. E eles permanecerão juntos, não pelo constrangimento duma autoridade e respectivo medo de sanções, mas porque entre honestos se encontra sempre o ponto onde concordar, baseando-se na sinceridade e boa vontade de colaborar, ao passo que entre desonestos, movidos pelo instinto de domínio egoísta, se encontra sempre o ponto onde discordar, porque se baseiam no engano e na vontade de explorar.

Hoje, justos e injustos estão misturados em todos os grupos. Pode haver ótimos elementos nos piores grupos, assim como péssimos no seio dos melhores. Faz-se muita questão do que aparece por fora, que se percebe materialmente, enquanto que nos escapa a realidade interior, que se procura esconder. O justo não luta para reduzir à dependência os outros, mas se oferece para com eles se coordenar. Há uma imensa diferença entre os dois métodos de vida e respectiva ética, porque se trata de duas posições biológicas colocadas em dois diferentes pontos da escala evolutiva. A evolução é grande porque se trata de passar da categoria dos injustos, que pertencem a um nível de vida, à categoria dos justos, que pertencem a outro e representam outro biótipo. A renovação é grande, porque não se trata de mudar de roupa, passando de uma religião a outra, de um partido ou grupo humano a outro, ficando mais ou menos como antes e usando os mesmos métodos, mas trata-se de se renovar completamente, pensando com outra forma mental e agindo conforme uma ética diferente. Porque se trata de uma transformação não de superfície, mudando só de forma, mas em profundidade mudando de substância, ela não pode ser realizada pelo capricho e interesse de grupos humanos, mas só pelo amadurecimento evolutivo realizado pelas forças biológicas. Não se trata de pintar por fora, com novas aparências de civilização, a mesma ferocidade da desapiedada luta egoísta, que se esconde atrás das leis religiosas e civis, mas trata-se de acabar com essa contínua mentira, adquirindo outra natureza, personalidade e ética, a do homem justo e sincero.

Então, se alguns homens tomarem parte nessa revolução, não poderá ser como dirigentes do movimento que está para além das possibilidades humanas, mas só como instrumentos das leis da vida, no

momento e na forma que estas escolherem. Tais mudanças tão profundas não podem ser confiadas ao homem que não possui a força necessária, nem o conhecimento dos planos da vida, nem a inteligência para os realizar. Nunca até hoje o homem dirigiu o fenômeno da sua evolução, mas foi dirigido, no seu estado de subconsciência instintiva, pela sabedoria das leis da vida, que conhecem qual é o seu objetivo final e o caminho para o atingir. E os grandes reformadores da Humanidade foram intérpretes dessas leis, executores obedientes da sua vontade, operários que com elas colaboraram. Mas no futuro o homem terá de amadurecer até ao conhecimento daqueles planos de vida, porque o desenvolvimento da sua inteligência o levará a entender a estrutura do organismo do todo e o conteúdo da Lei de Deus, que o rege. Então o homem não será mais um menino dirigido por leis e forças que não compreende, mas poderá ser ele próprio a dirigir o fenômeno da sua evolução, superando o método atual da tentativa de cegos, dos erros que disto derivam e de todos os sofrimentos a eles relativos. Tudo isto até agora ocorreu pela falta de inteligência no homem, que por isso, como um menino inexperiente, não podia deixar de chocar-se a cada passo com as normas da Lei, excitando as suas dolorosas reações. Mas a salvação é automática, porque a própria Lei contém o amargo remédio. Ele é a dor, que constitui o impulso maior para a realização da evolução. E o sofrimento que tem o poder de abrir os olhos também aos cegos. Assim, também os mais rebeldes involuídos, depois de terem experimentado todas as dores, deverão acabar entendendo o significado delas, isto é, um efeito dos seus erros, um instrumento da evolução, dentro da lei de justiça de Deus. Nessa altura a grande transformação biológica se haverá realizado, o homem terá subido a um novo nível de vida, onde com outra mente vigora outra ética, o involuído se terá tornado evoluído, o homem injusto se terá tornado um justo.

Eis o significado da revolução da qual estamos falando, dirigida pela Lei, comparada com as do nosso mundo, dirigidas pelo homem. Neste segundo caso, o impulso é só o dos lutadores, atrás deles não há senão os seus interesses particulares, muitas vezes não concordando, mas em contraste com as leis da vida e as finalidades que ela quer atingir. Por isso a Lei não os ajuda e eles ficam abandonados a si mesmos. No primeiro caso, pelo contrário, os homens são instrumentos da Lei e atrás deles está a pressão das forças biológicas que exigem a realização dos seus objetivos. As revoluções do mundo não se fazem dentro da Lei, seguindo os seus princípios e acompanhando os seus impulsos, mas substituindo a vontade humana à da Lei, a esta se sobrepondo, procurando torcê-la para o que acreditamos ser a nossa vantagem. Há grande diferença entre quem trabalha colaborando, em harmonia com o organismo de forças da Lei e quem, pelo seu egocentrismo, colocando-se em posição de antagonismo com a Lei, fica sozinho, abandonado aos seus pobres recursos. Sobre ele não desce a luz do Alto, orientadora e amiga, mas até ele sobe a caótica tempestade das forças do AS, desorientadora e inimiga.

As duas revoluções se reconhecem também cada uma pelo seu método completamente diferente. A revolução do evoluído não se faz polemizando para destruir as velhas verdades, mas só explicando e vivendo as novas. O espírito de agressividade é a primeira coisa que deve desaparecer em quem procura superar o nível animal-humano. Quem se coloca do lado do S, não pode trabalhar senão em sentido positivo, como construtor, ao passo que quem se coloca do lado do AS não pode trabalhar senão em sentido negativo, como destruidor. Que faz o galho novo que desponta acima da velha árvore caída, que está apodrecendo? Ele constrói o novo e deixa morrer o velho. Os impulsos da vida descem do S, e por isso a natureza representa uma irrefreável vontade positiva construtora que sempre acaba vencendo a oposta vontade negativa de destruição, representada pelos impulsos de morte que sobem do AS. Por isso a revolução do evoluído é sempre positiva e construtiva e não obedece a nenhum impulso negativo de destruição, representado pelo método da luta, agressividade e polêmica. O novo galho não agride o velho para o destruir. Quer apenas desenvolver-se, deixando o velho apodrecer por si mesmo.

Para superar o velho e continuar o caminho evolutivo da vida, não é necessário destruir, porque automaticamente o velho é destruído por dentro pelos impulsos negativos de morte que chegam do AS, ao passo que o novo automaticamente é construído por dentro pelos impulsos positivos de vida que chegam do S. O velho procura lutar para resistir a esse impulso de destruição, que cada vez mais o domina, procura lutar com o que ainda ficou nele dos impulsos vitais, que descem do S. O problema da velhice é um problema de luta entre as forças do AS e as do S, na hora em que as primeiras levam vantagem sobre as segundas, ecoando como um retorno da primeira revolta, quando os impulsos do S esgotam a sua função de

continuação e renovação periódica e evolutiva da vida. Mas não adianta o velho lutar para sobreviver, porque o impulso mais poderoso, destinado a vencer, é o do S, isto é, o da vida e não o da morte, o de Deus não o da revolta; porque quem manda não é o AS, mas o S, o que confere à evolução o direito e o poder absoluto de atingir os seus objetivos, sem que ninguém a possa parar. Eis porque é garantido que a revolução do evoluído, a qual opera dentro e em função da Lei de que ele se torna instrumento, alcance sucesso. Contra o poder das vontades humanas é sempre possível encontrar o poder de outra vontade que a vença. Mas isto não é possível quando se trata de uma vontade cujo poder está acima do poder de todas as vontades humanas.

Eis as razões profundas que justificam o método de realização praticado pelo evoluído. Ele não precisa do esforço da agressão destruidora, porque a sua revolução não se realiza pela iniciativa e vontade dele ou do seu grupo sozinho no universo, mas pela iniciativa e vontade de Deus e Sua Lei, que dirige todo o universo. Para que então entrar no mundo do involuído usando o seu método de luta, colocando-se na posição desvantajosa de isolado contra os maiores poderes da vida, quando o evoluído que se tornou instrumento da Lei, sabe que atrás dele, para sustentá-lo, estão aqueles poderes? Eis a base que sustenta a ética que o involuído, com a sua forma mental, não pode entender: a ética da não-resistência pregada pelo Evangelho.

Quem polemiza, mesmo que seja para sustentar a mais sagrada das verdades, revela a sua natureza de involuído, que nunca consegue afastar-se do método do seu baixo nível evolutivo. Método errado, porque não alcança o seu objetivo. Quem acredita que seja verdadeira a sua verdade particular e queira impô-la à força, aplica sem saber o princípio do separatismo, próprio do AS, levanta uma parede que o divide e afasta do seu interlocutor, ao invés de abrir uma porta e de lançar uma ponte que o aproxime e una a ele. Tal método não cria amigos que possam entender e aceitar a nossa verdade, mas inimigos que não a podem entender ou aceitar. Como é lógico, os métodos do AS não podem gerar senão resultados opostos. Na afirmação de uma verdade toma-se assim de antemão a posição do lutador que espera o seu antagonista para o vencer. Isto automaticamente gera, com o ataque, uma reação de defesa, porque querer impor a alguém uma verdade nossa destruindo a sua, significa atacar o patrimônio das suas verdades e, pois, a sua personalidade. Acontece assim que o espírito de oposição acorda o instinto da luta, do que nasce desconfiança e revolta, ao invés de confiança e convicção. É assim que o método da discussão é, pela sua própria natureza, feito para excitar revolta ou legítima defesa não para convencer. E de fato o método da polêmica não representa uma procura da verdade, juntando os esforços para a encontrar. mas é uma peleja para destruir a verdade do antagonista.

O método do evoluído está nos antípodas. Não lhe interessa, pelo seu próprio egoísmo de vencedor, afirmar que só ele está certo e que todos os outros estão errados. Ele assim não excita a natural reação de autodefesa, convida à confiança, acaba desse modo sendo aceito sem constrangimentos psicológicos, vencendo apenas com as armas da sua convicção e sinceridade. Tais são os métodos e os resultados de uma ética mais adiantada.

III

MÉTODOS DE VIDA

Vimos no capítulo precedente qual é o método de vida do evoluído Se nele consiste a sua revolução, e se esta sua posição biológica representa um ponto de chegada do seu caminho evolutivo, qual será, por outro

lado, o trabalho do involuído para se aproximar desse novo nível de existência? Qual deverá ser o método de vida e a ética de tal biótipo? Como utilizará a vida esse material, forjando-o para os seus objetivos.

Não há dúvida de o grande trabalho que as leis da vida têm de realizar no plano evolutivo humano é o de levantar o atual biótipo dominante para formas de vida mais adiantadas, até que lhe seja possível entender e praticar a ética do evoluído. Este não a quer impor aos atrasados, mas só quer ajudá-los para eles amadurecerem, até ao ponto em que é possível praticar tal ética superior O evoluído não julga que o involuído seja culpado ou mau, mas considera-o um menino a educar, ao qual é útil mostrar, para que ele o saiba, o que melhor lhe convém fazer para seu bem. Cabe aos mais adiantados o dever de ajudar os menos adiantados, não os condenando, mas indo ao seu encontro com a devida compreensão. Este é o método que revela o evoluído, e quem não o pratica não o é. A maior forca do evoluído reside na sua justiça; a superioridade do seu método, que o leva à vitória, está em ter superado o método humano da luta, praticando o oposto, o do perdão e inocência. É nesta que está a maior força de quem se colocou do lado do S, como na culpa está a maior fraqueza do lutador que se colocou do lado do AS. Se a vida não abandona ninguém, alguém tem de tomar conta do involuído. E dever, então, dos seus irmãos maiores cuidar dele.

A qualidade fundamental do método de vida do involuído é a luta para vencer com a força ou com a astúcia. O método que o evoluído pratica para vencer é, pelo contrário, o da justiça e da honestidade. A tarefa da evolução é a de transformar o primeiro tipo de forma mental e ética a ele relativa, no segundo. Ora, como pode a técnica da evolução realizar essa transformação, utilizando o material involuído existente com as suas qualidades? E se aquelas que ele desenvolveu são a força e a astúcia, como podem estas tornar-se honestidade e justiça?

Um primeiro passo foi feito com a instituição das leis humanas cuja tarefa é a de estabelecer entre limites exatos os direitos e deveres de cada um, sem o que a vida social não é possível. É assim que a força, cada vez mais apertada no torno de uma disciplina gradativamente se foi adaptando e moldando dentro dos quadros do direito. As leis humanas representam uma primeira tentativa de evolução do estado caótico do involuído ao orgânico do evoluído. É o direito que se sobrepõe à força para domesticá-la. Mas o fenômeno no seu transformismo encontra-se hoje ainda perto do seu ponto de partida: a força, e vai lentamente encaminhando-se para o seu ponto de chegada, a justiça. É por isso que a substância da justiça é a força, e nesta a justiça continua sempre a basear-se. De fato, no conceito humano de direito não se concebe a lei sem a respectiva sanção ou constrangimento, sem o que a obediência não pode ficar garantida. Hoje, uma lei que atue nos cidadãos só pela força do convencimento daqueles que espontaneamente a cumpram, e utopia absurda, coisa fora da realidade. Mas este é o ponto de chegada, sem o qual faltaria um objetivo à evolução do direito, que justifica o seu trabalhoso transformismo. Só assim se pode entender o significado biológico do fenômeno da evolução do direito. É verdade que no fundo deste ainda sobrevive o mundo do involuído, o da força, mas é verdade também que pelo direito surgido no mundo, existe, e se vai cada vez mais radicando, o oposto princípio da justiça. No atual nível evolutivo humano os dois conceitos, o da força e o da justiça, estão ainda misturados, como é lógico que aconteça num período de transição, como é o do nosso tempo, o que já explicamos.

Então, qual é a posição dos elementos força e astúcia, armas da desobediência, do mundo do involuído, dentro do processo evolutivo que as leva para a honestidade e a justiça, no estado orgânico de obediência, no mundo do evoluído? A técnica da evolução consiste numa contínua reordenação e reorganização da desordem e do caos em que, pela revolta, tinha caído o universo. O resultado deste fato foi que nada ficou destruído, mas só fora da sua posição certa fora do seu devido lugar no seio da ordem estabelecida pela Lei de Deus. A força do involuído representa então o poder de origem, mas ao contrário, isto é, deslocado da sua posição de meio de colaboração no seio do organismo do S, à sua posição oposta, de meio de luta de todos contra todos no estado de separatismo individualista próprio do AS. O princípio que no S representava a fusão de todos os elementos numa unidade de entendimento e de trabalho, no AS se tornou o princípio da cisão que os dividiu num contínuo estado de desordem e de luta. É lógico que, se este foi o caminho da involução, oposto tenha de ser o caminho da evolução. Então trata-se de submeter a um processo de reorganização, num sistema de disciplina, os elementos que se espalharam numa posição de guerra entre si.

Então, o processo evolutivo não consiste em destruir o elemento força, mas em apertá-lo cada vez mais com os princípios da Lei, e em canalizá-lo para o caminho que leva à realização dos objetivos da Lei.

Eis como as qualidades do involuído podem continuar funcionando, mas cada vez mais dentro dos limites da nova ordem que se vai realizando, isto é, não mais força para fazer guerra, agredindo e destruindo, mas força empregada para o cumprimento da Lei, não para esmagar o fraco, mas para o triunfo da justiça. É assim que ao lado do puro elemento da força, próprio do nível do involuído desponta e cada vez mais se vai afirmando o elemento justiça, próprio do nível do evoluído. Eis, então, que o primeiro passo do involuído é o de colocar as suas qualidades inferiores ao serviço do ideal. A finalidade pode justificar os meios. Somente quando o indivíduo não pode deixar de empregar meios tão atrasados, porque outros melhores na sua natureza ele não possui De outro modo, que trabalho superior poderia realizar o involuído? Usando os métodos dó seu plano de vida, os únicos que ele conhece, vai subindo os primeiros degraus da sua evolução para o plano de vida do evoluído.

É assim que pode ser tolerada a sobrevivência do passado, só pelo fato de que o que é inferior se colocou a serviço do que é superior. Presença tolerada apenas na condição de que o inferior se vá sempre mais eliminando, para se transformar em superior. Explica-se desse modo como seja hoje possível usar a força para realizar os ideais, junção entre opostos, que sem este conceito de transformação evolutiva de um nível de vida para outro, representaria um absurdo inaceitável. Assim a fera, colocando as suas garras que representam tudo o que ela possui, a serviço da justiça, procura sair do seu estado para entrar num mundo novo, aprendendo pouco a pouco novas regras de vida. Isto quer dizer passar da ética do involuído à do evoluído. Eis como funciona a técnica da evolução de um tipo de ética para o outro. A medida em que essa evolução se realizou é marcada pelo ponto que o ser atingiu no processo de transformação da ética do involuído, baseada na força, na ética do evoluído, baseada na justiça. Quanto mais o ser usa a força, e quanto menos pratica a justiça, tanto mais ele é atrasado; e quanto mais ele se apoia na justiça, em vez de se apoiar na força, tanto mais é adiantado. Então em nosso mundo a força existe somente como um mal que ainda não se consegue dispensar, um mal devido à natureza involuída do biótipo dominante. Nunca deveríamos esquecer, quando a agressividade dos inferiores leva ao emprego da forca, que naquele momento descemos ao nível biológico deles, que é o do animal. Os seres verdadeiramente superiores, como por exemplo Cristo, nunca usam de tais meios. Explica-se assim o que significa a ética da não-resistência, proclamada pelo Evangelho.

O homem, que continua sempre fazendo guerras como os seus antepassados pré-históricos, será, então, culpado? Mas é culpada a fera, pelo fato de ser fera? Decerto que não. A ferocidade faz parte da sua ética, porque é necessária para que o ser possa sobreviver, o que também é necessário para que se realize a sua evolução. Há uma realidade: como a ferocidade revela a fera, assim a guerra revela o involuído, isto é, o ser não civilizado que pertence ainda ao nível biológico do animal. Esta é a grande glória de que se pode ufanar o nosso mundo atual.

Será culpado aquele biótipo que costuma esconder a sua verdadeira face com as suas astúcias? Mas se este representa um meio de defesa num mundo feito de luta, como se pode exigir que tal biótipo renuncie a tal arma? Para ser sincero e mostrar o que está dentro, o ser não deveria possuir pontos fracos, que os seus semelhantes estão sempre prontos a aproveitar em prejuízo dele, para sua vantagem. Para deixar ver a verdadeira fisionomia é necessário ser forte, porque em nosso mundo só aos fortes é permitido viver. Não há indivíduo, mesmo ignorante, que não conheça tais elementos da ética humana. Enquanto o homem se mantiver no seu atual nível biológico a força e a mentira serão armas às quais ele, para viver, não poderá renunciar. Assim, o que dos nossos rostos aparece por fora é só uma máscara, atrás da qual o indivíduo se procura esconder para sua defesa ou para enganar no ataque. Cada um constrói a máscara que mais lhe convém, e com ela cobre o rosto. Por trás dela olha para fora através de dois buracos que são os olhos, espiando o que acontece no mundo cheio de perigos. É sobretudo pela vista que o indivíduo se comunica com o exterior, e ela é, como se diz, "o espelho da alma", o que revela os íntimos impulsos, deixando transparecer as reais intenções. O que se chama educação em nosso mundo consiste em aprender arte de

esconder os verdadeiros pensamentos. Mas não é nisto que consiste a civilização. Ela só começa quando, pelo desenvolvimento da inteligência, é possível substituir a essas tristes conseqüências da ética da luta a ética da compreensão e da sinceridade.

Também a ciência, que por sua natureza é amoral, sem ética, indiretamente concorre para a realização dessa evolução, porque a ela se deve um fato que representa um passo para a frente no sentido da superação do método da força: o fato que hoje se admira como grande homem o cientista e o astronauta, e não somente o herói que é julgado tal por ter destruído o maior número possível de inimigos. Os triunfos da ciência estão introduzindo, em primeiro plano na tábua dos valores humanos, os da inteligência, acima dos tradicionais da força e da habilidade em vencer com a astúcia.

É no princípio da luta que se baseia a vida e a ética do nosso nível evolutivo, é por ele que saiu moldada a nossa forma mental. Tudo acaba sendo reconduzido a ele, inclusive quando se acredita aplicar os princípios de uma ética superior. Assim, quando em nosso mundo de luta cada um fala de justiça, está, sem querer, falando de uma sua justiça particular, conforme a sua verdade e em seu favor, contra a justiça de todos os outros, que a concebem também em seu próprio favor. Isto quer dizer luta entre justiças opostas, que é o que vemos ocorrer nos tribunais.

O princípio da luta é o que domina na ética do nosso mundo atual. Também quando neste nível de vida têm de ser aplicadas normas de uma ética superior, isto se realiza por meio de leis civis e religiosas armadas com a força das suas sanções, porque sem uma imposição nada se atinge em nosso mundo. Quem não obedece é julgado culpado e tem de ser punido pela sua desobediência. Só quem possui força ou astúcia bastante pode desobedecer e até chegar a impor a sua lei diferente. Tudo não pode parar senão na posição do mais forte que manda e do mais fraco que tem de obedecer. Também quando uma ética superior desce de um plano mais alto, acaba sempre vigorando em nosso mundo a lei do nível biológico deste, à qual aquela ética tem de se adaptar. E em tal regime de luta, como se pode exigir que quem não possui força bastante espontaneamente deixe de se defender com a arma da mentira, seu único meio de defesa? E como pode isto acontecer quando ele sabe que, os que isto exigem o fazem para aproveitar de tal sinceridade para sua vantagem e prejuízo alheio?

Então, para estabelecer a responsabilidade e culpabilidade do indivíduo, é necessário levar em conta a sua posição na escala evolutiva, a ética dessa posição, tudo em função de tal mundo relativo e em evolução. Grande é a diferença de posição entre o involuído, que no nível animal se encontra no seu ambiente natural, constantemente usando força e astúcia porque mais a sua mente não sabe conceber, e o evoluído que teve de descer àquele mundo que não é o seu e só excepcionalmente aceita aplicar tais métodos, porque constrangido pela necessidade de cumprir o seu dever de sobrevivência naquele ambiente. A diferença que existe entre os dois biótipos é a que há entre a fera, que o é sempre pela sua natureza, e o caçador que tem de usar os meios das feras, mas só quando, na selva, se encontra entre elas. De fato, ele os deixa logo que volta à cidade e se encontra entre civilizados. Neste caso o caçador usa o método, não porque seja o seu, o único e normal método da sua vida, mas só porque temporariamente lhe foi imposto pelo ambiente de feras em que se encontra. A diferença está no fato de que, no caso do evoluído uso de tais meios é imposto pelo ambiente e não corresponde à sua natureza, não representa um desabafo de instintos inferiores, de agressividade egoísta, um mau uso da força contra a justiça, mas, pelo contrário, tais meios são usados com inteligência, com eles se faz bom uso da força para uma finalidade de bem. Neste caso os métodos do mundo não são empregados em favor do mundo, mas contra ele, em favor do que está acima dele, não obedecendo à ética do subconsciente animal, mas impondo-lhe obediência em favor de uma ética superior. Então tal descida justifica-se enquanto representa um incidente ocasional, imposto por exigências superiores e destas dependentes, sustentado por um princípio de honestidade e justiça, orientado em função da ordem do S e não da desordem do AS.

Tudo isto se origina do fato de que o nosso ambiente humano contém graus de evolução e respectivas éticas diferentes, e, assim, indivíduos mais ou menos evoluídos se encontram misturados, ligados por recíproca convivência. No fundo, nas posições mais atrasadas, estão os piores do plano animal humano, que

praticam o mal sem escrúpulos com o método da prepotência. Acima deles estão os mais adiantados que se vão aproximando da vida superior conforme o modelo evangélico, praticando o método precedente, mas para uma finalidade de bem. Acima desses estão os ainda mais adiantados, os evangélicos, que praticam este método superior, não entram na luta, custe o que custar, seguindo o exemplo de Cristo, não descem ao nível do involuído, não reagem, mas perdoam, ficando perante a Lei em perfeita inocência. Assim cada um, situado no lugar que lhe é próprio, cumpre a sua função, recebendo o que merece. Os maus recebem, como conseqüência da sua conduta, a lição do sofrimento que os ensina a evoluir. Os que começam a empregar os meios do nível humano, para uma finalidade benéfica, vão se encaminhando para um plano de vida superior. Os evangelizados, com a sua presença e exemplo, vão educando os atrasados para trazê-los ao seu nível e ao mesmo tempo, assim procedendo, eles próprios vão progredindo e alcançando posições mais adiantadas.

O contraste entre essas diferentes posições biológicas nos aparece evidente neste exemplo: quando Cristo foi preso no Getsêmane, Simão Pedro puxou da espada e, dando um golpe no servo do sumo sacerdote, decepou-lhe uma orelha. Então, Jesus lhe disse: "Embainha a tua espada; pois todos os que tomam a espada, morrerão pela espada. Então, tendo tocado a orelha, a sarou".

Vemos aqui chocarem-se dois sistemas, os do segundo e terceiro casos acima mencionados. Simão Pedro pretendia usar a força para uma finalidade benéfica, defendendo um justo. Mas Cristo preferiu praticar um método superior, o do evoluído, o da não-resistência e do perdão, para dar este exemplo e ensinar esta lição, avisando ao mesmo tempo do perigo que espera quem desce ao nível do involuído e pratica os seus métodos — o perigo de ter depois de ficar sujeito ao domínio das reações e leis ferozes daquele plano.

* * *

Antes de encerrar este assunto, observemos tais princípios aplicados ao caso oposto, isto é, não o do evoluído que desce ao mundo dos involuídos, mas o do involuído que se encontra a viver num ambiente mais evoluído que o seu. Da estrutura da forma mental humana, da qual se originam esses casos, faremos um estudo mais pormenorizado nos capítulos seguintes. Só nos conceitos que aqui vamos explicando se pode encontrar um ponto de referência e uma unidade de medida, para estabelecer a respectiva responsabilidade e punibilidade do indivíduo, porque ela é concebida em relação à sua posição na escala da evolução ou nível biológico e sua correspondente forma mental.

Apela-se neste caso muito à consciência como a um tribunal íntimo que pode formular infalíveis julgamentos de verdade. Mas, se bem observarmos, teremos de admitir que, afinal de contas, quem age de uma certa maneira o faz em perfeita consciência e convencimento que, o que ele faz, para ele seja bom. É assim que não o podemos acusar de insinceridade. O problema é saber o que ele julga ser bom e para quem. Então, não se trata de mentira, mas de um julgamento errado, fruto da forma mental do involuído, a única que neste caso o ser possui para julgar. Mentira seria no caso de o ser possuir a forma mental do evoluído, isto é, na sua consciência a iluminação necessária para entender, e depois quisesse agir contra as diretrizes que essa consciência sabe formular.

Quanto mais o ser é primitivo, tanto menor é o patrimônio de idéias que ele possui para se orientar e resolver os casos da sua vida. É assim que para ele os problemas da consciência são muito simples. O bem é, para ele, o que lhe traz vantagem ou satisfação; o mal, o que lhe acarreta prejuízo ou sofrimento. O bem é só o seu bem; o mal é só o seu mal. Então, na sua mente simples não há razão para que ele não procure pelo caminho mais curto o seu bem, evitando o seu mal. Quanto mais o ser é primitivo, tanto mais ele está fechado e isolado no seu egocentrismo. Então, as más conseqüências das suas ações para com os outros, para ele não existem, porque não as percebe, vivendo ele só em função do seu eu, que é a única coisa que entende. Mais não pode produzir a forma mental que apenas sabe ir em linha direta para os seus objetivos, para os quais se sente impelida por seus impulsos elementares.

Neste nível não pode existir senão a ética do próprio interesse. A ética diz que se deveriam seguir os ditames da consciência. Mas para o primitivo, os ditames da consciência são exatamente os do seu interesse.

E, se para atingir a sua vantagem, ele tem de fazei mal aos outros, nada o impede que o faça em plena consciência e convencimento de fazer o bem, mas que, no caso, para ele é só o seu bem, ou seja, o que constitui a sua exclusiva vantagem. Pela sua forma mental, isso representa a sua sinceridade e honestidade. Como pode ser acusado de mentira quem age conforme o que é, revelando exatamente a sua natureza? O problema é este: trata-se de egoísmos rivais, o que é bem para o interesse de um é mal para o interesse dos outros, os quais, encontrando-se em posição oposta, julgam seja mal e mentira, somente para eles, enquanto que para o ofensor é bem e verdade, pelo fato de que ele quer ganhar só para si sem se aperceber que está prejudicando os demais. Acontece assim que, todos possuindo a mesma forma mental que quer atingir somente a vantagem exclusiva e própria, para melhor alcançá-la cada um exige que os outros pratiquem uma ética de sinceridade e honestidade, porque representa o seu proveito, não importa se em prejuízo dos outros. Explica-se assim, como, num tal ambiente de egoísmos opostos, tudo acabe na luta, que bem conhecemos, de todos contra todos.

Se na forma mental do primitivo, dirigido pelos impulsos do subconsciente animal, não apareceu ainda a idéia de uma ética que o freie e oriente por outros caminhos, se tal idéia é coisa que ele só ouviu falar sem a entender, por que representa um conceito que está acima do seu nível evolutivo, como pode ele renunciar ao que na sua mente é o seu bem? Quem é que pode deixar de o procurar? Uma vez um missionário perguntou a um selvagem porque é que ele não criava para si uma vaca, ao invés de furtá-la do vizinho. Não, respondeu o selvagem, porque dá menos trabalho furtá-la, ela já está pronta, não é preciso criá-la. Na sua lógica simples, que não entendia senão a sua vantagem particular e imediata, não existia razão pela qual ele não tivesse que escolher o caminho mais curto e fácil, de menor resistência ou menor trabalho. Por que, então, não furtar em vez de trabalhar? E esta é a psicologia também de muitos que se julgam civilizados. Para eles os simplórios trabalham, mas não eles que são inteligentes e por isso sabem ganhar sem esforço, à custa dos outros.

Mas eles trazem em si mesmos a sua punição, porque a vida os deixará nos níveis mais atrasados, onde a luta é feroz e o sofrimento maior. E terão de realizar todo o esforço necessário se quiserem sair do seu baixo plano de vida. Hoje eles fazem só o que podem entender que seja o seu bem. O bem do evoluído é para eles ainda algo de inconcebível, porque ninguém pode sair, se não por lenta evolução e duro trabalho, da sua forma mental, na qual está aprisionado. Para o involuído é concebível como bem só o que representa uma vantagem, perceptível com os sentidos no seu nível biológico, o seu gozo e bem-estar material. Se, para atingir tal objetivo ele tem de enganar, furtar, matar, arruinar os outros, isso para ele não é mal, porque não o percebe na sua carne como sofrimento, mas pelo contrário como satisfação porque por este caminho ele atinge o seu bem-estar, que é a única coisa que lhe interessa Há só um meio de parar: ser impedido pela reação do atacado, que com isso lhe deixa entender na sua carne o mal que existe em infligir prejuízo aos outros. A medida e a forma dessa reação, para não cair em outros excessos, foi nos países civilizados, disciplinada em forma de Lei, que constitui o direito Mas permanece o fato fundamental de que, enquanto o involuído não receber em retorno as conseqüências do dano que infligiu aos outros, a consciência lhe dirá que está agindo acertadamente. Assim pensando, o prejuízo dos outros não o atinge. A satisfação que goza lhe prova que ele tem razão. Tal indivíduo pode começar aperceber-se que faz mal apenas quando dos seus maus atos derivar um mal também para ele. E isto que acorda nele a consciência do mal feito, que não é um conceito abstrato, mas fruto de uma experimentação pessoal.

Eis a única finalidade benéfica que pode ter a punição, porque ela ensina que entre a ação errada e o sofrimento se estabelece, então, uma conexão de idéias, uma ligação mental causa-efeito, pela qual o indivíduo aprende que, para evitar a dor, é necessário não cair em culpa. É assim que a dor se pode tornar uma escola, um instrumento para aprender, um meio que a Lei usa para ensinar ao indivíduo o que é bem e o que é mal, o que se deve e o que se não deve fazer. Aqui funciona a sabedoria da Lei, que assim cumpre a tarefa de educar. Não há método melhor, porque se trata de um biótipo egocêntrico, que concebe tudo só em função de si próprio, separado pelo seu egoísmo de todos os outros seres, e que não pode, por isso, entender que está fazendo mal, até que este se torne mal também para ele.

É assim que o sofrimento, quando é dos outros, parece inconsistente, originário de defeito, fraqueza, e a

piedade nasce no indivíduo só quando ele também está incluído naquele sofrimento alheio porque este é também seu. Confraterniza-se somente numa dor comum. Se alguém chora pelos outros, é porque com isso está chorando também por si mesmo. Mas quando ele tem a certeza de que aquela dor nunca o atingirá, então é difícil que se interesse por quem quer que seja.

A conclusão é esta: para o homem confraternizar-se com o próximo, é necessário tê-lo compreendido, por ter experimentado em si próprio, todas as dores que podem atormentar os outros, porque enquanto não tiver feito tal experiência não poderá entender o que se esta, passando com eles.

Nasce assim a ética que condena o mal, concebida por aqueles que o receberam em si mesmos e sabem o que ele é porque experimentaram a dor que acarreta; nasce assim a ética que afasta e isola na sociedade o involuído que ainda não aprendeu que não se pode procurar o próprio bem isoladamente, porque este não é mais um bem quando se torna um mal para os outros. Então, o que mais sabe, porque mais experimentou, torna-se instrumento da evolução, ensinando aos que menos sabem, porque menos experimentaram. Nasceram assim, como fruto de tal sabedoria, os mandamentos: "não matarás, não adulterarás, não furtarás, não cobiçarás..." Assim, a dura experimentação dos prejudicados acabou impondo tais regras de ética, disciplinando a conduta dos inferiores inexperientes e introduzindo na vida o conceito de recíproco respeito, necessário para a vida coletiva.

É assim que, por ações e reações, pelo fato de que quem faz o mal o recebe depois de volta, este automaticamente tende à sua destruição. Todos esses impulsos representam o tratamento e a cura da doença e estão contidos na Lei, de modo que não podem deixar de funcionar em favor do saneamento e da evolução O resultado final de todo o processo é o fim do mal, fato que se realiza ao ser atingido o S, ponto final da subida evolutiva.

* * *

Com tais conceitos explica-se como em nosso mundo, para que uma moral superior possa ser entendida pela maioria atrasada, é indispensável seja aplicado a seu respeito o único raciocínio que ela pode entender isto é, o do seu prejuízo e respectivo medo, e o da sua vantagem e relativa esperança. É de tal ética, baseada na forma mental de quem só é sensível ao sofrimento ou satisfação individual, que deriva a exigência da presença de sanções, sejam materiais (cadeias), nas leis penais, sejam espirituais (inferno), nas religiosas. Esta é uma necessidade imposta pela natureza do primitivo, que só com tais meios pode ser educado. Infelizmente muitas vezes a ferocidade das leis é devida à ferocidade dos indivíduos.

Neste nível o ser obedece aos impulsos descontrolados do seu subconsciente. Quando ele está com um desejo e aí vê o que o pode satisfazer, não lhe resta senão apoderar-se dele e assim satisfazer-se. O problema para ele é só um: o de vencer os obstáculos que se interpõe entre ele e o objeto da sua cobiça. O valor na sua ética está todo em saber vencer, pelo caminho mais curto, com o menor esforço e prejuízo possível, tais obstáculos. Então, não há razão, quando falta a força ou é proibido usá-la, para não usar a astúcia. E quando tal involuído vive em nosso mundo, porque está de acordo com a sua psicologia, não deveria ele usar tal meio para vencer as leis humanas? Para ele isto é legítimo. Melhor não sabe fazer o primitivo que ainda não conquistou o sentido moral, que é o fruto de uma longuíssima experiência de punições recebidas pela reação dos lesados. Mas se esse método é legítimo para ele, não o é para a sociedade onde ele vive e que o julga e isola como um perigo social, até chegar um dia a eliminar completamente do seu seio tais elementos cancerosos.

Eis o que o involuído pode entender das normas que, peio menos oficialmente, dirigem o nosso mundo. Eis como pode ser entendida a nossa ética olhada de baixo para cima pelos mais atrasados. Para eles, então, as leis civis e religiosas representam somente um obstáculo a vencer, um inimigo do qual defender-se, um dos tantos empecilhos a superar na luta pela vida. Tudo isto é perfeitamente lógico na forma mental do primitivo. Conforme a sua ética elementar a habilidade do indivíduo está em saber superar essas dificuldades, impostas pelo inimigo que manda. Então as leis têm de ser conhecidas não para lhes obedecer, mas

para as enganar. Eis como desordem se vai insinuando dentro da ordem, como a mentira vai roendo as instituições sociais, até ao ponto, quando tais elementos são maioria de destruir uma nação.

Tal fenômeno tem a sua lógica. É lógico que, na forma mental do involuído, porque ele está mais próximo do AS do que do S, a virtude apareça em sentido emborcado, não de ordem mas de desordem, não de obediência mas de revolta contra as leis que representam a ordem do S. Na forma mental de um rebelde egocêntrico é lógico que o valor consista na sua vitória contra a ordem social, e que para ele represente uma derrota o seu eu ser constrangido a agir em função de outros. A obediência na ordem é para ele escravidão, não um superior estado orgânico. Para o involuído se disciplinar dentro de uma ordem que não é aquela em que ele manda, significa ficar submetido ao serviço dos outros, isto é, ser vencido na luta pela vida, que pelo contrário o impulsiona a submeter os outros. É lógico que os valores do involuído estejam nos antípodas dos do evoluído, isto é, que para o primeiro o valor consista na revolta para instaurar o reino onde domina o seu eu separado, e para o segundo o valor esteja na obediência à ordem em que se realiza o estado orgânico do reino de todos irmanados em unidade. Eis então que do lado do involuído há rivalidade e luta, ao passo que do lado do evoluído há paz e harmonia. Eis por que os delinqüentes são rebeldes à ordem social, e porque, quanto mais é involuído o nível humano, tanto mais vigora a lei biológica da luta pela vida.

Desta posição emborcada do involuído deriva toda a sua lógica às avessas. Assim o delinqüente tem a sua honra e orgulho de rebelde contra a ordem social, e para ele é traidor quem se torna honesto em obediência a esta ordem, traidor porque ele está fora dela, como para quem está dentro é culpado quem a ela desobedece. E pela estrutura dessa forma mental, produto do AS, que para o involuído a justiça consiste na revolta contra tudo o que desce do S, e que por isso quer endireitar tudo o que pertence ao AS. Os princípios fundamentais que explicamos no nosso volume ***O Sistema*** continuam a cada passo encontrando novas confirmações. Eis de onde nasce essa psicologia tão comum, pela qual é prova de inteligência saber enganar o próximo, embrulhar a lei, aproveitar tudo e todos só para vantagem própria. Se na forma mental do involuído a autoridade não pode ser concebida senão como um meio para dominar os fracos, então para ele é legítimo procurar evadir-se de uma obediência que significa servidão. Eis por que em nossa sociedade as leis não podem funcionar senão por força de sanções e a ética tem de ser um torno de ferro, uma disciplina sem saída. E onde tudo não pode existir, senão em forma de luta, a vida não pode ser senão um inferno.

Eis o que infelizmente muitas vezes se encontra na realidade. Quando um indivíduo está com desejo de possuir alguma coisa, o problema para ele é só o de apoderar-se dela. O preço que ele tem de pagar é o de cumprir o esforço necessário, incluído aquele de escapar às sanções das leis e de enganar a boa fé dos honestos. No mundo atual o uso da força ficou lícito somente entre nações em guerra, mas não entre indivíduos, que então recorrem à astúcia. Assim por exemplo, se um involuído se apercebe que, com a mentira, mostrando-se fraco, vítima de injustiça, apesar de ser de natureza oposta, ele consegue com tal método ganhar explorando a piedade dos bons não há na sua forma mental razão para que não se regozije pela bela descoberta e não procure praticar em seu proveito tão rendoso truque, o mais possível, enquanto encontrar quem acredite em seus enganos.

Mas nem sempre há tanta cegueira que parece má fé, fruto de perversão mais do que de ignorância A consciência é um poço fundo em que se misturam impulsos do subconsciente instintivo, cálculos impostos pelas necessidades materiais, com atos praticados de boa fé, tentativas para subir, mal feito sem querer, só por falta de conhecimento e de capacidade de saber fazer melhor. Para esclarecer, apresentamos outro exemplo: não há dúvida que a posição de ministro ou representante de Deus em qualquer religião pode oferecer para alguns a vantagem de uma boa situação social, que representa um melhoramento nas condições de vida. Se isto constitui para a maioria um desejo honesto e natural, o que mais se almeja realizar pela própria lei de evolução, é lógico que na forma mental que vimos, movida por tais impulsos elementares, possa despontar com toda fé e vocação para as coisas do espírito. E por que não deveria ela parecer espontânea e legítima em plena consciência, quando o indivíduo bem percebe e antes de tudo entende aquela vantagem concreta, que corresponde ao seu instintivo impulso de crescimento? Enquanto lhe escapa o verdadeiro sentido da palavra vocação, porque pela sua forma mental, ele não pode entender o tremendo peso dos imponderáveis valores do espírito. Tudo isto poderá chocar, como profanação, um evoluído, mas

para outro biótipo que funciona com a psicologia que vimos, tudo isto poderá ser lógico e natural. Que lhe pedem, que exigem dele as leis e normas de vida vigorantes? Qual é o seu dever formal, exterior, que ele entende? E ele quer cumpri-lo e cumpre de verdade, com toda a honestidade. Ele sabe que a sua tarefa consiste em sustentar alguns princípios ideais que lhe ensinaram, em pregá-los repetindo-os aos outros, sacrificando-se para praticar algumas regras de vida formais Com isso o seu dever está feito e ele pode ficar descansado. Este é o trabalho que lhe pertence e ele o faz Este é o peso que ele carrega, com o qual honestamente paga o que recebe em troca da sociedade, isto é, defesa, sustento, segurança, respeito, coisas que, no cérebro de quem conhece quanto seja dura a luta pela vida, são de importância fundamental. A posição implica algumas desvantagens, que, porém, são aceitas fielmente, e elas são compensadas com correspondentes vantagens. A paixão pelo ideal é outra coisa, e isso é tudo o que se pode exigir nesse nível.

Não se pode acusar tal biótipo de insinceridade, quando ele, das coisas de espírito, apenas lhes pode entender a forma exterior, e quando ele a pratica com toda a exatidão, obedecendo a todas as regras mecânicas estabelecidas. Como se pode dizer que tal homem, pela sua forma mental, não seja honesto? Como pode ele ser julgado culpado se o mundo ideal do evoluído está acima do seu entendimento, e se ele dá prova de tanta boa vontade em procurar realizar o que não consegue entender? E não é bom que sobretudo quem ainda não está maduro e tem de cumprir os seus primeiros passos no caminho da espiritualidade, inicie a sua carreira espiritual por esse caminho, aproximando-se assim do conhecimento de valores ainda para ele inconcebíveis? Alguns se escandalizam porque neste caso pode parecer que tal homem faça negócio das coisas de Deus. Mas como pode ele fazer diferentemente, se esta é a ética que vigora na sua consciência, e se somente quando ele conseguir evoluir até um nível biológico superior poderá chegar a vibrar pela paixão que arrasta só quem entendeu o poder imenso e o valor sublime das coisas do espírito? O indivíduo comum não sabe nada disso, aprende a sua lição de cor e a repete fielmente. Que mais se pode exigir dele? Com isso ele deu tudo o que tem e está convencido de ter feito tudo o que devia ser feito. Não segue ele na sua vida uma conduta exemplar, conforme as regras? Só falta a alma, que é o que sustenta e justifica as formas. Mas como pode exigir-se de alguém que dê o que não possui?

Então, o que parece um mal pode ser feito em perfeita boa fé e convencimento de bem. O imenso peso do imponderável não pode ser percebido senão em planos de vida mais adiantados. Como se pode exigir que ouçam os surdos, que o são porque ainda não desenvolveram o sentido do ouvido? É lógico que eles reconduzam tudo ao seu nível, entendendo e praticando só as leis deste, ficando insensíveis onde para um evoluído espiritualizado se desencadeiam as maiores tempestades e se revelam as mais altas belezas da vida. É lógico que desse mundo os primitivos entendam o que podem, abaixando-o e transformando-o em alguma coisa que possa ser utilizada para seu uso no seu ambiente, que obedece a outras leis e impõe outras exigências. É assim que os representantes das religiões podem tornar-se ótimos administradores de uma ótima organização burocrática, cumprindo o seu dever de modo perfeito. Tudo funciona assim às mil maravilhas, só falta uma coisa de pouca importância no mundo, isto é, que essa religião fica esvaziada de todo o conteúdo espiritual. Ora, o fato de que ficou de pé somente uma forma exterior, não sustentada por qualquer substância, pode representar a última fase da decadência de uma religião. Mas onde o homem espiritual se abala e estremece, o mundo continua cuidando dos seus negócios.

Podemos apreciar um encontro entre esses dois tipos biológicos frente a frente, cada um funcionando com a forma mental do seu plano de evolução, no romance de Alessandro Nanzoni, *I promessi sposi (Os noivos prometidos)*. O bom padre Don Adondio, pároco numa pequena aldeia, encontra-se com o cardeal Frederico Borromeo, arcebispo de Milão, e na conversa entre eles revela-se o abismo que divide as duas psicologias. O primeiro, preocupado apenas em evitar o perigo para si, fugindo dos maus e poderosos para se salvar a si próprio, acontecesse o que acontecesse aos outros fracos e esmagados que ele deveria proteger; o segundo, inflamado e ardendo de paixão para defender em nome da justiça os fracos e esmagados, preocupado não com os seus perigos, mas só com o cumprimento do seu dever, sucedesse o que sucedesse consigo. O primeiro agia de acordo com as suas obrigações formais e as suas comodidades, o segundo fremente de espiritualidade, transbordante de santidade. O colóquio entre eles nos mostra como o primeiro, muito bom homem, nada conseguiu entender da psicologia do outro, a qual ele julgava ser uma loucura de santos.

Tudo isto nos mostra quanto é difícil o trabalho que as religiões têm de realizar na terra, que é o de trazer o ideal ao nosso mundo. Elas pedem que sejam praticados princípios opostos aos deste, querem arrancar ao homem as garras que lhe são necessárias para vencer na sua luta pela vida. Esta é a idéia que todos entendem, a da competição. Basta falar em termos de luta, para que todos logo se interessem e vibrem. Como silenciar esse impulso que é o impulso fundamental no nível humano, devido à contínua presença de um adversário num mundo inimigo, no qual não é possível sobreviver, senão praticando a cada passo o método do ataque e defesa? Para ninguém é lícito, sob pena de perder a vida, esquecer por um instante que seja essa dura realidade biológica, na qual todos estamos mergulhados. E, se a maior necessidade é a defesa, como impedir que os fracos procurem nas religiões, em vez do novo esforço que elas exigem para evoluir, um abrigo que ofereça segurança e um alívio que se torne a vida menos difícil?

E nestas duras condições de ambiente que aparecem as religiões para tirar do homem as armas e, assim, despido de todo recurso para a luta, lançá-lo num mundo de guerreiros. Como poderá ele sobreviver aí? Não representa tal método uma condenação à morte? E como se pode exigir que o homem não converta numa forma de hipocrisia, atrás da qual ele continua praticando o que a vida lhe impõe para se salvar? Se ele usa o sistema do mundo, trai os princípios das religiões, que se apressam a puni-lo com o inferno; mas se ele pratica o sistema das religiões, isto significa derrota e escravidão de vencido. Como poderá, então, o primitivo não acabar sendo destruído? E se ele não continuar vivendo, como poderá realizar-se a sua evolução? Então, na prática, o impulso das religiões na direção da subida poderia representar um elemento contraproducente na economia da vida, porque constituiria um perigo de destruição ao invés de um fator de construção. É por isso que o instinto de conservação reage com escapatórias e modera com os acomodamentos humanos o esforço evolutivo que as religiões impõem.

Tudo isto nos mostra também como é perigoso outorgar o direito de livre exame, quando essa é a forma mental e a consciência do involuído. Como se lhe pode deixar uma autonomia de julgamento, que o autorize a dirigir a sua vida com tal psicologia? Se ele não possui o sentido dos valores éticos, julgará tudo com a mente que possui, não podendo por isso ser julgado responsável. Ficará ele assim abandonado a si mesmo? Então, algumas religiões tiram a liberdade do livre exame e impõem disciplina. Mas esta, sendo uma imposição que vem de fora para dentro, fica exterior e formal, criando autômatos que executam mecanicamente sem entender. Os impulsos espirituais das religiões deveriam seguir o caminho oposto, isto é, de dentro para fora, de modo que no caso precedente se chega a uma espiritualidade emborcada na materialidade, pela qual a substância fica mergulhada e afogada na forma. Mas já vimos o que pode sair de dentro para fora em seres que possuem a forma mental do involuído: nada de espontaneidade, de livre exame, mas tudo com constrangimento, à força, pelo medo de punições. Eis que por fim é o biótipo dominante que impõe a sua psicologia de luta, que expressa a lei do seu plano, às religiões que têm de a aceitar, se querem subsistir num mundo de rebeldes, que mais do que serem iluminados e convencidos, precisam antes de tudo de ser domesticados. E eles, concebendo a vida na forma de luta, reagem e, se não podem fazê-lo com a força, fazem-no com o engano e a hipocrisia. Como se vê, trata-se de um círculo vicioso, pelo qual tudo volta à fonte, e quando o indivíduo não é maduro fica com todas as conseqüências. Se a função das religiões é a de levantar o homem para níveis de evolução mais adiantados, elas, se querem sobreviver na terra, têm de se adaptar descendo ao nível de evolução em que se encontra a maioria. Tudo depende do grau atingido pelo biótipo dominante.

* * *

Assim o panorama se transforma à medida que subimos para planos de vida mais adiantados. Eis os vários graus de amadurecimento evolutivo que se encontram em nosso mundo. Com este quadro resumimos e concluímos este capítulo.

1.º grau. O princípio que dirige a vida do indivíduo é muito simples: ele deseja uma coisa, estende a mão e se apodera dela, assim satisfazendo o seu desejo. Forma mental elementar e respectiva ética de obediência mecânica aos impulsos primitivos.

2.º grau. Nem sempre o caso é, assim, tão fácil de resolver. Encontram-se dificuldades e resistências que dificultam a satisfação do desejo. Desponta deste modo o princípio da luta necessária para arrancar das mãos dos outros o que o ser quer possuir. Então ele se movimenta, usa o método da força e, se vence, conquista a sua presa, atingindo deste modo o seu objetivo e satisfazendo o seu desejo. Eis a forma mental e respectiva ética do cidadão desse plano, conforme sua consciência. Neste nível a presença de leis civis e religiosas representa para o indivíduo somente um obstáculo a superar. No estado atual de sociedade humana existe, porém, uma ordem coletiva que constrange com a força aquele indivíduo a obedecer às leis, ao passo que no terreno internacional não existe disciplina entre as nações que julgam legítimo satisfazer os seus desejos com as guerras, praticando a lei da forca que, para o indivíduo, no terreno particular, é proibida. Assim as unidades coletivas estão mais atrasadas do que ele. Quanto maiores elas são, tanto mais tempo e trabalho é necessário para elas se civilizarem.

3.º grau - Este é o estado em que o indivíduo obedece às leis, mas só na forma exterior e porque constrangido à força. Julga-as porém, sempre como um obstáculo a superar, um inimigo a vencer porque lhe impede a satisfação de realizar o seu desejo, atingindo, o seu objetivo. Então, constrangido pela força que a organização social possui, contra a qual ele não tem poder bastante para se rebelar, o indivíduo emprega outro meio, um substituto dela, a astúcia. Prevalece, assim, num ambiente pacífico na superfície e na aparência, uma luta subterrânea, invisível por fora, terrível e desapiedada, mas bem escondida sob um manto de hipocrisia. Mudou a forma da luta, mas esta ficou na substância. Este princípio e tal método de vida permaneceu, mas se tornou mais sutil e aperfeiçoado. Eis a forma mental e respectiva ética do cidadão deste plano, conforme sua consciência. Então o trabalho do indivíduo está sempre em se evadir das leis, que ele continua julgando um obstáculo a superar. O objetivo fica sempre o mesmo, o de satisfazer os seus desejos, mas praticando a arte de escapar às sanções penais das leis. A finalidade não é de colaborar, obedecendo na ordem, mas de se rebelar para o triunfo do próprio eu. A diferença com o caso precedente está no fato de que agora a violência não é mais física, mas econômica, nervosa, psicológica, e a desobediência está disfarçada sob as aparências da obediência.

4.º grau. Se o 1.º grau e o do animal; o 2.º é o da fera, do selvagem, do delinqüente, ou primitivo mais involuído; se o 3.º é o do homem atual ou involuído mais adiantado; o 4.º grau é o do evoluído que abandonou todos esses métodos de luta, porque chegou a entender a Lei de Deus e a esta espontaneamente obedece. Nisto ele atinge o seu objetivo e satisfaz o seu desejo de bem. Eis a forma mental e respectiva ética do cidadão desse plano, conforme sua consciência. O mencionado princípio da luta e o respectivo método de vida ficaram definitivamente abandonados nos inferiores níveis biológicos, dos quais o evoluído não faz mais parte.

Eis os biótipos que encontramos em nosso mundo atual, cada um com a sua forma mental e ética respectiva. Nos capítulos seguintes teremos de encarar também outros problemas no terreno da ética. O nosso sistema filosófico nos permite resolvê-los. Cada filosofia representa uma dada interpretação da realidade, filtrada através do temperamento de um dado pensador. Nós não seguimos esta ou aquela escola, o que quer dizer esta ou aquela particular interpretação alheia da realidade; mas nos colocamos perante os fatos e os deixamos apenas manifestarem-se e falar. Nós ficamos apenas olhando e escutando. Deixamos que eles nos apresentem o seu sistema filosófico, que está contido no pensamento que rege o seu funcionamento. Cada fenômeno, no seu desenvolvimento, nos mostra a lei à qual obedece. Tudo isto quer dizer a presença de uma inteligência, e procuramos entender o seu pensamento.

A matéria com que se organiza o nosso universo apresenta-se-nos como uma maravilhosa construção lógica e matemática. Sobre esta base física se levanta a vida e, naturalmente, se movimenta em função de finalidades que ela deve atingir e que explicam e justificam o seu contínuo esforço evolutivo. O trabalho de tal íntima auto-elaboração representa a nossa fadiga de hoje, mas o seu fruto será o nosso triunfo de amanhã, para o qual nos leva uma irresistível atração. Ora, pode-se medir a inteligência com o método dos testes. O que uma inteligência produz nos dá a medida do seu valor. Com tal método podemos então medir quão imenso seja o valor daquela que construiu o universo físico e sua ordem matemática, a célula viva, e soube

organizar bilhões delas no corpo humano, resolvendo todos os respectivos problemas particulares, como era necessário para atingir tais resultados. Só com a presença de tal inteligência se pode entender o significado de todos os fenômenos físicos, sejam eles dinâmicos ou espirituais. Neles ela fala e se revela. Nós ficamos simplesmente escutando. Eis onde se baseia o nosso sistema filosófico.

Dentro dessa inteligência vimos que está escrito também o Evangelho, como um objetivo cuja realização será atingida no futuro, como produto da evolução da vida. As religiões são um meio para chegar a isto, conforme planos históricos preestabelecidos por aquela mente diretriz. Pelo seu afastado nível evolutivo o homem atual quereria repelir a concepção evangélica, fora da realidade da vida, como coisa que só pode pertencer a um mundo transcendente e sobrenatural, reservada à esfera espiritual dos ideais religiosos. Mas aqui já explicamos que se trata apenas de duas posições diferentes ao longo da escala da evolução, a do presente e a do futuro, a do involuído e a do evoluído, de modo que a segunda está pronta para aparecer logo que se esgotar a função biológica da primeira.

Se tais são as bases do nosso sistema filosófico, a ética que aqui sustentamos representa as conseqüências deste sistema: ética concebida, então, em função de uma visão universal, da qual logicamente derivam estas conclusões práticas. Poderemos assim nos capítulos seguintes entrar em outros pormenores. Inferno e paraíso não são fantasia, mas realidade. O primeiro é o AS, o segundo é o S. A vida evolui do primeiro para o segundo. O paraíso das religiões representa uma realidade biológica futura, uma posição positiva de existência, colocada como último objetivo no fim do caminho evolutivo. A ética representa o guia que nos dirige ao longo desse caminho para nos levar a esse ponto final. Por isso é de nosso interesse fundamental conhecê-la, para praticá-la, porque se trata de nossa felicidade. Veremos agora outros aspectos dessa ética, a respeito dos quais o nosso mundo está navegando na mais completa obscuridade. Diferentemente não pode acontecer quando não se sabe dar resposta lógica e convincente às perguntas fundamentais da existência: por que vivemos, de onde viemos e para onde vamos etc. Vivemos num universo que funciona conforme um plano preestabelecido, que se vai desenvolvendo em momentos encadeados um no outro, sucessivamente, por uma férrea conexão lógica. Não há fenômeno que assim não esteja vinculado a infinitos outros. O que acontece a cada um de nós neste momento é o resultado último de impulsos que se movimentaram há milhões de séculos e agora chegam daquele passado longínquo até nós, trazidos na onda do tempo. É assim que não é possível entender e resolver qualquer caso particular, se não o soubermos orientar no plano universal.

Há problemas escaldantes e tormentosos ainda por resolver em nossa sociedade, como por exemplo o da delinqüência, que se procura remediar com punições legalizadas. Mas o delinqüente nasce, assim, por tendência hereditária transmitida de pais a filhos e por estes recebida sem saber nem querer, ou assimilada do ambiente em que ele teve de se desenvolver, sem possibilidade de escolha. Então a culpa foi de outros, quer dizer da sociedade, que julga o delinqüente pessoalmente responsável e como tal o pune, justificando-se com abstratas teorias de justiça, enquanto que só luta para o seu interesse e pode julgar e condenar porque se encontra na posição do mais forte e o outro na do mais fraco. E de fato vemos o que acontece nas revoluções, quando tal posição se emborca, porque a ordem social enfraqueceu. O primeiro crime é da sociedade que deixa que sejam gerados esses infelizes, deixando a geração livre a todos, para que nasçam também doentes físicos e mentais, inconscientes, irresponsáveis, loucos, criminosos etc., semeando sofrimento para si e para os outros. O primeiro crime é da sociedade, porque a ela antes de tudo interessa reprimir punindo os culpados, muito mais do que prevenir a culpa. Ela pode legalmente praticar em sua vantagem o desabafo do seu instinto de agressividade e imposição para dominar, já que prevenir, de modo que os crimes não se realizem, custa esforço, sacrifício, exige amor, necessários para melhorar o ambiente, para substituir as condições de vida inferior em outras mais adiantadas, onde o mal não pode nascer. Assim, quem é condenável é antes de tudo a sociedade que pune as suas culpas somente em alguns indivíduos que são o efeito delas. A realidade é que o nosso mundo ainda não sabe se conduzir com inteligência dirigindo os fenômenos fundamentais da sua vida. Teremos assim de examinar, neste livro, mais em profundidade, o problema e penetrar o mistério da personalidade humana, sem o que nada se pode resolver.

Eis a dura realidade. Quantos problemas terá de resolver a nossa sociedade, antes que possa chamar-se

civilizada! O homem atual resolve os seus problemas empiricamente, sem suspeitar que está obedecendo a impulsos do seu subconsciente, julgando sem conhecimento da lógica das leis que Deus escreveu em todas as coisas. Falamos há pouco do método da força e astúcia, como sendo do involuído. Não é este o método praticado hoje pelo nosso mundo? É o método do rebelde, que só sabe cometer erros e com isso gerar sofrimentos. Mas pode imaginar-se maior absurdo que este método pelo qual um ser sedento de felicidade vai de contínuo construindo com as mãos as suas dores. E o que está acontecendo nas relações entre indivíduos e grupos, inclusive entre as maiores nações, com todas as suas conseqüências.

O método das rivalidades e da luta leva consigo a necessidade de vencer. Neste nível a vida deve ser uma conquista contínua, baseada na força. Está na lógica de tal método que a outras conseqüências o princípio egocêntrico não possa levar. Não pode haver paz senão com a submissão dos outros. Toda vitória e grandeza é um trono que se levanta sobre um cemitério cheio de mortos ou urna prisãp de escravos Convivência pacífica, que não seja em função do domínio de um vencedor, não é possível. Hoje se fala de paz, intensificando a corrida armamentista. Primeiro a astúcia diplomática, e atrás dela, prontas as armas, para saltar em cima da outra parte, logo que esta der um sinal de fraqueza. Mas ninguém, nem sequer o fraco, renuncia à vida, de graça. No fim a defenderá com a força do desespero, preferindo que morram todos ao invés de morrer ele sozinho. Eis que o resultado final do método atual tende fatalmente, pela sua própria natureza, à destruição de todos, vencedores e vencidos, à paz do cemitério, que representa o triunfo da negatividade do AS.

Eis o que são as vitórias humanas, porque cada uma delas representa um desequilíbrio conquistado à força, uma violação da harmonia universal e, por isso, um débito a pagar à justiça da Lei. Assim, a História não é senão uma série de guerras, vitórias, débitos e sofrimentos a pagar. Quem vence é a justiça de Deus, que constrange todos a pagar. Ele deixa sempre um novo vencedor triunfar, utilizando-o como instrumento para punir o velho vencedor, agora vencido. Assim em rodízio, todos ficaram envolvidos no mesmo ciclo. Assim, os cidadãos da revolução francesa foram instrumentos da justiça de Deus para punir os excessos da aristocracia. Mas, por terem cometidos, também, os seus crimes, foram punidos pelo povo francês que, por sua vez, foi punido pelas dores e mortes das guerras napoleônicas, cujo chefe acabou também punido com a derrota e o desterro. E assim por diante. Nos tempos modernos as culpas da Inglaterra foram punidas pela Alemanha com as duas últimas guerras, com as quais ela perdeu o seu império colonial. Depois, os crimes da Alemanha foram punidos pelos Estados Unidos, que agora estão ameaçados de serem punidos pela Rússia. cujo poder eles próprios criaram com as suas mãos para vencer a Alemanha Se a Rússia vencer, depois chegará a China para punir os seus crimes, e assim por diante. Deste modo, cada um paga os seus pecados e, acima de todas as injustiças humanas, filhas do uso da força, triunfa com o sofrimento, por todos merecido, a justiça de Deus. Tal será o destino do mundo, enquanto ele não acabar com tal método de vida e, não cometendo mais injustiças, não precisar mais de ser punido.

Sabemos que, para a forma mental dos práticos, as nossas palavras parecem utopia, porque outra é a realidade da vida. Mas não há dúvida também que estes não podem deixar de ser os resultados da psicologia e métodos hoje vigorantes. Como há pouco dizíamos, tudo está logicamente encadeado num processo conseqüente em desenvolvimento, de modo que, quando escolhemos um dado método de ação, nele fatalmente ficamos presos até às suas últimas conseqüências. Quem semeia causas de um dado tipo, terá depois de aceitar os seus efeitos, até que sejam completamente esgotados os impulsos movimentados Um método de ação representa a aplicação de alguns princípios básicos, desenvolvidos ao longo de um caminho marcado que, uma vez iniciado num dado sentido, não se pode afastar dele, já que ele deve seguir e realizar a sua lei até ao fim. O homem terá muito trabalho e incríveis dores para chegar a entender que existe uma Lei que tudo dirige, que ninguém pode sair dela e, por fim, se o ser quiser acabar de sofrer, tem de aprender a movimentar-se dentro dela com inteligência, obedecendo-lhe e não se chocando com ela a cada passo.

Neste momento em que estou concluindo este assunto, abro por acaso uma revista européia e leio: "O materialismo que hoje domina no mundo impulsiona-o para a sua ruína. Toda a idéia de espiritualidade desapareceu, a fera ruge no homem, que caiu no abismo das trevas morais. Em vão as religiões procuram levá-lo para o bem. Os ouvidos dos homens-animais tornaram-se surdos e não entendem mais. A ciência até

que dirige a humanidade vive na obscuridade, sem nenhuma orientação a respeito dos supremos objetivos da vida". Assim fala a revista. E de fato o mundo é ateu na prática, dividido em duas formas de ateísmo: o dos materialistas, abertamente declarado, e o das religiões, escondido sob práticas exteriores. Assim o nosso mundo, apoiando-se na sua ignorância da existência e presença de Deus imanente e de Sua Lei funcionando entre nós, acredita ter resolvido os seus problemas simplificando-os no nível mecânico animal, e que esta possa ser uma solução certa e permanente. Há, porém, o irresistível impulso da evolução, devido àquela presença, ao qual cabe realizar fatalmente a transformação do involuído em evoluído; impulso que arrasta tudo, porque representa a própria vontade de Deus, que exige e garante a nossa salvação, mesmo que isto deva custar ao homem, para que ele aprenda a lição necessária, o ter de sofrer todas as dores que tiver merecido.

IV

A PERSONALIDADE HUMANA

A ciência já chegou a admitir que o universo é o produto de uma grande inteligência, que está anteposta ao seu funcionamento. Então deve haver um princípio, uma ordem, uma lei que tudo regula. A ciência admite também que nada se cria e nada se destrói. Isto quer dizer que tudo o que existe, apesar de que vai sempre mudando de forma, fica indestrutível na substância. Disto se segue que a personalidade humana, cuja existência é um fato positivo, não pode ser destruída, devendo sobreviver à morte. A ciência admite a lei da evolução. Ora, evolução, como já explicamos em outros livros, quer dizer subida, o que implica a idéia de alturas ou níveis diferentes ao longo desse processo de ascensão. Então a nossa concepção de planos de vida diferentes e sobrepostos não é arbitrária, mas é a conseqüência direta do conceito de evolução. Esta significa um caminho a percorrer, dirigido para finalidades estabelecidas. E de fato vemos que tudo é imperfeito, mas vai procurando melhorar-se, subindo para a perfeição.

Vemos assim aparecer claras as linhas fundamentais do fenômeno de nossa vida, regido por estes quatro princípios: ordem, indestrutibilidade, evolução, finalismo. Mais pormenorizadamente chega-se às seguintes conclusões: 1) Existência de Deus e da Sua Lei, que tudo dirige. 2) Sobrevivência à morte. 3) O fato de que o caminho da evolução não pode ser percorrido, senão atravessando níveis de vida diferentes, nos leva ao conceito de uma existência muito mais vasta, em que se juntam, como tantos anéis de uma cadeia, as vidas sucessivas, sem as quais não pode haver evolução. 4) A nossa condição presente é o produto da nossa conduta no passado, como a nossa condição no futuro será o resultado de nossa conduta no presente, tudo sempre em função da última finalidade da evolução. Eis que por esse caminho chegamos até às raízes, que justificam e onde se fundamentam as normas da ética. Agora as linhas gerais do fenômeno podem ser vistas claramente.

Mas neste livro queremo-nos aproximar cada vez mais da realidade prática da vida. Por isso, dos princípios que a regem, temos que descer até ao exame do caso particular, olhando-o de perto, porque é o que mais interessa ao indivíduo. Por outras palavras, para saber qual deve ser na vida a nossa conduta com as suas conseqüências, estabelecendo, assim, as nossas responsabilidades, é necessário conhecer a estrutura de nossa personalidade e qual é a linha de nosso destino dois problemas que não se podem resolver senão em função um do outro Veremos, assim, como os princípios gerais que regem a vida poderão ser aplicados ao caso particular de cada indivíduo, conforme o seu tipo de personalidade e de destino.

Na maioria dos casos o indivíduo vive cegamente, sem saber quem é e sem conhecer as finalidades

para as quais ele existe, que explicam e justificam a sua vida. Assim ele se movimenta ao acaso, não orientado pelo conhecimento e dirigido por uma norma certa de conduta, o que somente pode ser atingido vendo claro na própria personalidade e respectivo destino. O indivíduo movimenta-se, assim, obedecendo apenas aos impulsos descontrolados dos instintos, momento por momento, sem consciência de um traçado de vida seu, que se desenvolve em função de um objetivo a atingir; sem a autonomia de direção de quem é sabedor do sentido da sua viagem evolutiva, mas é só mecanicamente arrastado pelas forças da Lei. Tal é a triste posição do involuído, mergulhado nas trevas da sua ignorância.

Aqui está a grande diferença entre o evoluído e o involuído. Este concebe a sua vida isolada no curto trecho que pode perceber com os sentidos, fechados entre o nascimento e a morte, como se este parêntese percorrido no plano físico fosse toda a vida. Além destes dois pontos, para ele tudo é mistério. O evoluído, pelo contrário, tem consciência de uma vida muito mais vasta, que vai para além destes dois limites, uma vida imensa que abrange o seu caminho evolutivo na eternidade. Ele conhece os elementos do duplo problema: personalidade e destino, isto é, sabe quem ele é e qual é o objetivo particular que ele deve atingir na sua atual vida física, em função dos objetivos maiores de toda a sua evolução. Então para os dois biótipos, involuído e evoluído, a vida é concebida e se torna uma coisa completamente diferente. Para o primeiro ela contém posições materiais que ele concebe como uma realidade estável, verdadeira, feita para durar. Para o segundo se trata somente de cenas postiças em contínuo deslocamento, apenas expressão exterior tangível de outra realidade profunda, que é um movimento de forças um amadurecimento de efeito, o desenvolvimento lógico de um destino.

Enfrentemos, então, o problema, procurando em primeiro lugar chegar ao conhecimento da personalidade humana na sua estrutura, observando-a na sua posição estática. Encararemos depois o mesmo problema no seu aspecto dinâmico, observando a personalidade humana na técnica da sua construção. De fato, a consciência que constitui o nosso eu, não representa uma posição estável, mas uma entidade em contínua transformação, devida ao seu deslocamento ao longo do caminho da evolução. Isto corresponde ao conceito agora mencionado, de planos de vida diferentes, a cada um dos quais corresponde uma correlativa forma de consciência e grau de entendimento, conquistado por evolução conforme as experiências realizadas nas vidas sucessivas. A teoria da Reencarnação foi por nós demonstrada no livro: ***Problemas Atuais***.

Há, porém, outro fato. O que chamamos a nossa consciência, dentro dos limites da qual percebemos, pensamos e nos sentimos vivos, não representa todo o nosso eu, mas só uma parte dele. Existe, perto desta, outra parte, cujo conteúdo e limites não conhecemos, e escapam ao nosso controle, mas que é imensa e fica mergulhada no mistério, como se fosse um estrato profundo e escondido, do qual se eleva, como se saísse do mar, e se patenteia a parte consciente do nosso eu. Esta parte desconhecida é o que chamamos: o inconsciente.

Então o nosso consciente é uma entidade que emerge do inconsciente, isto é, de um mar desconhecido, que está para além de nossa consciência; e esta entidade com a evolução se vai deslocando de um plano de vida ou nível biológico para outro. Mas observemos mais de perto o fenômeno, nos seus pormenores. Procuremos antes de tudo entender qual é o conteúdo desse inconsciente, situado para além dos limites do nosso consciente.

Podemos conceber o consciente como suspenso entre duas zonas de inconsciente: uma, evolutivamente inferior, que chamamos de subconsciente; e outra, evolutivamente superior, que chamamos de superconsciente. Evolutivamente inferior significa que, ao longo do caminho da subida evolutiva, o subconsciente representa o que foi já percorrido, isto é, vivido e assimilado, por outras palavras, o passado. Evolutivamente superior significa que, ao longo do mesmo caminho, o superconsciente representa o que ainda deve ser percorrido, isto é, vivido e assimilado, por outras palavras, o futuro.

Então o nosso eu pode existir em três zonas ou níveis diferentes: 1) subconsciente; 2) consciente; 3) superconsciente. Estas três zonas são como três camadas sobrepostas que correspondem a três fases sucessivas de evolução ou níveis de existência do eu, isto é: 1) eu inferior; 2) eu médio; 3) eu superior. Não

podíamos deixar de encarar o estudo do problema de nosso eu, observando-o como transformismo progressivo em função do fenômeno da evolução, porque este é fundamental para tudo o que existe No biótipo humano comum o eu funciona conscientemente no nível médio, enquanto que as atividades do eu inferior, como as do superior, ficam escondidas, ocultando-se na zona misteriosa do inconsciente. Podemos assim ver o fenômeno no seu aspecto luz-sombra, o que nos indica quais são os limites do terreno dominado pela nossa consciência, elevando-se como uma ilha que sai do mar do inconsciente. Podemos ver também o fenômeno do eu em três momentos sucessivos ou suas posições diferentes ao longo da sua ascensão evolutiva.

Observemos agora o conteúdo, isto é, as qualidades dessas três formas de existência de nosso eu, para ver depois como seja possível por evolução deslocar-se de uma para outra. Na sua estrutura a personalidade humana poderia ser comparada ao espectro solar. A parte inferior invisível, a do infravermelho, corresponde ao subconsciente, que está fora da percepção da consciência, como o infravermelho está fora da percepção do olho. Esta é a zona dos instintos, fruto das lições aprendidas no passado, como dos automatismos adquiridos pela longa repetição e que por isso não precisam do controle da consciência para realizar o funcionamento, que se tornou mecânico, do organismo físico. A parte superior, igualmente invisível, a do ultravioleta, corresponde ao superconsciente, e este também está fora da percepção da consciência, como o ultravioleta está fora da percepção do olho. Esta é a zona das qualidades superiores ainda a conquistar no futuro, a zona das antecipações evolutivas onde excepcionalmente se realizam as superiores funções psíquicas e espirituais da intuição do gênio, às quais está confiada a descoberta de verdades cada vez mais vastas e profundas, mais próximas do absoluto.

Ora, a consciência normal está situada entre esses dois extremos, que existem fora dela, um debaixo e outro acima, mas para ela invisíveis, para além dos limites do seu conhecimento. E como acontece com o espectro visível, que está situado entre o infravermelho debaixo e o ultravioleta em cima. Em ambos os casos só quando o ritmo vibratório, seja da luz como da consciência, fica dentro do limite de um dado comprimento de onda, é que aparece o que chamamos de luz ou de consciência.

Então quando falamos de personalidade ela pode ser entendida seja em sentido restrito, só na sua parte visível, isto é, só como consciência, seja em sentido mais vasto, na sua totalidade, que contém também a sua parte invisível, subterrânea, que se estende também no inconsciente. Parte de nós é desconhecida em nosso tempo, mas representa um lado essencial de nosso eu, parte que a moderna psicanálise está procurando penetrar, parte importante, porque é dela que saem, subindo de baixo ou descendo do alto para o terreno da consciência, tantos impulsos que sem tais pesquisas ficariam escondidos no mistério, sem que seja possível conhecer a sua origem e significado. Às vezes a consciência do eu transborda para além dos seus limites costumeiros, restritos, e desperta em zonas de inconsciente, que então se transformam em conscientes. Isto é possível porque o eu existe em todos os três níveis, mas em forma diferente, isto é, acordado, atual e ativo no consciente, adormecido, latente ou automático no inconsciente. Os três níveis não representam três compartimentos estanques, mas o ser pode oscilar de um para o outro conforme o seu estado vibratório e amadurecimento evolutivo. Isto pelo fato de que o eu, apesar de que em forma diferente, consciente ou inconsciente, existe nessas três posições, não importa se ele não tem conhecimento de todas. Nem tudo o que constitui a nossa personalidade está contido na parte consciente, como nem todas as formas de luz estão contidas no espectro visível. O conhecimento de nós mesmos não escapa para fora da nossa consciência normal.

Assim, subconsciente, consciente e superconsciente não são senão três formas de existência do mesmo eu, observado em três de suas dimensões diferentes, sucessivamente conquistadas por evolução Cada uma é maior do que a precedente e se atinge levantando-se sobre ela, como se passa da dimensão linear à superfície. ao volume, uma perpendicular e na sua direção movimentando a dimensão precedente. Assim a dimensão do consciente domina a do subconsciente, a do superconsciente a do consciente. Assim a razão domina o instinto, a intuição domina a razão.

Quais são então as qualidades de cada uma dessas três dimensões ou estados do eu, e como podemos,

observando-as, conhecer o que pertence ao subconsciente, consciente ou superconsciente? No biótipo comum do homem médio o consciente abrange a parte livre e responsável da semeadura das causas a parte acordada e ativa da conquista de novos estados de consciência onde para esta finalidade se realiza o trabalho de experimentação da vida; enquanto o subconsciente representa o trabalho já realizado, cujos resultados ficaram definitivamente adquiridos e fixados nos instintos, o super consciente representa o trabalho ainda a realizar, para fixar na personalidade os seus resultados na forma de novas qualidades adquiridas. Vemos assim como se efetua a obra de ascensão evolutiva.

O fato é que subconsciente, consciente e superconsciente representam não somente três níveis de existência do eu, mas também três fases sucessivas do seu desenvolvimento. A primeira constitui a fase atrasada de tipo ainda animal, a segunda a fase atual de tipo humano, a terceira a fase adiantada de tipo super-humano. Temos assim três níveis nos quais pode existir a personalidade humana, que vai evoluindo de um para o outro: 1) o eu inferior ou animal, 2) o eu médio ou humano, 3) o eu superior ou super-humano. Por quem, pouco se interessam os psicólogos, porque ele é excepcional, mas existe e é importante porque representa o futuro da raça humana.

Poderemos melhor entender o fenômeno, observando-o nas suas características elétricas. Em **A *Grande Síntese*** já vimos as origens elétricas da vida. Então o subconsciente ou eu inferior representa a baixa voltagem da força vital, a forma inicial de consciência, a mais involuída, a mais densa, próxima da matéria, aquela que se poderia chamar de espírito inferior. Isto poderia corresponder à onda longa e baixa freqüência do infravermelho. O consciente ou eu médio representa a média voltagem da força vital, forma mais adiantada e completa da consciência, mais desmaterializada, cerebral. psíquica, que se poderia chamar de espírito médio. Isto poderia corresponder à onda média e média freqüência, do espectro visível. O superconsciente ou eu superior representa a alta voltagem da força vital, forma ainda mais adiantada e completa de consciência. mais do que cerebral e psíquica, mas espiritual, que se poderia chamar de espírito superior. Isto poderia corresponder à onda curta e alta freqüência do ultravioleta.

Assim, no fenômeno da evolução da consciência verifica-se o mesmo processo de aumento de freqüência vibratória e diminuição de comprimento de onda, qual o encontramos no desenvolvimento do espectro solar, na passagem do infravermelho ao ultravioleta. Do primeiro até ao segundo o número das vibrações sobe de 400 a 750 trilhões de vibrações por segundo, enquanto que paralelamente o comprimento de onda diminui de 0,776 mícron no vermelho a 0,4 mícron para o violeta. Assim, resumindo, o subconsciente ou eu inferior representa um estado vibratório de baixo potencial ou voltagem, de onda longa e baixa freqüência; o consciente ou eu médio representa um estado vibratório de médio potencial ou voltagem, de onda média e média freqüência; o superconsciente ou eu superior representa um estado vibratório de alto potencial ou voltagem, de onda curta e alta freqüência. Por outras palavras a quantidade se transforma em qualidade, a massa de uma força vital grosseira se muda numa forma de existência mais sutil e poderosa, o que corresponde à transformação que o processo evolutivo opera nas qualidades do AS para lhes substituir as do S.

Eis nas grandes linhas qual é o conteúdo do fenômeno da personalidade humana, o qual nos mostra como o eu pode existir em vários níveis, manifestando-se em três formas diferentes. O produto do subconsciente ou eu inferior e o princípio funcional que o caracteriza, é o instinto. O produto do consciente ou eu médio e o princípio funcional que o caracteriza, é o raciocínio. O produto do superconsciente ou eu superior e o princípio funcional que o caracteriza, é a intuição. Observaremos agora mais pormenorizadamente estas características.

* * *

Conforme o seu desenvolvimento, o indivíduo pode viver funcionando num ou noutro desses três níveis biológicos. As qualidades que ele possui nos mostram a qual desses três graus de evolução ele pertence. O biótipo que existe só no plano do subconsciente ou eu inferior é elementar, instintivo, emotivo. Ele só possui a sua sensibilidade e com esta vai vibrando ao acaso, porque ainda não se construiu o intelecto para pensar, controlar-se, dirigindo-se com conhecimento. Este é o nível do primitivo, ainda não desenvolvido Ele

funciona por reações inconscientes, segue cegamente os impulsos dos sentidos, ainda não sabe raciocinar nem entende o mundo das idéias, só pode ser impressionado e sugestionado.

Como resolve ele o problema da sua conduta? A sua ética se baseia nos instintos animais aos quais ele obedece cega e mecanicamente, não entendendo o porquê do que ele faz, não se orientando por autonomia de juízo, mas imitando, isto é, repetindo o que fazem os outros, porque para ele o que faz a maioria representa a verdade. Para ele, que não possui recursos mentais individuais, as soluções oferecidas pelo subconsciente coletivo representam o único guia para encontrar uma norma de conduta.

Eis então como funciona tal biótipo: ele só possui a sua sensibilidade, é movimentado pelo que impressiona os seus sentidos, não pensa com a sua cabeça, mas repete por sugestão, não se autodirige por ter entendido e resolvido os seus problemas, mas funciona por imitação, aceitando a solução dos outros e praticando a sua conduta. Os indivíduos desse nível movimentam-se com o método do rebanho de ovelhas, no qual o que uma faz as outras fazem, sem que cada uma saiba por que o faz. Tal biótipo não conhece nem deseja conhecer. Ele não tem problemas morais e intelectuais, mas só os da sua vida física. A ignorância é o seu estado normal, de modo que ele aceita como coisa justa e natural as trevas do mistério, fato que explica como essa psicologia seja tão difundida nas religiões. Os problemas dos quais ele toma conhecimento são mínimos, apenas os da vida animal, os da fome e o do amor, do esforço necessário para satisfazer tais instintos e necessidades. Ele os resolve da maneira mais simples, cegamente aceitando e repetindo a solução dos outros, funcionando assim em série com eles. No momento ele não vê senão estes que são os problemas mais elementares e urgentes para a continuação da vida, à espera que esta, amanhã, apresente outros mais difíceis a resolver, os do nível médio e do superior. Neste nível inferior estamos ainda na escola primária, na qual se aprende sem entender, repetindo por sugestão, imitando um modelo, até que pela longa repetição mecanicamente se adquirem hábitos, que assim se fixam no subconsciente como novas qualidades. Neste nível o ser é impressionável, receptivo, apelando para a memória que registra e não para a inteligência autônoma que compreende e julga, a qual é qualidade que ainda não foi desenvolvida.

Observemos agora quais são as características e o comportamento do biótipo no nível evolutivo do consciente ou eu médio. Aparece aqui uma forma mental mais complexa, controlada, racional. Acima da sua sensibilidade, tal ser construiu seu intelecto, de modo que agora ele sabe não somente vibrar, mas também pensar, não somente imitar, mas também se orientar, com a sua inteligência controlando os instintos e as emoções. Este é o nível do homem culto, moderno, dos países mais civilizados. Ele possui não somente a sensibilidade, mas igualmente uma mente para orientá-la, dirigindo os impulsos cegos do subconsciente e não se abandonando a eles. Ele percebe não somente o que revela a mecânica dos sentidos. mas também as idéias, entende um processo lógico e o valor dos conceitos e, por meio de provas e demonstração, pode ser levado a uma compreensão e convicção.

A base fundamental da sua conduta são sempre os instintos animais, e a estes as leis religiosas e civis sobrepuseram as normas de uma ética prática ainda primitiva e empírica, que estabelece uma disciplina e uma ordem, pelo menos exterior e formal Aqui também continua vigorando o método da imitação pelo qual o ser age sem saber o porquê, porém ela não é cega repetição do fruto do subconsciente coletivo, mas é obediência a regras ditadas por mentes superiores, que com elas quiseram ensinar ao homem ignorante os princípios de um sábio comportamento. Então esse biótipo possui outros recursos mais adiantados: para a norma de conduta certa, ele tem um guia representado pelas soluções oferecidas pelas éticas teoricamente aceitas, que representam uma sabedoria descida dos planos superiores.

Eis então que tal biótipo funciona não somente pela sua sensibilidade, mas também pelo pensamento da sua mente, com o qual ele procura dirigir-se por si mesmo, entendendo e resolvendo os seus problemas. Ele aceita as normas da ética, não as repetindo, porém, cega e mecanicamente, mas com autonomia de juízo. Tal biótipo não conhece tudo, mas está com vontade de conhecer. Ele sabe que há limites na sua sabedoria, enquanto o biótipo precedente não tem consciência da sua ignorância e acredita saber tudo. Ele não fica quieto e satisfeito num mundo de mistérios, como o ser inferior, ao qual basta satisfazer os seus instintos sem querer saber mais; pelo contrário, procura sair desse estado de ignorância, penetrando com as pesquisas

da ciência as trevas do desconhecido, fato que explica como o homem moderno se rebela contra o método das religiões, o dos mistérios e da fé cega. Os seus problemas não são somente os da vida animal, o da fome e o do amor, mas os do conhecimento, da vida social e da sua evolução. Trata-se de conquistas a realizar, descobrindo caminhos novos para o progresso da humanidade, e não somente de continuar funcionando nas velhas posições biológicas. A vida progrediu e hoje apresenta problemas mais difíceis a resolver do que os dos planos biológicos inferiores. O homem não está mais numa escola primária, na qual basta aprender de cor, mas numa escola mais adiantada, onde se cogita de compreender e julgar com a inteligência, que é a qualidade que agora se vai desenvolvendo.

Observemos por fim quais são as características e o comportamento do biótipo que existe no nível evolutivo do superconsciente ou eu superior. Aparecem aqui novas qualidades, que o fazem mais completo. Não há somente o controle racional dos instintos do subconsciente ou eu inferior, da parte do consciente ou em médio; não somente acima da sensibilidade e emotividade que só sabe vibrar; o eu construiu o intelecto, que sabe pensar; o ser chegou a adquirir uma qualidade nova, o sentido da intuição. Esta permite perceber a verdade por visão, de modo que se pode chegar a entender o pensamento que rege o funcionamento de muitos fenômenos, sobretudo os que são menos atingíveis com o método da observação e experimentação da ciência, diretamente pelo caminho curto da compreensão imediata. Enquanto a ciência vai por seu caminho longo, que a amarra ao contato imediato com os fatos, só depois procurando se erguer acima dela, saindo do terreno concreto e analítico para atingir os princípios gerais, construindo, do particular para o geral, hipóteses e teorias cada vez mais vastas, o superconsciente, no terreno dos princípios abstratos e sintéticos chega ao contato com as causas e logo atinge diretamente por intuição o conteúdo do pensamento que constitui a Lei que tudo rege. Este é o nível do homem mais desenvolvido do futuro. Ele se dirige não somente pela razão, mas pelo conhecimento do sábio. Só então os parciais processos lógicos da ciência ficam orientados por uma visão de conjunto, que pode revelar o plano geral da obra de Deus. Tal biótipo fica espontaneamente convencido, porque tem o sentido da verdade. como o nosso olho tem sentido das cores. Ele não precisa de provas que lhe demonstrem que o vermelho é vermelho, o verde é verde etc. Quem as exige é o cego, que não conhece as cores e que neste caso representaria o biótipo que existe no nível evolutivo do consciente ou eu médio.

Os fundamentos da conduta do evoluído não são mais os instintos do subconsciente animal, nem as normas da ética primitiva e empírica vigorante em forma de prática exterior e formal em nosso mundo. Tal ser não aceita, como o biótipo precedente, sem ter entendido, só por sugestão e imitação, por fé e obediência (princípio de autoridade) as normas de comportamento ditadas por mentes superiores, mas é ele mesmo um ser superior, que as atinge com os seus recursos de intuição. Então, pelo fato de que neste caso o ser pode chegar por si mesmo ao conhecimento, a sua disciplina é espontânea porque iluminada e convencida, representa uma necessidade para a consciência do indivíduo evoluído que, por haver entendido, não pode deixar de se colocar na posição que lhe cabe dentro da ordem. A sua ética está acima das humanas, porque ele a possui na sua própria consciência, uma ética que, se formalmente parece mais livre, substancialmente é mais exigente e rigorosa. Ele possui em si mesmo o guia, porque tem conhecimento. Assim não é a ovelha. que pode transferir aos pastores a sua responsabilidade, mas tem que assumi-la diretamente perante Deus, com todas as conseqüências, que não é lícito ignorar para quem sabe e por isso não tem direito a desculpas.

Eis então que tal biótipo funciona de modo diverso dos outros dois. Ele não somente vibra pela sua sensibilidade, não somente pensa, com a sua mente racionalmente dirigindo os impulsos instintivos do seu subconsciente, mas também a ilumina com o conhecimento, orientando-a e dirigindo-a pelo caminho de uma conduta certa. Se o biótipo que existe no plano do subconsciente ou eu inferior não conhece nem deseja conhecer, se o biótipo que existe no plano do consciente ou eu médio não conhece tudo, mas está com vontade de conhecer, o biótipo que pertence ao plano do superconsciente ou eu superior chegou a satisfazer esse seu desejo de conhecimento e possui a sua verdade relativa, com a qual ele se pode dirigir em plena consciência e autonomia. Ele, então, fica satisfeito, não no estado de ignorância que satisfaz o primitivo, mas por se encontrar agora num estado de sabedoria. A sua posição não é mais a dos mistérios das religiões aceitas por fé cega, nem a posição de quem se rebela contra tal método e procura penetrá-los e explicá-los com as pesquisas da ciência, mas é a posição de quem resolveu o seu conteúdo, saindo do estado de

ignorância.

É lógico que estas palavras possam soar estranhas em nosso mundo, que se acha no nível evolutivo do consciente ou eu médio, onde a autonomia de juízo, porque tudo está feito para funcionar em série, é olhada com suspeita e condenada como uma forma de revolta. Nesse mundo é lógico que seja repelida como rebelde a ovelha que não permanece no rebanho, trazendo desordem porque não obedece com disciplina. Mas é verdade também que, apesar de tudo isto, a evolução da humanidade está confiada a esses tipos excepcionais que pertencem ao plano biológico do superconsciente ou eu superior.

No nível do eu inferior o ser não faz perguntas. No segundo nível, o do eu médio, o ser as faz, mas sem obter resposta bastante. No terceiro nível, o do eu superior; a obteve e a sua aspiração foi saciada. É lógico que os seres dos planos inferiores devam repelir as verdades superiores, que não podem entender porque ainda não estão biologicamente bastante amadurecidos. A evolução vai colocando perante cada ser, a cada passo, novos problemas, cada vez mais difíceis, para ele os resolver com os seus recursos, conforme os poderes que conquistou. O tipo que só funciona como eu inferior fica satisfeito quando resolveu os problemas impostos pelos instintos da fome e do amor, no plano físico, onde se esgota toda a sua sabedoria. O tipo que funciona como eu médio resolve problemas e satisfaz desejos mais complexos, no plano mental e da organização social, com maior sabedoria, mas sempre cercado pelas trevas do mistério. O tipo que funciona como eu superior resolve o problema do conhecimento, atingindo a sabedoria, libertando-se das trevas do mistério. Como o aluno passa da escola primária ao ginásio e por fim à faculdade, assim a vida proporciona as suas aulas à inteligência e conhecimento adquiridos pelo indivíduo.

Podemos, então, pelas suas qualidades conhecer a que nível de evolução um homem pertença, se ao do subconsciente, ou do consciente, ou do superconsciente. É lógico que a posição de quem chegou a um nível superior domina a do inferior. O superior entende o inferior, o inferior não entende o superior. Assim, é inútil raciocinar com o homem do primeiro nível. Ele não se convence, mas fica impressionado por sugestão no seu subconsciente. Assim, o indivíduo do terceiro nível, se quer ser entendido pelo homem do segundo nível, tem que traduzir a sua linguagem intuitivo-sintética na analítico-racional deste. Por outras palavras, para ser entendido ele tem que demonstrar a verdade com a lógica e as provas dos fatos, apoiando-se em argumentos racionais e experimentais.

* * *

Temos até aqui estudado a personalidade humana na sua estrutura, observando-a nas suas qualidades e funcionamento nos seus três níveis. Chegamos assim ao conhecimento do problema de nosso eu examinado na sua posição estática. Tal fenômeno, porém, não se nos apresenta só neste seu aspecto, porque ele é também um processo de contínuo desenvolvimento. O eu não fica estacionário num dos mencionados três níveis, mas na sua evolução vai se movendo de um para outro, mudando com isso as suas qualidades e funcionamento. Estudaremos agora, como já prometemos no início deste capítulo, o fenômeno da personalidade humana no seu aspecto dinâmico, isto é, como transformismo evolutivo. Veremos assim qual é o trabalho que o ser tem que realizar em cada fase para alcançar a sua evolução, progredindo, desse modo, de um nível para outro superior. Assim, depois de ter estudado a personalidade humana na sua estrutura, a estudaremos agora na técnica da sua construção.

Como já frisamos no início deste capítulo, que agora completamos e desenvolvemos, o subconsciente representa o que foi vivido. o trabalho de experimentação realizado, as qualidades que já foram assimiladas, fixadas no nível que agora representa a parte mais baixa, primitiva, menos evoluída da personalidade humana. Assim, o subconsciente abrange tudo o que foi aprendido no passado, gravado na alma por longa repetição e que agora volta e continua funcionando em forma de automatismos ou hábitos adquiridos. Acontece como um projétil interplanetário que requer o esforço do primeiro impulso na fase de lançamento, mas que depois continua viajando no espaço automaticamente, obedecendo ao impulso recebido. A este princípio obedecem também os nossos automatismos fisiológicos. Na atual fase de evolução esta parte de nossa personalidade fica imersa fora da consciência, pelo fato de que o centro ativo da vida do homem atual não trabalha mais desperto no nível do subconsciente, onde trabalha e se vai construindo o animal e, mais

atrás, antes dele, se construiu a planta. Para o homem tudo isto não é o presente, mas constitui a história passada representada pela zona da personalidade que contém os automatismos assimilados, que chamamos instintos. Zona importante, porém, também para o homem, porque nela está escrita e pode ser lida a história do seu passado. Trata-se de um livro impresso, acabado e fechado, depois do qual se poderá escrever outro que continuará o precedente, que poderá até modificá-lo e corrigi-lo, mas que nunca poderá destruir o que foi escrito na longa história da evolução. Esta é a parte que mais interessa à personalidade e aos seus métodos de tratamento psicológico, porque no nível humano atual o subconsciente representa a base da personalidade, as camadas mais velhas e solidificadas que constituem os seus alicerces, a parte construída pelo eu no seu passado até às camadas mais próximas ao estado atual, do qual ela representa a chave, sem a qual o presente não pode ser entendido nem explicado.

O consciente abrange a zona desperta e ativa das novas construções, o terreno virgem onde ferve a experimentação da vida, semeando novas causas que geram novos efeitos, prontos a realizarem-se depois, quando esse trabalho do consciente atual pertencer ao passado, tornando-se automatismo assimilado, qualidade adquirida, instinto do subconsciente. No desenvolvimento desse fenômeno ao longo do caminho evolutivo o correr do tempo coloca o presente no passado, transforma o futuro em presente e depois em passado. Isto quer dizer que o terreno, uma vez dominado pelo consciente, se torna depois o terreno dos automatismos ou instintos, dominado pelo subconsciente e, semelhantemente, o que pertencia ao superconsciente entra no nível do consciente e, depois, do subconsciente. A semeadura das causas se encontra sempre na fase precedente, que no processo da construção do eu representa a fase ativa. livre, a do lançamento dos impulsos, enquanto os resultados aparecem e a colheita dos efeitos se encontra na fase seguinte, que é obrigatória, imposta pela Lei que se apodera daqueles impulsos, levando-os fatalmente até às suas conseqüências. É assim que no consciente atual vemos emergir, em forma de qualidades nossas, impulsos instintivos e idéias inatas axiomaticamente aceitas, os resultados de nossas vidas passadas, o que nela aprendemos com a nossa experimentação.

Então, para entender o fenômeno da personalidade humana não basta conhecê-lo no seu aspecto estático, qual estrutura, mas também no seu aspecto dinâmico, qual vir-a-ser, ou seja trabalho de construção da personalidade. É necessário entender que o eu é um edifício que o esforço evolutivo do ser aos poucos vai levantando, um andar depois do outro. trabalho longo que se realiza através de imensos períodos de tempo, mudando de uma para outra, a forma de existência e gênero de experiências, sempre subindo e se aperfeiçoando, até conquistar de novo as qualidades perdidas pela queda e necessárias para se tornar de novo cidadão do S. Enquanto não possuirmos tal orientação universal, nela colocando o fenômeno da personalidade humana no seu devido lugar, pouca coisa poderemos entender dela.

O superconsciente representa para o atual biótipo humano uma fase de evolução ou nível biológico ainda a explorar e conquistar. que hoje somente alguns atingem, pioneiros do porvir, como são os heróis, os gênios, os santos, isolados, fora da série. Fase, porém, que a humanidade terá de atingir, porque ela representa o seu futuro, para a qual fatalmente a levará a evolução. Tudo depende em qual desses três níveis está colocado o ser, trabalhando na sua fase ativa e consciente de assimilação das experimentações da vida. Chamamos de subconsciente o nível biológico em que está situado o primitivo, funcionando como centro vivo e ativo. Chamamos de consciente o nível em que está o homem atual. Chamamos de superconsciente o nível em que estará o super-homem. Cada um vive e trabalha para a construção do próprio eu num plano ou altura evolutiva diferente, que é o seu, que lhe pertence conforme sua natureza. Assim, cada um vai aprendendo a sua lição, diferente das que estão aprendendo os outros, mas cada um experimentando o que lhe é mais útil e adaptado.

Com o progredir desse fenômeno verifica-se este fato: a posição ou estado de consciente, isto é, o ponto onde, ao longo da escada da evolução, o ser está vivo e ativo, trabalhando na construção do seu eu, sobe de nível: do subconsciente ao do consciente, e deste ao do superconsciente; assim, o que para ele uma vez era superconsciente se torna depois consciente, e por fim subconsciente. Por outras palavras, o ser vai despertando num plano evolutivo cada vez mais adiantado, nele se tornando vivo, consciente e ativo, ao mesmo tempo armazenando na sua personalidade, em forma de qualidades adquiridas, o fruto do seu

trabalho. E nesse processo de experimentação e fixação dos seus resultados que consiste a técnica da construção da personalidade.

Mais exatamente o eu pode ser representado, não como um ponto que sobe ao longo da linha da evolução, mas como uma linha cuja parte mais adiantada ou cabeça, a que espera e antecipa o trabalho futuro, é constituída pelo superconsciente; a parte mediana ou corpo, a que está realizando o trabalho presente da construção, é constituída pelo consciente; a parte mais atrasada ou cauda, na qual o trabalho da construção já foi realizado e acabou, é constituída pelo subconsciente. A parte na qual o ser vai explorando o futuro, por tentativas experimentando o novo, é a da cabeça ou superconsciente. A parte na qual o ser vai se apoderando dessas experiências, fixando-as no próprio eu, é o corpo ou consciente. A parte que conserva o que foi adquirido e que agora está fora da zona do trabalho, abandonado pelo consciente que sobe, no passado ou caminho evolutivo já percorrido, é a cauda ou subconsciente.

Segue-se que, relativamente a um dado nível de evolução, o ser pode se encontrar em três posições diferentes: a do superconsciente, do consciente e do subconsciente. Isto quer dizer que a respeito do ser, o conteúdo de um dado nível de evolução pode se apresentar: 1) Como antecipação intuitiva e primeira tentativa de atuação; 2) Como trabalho de aquisição de novas qualidades; 3) Como qualidades adquiridas. No 1.º caso, o nível a respeito do ser está situado na posição de superconsciente, representando o futuro, de cuja realização o ser procura cada vez mais aproximar-se. No 2.º caso, o nível não representa mais o futuro, mas o presente, para cuja realização o ser está trabalhando na posição de consciente, porque, por evolução, subiu até lá. Assim o ser se torna ativo e consciente no nível que, anteriormente, estava acima do seu entendimento, agora, então, ele realiza um trabalho de assimilação do conteúdo daquele mundo superior que antes representava o superconsciente. No 3.º caso, o nível que tomamos como ponto de referência deste processo evolutivo, depois de ter constituído o futuro, e em seguida o presente, agora representa o passado, fixado na personalidade como qualidade adquirida, porque assimilada pela experimentação da vida, de modo que o conteúdo daquele nível, que uma vez foi o superconsciente e depois se tornou consciente, agora existe gravado no subconsciente, manifestando-se na forma automática de instinto.

Assim, a evolução realiza uma contínua conquista do superconsciente, efetuada através do trabalho de aquisição que se opera na fase ativa do consciente. Isto nos mostra qual é a finalidade da vida e a importância da experimentação que ela nos constrange a realizar. O ser existe para evoluir, assim se colocando em planos de existência cada vez mais adiantados e deste modo progredindo do AS para o S. Este é o processo pelo qual se realiza a subida do ser ao longo do caminho da evolução. Parece um processo de descida do superconsciente até ao subconsciente mas de fato é o ser que, transformando-se através da vida, se desloca para níveis evolutivos já marcados, subindo do inferior para o superior. É tarefa das religiões e da ordem social a de educar o indivíduo, para que ele adquira, como hábitos seus, as qualidades de um nível superior, até que elas pela longa repetição fiquem gravadas na personalidade, na forma de instinto do subconsciente.

Esta é a técnica da construção do eu e representa uma lei geral que funciona em todos os níveis da evolução para todos os seres. A posição de cada um é relativa aos níveis que são superiores ou inferiores. Assim o que para um ser inferior representa o superconsciente ainda a atingir no futuro, para um ser superior pode constituir o subconsciente instintivo, porque já assimilado no seu passado caminho evolutivo.

Assim, quando um ser nasce, seja planta, animal ou homem, demonstra que conhece quanto é necessário para defender sua vida, porque qualquer que seja seu nível, ele possui armazenado em si o fruto das experiências das suas vidas precedentes. Mas sempre continuando a viver, o ser vai cada vez mais completando o seu conhecimento, transformando a sua ignorância em sabedoria, encontrando condições de vida diferentes, que apresentam todas as oportunidades de desenvolvimento. As exigências das novas formas de vida em níveis sempre mais adiantados continuam sempre ensinando longa evolução a aprendizagem nunca pode parar. E o ser, cada vez nascendo de novo, leva consigo a síntese destilada das suas experiências passadas, lição inesquecível porque aprendida à sua custa com o seu sofrimento, gravada na sua própria alma.

Explica-se assim como é que o indivíduo nascendo, traz consigo uma personalidade já feita. Os psicólogos e psicanalistas não se perguntam de onde ela vem, quem a construiu e como foi que ela agora está feita desta maneira e não de outra. Mas também no plano fisiológico vemos que a vida na sua forma atual repete e resume as suas fases evolutivas já percorridas, das quais esta é a conseqüência (a ontogênese repete e resume a filogênese). O processo da formação da personalidade não está situado fora da vida, por isso não pode ser diferente, regido por outras leis. E vimos que ele se realiza pela técnica da descida das experiências, do consciente no subconsciente. A evolução psíquica e a evolução orgânica morfológica estão ligadas, porque constituem o mesmo processo evolutivo Uma. não pode de ser isolada da outra, porque a evolução morfológica não representa senão a expressão exterior da evolução do princípio espiritual, que constrói para si mesmo; regendo-o, o seu organismo no plano físico.

A lógica de todo esse processo evolutivo psico-físico nos constrange a admitir, paralela à série das formas sucessivas, uma série de existências sucessivas, nas quais se elabora o princípio espiritual daquelas formas, de modo que lhe seja possível construí-las de tipo cada vez mais adiantado. Por isso, quando dizemos evolução orgânica temos de dizer também evolução do princípio espiritual que a gera, o que implica a necessidade de existências sucessivas, por outras palavras: a reencarnação.

* * *

Como já foi aqui mencionado, falamos bastante da teoria da reencarnação no fim de nosso livro: ***Problemas Atuais***, e aqui a ela temos de voltar, porque sem ela não pode ser entendido o fenômeno da personalidade humana e sobretudo a técnica da sua construção. Quem não compreendeu que essa teoria faz parte da técnica da evolução, que é fundamental no universo, não pode praticar uma verdadeira psicanálise, que seja completa; será uma psicanálise incompleta, porque limitada apenas à vida atual e mutilada sem seu passado, somente no qual é possível encontrar as causas do estado presente.

O que mais nos desvia da compreensão do fenômeno é a afirmação não provada que o espírito seja gerado quando do nascimento físico do corpo por uma criação tirada do nada. Ora, tal afirmação é completamente antropomórfica, derivada do relativo e do transformismo em que existe o ser, mas não de Deus. Pela sua forma mental, filha do seu estado e experiência, o homem sabe que. para criar o novo, deve tirá-lo de um estado precedente em que este não existia, não-existência que ele chama de nada. Mas é um nada relativo, isto é, feito da mesma substância, que tinha outra forma, antes de ser mudada pela criação do homem numa forma nova.

Mas em Deus, que está fora do relativo e desse vir-a-ser que muda uma forma na outra, não pode existir um nada assim concebido. Em Deus o nada não pode ser entendido como não-existência da nova forma, por transformação tirada da velha, como acontece com o homem. Deus existe e opera no absoluto e não no relativo. Então, quando falamos de nada a respeito de Deus, temos de o entender em sentido absoluto e não relativo.

Neste caso, falar em criação tirada do nada quer dizer contrapor um estado positivo de existência a um oposto estado negativo de não-existência da substância, e não contrapor só duas formas diferentes da mesma substância. Admitir tal criação originada do nada significa admitir em Deus a coexistência de dois estados opostos, isto é, a cisão da unidade, um dualismo, que é somente o estado da criatura rebelde e decaída, e que não pode existir em Deus, que deste modo estaria dividido contra si mesmo. Não há coisa mais absurda do que esta: pensar que a unidade de Deus possa ficar despedaçada. Aceitar o dualismo fora do terreno gerado pela queda da criatura e só a esta reservado, é politeísmo.

Deus é uno, existe no positivo. O negativo não pode existir Nele, mas só no universo corrupto e decaído, que contra Ele se rebelou, assim se emborcando negativamente. Se Deus é o existir, e o nada é a negação do existir, isto é, de Deus, em Deus não pode existir a negação Dele mesmo. Ora Deus, criando tudo do nada, teria tirado tudo de uma negação Dele mesmo, a qual por isso não pode existir. Como pode Deus ter derivado tudo de uma coisa que Nele não podia existir, de uma coisa que não podemos conceber

senão em função do que apareceu porque foi conseqüência da revolta e queda da criatura?

Nem é possível pensar que esse nada fosse existindo além de Deus, fora Dele, pelo fato de que Deus é tudo o que existe, nem pode existir coisa alguma além ou fora Dele, porque se assim fosse haveria alguma coisa que não é Deus, e Deus então não seria mais Deus. Ele é um infinito que abrange tudo, ao qual nada se pode acrescentar, nem tirar. Não é possível conceber existência alguma além e fora desse infinito. Não. A primeira origem de tudo, quem é tudo o que existe, não a pode encontrar senão dentro de si próprio, o que neste caso quer dizer um estado de positividade dentro do qual não há lugar para nenhum conceito de negatividade. Mas como pode entender isto o homem se, pela sua forma mental, filha do seu mundo relativo, ele não pode conceber a criação senão como uma transformação de um estado em outro?

Como pode o nada ter constituído a primeira fonte de onde foi derivada a criação, se ele representa a não-existência? A sombra pode ser um efeito ou uma conseqüência da luz, mas não a luz um efeito ou uma conseqüência da sombra. O que existe primeiro é a luz da qual depende a existência da sombra. e não a sombra. da qual depende a existência da luz. No plano das primeiras causas, quando não há outro positivo anterior, o negativo não pode ser o antecedente do positivo Do conceito de nada não pode ser derivado o conceito do existir Não pode de um pai que não existe nascer um filho que existe. No terreno do absoluto, onde se trata de substância e não de mudança de forma, o não-existir não pode gerar o existir.

A primeira fonte de tudo o que existe não pode ser senão Deus, que é o existir. Só depois deste conceito pode nascer a sua posição invertida, que é o nada, como o S pode nascer o AS, mas não o S nascer do AS, senão no sentido de reconstrução de um S desmoronado, que já existia com antecedência. Ora, o homem pensa que seja possível uma criação derivada do nada, exatamente pelo fato de que ele possui a forma mental de quem está situado no AS. É lógico que o cidadão do AS conceba tudo ao contrário. Esta é a razão pela qual o homem, antropomorficamente, atribuindo a Deus as suas qualidades, concebe a criação às avessas, o que seria como dizer: não é a sombra conseqüência da falta de luz, mas é a ausência da sombra que gera a luz. Isto representa a concepção emborcada do rebelde, pelo qual o centro e a gênese foram deslocados da positividade na negatividade, da luz nas trevas, concepção luciferiana que está nos antípodas da originária divina. Então não é Deus que tira tudo da sua positividade, mas é o ser rebelde que tira tudo da sua negatividade. E o egocentrismo do ser que prevalece sobre o do Deus, procurando-se substituir a Ele. Eis de onde sai tal concepção da criação derivada do nada, pela qual a obra de Deus se torna um absurdo. Tudo isto não pode ser senão o produto do AS.

O conceito negativo do nada e de criação tirada dele, não podia existir dentro do infinito de Deus, que na hora da criação era todo positividade, mas nele pôde aparecer só depois como AS, isto e, na parte do infinito positivo de Deus, que com a revolta se tornou corrupta, emborcando-se ao negativo no AS. Ora, com a idéia da criação do nada, o homem, pelo fato de pertencer ao AS, quereria atribuir a Deus, na obra maior, que é a da criação, uma idéia negativa, que só pode existir no AS, como produto da revolta do ser contra Deus. O homem, na sua ignorância de decaído e na sua posição de rebelde, só possuindo tal idéia negativa, a atribui a Deus, fazendo dela, que representa a destruição, a base da criação. Não importa se tal idéia é absurda. O conceito de criação tirada do nada continua dominando no mundo, porque é uma idéia que faz parte da forma mental do homem, que assim pode ter uma resposta ao problema da criação de uma maneira para ele facilmente concebível e por isso aceita.

Tivemos de esclarecer esse conceito da criação tirada do nada, porque dele deriva um outro: a criação da alma no momento do nascimento do corpo, por uma gênese tirada do nada. Isto quer dizer que neste momento Deus tira a alma de um precedente estado de não-existência, que já vimos: não se pode encontrar Nele, que é todo o existir, nem além ou fora Dele, que é tudo o que existe. Assim, criação e nada representam duas idéias que não podem ficar juntas, porque a segunda aniquila a primeira. Se quiséssemos entender tal nada não em sentido absoluto, mas só relativo à alma, isto é, como um seu estado de não-existência como individuação separada, enquanto ela já existia no seio de Deus, do qual se destacaria no momento do nascimento do corpo, então chegamos a outro absurdo Tratar-se-ia na criação só de uma mudança de forma, de um estado não individualizado a um individualizado da mesma substância de Deus.

Ora, tratando-se da mesma substância, cada alma deveria possuir as mesmas qualidades de Deus, e isso não acontece quando observamos a forma pela qual a alma aparece no mundo — ela possui as qualidades opostas, não as de Deus, mas do anti-Deus, que nos revelam um precedente bem diferente, uma longa experiência no relativo e uma imensa ignorância no absoluto. Em conclusão, se não nos quisermos perder no absurdo, qualquer que seja o lado do qual olhamos o problema, teremos de aceitar a teoria da reencarnação.

Provas que confirmam essa teoria nos chegam também de outras partes. Para qual objetivo uma alma assim imperfeita e mal feita, nascida da perfeição de Deus, destinada a voltar a Ele, deve atravessar uma só e assim breve experiência terrestre, que quase nada ensina, cheia de perigos, com uma grande probabilidade de acabar nos antípodas do ponto que deve atingir? Não há dúvida que vivemos num mundo que é a negação de Deus, onde não é o bem, mas o mal que triunfa. Não é esta uma experiência feita mais para nos afastar de Deus, do que para voltar a Ele? E tal mundo infernal do seio de quem teria saído?

Outra prova da reencarnação a encontramos com a vida e a morte — dois elementos fundamentais do processo evolutivo A vida representa o S, a morte o AS Eles são indispensáveis, insupríveis como dois pólos entre os quais oscila a existência do ser no seu estado de decaído. Toda a técnica da evolução, que é destruição do universo do AS e reconstrução do universo do S, se baseia nesta contínua oscilação vida-morte. O existir, na forma que hoje encontramos em nosso universo, não é puro e íntegro como no S, mas fica manchado pelo princípio oposto, o da morte, negação da vida Temos, então, não mais somente vida, mas uma mistura de vida e morte, isto é, um estado de dualismo e contradição entre dois elementos opostos. Essa contínua mudança de posição constitui a base do transformismo evolutivo, que se realiza oscilando do pólo positivo ao negativo do existir, para transformar as qualidades negativas do AS nas positivas do S. Como o processo involutivo gerou a morte, assim a tarefa do processo evolutivo é a de construir de novo a vida. Eis que a cada passo encontramos estes dois termos; que fundamentam a reencarnação.

Se em nosso universo o existir toma forma de alternada mudança vida-morte, sempre oscilando de um para outro destes dois pólos, eis que o conceito de reencarnação está no centro do plano e da técnica funcional do fenômeno do universo. A cada passo, morte e reencarnação. Não há outra maneira para realizar o transformismo evolutivo. A morte representa o emborcamento da vida, devido à revolta. A vida representa o S, que com a evolução se vai reconstruindo. A positividade do S ou vida, que se emborcou no negativo, no AS gerando a morte, com a evolução vai-se endireitando no positivo, no S, reconstruindo a vida. Eis que a técnica da reencarnação se enxerta em cheio no processo evolutivo, base do transformismo que representa a condição de renovação, de salvação, sem a qual não se pode voltar a Deus.

Tudo isto é evidente. No quadro do plano do universo a reencarnação representa a única idéia que pode completar o desenho. Voltamos a este assunto da reencarnação, porque agora, por ter desenvolvido outros problemas, podemos resolver este em mais profundidade, como nos permite o novo amadurecimento hoje atingido (v. o nosso livro: ***O Sistema***).

Se não existisse uma vida precedente, onde cada um semeia para si as causas da vida atual, quão grande seria a injustiça de Deus criando seres que, sem sua culpa precedente, ficam condenados a uma vida de sofrimento! Quando precisamos do máximo de experiência adquirida para enfrentar o futuro, não a temos porque ainda somos jovens, e a possuímos, ao máximo na velhice, quando não precisamos mais dela porque chega a morte. Qual a lógica para essa justificativa? Só se pode explicar com a reencarnação, admitindo que o fruto da lição, resultado da aprendizagem, seja utilizado na vida seguinte, desde que não o pode na atual. E de fato a juventude é dirigida mais pelo produto instintivo do subconsciente do que pelo raciocínio que aparece na maturidade.

* * *

Encerrada esta breve digressão sobre a reencarnação, voltemos ao assunto precedente. Os conceitos que até aqui fomos desenvolvendo nos permitem entender muitos fatos que, de outro modo, ficam sem explicação. Vemos que os indivíduos nascem com uma sua personalidade já feita. Quem a fez? Há quem nasce mau, quem nasce bom, quem nasce pacífico, quem nasce agressivo, quem nasce estúpido, quem nasce

inteligente; outros nascem ladrões, assassinos, artistas, cientistas, heróis ou santos. Por que isso? O ambiente e a educação não mudam o tipo fundamental da personalidade que, apesar de ser no aspecto exterior filha dos seus antepassados, contém sempre qualidades suas que a diferenciam dos outros. O fato de que de tudo isto depende o destino do indivíduo, o que quer dizer uma vida de satisfação ou de desespero, com todas as suas conseqüências na vida futura, não pode ficar sem solução, permanecendo no poder do mistério e dos impenetráveis desígnios de Deus, porque as conseqüências nos queimam e são nossas. Para sermos julgados responsáveis pela nossa conduta, temos de saber o que nos pertence tão de perto. Com as suas qualidades a personalidade revela o seu passado.

Vivemos para construir o nosso eu e cada um o constrói como quer, mas depois fica cristalizado naquela forma, como uma estátua até realizar outro trabalho para a modificar. A estátua feita é o subconsciente, o novo trabalho de construção se realiza no plano do consciente, a nova estátua que poderá ser produzida por esse trabalho representa o superconsciente. Assim, tudo é lógico e compreensível. Os psicanalistas que falam tanto de subconsciente não se preocupam em explicar como ele nasceu e se construiu, o que foi que o fixou na sua forma atual, nem de enquadrar tal fenômeno numa visão filosófica que o explique e justifique em função da fenomenologia universal.

O nosso sistema orienta perfeitamente esse fenômeno dentro do plano geral da existência, que é o da evolução e reconstrução do eu que, depois de ter descido, no período involutivo, sobe do AS para o S, voltando assim ao ponto de partida, Deus. Assim, subconsciente, consciente e superconsciente não são senão três posições mais ou menos adiantadas ao longo do caminho da evolução do eu, que vai do AS para o S. Trata-se, então, de três estados sucessivos de desenvolvimento Podemos, assim, entender o que eles representam: três níveis — o emotivo, o racional, o intuitivo, situados um acima do outro, cujo significado se explica, bem como a função em relação ao plano universal da existência.

É verdade que cada ser, nascendo, possui uma sabedoria já pronta, apta a satisfazer as exigências de sua vida. Cada organismo físico possui um proporcionado organismo psíquico para o dirigir. Isto em todos os níveis, inclusive nas plantas. Como foi construída esta sabedoria adaptada à vida terrestre do indivíduo? Diz-se que essa sabedoria é fruto do instinto. Mas, o instinto como nasceu? E trata-se de uma sabedoria particular, específica, proporcionada ao ambiente onde o indivíduo, seja planta, animal ou homem, tem que viver. Então esse instinto deve-se ter formado no mesmo ambiente, porque hoje se apresenta como resultado de experiências do mesmo tipo das atuais, que o ser demonstra conhecer desde o nascimento, quando ainda não conhecia a vida presente. Quem ensinou aos animais a andar e voar, às feras as regras da luta, a cada um uma técnica sua particular proporcionada ao ambiente e meios de defesa, aos fracos a estratégia da fuga ou da astúcia, às fêmeas as providências da maternidade e da criação, tudo para que o indivíduo, como a espécie possa sobreviver? Tudo isto não pode ter sido; aprendido senão em semelhantes vidas precedentes.

Vemos que os seres do mesmo tipo repetem as mesmas coisas. em série, com o mesmo método e estilo. Isto porque ao nascer eles não têm que aprender uma sabedoria nova, só se lembrando do seu passado, continuando a ser dirigidos pelo que já sabem, ao mesmo tempo aperfeiçoando esse conhecimento e levando ao longo do caminho da evolução. Se tantas vidas diferentes, espalhadas no tempo, vão repetindo as mesmas coisas, isto mostra que se trata da mesma lição que se vai repetindo na mesma escola. Se houvesse só uma vida, cada uma deveria ser independente da outra.

Tudo isto está confirmado também porque o método da natureza é o de derivar tudo de um seu precedente, aperfeiçoando-o por meio da repetição. Diz-se que a natureza não dá saltos, e, de fato, ela realiza a evolução por meio do transformismo lento e gradual. Tudo o que foi aprendido fica armazenado no subconsciente, que representa a base de conhecimento sobre o qual se constrói o novo. Os alicerces da personalidade estão nesse subconsciente e deles depende o novo edifício, que com a evolução sobre eles temos de levantar. Daí a grande importância do subconsciente no estudo da personalidade humana.

E assim que cada um traz consigo o seu passado e, por isso. nascem personalidades diferentes, cada uma com os seus impulsos e qualidades próprias, conforme o que foi experimentado e aprendido. Assim, um

nasce com um destino, e outro com outro destino, conforme o que semeou no seu passado. Desse fato derivam os choques entre os biótipos que não são iguais, porque cada um é filho de uma dada experimentação. Conhecer tudo isto é importante para saber quem somos e o que nos espera na vida. Mas filosofia, ciência e religiões ignoram tudo isto, embora seja fundamental para viver com inteligência, sem desperdiçar as energias em tentativas, erros e correlativos sofrimentos, como em geral acontece.

Em resumo, o homem na sua vida terrena possui três fontes de conhecimento e de impulsos, que o dirigem, conforme a sua natureza: 1) O subconsciente que oferece em síntese o resultado final das operações já realizadas nas vidas passadas, sem nos mostrar analiticamente o seu conteúdo. O subconsciente não raciocina, não procura saber ou explicar, mas repetindo a lição aprendida, conforme as qualidades adquiridas, inconscientemente, envia de volta os impulsos com os quais o eu foi formado no passado. 2) O consciente que pensa, observa, quer entender o que se está fazendo e porquê. Acima da precedente, que representa a fase instintiva, a do animal, se levanta essa que representa a fase racional, a da inteligência do homem. Aparece, então, a filosofia e a ciência. 3) O superconsciente que revela ao homem, em lampejos de intuição, fases de evolução superiores, que para ele pertencem ao futuro. Essa é a zona das revelações das religiões, como das novas descobertas da ciência.

Então, subconsciente, consciente e superconsciente não são somente três níveis do desenvolvimento do eu, mas cada um deles representa uma fonte diferente de conhecimento e de impulsos para se dirigir na vida. Assim o homem é movido pelos instintos do animal (a conquista já realizada, base da vida); pelo raciocínio e inteligência do homem (o trabalho de conquista atual, para progredir); pelas revelações das religiões (verdades percebidas por inspiração por homens excepcionais, mais evoluídos, as quais representam o trabalho de conquista a realizar no futuro).

Cada indivíduo funciona vivo e ativo num ou noutro desses níveis, conforme o seu grau de evolução. Entre indivíduos do mesmo nível não ocorre choque de sistema, e a compreensão é fácil: mas o choque é vivo entre indivíduos de níveis evolutivos diferentes, que praticam sistemas e falam linguagens diferentes. Então cada um, não entendendo nada do outro, o condena. Mas na realidade a imensa maioria se encontra no mesmo nível animal e, por isso, Os indivíduos se entendem até chegar a um pensamento comum, que é o que se chama subconsciente coletivo, pelo qual é possível realizar uma concordância, como acontece nos hábitos sociais, nas eleições do sistema representativo, na aceitação e aplicação das leis civis e religiosas, etc.

Disto se segue que a vida coletiva se baseia mais no subconsciente do que no consciente, isto é, obedece mais a uma ética empírica-instintiva do que a princípios racionais, produto da inteligência. E isto a maioria faz com pleno convencimento, conforme o que chama a sua consciência, porque não há verdade mais axiomática e indiscutível do que aquela afirmada pelos instintos, que representam o produto das experiências mais antigas e mais profundamente assimiladas. Mas, que verdades pode conter o subconsciente, senão as elementares da vida, as necessárias para vencer na luta para a sobrevivência? Trata-se, então, somente da sabedoria da força ou da astúcia, que, na verdade, sempre se encontra em nosso mundo, Nem se pode exigir que o homem pratique uma lei superior à do seu plano biológico, e que ele não esteja convencido com toda a sinceridade, que tal método de vida é o melhor, represente o ideal maior, porque a experiência passada e presente lhe confirmam a cada passo que esse é o mais rendoso na prática, como defesa e vantagens. Prova-o o fato de que em nosso mundo quem segue um superior ideal espiritual é julgado um ingênuo que não conhece a realidade da vida. Não é esta a lição que, sob pena da própria vida, o homem teve de aprender à sua custa? E à sua custa terá ainda de aprender o idealista que desceu ao nosso mundo. Como se pode, então, exigir que o biótipo que nele tem de viver, possua outra forma mental, se esta é aquela da qual ele precisa para sobreviver no seu nível animal? O sistema representativo chega até ao ponto de confiar a escolha dos melhores que devem dirigir a nação à maioria constituída por tal tipo de homem, que é exatamente o menos competente para tal escolha, e que, pelo contrário, deveria ser dirigido por uma classe de indivíduos mais adiantados, que ele não pode entender. Este seria o caminho mais lógico e curto, para evoluir. Mas quem admite tais princípios e está preparado para aplicá-los?

O que a massa humana aprendeu nas suas vidas precedentes não é senão o que a história nos conta que fizeram os homens do passado. Esta é a lição aprendida, que agora volta para dirigir a conduta atual. Eis a tremenda realidade da vida, escondida atrás das aparências das leis civis e religiosas, pelas quais o homem pretenderia ser civilizado. Mas bem diferente é a verdade que ficou gravada no fundo da alma, verdade que outra dura experiência bem diferente lhe ensinou. Ela aprendeu a mentir e a desconfiar, o que constitui boa parte da vida social. Ela aprendeu a temer o próximo, que representa um natural inimigo. Eis que o estudo psicológico da primeira origem das nossas idéias nos dá a chave para entender a nossa vida social.

É lógico que em tal mundo a ordem não possa ser senão o resultado de uma disciplina sustentada pela força. E de fato vemos que logo que tal controle fica impedido e suspenso, aparece a ferocidade do guerreiro pronto à revolta. Por isso o mundo precisa de leis, tribunais e cadeias, para aprender à força, com os velhos métodos, hábitos novos. Ao menor sinal de fraqueza das classes dirigentes, estão sempre prontas a se rebelar as camadas inferiores mais involuídas, que então mostram o que elas são de fato. A lição aprendida no passado lhes ensinou que é mais seguro desconfiar do que acreditar de boa fé, porque atrás das pregações das várias filosofias, religiões e poderes políticos, o elemento dominante que constantemente se encontrava no fundo delas, apesar das teorias, era na prática, a má fé, a tentativa de engano, a exploração da ingenuidade. Eis a realidade que aparece quando olhamos o nosso mundo, não por fora, mas por dentro, eis a verdade que um exame psicológico dos fatos nos descortina.

V

OS TRÊS BIÓTIPOS TERRESTRES

Só depois de ter explicado no capítulo precedente qual é a estrutura da personalidade humana e, sumariamente, a técnica da sua construção, é possível enfrentar agora o problema do destino, destino que contém e nos revela a lei do desenvolvimento da personalidade, que só neste sentido, isto é, de processo evolutivo do eu, pode ser entendido.

O estudo que até aqui fizemos do fenômeno da personalidade humana, seja no seu conteúdo, qualidades ou funcionamento, seja como transformismo evolutivo, observando-o nos seus três momentos: subconsciente, consciente e superconsciente, ele nos mostra que a cada um destes três níveis de desenvolvimento do eu corresponde um correlativo biótipo humano. Observemo-los para nos encaminhar à compreensão do fenômeno do destino.

A sensibilidade, o conhecimento, a capacidade de entender do indivíduo, o seu tipo de vida e destino, dependem da sua natureza que corresponde ao nível evolutivo em que vive e funciona o seu eu. Cada um possui a linguagem do seu plano biológico e só ela o entende. O primitivo. que vive no nível do subconsciente. fala e entende somente a linguagem das emoções. Ele pode ser sugestionado por impressões, não convencido pelo raciocínio. Ele não age por entendimento seu. mas por imitação do que fazem os outros. Ele não se interessa elos efeitos a longo prazo mas só elos resultados imediatos. O que mais o convence é a linguagem dos sentidos, o seu prazer ou sofrimento. Além desses fatos para ele concretos porque bem perceptíveis, tudo lhe é um mistério imenso, e ele sabe que não pode penetrar. E assim que para ser entendido por tal indivíduo é necessário usar a sua linguagem, que é a do seu lucro ou dano, prêmio ou pena, paraíso ou inferno. Esta é a linguagem que o nosso mundo usa para dominar e impor obediência e ordem. Não há lei religiosa ou civil que tenha valor, se não é sustentada pela força que pune o transgressor. O nosso mundo zombaria de um governo sem tribunais, polícia e cadeias. como de uma religião sem inferno ou seus equivalentes. O biótipo desse nível obedece apenas ao mais forte, que tem o poder nas mãos e que por isso lhe pode fazer bem ou mal. O fraco não merece respeito nenhum, merece pelo contrario, ser escravizado.

O biótipo mais adiantado, que deveria ser o homem, se chama civilizado, vive no nível do consciente e fala e entende a linguagem da razão. Mais do que sugestionado por impressões. ele pode ser convencido pelo raciocínio. Não segue os outros por imitação. mas procura saber porque ele tem que agir de uma maneira ou de outra. Olha mais longe do que os simples resultados imediatos. prevê, observa, analisa, calcula. Acima da linguagem dos sentidos. entende a da sua mente, com a qual controla a sua conduta para atingir com maior segurança o seu benefício e fugir do seu dano. Para dirigir esse homem não basta o medo do fracasso ou a esperança de vantagem, mas é necessário convencê-lo de que tudo representa, na verdade, o seu interesse e corresponde a um princípio de equidade. A vida para ele não é mais mistério, que a ciência começa a desvendar. Tal homem controlado pelo pensamento não pode mais ser dominado somente pela força, como o biótipo precedente, mas a respeita pela vantagem material que pode usufruir, por que ela representa um poder econômico, bélico, político, social. Assim, os impulsos fundamentais da vida permanecem os do nível precedente.

O biótipo ainda mais adiantado: o homem superior, excepcional em nosso mundo, vive no nível do superconsciente e fala e entende a linguagem da verdade. Ele não age, porque sugestionado por impressões, ou somente pelo raciocínio, mas pelo conhecimento que possui pelo sentido da verdade. Não funciona por imitação, ou calculando com o raciocínio, mas porque já sabe como agir, de uma maneira e não de outra. A sua vista vê tão longe que abrange a sua existência na eternidade, em função do todo. Acima da linguagem dos sentidos e da mente, ele entende a linguagem das coisas das quais intui por visão interior o sentido profundo. Esse homem não é dirigido só pela simples reação sensória, como no nível do subconsciente, nem pela sua reação cerebral racional, como no nível do consciente, mas por uma autonomia de julgamento e orientação, conseqüência do conhecimento, que é a qualidade de quem vive no nível do superconsciente. Quando não há mais trevas de mistério, pelo menos nas linhas gerais, só um pode ser o caminho do homem e este será o caminho certo. Assim vive tal biótipo, que não quer dominar, nem precisa de provas racionais para entender e ser convencido, porque já atingiu o conhecimento e possui a verdade

Para melhor esclarecer o nosso pensamento, observemos mais de perto esses três casos. No nível do subconsciente ou plano animal, o que dirige a vida são os instintos fundamentais: a fome que garante a continuação do indivíduo; o sexo que garante a continuação da raça. Estes são os impulsos fundamentais, os quais dirigem o ser primitivo que vive neste nível, esta é a base das paixões elementares que o movimentam. Quando ele satisfaz a fome e o sexo, fica satisfeito, não entende nem procura outra coisa, porque atingiu o seu objetivo principal: viver.

No nível do consciente, acima destes dois instintos básicos, inicia-se no primeiro caso a construção e se levanta o edifício da propriedade, da riqueza e correlativas proteções legais, das posições sociais, das honras, do poder religioso e político, como aumento e acréscimo ao redor do eu; e no segundo caso levanta-se a construção do edifício da família, para a defesa da mulher e dos filhos, estabelecendo direitos e deveres na conduta, na propriedade, na herança etc. A base e o centro de tudo isto é, como no caso precedente, o egocentrismo do eu para garantir agora em forma mais completa a continuação da vida, seja como indivíduo, seja como coletividade. A sua maior finalidade é possuir na maior medida possível recursos e poder para dominar, mulheres para se multiplicar nos filhos, e assim afirmando-se, espalhar-se no mundo, conquistando o mais que puder.

Estamos no nível do egoísmo e da luta, de todos contra todos, cada um querendo dominar. A guerra é o estado normal, a família é um castelo armado contra as outras famílias, naturalmente rivais e inimigas, que é preciso vencer para não se ser vencido. O grupo familiar fica, desta forma, unido pelo seu egoísmo, que neste plano representa a base da vida. Constroem-se, assim, e ficam unidos os grupos nacionais, em que os povos se unem para se armar contra outros povos. Esse é o estado atual da nossa humanidade, que só chegou a organizar, racionalmente, no nível do consciente os instintos fundamentais, que movimentam o ser no nível do subconsciente.

A, verdadeira revolução biológica só aparece no nível do superconsciente. Para maior clareza damos

um exemplo prático, escolhendo como modelo um ser verdadeiramente superior que foi Francisco de Assis, em cuja terra nasci e vivi muito tempo. Com os três votos básicos da sua regra, ele quis despedaçar os correspondentes instintos fundamentais do homem, a eles contrapondo como virtudes três impulsos opostos Ao 1.º instinto, o de possuir, ele contrapôs a regra da pobreza; ao 2.º instinto, o do sexo, contrapôs a regra da castidade; ao 3.º instinto, o do egocentrismo dominador, contrapôs a regra da obediência. Assim, o indivíduo fica como aniquilado no nível do subconsciente (instintos) e do consciente (razão a serviço dos instintos); o seu passado biológico é esmagado de uma vez, mas à procura de uma superação; a vida, cortada nas suas velhas raízes, parece condenada a morrer, mas, pelo contrário, é levada para ressurgir mais poderosa num plano mais alto. Este é o significado biológico e a lógica do espírito franciscano.

Na prática, os indivíduos estão bem longe de estar prontos para realizar uma revolução biológica. Tudo isto chegou a um mundo dirigido por impulsos bem diferentes. Pelo entusiasmo que a pregação arrastadora de S. Francisco acordou no povo sofredor, porque lhe oferecia a esperança de uma vida melhor, se reuniu atrás dele uma multidão de seguidores, tanto mais porque o entusiasmo popular se concretizou numa imensa colheita de recursos, com os quais foi rapidamente construído, para honrar a pobreza, o mosteiro e a basílica de S. Francisco em Assis, um castelo imenso que hoje vale bilhões. Na igreja superior da basílica de S. Francisco de Assis, há, à direita, um afresco de Giotto que representa o Papa Inocêncio III que, numa visão, em sonho, vê a grande basílica do Laterano, em Roma, caindo e S. Francisco sustentando-a para não cair. É lógico que esse papa aprovasse, até santificá-lo um homem que tinha levantado o entusiasmo popular para Cristo e o Evangelho, que constituíam as bases teóricas do poder terreno da Igreja, que o Laterano representava. O grande exemplo cristão de S. Francisco confirmava a doutrina na qual se baseia o papado e com isso a legitimidade da hierarquia eclesiástica e do seu poder terreno. Aquilo de que mais precisa o pastor que deve dirigir é o rebanho das ovelhas que obedecem. Não se pode esquecer em que mundo vivemos. Então é lógico que nele, cheio de gente que quer possuir e mandar, a coisa mais agradável e aceita seja a de encontrar quem renuncia a possuir e a mandar, substituindo estes dois impulsos pelas virtudes da pobreza e da obediência.

Foi por isso que S. Francisco foi glorificado por um mundo que está nos seus antípodas. Talvez na providência de Deus não houvesse outro meio para que seres situados no nível evolutivo do subconsciente instintivo pudessem no seu ambiente aceitar um biótipo tão diferente deles, situado no nível evolutivo do super-homem. E de fato os seus seguidores ficaram no seu nível, rebaixando-lhes tudo, porque, mais do que a sua natureza continha, eles não podiam entender. É inevitável que qualquer ideal, descido do alto, não possa sobreviver na terra senão em forma torcida, adaptando-se às condições biológicas dos indivíduos que têm de realizá-lo. O nosso mundo não é dirigido pelas antecipações ideais do futuro, mas pelos instintos, fruto da longa experiência do passado, que mais garante a sobrevivência, desta forma mais segura para seguir os velhos caminhos já conhecidos, do que arriscando-se na aventura da exploração do novo. É por isso que, perante os audaciosos pioneiros, a vida se defende como de um perigo, aceitando-os com prudência, glorificando-os, mas não os imitando, tudo adaptando às suas comodidades, o que pode parecer hipocrisia e traição do ideal, mas que representa uma autodefesa, porque diferente demais é a realidade biológica, em que o ideal quer tomar forma concreta. O amadurecimento das massas, até levá-las ao entendimento das coisas superiores, é lento e trabalhoso e exige tais adaptações, que permitem a assimilação gradual em percentagens progressivas, fato que, porém, não pode impedir que à vista dos mais evoluídos essas adaptações pareçam mentiras.

Como pode o ser primitivo praticar tais virtudes superiores se para ele, que não sabe ressuscitar num nível mais alto, elas representam um suicídio? A vida quer o progresso, mas retrai-se e recua quando esse caminho se torna perigoso demais. O progresso é necessário; sem a descida à terra dos ideais que antecipam e preparam o futuro não seria possível evolução, faltaria orientação no caminho desta, porque se trata de menores, que antes de tudo precisam ser educados por alguém que possua mais conhecimento e saiba dirigi-los. Quem se encontra deslocado em nosso mundo é o homem superior, que tem de se adaptar a viver num nível biológico inferior, que não é o seu. Por isso ele deveria aprender os instintos, defeitos e paixões que movimentam os primitivos. Estes, pelo contrário, se encontram comodamente no ambiente terrestre, mas ninguém mais do que eles precisam de uma educação superior que os tire desse pântano e os levante para o

alto.

* * *

No ambiente terrestre se encontram misturados os três biótipos que vimos, vivendo cada um no seu nível, o do subconsciente, o do consciente ou o do superconsciente. Cada um desses biótipos reage contra o outro conforme sua natureza. Cada um entende, julga e age conforme sua forma mental. Trata-se de três tipos e níveis de sensibilidade e compreensão: a sensória, a racional, a espiritual.

O homem do subconsciente está completamente escravo dos seus impulsos instintivos, sem controle. O homem do consciente é dono dos seus instintos, que ele controla com a razão, da qual é escravo, porque não possui outro meio com que se dirigir, com ele pesquisando no desconhecido. O homem do superconsciente é dono dos instintos e da razão, que domina e controla, orientado pelo seu conhecimento. É como se tratasse de três dimensões sucessivas no desenvolvimento da sensibilização, correspondentes à linha, superfície, volume, uma dimensão acima da outra. E como se se tratasse de três camadas sobrepostas, que revelam as sucessivas posições ocupadas pelo ser no seu crescimento, como acontece no tronco das árvores ou nas estratificações geológicas.

É lógico que o ser do plano superior seja mais completo do que o do plano inferior, e que, quem está em cima, olhando para baixo. julgue os outros mancos e falhos. Claro que um homem do 1.º nível (subconsciente), observado por quem está situado no 2.º nível (consciente), lhe aparecerá como um ser que ainda não sabe pensar, ao qual não adianta explicar, pois que não pode entender. Claro também que um homem do 2.º nível (consciente), observado por quem está situado no 3.º nível (superconsciente), lhe aparecerá como um cego que procura conhecer a natureza das coisas, tateando com os sentidos a superfície delas. Então, para ser entendido por um cego será necessário explicar-lhe tudo com as palavras da razão, que um cego possa entender. Tal princípio é universal. Assim é possível falar com os animais, se falarmos a sua linguagem, que é a dos instintos fundamentais da vida. Assim, o que representa o mais poderoso argumento para um ser superior, pode passar completamente desapercebido para um inferior. Pertence ao primeiro a tarefa de descer até ao segundo, porque quem sabe mais pode entender quem sabe menos, e não ao contrário.

Para que os mais adiantados possam comunicar-se com os mais, atrasados, fazendo-se compreender por estes, impõe-se a necessidade de os primeiros traduzirem e adaptarem a sua linguagem à forma mental dos segundos. Assim, o homem racional, se quiser ser entendido pelo homem do subconsciente, terá que descer ao nível dos sentidos e das emoções. Da mesma forma o homem intuitivo terá de transpor a sua linguagem para o racional da lógica e da demonstração com provas, se quiser ser entendido pelo homem do nível do consciente. O ser não pode compreender o que está acima do seu nível de evolução. Por isso, em nossos livros foi necessário traduzir as nossas visões na linguagem racional, que é a que corresponde à atual forma mental humana. Para ser entendidos pelos biótipos do nível do subconsciente, teria sido necessário traduzir as visões em termos emocionais de medo, esperança, entusiasmo, estimulando com representações bem perceptíveis pelos sentidos. Tal descida é uma necessidade imposta pela natureza das coisas. É por isso que a cada passo encontramos esse fenômeno nas religiões, cuja tarefa é exatamente a de levar até ao nível dos mais involuídos os princípios superiores, que de outro modo eles nunca saberiam atingir. Quem fala, se quer ser compreendido, tem que falar a linguagem dos ouvintes. Isto de fato é o que acontece em nosso mundo, quando se trata de convencer as massas populares. Daí a, necessidade do uso das imagens e das representações do rito nas religiões. Na propaganda política, nas campanhas eleitorais, na venda dos produtos comerciais, para convencer o povo se usam slogans simples, que não querem raciocínio nem esforço de pensamento, repetidos em forma de sugestão hipnótica, dirigidos ao subconsciente, apoiando-se nos impulsos elementares deste.

O instinto do involuído é o de reduzir tudo dentro dos limites da sua forma mental. O que não cabe dentro da sua cabeça. para ele passa despercebido, e é como inexistente. Mas com a evolução a vida se torna uma revelação contínua de uma realidade sempre mais vasta. Uma progressiva sensibilização permite penetrar numa parte cada vez maior das vibrações do universo. O campo dominado pela consciência vai-se

cada vez mais ampliando com a evolução, como se foi comprimindo com a involução até chegar à pedra. É assim que onde o evoluído percebe um mundo imenso, o involuído fica cego e surdo, nada percebendo. Onde um cientista, um pensador, um artista é arrebatado por pensamentos e emoções profundas, e impelido às mais enérgicas reações, um homem comum fica inerte adormece pelo tédio. Há coisas preciosas à porta da sua casa, maravilhas estão batendo para entrar, e ele não responde e retorna as misérias do seu mundo pequeno, porque só sabe entender estas.

Eis a necessidade, para os seres dos planos superiores, de reduzir o seu patrimônio mental aos limites dos planos inferiores, sem o que não é possível comunicação e os ensinamentos não são recebidos. É assim que, se os superiores conhecem a forma mental e o mundo dos inferiores, estes não conhecem a forma mental e o mundo dos superiores. O subconsciente, o consciente e o superconsciente são como três andares do mesmo edifício e o ser pode morar no inferior, no médio ou no superior, andares que correspondem aos diferentes níveis de evolução. Quem mora no inferior não pode conhecer o que há no superior, até que entre no novo apartamento, subindo a escada que o leva até lá. Mas quem mora no apartamento superior se lembra do que há nos inferiores, onde ele morou no passado. Pode assim acontecer que o homem racional, do nível do consciente, no seu comportamento siga os instintos animais que a ele voltam do subconsciente, isto é, do andar inferior onde ele residiu no passado. Isto significa momentâneo retrocesso a posições evolutivas atrasadas.

O homem atual subiu há pouco do andar inferior da animalidade ao médio da consciência racional, e neste vai aprendendo a morar. A lembrança, a forma mental, os hábitos de inquilino do andar inferior estão ainda vivos nele, sempre prontos a voltar. Mas agora ele vive próximo ao terceiro andar, o do superconsciente, e essa vizinhança já lhe permite perceber alguma coisa do que acontece nesse andar superior. Daí descem as revelações das religiões, que o iluminam e estabelecem qual deve ser a sua conduta; descem indivíduos com a missão de mostrar, com a palavra e o exemplo. qual é o caminho para subir até esse andar.

Eis, então, que o nosso mundo está como que suspenso entre dois outros mundos, um debaixo e um acima dele, do primeiro recebendo impulsos inferiores, do segundo, impulsos superiores, impulsos opostos em luta, que, porém, representam o trabalho criador do amadurecimento evolutivo. Assim, quando em nós surge um impulso, pela sua natureza podemos entender de que nível evolutivo ele chega. As chamadas tentações de pecado, para fazer o mal, pertencem ao nível inferior, enquanto as boas inspirações de fazer o bem pertencem ao superior. Mas em cada um surgirão com mais poder os impulsos do seu plano biológico e estes vencerão. Assim, com a sua conduta cada um revelará a que plano pertence, quem é e qual é o seu grau de evolução. É claro que, tratando-se de indivíduos em transformação, destinados mais cedo ou mais tarde a mudar de um andar para outro, encontramos em nosso mundo impulsos e condutas de todo o gênero. Pertence às vozes que descem do plano superior a tarefa de dirigir a escolha entre eles.

Ao observador superficial poderia parecer que o homem possuísse como que três almas diferentes, cada uma procurando dirigir a sua conduta. Mas de fato se trata só de três posições diferentes ao longo da escala da evolução. Quando aparecem apenas os impulsos elementares instintivos, como os da simpatia ou ódio, do medo pelo perigo, da atração sexual, se trata de produtos do nível inferior, o do subconsciente. Quem vive neste plano não conhece mais do que isto, com que resolve os problemas de sua vida. Quando o homem começa a pensar, observar, fazer perguntas e procurar respostas, deduzindo e controlando, eis então que ele atingiu o nível médio, o do consciente. Procura-se, então, resolver os problemas da vida racionalmente. Quando o homem chega a responder às suas perguntas, e por isso a viver esclarecido, resolvendo os problemas da vida com conhecimento, e por conseguinte se conduzindo retamente, então o ser chegou ao nível superior, o do superconsciente.

Subir de um nível para outro é o que constitui o duro trabalho da evolução, que não é inútil, também do ponto de vista da vantagem para o indivíduo. Aumentando o seu conhecimento, aumenta também o poder de defesa de sua existência, porque conhecimento quer dizer sábia orientação, portanto, menor número de erros e menos sofrimentos, os quais têm que ser pagos. Assim o esforço evolutivo é compensado, porque a

vida é tanto mais protegida quanto mais o ser evolui. Ela com a evolução ganha em segurança, amplitude, poder, satisfação, como é lógico que aconteça, porque com a evolução o ser se afasta do AS e se aproxima do S. A vida não pode deixar de ser diferente para quem vive no 1.º nível, como um impulsivo, instintivo, inconsciente; para quem vive no 2.º nível, como indivíduo que sabe raciocinar com inteligência; para quem vive no 3.º nível, como iluminado que atingiu o conhecimento.

* * *

Podemos agora enfrentar o problema de nosso destino, que é o assunto deste capítulo, como anunciamos no seu início. Mas antes era necessário observar a natureza destes três diferentes biótipos porque, do que somos e dos nossos impulsos é que depende o tipo de destino que a cada um dos três biótipos pertence. Assim, neste capítulo observaremos o fenômeno do destino em geral, em função do nível biológico em que o indivíduo vive. Veremos, então, que aos três tipos de homem correspondem três tipos de destino. Veremos depois, dentro do grande desenho deste quadro geral, as linhas do destino no caso particular do indivíduo separadamente.

Cada um de nós traz ao nascer o seu tipo de destino conforme as nossas qualidades, que construímos em nossas vidas passadas, qualidades das quais dependem os impulsos que nos movimentarão em nossa vida atual, dos quais deriva o tipo de conduta e, por isso, de nossa existência. O fato se verifica com qualquer semente. A sua própria natureza já nos diz desde o início qual será o desenvolvimento de toda a sua existência, que a semente já contém em si potencialmente. Isto porque a vida atual não é senão um trecho a mais que se junta a um imenso caminho percorrido no passado. O desenvolvimento de um destino não representa senão a realização atual do que já estava potencialmente contido na personalidade ao nascer. Eis que é possível conhecer qual será o tipo de destino, quando conhecemos o tipo de personalidade. Temos antes de tudo um destino biológico geral, porque pertencemos à raça humana o qual estabelece os vários períodos e duração de nossa vida; um destino econômico e social, dependente da posição e ambiente em que nascemos; um destino, poder-se-ia dizer clínico, que marca com antecedência a nossa pré-disposição a esta ou àquela doença. conforme o organismo físico que recebemos dos nossos pais: por fim, acima deles, temos o que se poderia chamar um destino psicológico e espiritual, em que se revela a verdadeira personalidade e o poder do eu, mais ou menos dono de si mesmo, reagindo contra as condições impostas pelos outros destinos inferiores, para dominá-los e tornar-se sempre mais livre, a eles impondo sua vontade, e se for maduro, com a sua conduta moral deslocando-se para um plano de vida mais alto, para aí se realizar como ele quer, conforme sua natureza.

É preciso entender que amadurecimento evolutivo significa elevação de nível biológico, o que significa elevação de tipo de destino, com as correlativas vantagens e desvantagens. Isto depende do comportamento dependente das qualidades do indivíduo, e que é diferente conforme o seu nível. Assim um homem do 2.º tipo poderá ser sincero e virtuoso, mas sobretudo por calcular uma vantagem para si (paraíso ou inferno etc.), enquanto um homem do 3.º tipo o será sobretudo por um princípio ideal. Assim, o tipo médio na sua conduta procurará a aprovação do mundo, coisa para ele muito importante. O tipo superior pedirá apenas o julgamento de Deus, porque sabe o que vale o do mundo. O tipo médio aterroriza-se com as condenações do mundo. O tipo superior depõe sua consciência perante Deus. O tipo médio é vaidoso, porque está vazio. O tipo superior é humilde, porque é virtuoso e, por isso, o seu valor não precisa dos louvores dos outros. As finalidades do tipo médio estão todas neste mundo; as do tipo superior estão além deste, num mundo superior. Eles, na luta para defender sua vida, seguem dois métodos completamente diferentes. O primeiro conduz-se como um ser que vive isolado do universo e de Deus, só podendo contar com o que possui, com a sua força e astúcia. O segundo não vive isolado no universo e separado de Deus, sabendo que basta praticar a Lei, porque então ele pode contar com forças superiores que impõem a justiça de Deus. O 1.º acredita que, fazendo o mal, seja possível vencer .O 2.º sabe que isto significa perder. o 1.º representa a forma mental do mundo. O 2.º representa ao contrário, o superior espírito do Evangelho.

Assim, conforme sua natureza, o indivíduo traz consigo já estruturado o seu destino, não como uma fatalidade cega e injusta, mas como urna lógica e justa conseqüência das causas semeadas e qualidades

impressas no eu nas vidas precedentes. A maioria vive cega a respeito de tais problemas. Mas eles são fundamentais para quem queira viver dirigindo-se com inteligência. Então, para conhecer qual é o tipo de destino que lhe pertence, é necessário antes de tudo conhecer o nível evolutivo em que o indivíduo vive, isto é: 1) o inferior, instintivo, do subconsciente; 2) o médio, racional, do consciente; 3) o superior, iluminado, do superconsciente. Trata-se de três níveis biológicos, em cada um dos quais a vida é regida por leis diferentes. Ora, pertencer a um ou outro desses níveis, estabelece a Lei a que o indivíduo tem de ficar sujeito, a lei em cujas normas tem de ficar enquadrado todo movimento seu e ligado o desenvolvimento do seu destino. É lógico que o conteúdo de cada vida dependa da posição que o ser ocupa ao longo do caminho da evolução, em função daquele que foi percorrido no passado. Esta é a base para conhecer, nas suas linhas gerais, qual deve ser o conteúdo de nossa vida, conforme o tipo de destino próprio de cada um.

Teremos, então, três tipos fundamentais de destino: o de quem vive no 1.º nível; o de quem vive no 2.º nível; o de quem vive no 3.º nível.

No 1.º caso o desenvolvimento da vida é simples, dirigido por poucos impulsos fundamentais, dos quais é fácil prever os efeitos. O indivíduo possui poucas idéias e com elas resolve os seus poucos problemas. Eles são os da fome e os do amor. Quando o ser tem saciados os desejos do estômago e do sexo, fica satisfeito porque cumpriu todas as funções que a vida lhe pede: assegurar a conservação individual e a da espécie. Com isso a sua tarefa biológica se esgota. Para além disto, que é todo o mundo seu, nada sabe, nem procura. A lei desse nível biológico não vai além desses estreitos limites, dentro dos quais, então, está marcado o caminho ao longo do qual se desenvolverá o destino de quem vive nesse nível Para ele, o impulso de crescimento poderá manifestar-se no desejo de satisfazer sempre mais os seus impulsos fundamentais, do estômago e do sexo, isto é, não trabalhar, engordar, gozar, ter mulheres e filhos, mas sem sair de tal tipo de experiências. Esse é o conteúdo do tipo de destino do indivíduo do 1.º caso.

No 2.º caso, por maiores experiências que enriqueceram o eu de novas qualidades, o desenvolvimento da vida se torna mais complexo, dirigido por novos impulsos, com maior amplitude de escolha e de correlativos efeitos. O indivíduo conquistou novas idéias, concebe e consegue resolver maiores problemas. Estes são não somente os elementares do estômago e do sexo, mas também os do poder, da organização social, do domínio sobre as forças da natureza, os da riqueza, da glória, do conhecimento etc. Nesse nível a vida não pede somente que se resguarde a conservação do indivíduo e da espécie, mas que isto seja feito com maior abundância e segurança, desenvolvendo ao serviço da defesa uma arma mais poderosa do que a dos primitivos: a inteligência. Mas esta fica fechada dentro de limites, além dos quais a mente da maioria não sabe e pouco procura saber, neste seu nível ficando satisfeita com a solução daqueles problemas, sem olhar para outros mais longínquos. Eis, então, que dentro de tais limites está marcado o caminho ao longo do qual se desenvolverá o destino de quem vive nesse nível. Além do que constitui o conteúdo da forma mental do indivíduo. conforme o seu plano de evolução, o ser não pode conceber nem realizar, e, por isso, o seu destino não pode conter mais. Enquanto não subir para formas de vida superiores, ele ficará amarrado a tal tipo de experiências, que representam a tarefa que lhe cabe, o trabalho que deve cumprir. A vista desse biótipo não enxerga mais vastos horizontes. Se não tiver adquirido um novo amadurecimento evolutivo, a entrada para um nível superior lhe ficará fechada e ele não poderá entrar. Sabemos, assim, qual é o conteúdo do tipo de destino do indivíduo do 2.º caso.

No 3.º caso, por ter feito novas experiências e conquistado novas qualidades, o desenvolvimento da vida se torna ainda mais complexo, dirigido para horizontes imensamente mais vastos. Pelo novo entendimento adquirido, nascem novos impulsos, que movimentam o ser para novos caminhos, que o levam além dos precedentes. Ele não existe mais só para si, cercado de mistério, no seu pequeno mundo terrestre, mas vive conscientemente em função do universo, do qual se torna cidadão, coordenando-se organicamente no seio do seu funcionamento. Ele concebe e resolve novos problemas. Progredindo no conhecimento da natureza das coisas, não cai mais vítima das tantas ilusões da vida. Ele finalmente entendeu que os velhos objetivos pelos quais tanto lutava, têm valor relativo. A sua vida transbordou para além dos velhos limites, em que ficava presa. Assim, ela adquire novo significado e conteúdo. Ao invés das restritas conquistas terrenas para escravizar os vencidos, surgem as conquistas da inteligência e do espírito para erguer todos a

um nível evolutivo mais adiantado e feliz. Chegando a esse plano, o ser transformou a sua vida de cego, dirigido pelos instintos mais ou menos controlados, na de um iluminado dirigido pelo conhecimento. Eis, então, que o caminho, ao longo do qual se desenvolverá o destino de quem vive nesse nível, está marcado, mas para além dos velhos limites, em direção diferente. O ser não está mais fechado neles, descobriu uma nova forma de existência, adquiriu nova forma mental, com a correlativa conduta. Mudou com isso o caminho do seu destino. Por ter atingido esse nível superior, se torna possível para o indivíduo a realização dos valores imperecíveis, que estão atrás das aparências que constituíam o mundo do precedente nível inferior. É lógico que esse outro biótipo, isto é, o do 3.º caso, tenha um tipo de destino, cujo conteúdo é completamente diferente dos dois casos precedentes.

Nestes três casos vemos funcionar o indivíduo em três níveis diferentes. No 1.º caso, ele funciona como ventre, no 2.º como cérebro, no 3.º como espírito. O centro da vida se desloca dos sentidos à mente, à alma, subindo para formas de existência cada vez mais evoluídas. Na luta pela vida, cada um resolve o problema fundamental da sua defesa de uma maneira diferente: o 1.º biótipo apenas com a força bruta dos seus recursos físicos, ignaro de qualquer idéia de justiça; o 2.º conhece o que é justiça, mas a usa só para defender os seus interesses, em seu proveito; o 3.º biótipo não julga e se entrega completamente à única verdadeira justiça, a de Deus, usando como arma para a sua defesa somente a sua obediência a Lei.

Deste modo vão progredindo juntas a sensibilização do ser, a sua inteligência, a sua capacidade de entender, e assim evitando-se erros e as correlativas dores. Claro que assim muda o tipo de vida que pertence ao ser, o que quer dizer que a evolução transforma também o tipo de destino que espera o indivíduo em seu nascimento. Ele tem que lutar, para subir de um plano biológico para outro, mas uma vez atingido um mais adiantado, isto automaticamente implica o desenvolver-se da sua existência, conforme um tipo de destino diferente dos precedentes, proporcionado ao novo nível em que o indivíduo, de acordo com o seu amadurecimento, mereceu nascer.

* * *

A conclusão a que até aqui chegamos é que há três tipos fundamentais de destino, conforme a natureza do indivíduo, representada pelo nível evolutivo em que ele se encontra. Ora, quando conhecemos esse fato básico, eis que já possuímos os elementos para estabelecer qual é o tipo de destino que a cada indivíduo caberá na sua vida. Quando, através do estudo das nossas qualidades, podemos individuar qual é o nosso tipo biológico, eis que já podemos determinar nas suas linhas gerais qual será o nosso destino. Estabelecido esse primeiro ponto de nossa pesquisa, continuemos aprofundando cada vez com maior exatidão a observação do fenômeno -

O que dissemos até aqui a este respeito, não nos oferece senão uma visão esquemática básica para nos orientarmos na pesquisa e enfrentarmos a solução do problema. O nosso objetivo é o de chegar a estabelecer um método que nos ensine como conhecer o destino particular de cada um e prever o seu desenvolvimento. Isto se torna para nós possível pelo fato de que agora estamos orientados dentro do plano do universo, pela solução, oferecida em nossos livros, de tantos problemas, que religiões, filosofias e ciência ainda não te solveram. Os menores problemas particulares não podem ser resolvidos. senão depois de ser atingida a solução dos problemas universais, que nos orienta na pesquisa. O nosso mundo procura soluções isoladas, mas problema nenhum é solúvel isoladamente, num universo onde tudo é ligado e comunicante, regido por uma só lei, fundamentalmente unitária.

Um fato que é preciso levar em conta é que na prática os mencionados três níveis não se apresentam como três compartimentos estanques, absolutamente separados um do outro, mas como três fases sucessivas e contíguas do mesmo processo evolutivo, que todos estão percorrendo. É fácil assim compreender que o passado transposto esteja superado, mas não completamente destruído, podendo voltar a sobreviver como um retorno ou lembrança daquele passado. Aparece, então, na superfície da consciência o que foi escrito nas camadas inferiores da personalidade, ao longo do caminho do seu desenvolvimento.

Pode ocorrer que um indivíduo não viva somente num dado nível biológico, sujeito ao correlativo tipo

de destino, mas viva numa fase de transição de um nível para outro, na qual lutam para se concretizar impulsos que provêm dos planos inferiores, juntamente com outros dos superiores. O que prevalece depende da medida em que o passado foi superado. Lembremo-nos de que se trata de um fenômeno de evolução, o que representa um continuo transformismo. Eis como pode nascer a luta entre o velho, que não quer morrer, e o novo que, por lei de evolução, quer e deve nascer. Velho e novo significam diversas qualidades da personalidade e correlativos impulsos que dirigem a sua conduta. É preciso, então, para estabelecer qual será o destino do indivíduo, conhecer que o tipo biológico nele prevalece por ser mais poderoso, e que por isso vencerá na luta. Para prever, então, qual será o destino de um homem, é necessário antes de tudo saber em que medida a sua personalidade contem as características de cada um dos três níveis. No 1.º caso, o ser vive todo no plano instintivo animal e não há luta entre impulsos diferentes. É no 2.º caso, que é o da maioria humana, que surge o problema de saber até que ponto o animal do 1.º caso está ainda vivo no homem, e até que ponto apareceu o novo biótipo deste 2.º caso. No 3.º caso, que é excepcional na terra, o problema é saber até que ponto no homem sobrevive o biótipo do 1.º e do 2.º caso.

Pode assim acontecer que o indivíduo não ocupe somente um nível de evolução. Como já frisamos no capítulo precedente, a estrutura do eu, mais que por um ponto, pode ser apresentada por uma linha, que vai avançando ao longo do caminho da evolução. O seu ponto mais adiantado é representado pela cabeça que vai explorando o futuro para subir. O seu ponto mais atrasado é como uma cauda que vai morrendo abandonada no passado. Com a evolução, a vida se desenvolve do lado da cabeça, ficando superada do lado da cauda. Então a luta pode nascer entre a cabeça, que exige todas as energias vitais para subir, e a cauda que quer ficar dona do terreno que foi o seu. Tudo isto acontece dentro da amplitude evolutiva que o eu abrange. A conduta do ser depende das qualidades que possui e dos impulsos que nele prevalecem. Quando o indivíduo deixa prevalecer os do lado da cauda, que representa o mal, então está voltando para trás, involuindo para o AS. Quando o indivíduo deixa prevalecer os impulsos do lado da cabeça, que representa o bem, então está progredindo para a frente, evoluindo para o S.

Eis que este estudo de psicanálise nos leva ao terreno da ética, da qual ela não se pode separar. Podemos agora entender o que significa a luta que as religiões ensinam contra os instintos inferiores para superar a animalidade, substituindo-a por outros hábitos e qualidades. Explica-se como possam ter valor e função biológica a renúncia pelo ideal, os impulsos de sublimação, conceitos que de outro modo aparecem biologicamente destrutivo, e por isso condenáveis.

É coisa comum em nosso mundo, que religiões e leis, se querem sei entendidas, têm de se moldar. De fato, a ética atual se baseia na premissa de que, face ao tipo dominante, elas se lhe proporcionam e se lhe adaptam quando querem educá-lo para a superação dos seus instintos animais, para que prevaleçam impulsos mais elevados Realmente as religiões partem dos pressupostos do pecador, que elas têm de converter do mal para o bem. Existem, porém, apesar de excepcionalmente, biótipos mais adiantados, para os quais é lógico que essa ética resulta absurda, porque com a sua forma mental de outro nível biológico, eles concebem tudo de forma diferente, já tendo realizado aquelas superações que se exigem deles. Mas pode existir também o caso do biótipo do 3.º nível, que tem de lutar para que nele não prevaleçam os impulsos do 1.º e 2.º nível, no lugar dos do 3.º. Isto pode acontecer no caso em que o indivíduo entrou há pouco em novo plano de existência e até esta altura ainda não consegue levantar todo o seu eu das suas precedentes moradas inferiores.

Uma ética completa deveria ser construída por níveis diferentes para ser proporcionada à natureza e exigências da personalidade de cada um desses biótipos. É lógico que a ética que dirige o trabalho de construção biológica, que pertence a um involuído, não pode ser igual à ética que pertence a um evoluído. O que o nosso mundo mais procura é menor trabalho possível, de modo que tudo está feito em série, para as maiorias e a minoria abandonada a si mesma está fora da série. Pode assim se verificar luta entre éticas de nível diferente, cada uma feita para dirigir um biótipo diferente, sendo os mais evoluídos expulsos da regra geral, que vale para a maioria. É lógico, então, que tais indivíduos se isolem e afastem das massas, que seguem outro caminho, que não é o seu. Podem assim acontecer que os melhores sejam condenados como inimigos das religiões, enquanto talvez eles sejam os poucos que possuem a verdadeira espiritualidade.

De tudo isto podemos concluir quão complexo seja o problema da ética e como ele não possa ser resolvido isoladamente, mas apenas em função da solução de muitos outros problemas, como até aqui os temos estudados.

* * *

Observemos agora mais de perto como se desenvolve, dentro da amplitude que o eu abrange, essa luta entre planos evolutivos diferentes. Assunto importante, porque nesta luta se manifesta a técnica com a qual se realiza o processo da evolução através do amadurecimento do eu. A este respeito já vimos que ele se pode encontrar em três posições: 1) nível inferior, 2) nível médio, 3) nível superior. Mas elas não são senão três degraus sucessivos do seu contínuo caminho evolutivo. Para o homem, o ponto de partida é a posição 1), isto é, a da animalidade; o ponto de chegada é a posição 3), isto é, a da espiritualidade. A evolução consiste nesse deslocamento de um nível para o outro. O processo da evolução humana se realiza na amplitude representada por estes três níveis. É por. isso que os estamos estudando, porque eles nos mostram o caminho do desenvolvimento da personalidade humana.

O homem do nível inferior é um primitivo sem conhecimento, sem saber o que faz, porque é dirigido por alguns elementares instintos animalescos, aos quais ele obedece cegamente. Em nosso mundo ele constitui as raças inferiores, as camadas mais baixas da sociedade, mais do que economicamente, baixas intelectual e moralmente, de modo que tal tipo de involuído se pode encontrar também no meio dos ricos e seletos da nossa sociedade. Mas qualquer que seja sua posição exterior, tal biótipo fica sempre na lama que é o seu ambiente natural, do qual gosta, sem desejo de sair dele. Fica satisfeito na terra, seu paraíso, no qual encontra egoísmo, ferocidade, guerras, roubos, crimes, tudo do que ele precisa para desabafar os seus instintos.

Um trabalho superior, dirigido para a espiritualidade, inicia-se no nível médio, que é aquele onde está situada a nossa civilização. Aqui o homem começa a sair do pântano da animalidade, adquire e desenvolve a inteligência, funda religiões e filosofias, descobre a arte, a organização social, a ciência. Mas o nível precedente não está ainda esquecido e definitivamente superado. Ele sobrevive no subconsciente, dele volta para dominar, e a inteligência, que deveria ser usada para se libertar, é colocada a seu serviço. As religiões, em nome do ideal de espiritualidade do 3.º nível, pregam a libertação e a superação da animalidade do 1.º nível, mas para quem pertence a um plano biológico inferior é muito difícil entender a verdade de um plano superior. Então tal biótipo a aceita só na aparência, e na realidade a pratica como uma forma de hipocrisia. A verdade em que de fato o indivíduo acredita é a do seu nível de vida, aquela que ele traz impressa na sua personalidade e que representa a sua forma mental, com a qual ele tudo concebe, entende e julga. Um verdadeiro trabalho de superação por sublimação, que afasta o ser da animalidade, se faz no 3.º nível. Em nosso mundo aparecem as funções do consciente racional, mas estas são usadas em favor do subconsciente animal. Existem grandes descobertas científicas, testemunhos do valor da inteligência humana, mas o uso delas é para fazer guerras. matar destruir obedecendo aos instintos animalidade. Isto nos mostra que no fundo o homem moderno possui a forma mental da fera na floresta, da qual difere pelo fato de que, para satisfazer os seus impulsos primitivos, usa métodos inteligentes, que não são mais os dos dentes e garras, mas as armas atômicas. O homem chegou ao conhecimento que a ciência lhe oferece, não para superar os instintos e se orientar diferentemente, mas para os satisfazer com meios mais poderosos. Assim o eu não dominou o inferior, mas se colocou às suas ordens. O poder da inteligência não foi conquistado para subjugar o subconsciente, mas para servi-lo. Ela não foi utilizada para subir, mas se tornou astúcia dirigida para as satisfações materiais, vantagens imediatas egoístas; o que devia ser um meio de ascensão, se prostituiu a serviço do que é inferior.

O verdadeiro trabalho construtivo da espiritualidade inicia-se no nível superior. O eu superior começa a afirmar-se com a sua luta contra os impulsos do subconsciente, para atingir a definitiva superação da animalidade. Neste plano o homem não coloca a sua inteligência à serviço da sua parte inferior, mas da superior. O eu não se alia à sua parte mais baixa, mas à mais alta. A balança, que no nível médio se

inclinava incerta ora para um lado, ora para outro, em tentativas nem sempre bem sucedidas na luta contra o subconsciente, agora pende para o lado do superconsciente. Se dividirmos a amplitude da personalidade humana em três terços ou níveis, vemos que no 1.º caso o que domina é o 1.º nível; no 2.º caso começa a dominar o 2.º, mas em favor do 1.º e ao mesmo tempo realizando tentativas para subir para o 3.º nível; no 3.º caso é o 3.º nível que se alia ao 2.º para dominar e superar definitivamente o 1.º nível. Assim, é neste 3.º caso que se realiza a grande batalha da sublimação, que leva o ser para o plano biológico superior. Certo que, ao homem que já atingiu o 3.º nível e que pela sua natureza é levado a tomar a sério o ideal vivendo-o de fato, deve parecer uma coisa muito estranha o utilizar-se o ideal para cobrir e ajudar o esforço de satisfazer os impulsos inferiores. Mas de outro lado como pode o homem do 2.º nível entender o que está acima da sua natureza, para além dos limites da sua forma mental? E como se pode exigir que ele tome a sério para vivê-lo o que não pode entender? Há distância entre um plano de vida e o outro, e o ser tem que percorrê-la toda, se quer atingir o superior. Mas, apesar de tudo, é a este 3.º nível que terá de chegar a humanidade de amanhã, é o homem desse tipo superior que dominará no futuro.

Chegado a este ponto da sua evolução, o ser não gasta mais o seu tempo e energias na luta contra o seu semelhante. A inteligência mostrou ao homem qual é o verdadeiro sentido da vida, o seu objetivo, o caminho a percorrer. Então, tempo e energia serão inteligentemente usados, não mais, nas vás tentativas de um cego, mas no trabalho que dá mais fruto como conquista de felicidade o trabalho da superação da animalidade e do aperfeiçoamento moral. A ética e as religiões se tornarão problema de atualidade, vital, biologicamente fundamental, porque terão de cumprir inteligentemente a tarefa de dirigir a evolução da humanidade.

Há uma diferença básica entre a religiosidade do homem do 2.º nível e a do homem do 3.º nível. O primeiro, obedecendo à lei do seu nível, concebendo tudo em forma de luta, segue o método gregário, pelo qual uma doutrina ou religião é antes de tudo um grupo ao qual ele pertence e que representa o castelo dentro do qual ele mora, castelo armado contra todos os outros. Na religião desse biótipo, qualquer que ela seja, está implícita a condenação de todas as outras, constituídas por grupos humanos rivais e inimigos. Claro que os ideais das religiões, produto do 3.º nível, descendo ao nosso mundo não podem modificar as leis biológicas aqui vigorantes, que são as do 2.º nível.

A religião do biótipo do 3.º nível é imparcial e universal, não um partido de grupo. Pela sua forma mental completamente diferente, ele não se pode sujeitar à maneira de conceber e agir das massas. Expulso do terreno delas, ao qual ele não se pôde adaptar, porque a sua fase de trabalho evolutivo é diferente, o homem do 3.º nível permanece no mundo um isolado e condenado, envolvido num tremendo esforço ascensional, pelo qual este pioneiro do porvir está procurando sozinho aproximar-se sempre mais de Deus. Tal indivíduo não pode ficar preso a formas diferentes que dividem as religiões, enquanto para ele a coisa mais importante não é a forma. mas a substância, que pouco interessa ao nosso mundo. Ele sabe que a verdade de Deus está acima da luta, e que a do homem não pode ser atingida por absolutismos, porque é relativa e progressiva.

Mas o nosso mundo está constituído pelo homem do 2.º nível, que pensa com a sua forma mental e dela não pode sair. Ora, para quem vive nesse nível, o homem do 3.º tipo é irreligioso, causa de escândalo porque está fora do rebanho, condenado por isso. Mas para o homem do 3.º tipo, o do 2.º é um ser movido, sem conhecimento, pelos instintos do subconsciente. E quando o 3º tipo se queixa, porque a religiosidade não é o que deveria ser para ele, os representantes das religiões entendem sua queixa como condenação do que é santo, como falta de religiosidade, como suspeita rivalidade de interesses religiosos, porque tal é a forma mental dos homens do 2.º tipo, que pronunciam esse julgamento. Tudo tem que existir em função da capacidade de entender de um dado biótipo. Também as religiões têm que obedecer à psicologia das massas, se adaptar às formas que ela exige, se querem penetrar em nosso mundo. O 2.º tipo precisa de imagens que impressionem os seus sentidos, o 3.º tipo, ao invés disso, se ocupa em modificar a sua vida a cada momento. O 2.º tipo procura seguidores para potencializar o seu grupo. O 3.º tipo deixa tais proselitismos fanáticos e, sem impor à força a sua fé aos outros, procura melhorar-se a si mesmo e à sua conduta para com os outros.

Eis então que o homem do 3.º nível é um desterrado em nosso mundo, um expulso pela maioria que faz tudo só para si, obedecendo às leis do seu plano biológico. Tal expulsão é lógica, porque esse homem está saindo das fileiras da gente comum, está se deslocando com o seu centro vital para outro plano de vida, ainda desconhecido para os outros, não pode então funcionar como eles, em série, dentro do rebanho comum. O 3.º tipo está definitivamente superando e abandonando ao seu passado o que pertence ao nível inferior dos instintos, que representa o mundo dos outros, e está acordando no nível do superconsciente. Dura é a vida desse tipo, mas é verdade também que ele está ocupado no maior trabalho da evolução, o de fazer nascer um novo ser. E ele tem de realizar tal esforço no meio da luta pela vida, que na terra não cessa. Então, neste caso o indivíduo tem de sustentar duas lutas, uma interior e outra exterior, uma para chegar à superação das suas velhas formas de vida, e outra para não ser esmagado pela agressividade dos outros. O mundo só pratica a segunda luta, a dirigida contra o próximo, não se interessando pela primeira. Encontra-se por isso em posição de menos trabalho, o que é vantagem. Mas o mundo não realiza o esforço da superação e por isso continua ficando no seu nível evolutivo, o que representa a sua maior condenação, porque sabemos que dores ele contém. Tudo isto está claro para quem entendeu a verdadeira finalidade da vida, isto é, a conquista de valores superiores, para avançar no caminho que vai do AS ao S.

Enquanto o mundo muito pouco entendeu de tudo isto, o biótipo do 3.º nível está todo empenhado no esforço da superação. A sua personalidade contém e domina os três momentos ou posições evolutivas do eu: a inferior (instintos), a média (razão), a superior (conhecimento). Neste caso o que dirige a vida é o espírito, dominando os outros dois momentos do eu com um regime de disciplina estabelecida conforme os princípios superiores da Lei de Deus. Ao impulso para o gozo substitui-se o hábito da virtude. Cabe ao eu superior tomar a iniciativa das novas criações biológicas, arrastando para a frente a sua parte inferior, ignara e preguiçosa, amarrada aos velhos caminhos que já experimentou e refratária a enfrentar o perigo dos novos. O eu inferior sabe que a sua parte constitui a parte sólida onde se funda o edifício da vida e repele a aventura que lhe oferece o fascínio do desprendimento, que arrebata para o alto o eu superior. Eis dois destinos: o do homem do mundo e o do super-homem, pequeno destino cinzento o primeiro, satisfeito por engordar e proliferar; destino trágico e sublime o segundo, cheio de lutas e dores, mas com vitórias imensas.

* * *

Finalmente, que quer esse homem superior? Ele é um ser que procura a libertação. Entramos em nosso mundo pela porta do prazer, para sermos condenados a uma vida de ilusões e dores, dominados ao mesmo tempo por uma imensa fome de felicidade. O homem procura, usando qualquer meio e vai ao encontro dela furtando-a, violando a Lei de Deus. Mas, quanto mais alegria ele acredita encontrar, tanto mais se afunda na insatisfação e sofrimento. Isto parece um jogo cruel e traidor, mas corresponde à lógica e justiça O ser quereria voltar de graça a possuir a perdida felicidade do S, mas para atingi-la é preciso remir-se, percorrendo com fadiga, subindo, o caminho fácil que foi percorrido na descida, com a involução depois da revolta. Por isso estamos amarrados à cruz. Entretanto almejamos o contrário. Então, acreditando ser astutos, quando somos só ignorantes, escolhemos o caminho mais agradável, o da descida, assim, ao invés de subir para o S, que é felicidade, descemos para o AS que é sofrimento. Esta é a trágica posição do homem do 2.º nível, a de um esfomeado que não pode comer, porque não pode encontrar outro alimento senão aquele que ele próprio envenenou com a sua revolta. E para o desenvenenar não há outro meio senão o caminho da cruz. Eis o drama da vida humana: desesperadamente almejar felicidade, mas ser condenado ao sofrimento, e não ser possível sair dele, senão por um doloroso esforço de superação.

O homem do 3.º nível entendeu tudo isto, sabe que há um caminho pelo qual é possível atingir a libertação, enfrenta-o corajosamente, e vai subindo e afastando-se do nosso mundo, nele deixando o homem do 2.º nível mergulhado no sofrimento, em vão procurando realizar o paraíso no seu inferno terrestre. Outra solução não há. Parece coisa bem estranha que quem procura gozar encontre o contrário, e que a alegria não se possa encontrar senão através do sofrimento. Tudo isto parece um truque diabólico, um emborcamento para enganar. Mas é assim exatamente porque se trata de endireitar o que estava emborcado, por culpa do próprio ser na sua revolta contra à Lei de Deus. É por isso que a escola da vida é uma dura lição cheia de dores. Ela representa o caminho difícil da subida, que deve corrigir o outro fácil, às avessas, percorrido na

descida. A vida é um jogo sutil, completamente diferente daquele que parece ser. O nosso destino, seja nos seus princípios universais, seja no caso particular de cada indivíduo, contém nem mais nem menos o que nos pertence, conforme o nosso merecimento e justiça.

Que lei justa e tremenda há atrás das aparências! E o homem acredita que seja possível com a sua força ou astúcia eximir-se dela! Cada um escolhe o seu caminho: quem é gozador, quem é avarento, apegado à posse dos bens materiais, quem é orgulhoso, ávido de poder e glória, quem é agressivo, guerreiro, quem segue a vereda do sacrifício e do amor. Assim cada um constrói o seu destino, em que se realiza a prestação de contas. Em geral isto significa ter de pagar a violação da lei com o próprio sofrimento. O princípio do egoísmo, do separatismo, do antagonismo e luta, do qual derivam tantos dos nossos males e que constitui a base de nosso tormento, não foi criado por Deus, que não podia agir contra si mesmo, mas é conseqüência da revolta, e por isso é justo que paguemos. Mas o homem do 2.º tipo está fechado na forma mental do seu nível, de modo que não pode entender esta conversa.

Para ele a sabedoria não consiste em ter compreendido a imensa vantagem de obedecer à Lei de Deus, mas em saber enganá-la, para chegar à satisfação de obedecer aos instintos inferiores. A inteligência serve para esconder a verdadeira cara sob uma mascara que permite parecer por fora pessoa nobre e digna de respeito. Para ele o homem sincero que acredita no ideal é um simplório que não conhece a vida e que por isso é a coisa mais procurada, porque é fácil enganá-lo e explorá-lo. Assim a inteligência deve ser usada para a própria vantagem e para dominar os outros, e é louco quem a usa para o seu dano e vantagem dos outros que procuram dominá-lo.

Mas eis que, acima das sagacidades humanas, o que de fato manda e acaba vencendo é a justiça da Lei. O homem do 2.º tipo obtém a sua vantagem imediata de vencer no seu mundo e com essa satisfação recebe a retribuição do seu trabalho, momentânea que acaba com a vida. Na vida seguinte ele se encontra no mesmo nível evolutivo, sem ter ganho um passo. O homem do 3.º tipo é um desterrado e vencido neste mundo, onde não encontra senão luta e sofrimentos, está envolvido num duro trabalho de evolução que o outro biótipo não conhece, mas constrói o seu futuro. Na sua vida seguinte ele receberá o fruto desse, trabalho, porque se encontrará num mundo de nível evolutivo mais adiantado, usufruindo bens valiosos.

O princípio da evolução é que, todo esforço que o ser executa para subir, está compensado por um proporcionado melhoramento das condições da sua existência. Esta é a justiça da Lei. Ora, se a vida é mais fácil para o homem do 2.º tipo, porque não se fadiga com trabalhos em sentido evolutivo, é verdade também que ele fica estacionário no mesmo nível e, do ponto de vista do seu progresso, a sua existência é inútil, representando perante o maior objetivo desta, um tempo perdido. Disso o indivíduo é avisado pela sua intima insatisfação, por uma sensação de vazio e cansaço de tudo, que o persegue e que para ele desvaloriza as coisas mais preciosas. E regra geral: o que possuímos vale em proporção do esforço que nos custou o fato de o procurar. Eis então que o bem-estar no ócio tira todo valor à vida do indivíduo, que não pode deixar de sentir que não vale nada, porque não sabe fazer e não quer fazer nada. E assim que pela dita lei de justiça, as que parecem ser as melhores posições sociais, as que a maioria inveja, muitas vezes são as piores. porque roídas por dentro por essa desvalorização do indivíduo, devida à sua vida inútil no bem-estar.

Ora, o homem do 3.º tipo, que luta desesperadamente contra o mundo para superar a sua própria inferioridade animal, não pode deixar de ter consciência do seu valor, que lhe testemunham as conquistas que ele está realizando. No meio dos seus sofrimentos sabe que se está deslocando para o alto, realizando o maior impulso da vida, ao qual os preguiçosos se recusam, e que é do crescimento. O teclado que tal biótipo pode tocar é muito mais extenso que o comum, porque seu centro vital se está deslocando de baixo para cima e permanece ativo em vários níveis. Assim, ele possui uma personalidade rica, até ao ponto que ela na luta entre o subconsciente e o superconsciente, pode parecer múltipla e, para o psicoanalista superficial, até patológica. No meio dessa guerra para a superação, a personalidade fica fervendo numa contínua febre, que não aparece em quem está tranqüilamente adormecido, radicado no 2.º nível. Febre pode significar complexos, crises de adaptação, desequilíbrio de impulsos e movimentos, conduta contraditória, que parecem sintomas de doença, quando representam crises de crescimento. Outro é o modelo biológico do

homem do 2.º nível, equilibrado, mas numa posição estática, ignaro de tais dinamismos revolucionários e criadores. É lógico que, olhado do ponto de vista de tal biótipo, o homem do 3.º nível seja condenado.

Sobre estas bases se levanta o destino de cada um, já marcado conforme sua natureza. O mundo parece inconscientemente se aperceber da desvantagem do seu método de vida, e parece que esteja com ciúme de quem quer superá-lo. Por isso se lhe agarra para paralisá-lo, parando-o na sua subida. Então, num mundo onde o que importa é parecer virtuoso, mais do que sê-lo, o homem superior acaba sendo o mais censurado, porque não trabalha para esconder os seus defeitos, mas para destruí-los, assim ajudando, contra si próprio, a agressividade dos outros. Deste modo, ao invés de se cobrir, se descobre; ao invés de se desculpar, se acusa. O mundo se rebela contra tal emborcamento dos seus métodos, que soam como uma condenação para ele. Assim o homem do 3.º nível será sempre condenado pelo mundo como um escândalo, um mau exemplo, um perigoso descobridor de mentiras, porque ele incomoda estragando o fruto da trabalhosa adaptação milenária dos ideais às exigências da animalidade humana.

Eis o destino do homem superior no mundo: o de ser tratado como louco, condenado como rebelde, esmagado como merece um fraco vencido, enquanto é um vencedor da maior batalha da vida, a da evolução. Eis o conteúdo biológico dessa sabedoria que o mundo chama de loucura dos santos. Eis a explicação racional, o sentido cientificamente positivo da vida, que parece estranha, de tais indivíduos que as religiões veneram, mas sem nos esclarecer a seu respeito com estes conceitos, dos quais o homem moderno precisa para ficar convencido.

Assim se desenvolve nos seus vários níveis, o complexo jogo da vida e de nosso destino.

VI

O DESTINO

Observamos nos dois capítulos precedentes o fenômeno da personalidade humana nas suas qualidades e comportamento, conforme ela pertença ao 1.º, 2.º ou 3.º dos três níveis evolutivos: subconsciente, consciente, superconsciente. Observamo-la depois na sua evolução do 1.º ao 2.º e ao 3º destes três níveis. Vimos como, pelo fato de se deslocar de um plano de existência ao outro, muda a natureza do ser, como também o seu tipo de vida e de trabalho, à medida que ele vai evoluindo. Assistimos assim ao processo de reconstrução do eu que sobe ao longo do caminho da evolução, que o leva ao AS para o S.

Vimos também que o que estabelece o tipo de destino do ser é a sua posição ao longo desse caminho, a altura evolutiva em que o ser está situado conforme pertença a um ou outro destes três níveis Vimos assim que a cada um dos três tipos biológicos corresponde um proporcionado destino, ou seja, que os três níveis evolutivos e correlativos tipos biológicos correspondem três tipos fundamentais de destino, que mudam com a evolução do ser. Muda com isso a tábua dos valores, a ética e correlativa conduta, muda o diferente grau de conhecimento e com isso a responsabilidade, porque, pelo fato de que a posição do ser na escala evolutiva é diferente segundo o tipo, é diferente também o caminho a percorrer, o tipo de experiências úteis para evoluir, o trabalho construtor a realizar, e a lei que o dirige.

Temos desta forma apresentado até aqui o problema do destino nos seus termos gerais, estabelecendo as suas bases em relação ao tipo biológico. Dentro dessas grandes linhas que dirigem o fenômeno no seu conjunto, enfrentaremos agora o problema do destino no caso particular do indivíduo, para atingir o conhecimento do seu conteúdo, também nos pormenores do caso singular, contido dentro do caso geral. Não há dúvida de que o fato do indivíduo estar situado num dado nível de evolução e correlativo plano de

existência, e representar um dado tipo biológico, estabelece, a priori, quais devem ser o modelo e as características fundamentais do seu destino. Estes elementos estão ligados entre si e assinalam o tipo de caminho que o ser terá de seguir na sua vida. Mas estas são apenas as grandes margens da corrente da existência do indivíduo. Dentro dessa corrente cada um segue um caminho próprio, que representa o seu destino particular. É neste fenômeno que agora queremos focalizar a nossa observação.

Para o entender é necessário antes de tudo estabelecer qual é o nível evolutivo e o correlativo tipo biológico, porque é dentro desse quadro geral que fica situado o do destino individual do ser. É lógico que o caminho que terá de percorrer um tipo inferior não poderá ser igual àquele de um tipo médio, ou de um superior. porque os impulsos que os movimentam, as reações ao ambiente, as suas exigências evolutivas são de tipo diferente. Depois de ter estabelecido tais limites do quadro geral, que encerra o caso particular do indivíduo, para conhecer o seu destino pessoal, teremos de pesquisar qual é o conteúdo da sua personalidade na sua posição atual, seja como conseqüência e continuação do caminho percorrido no passado, seja como preparação e antecipação do caminho a percorrer no futuro.

Assim teremos agora de voltar ao estudo da personalidade humana, para aprofundar o nosso conhecimento das leis que regem o processo da sua construção e, com isso, o desenvolvimento do seu destino individual. Ser-nos-á possível, assim, chegar a conhecer uma coisa de importância vital, isto é, qual é a técnica da construção de nós mesmos, o que quer dizer conhecer o método com o qual cada um pode construir, com suas mãos o seu destino.

Para realizar a construção da personalidade, que representa o trabalho da evolução em nossa fase atual, a inteligência da vida usa o método da transmissão ao subconsciente, pelo qual experiências e soluções, pelo fato de terem sido longamente repetidas por se terem demonstrado úteis à sobrevivência, tendem automaticamente a continuar-se repetindo, pela velocidade adquirida, impulsionando o ser a prosseguir na mesma direção. Assim, o que foi vivido no passado se torna automatismo, fruto assimilado, fixado no subconsciente, na forma de novas qualidades adquiridas, que são o que chamamos instintos. Com esse método o homem, como também os animais e qualquer forma de vida, vai, com a sua experimentação, aprendendo sempre e com isso adquirindo novas características inatas, impulsos instintivos, que dirigem cada nova existência terrestre.

Não repare o leitor se às vezes temos de repetir coisas já ditas. Isto pode ser necessário para enquadrar e iluminar novos problemas, em relação aos quais elas são lembradas, mas com sentido e finalidade diferente.

Então, cada indivíduo, com o nascimento, traz consigo um impulso que o impele para uma direção já assinalada, conseqüência fatal das experiências realizadas, do tipo e velocidade das forças lançadas nas vidas precedentes. Este patrimônio de conhecimento adquirido no passado constitui a verdade axiomática oferecida pelo instinto. Ela está acima da razão e vale mais que esta, porque representa o produto de uma experimentação prática, realizada em contato com a realidade dos fatos. A razão faz pesquisas, explorando por tentativas o novo desconhecido. O instinto permanece num terreno mais limitado, porém mais controlado pela experiência e, por isso, seguro. Em substância, a ciência, quando descobriu o método experimental ao qual deve os seus mais brilhantes resultados, não fez senão imitar o método que a vida já praticava para chegar à conquista do conhecimento, que lhe é indispensável para continuar existindo. Ou melhor, poderíamos dizer que o método experimental da ciência representa, num nível mais elevado, a continuação do método experimental que a vida já usava para construir a sabedoria, da qual o ser precisa para resolver o problema da sobrevivência.

Tal impulso, a continuar na mesma direção, apesar de dificultado pelas resistências do ambiente e corrigido pela reação da Lei. o que estabelece a base do destino de uma vida, destino que assim propenderá a se realizar na direção seguida no passado. É por isso que há acontecimentos que parecem realizar-se por vontade própria. O que constitui essa vontade é a velocidade adquirida que continua impulsionando na mesma direção. Os velhos hábitos constituem uma força com tendência a uma contínua atuação segundo a

lei de causa-efeito, pela qual o ser é automaticamente constrangido a colher o fruto do que semeou. O passado, qual quisemos vivê-lo, ressurge indestrutível no presente Poderemos corrigi-lo com novos impulsos da nossa vontade, mas não aniquilá-lo, porque um impulso, uma vez lançado, não pode ser detido nos seus efeitos, até que estes se esgotem.

Eis, então, que conhecemos qual é o caminho ao longo do qual se desenvolve o destino de cada um. Claro que tudo isto presume a reencarnação, da qual já falamos no capítulo IV. Assim, o que acontece na vida depende do indivíduo e de como ele viveu o seu passado. O tipo de existência que nos deram os nossos pais e o seu ambiente é a conseqüência da escolha feita pelo indivíduo ao nascer, porque por lei de afinidade ele foi levado a se aproximar dos indivíduos que possuíam qualidades afins àquelas por ele adquiridas nas suas vidas precedentes.

Focalizemos as condições do indivíduo no momento do seu nascimento. Ele traz consigo uma personalidade já feita, construída por ele mesmo, que o acompanhará por toda a vida, dirigindo-o com a forma mental adquirida, levando-o a resultados bons ou maus, mas sempre merecidos. A este dado tipo de personalidade poderão ser feitos alguns retoques, mas ninguém o poderá mudar completamente. Tal personalidade representa uma trajetória que quer continuar percorrendo o seu caminho na direção em que ele foi iniciado, vencendo as resistências que encontra. Isto é verdade a respeito do nosso passado que revive em nosso presente, como a respeito do nosso presente que reviverá em nosso futuro.

No início de cada vida tudo o que foi vivido no passado está escondido, gravado no subconsciente. É sobre esta base que cada nova vida continua construindo o edifício da personalidade. Como na ontogênese ou desenvolvimento do embrião, o ser resume a filogênese, ou seja percorre de novo rapidamente as fases do desenvolvimento da espécie, assim na meninice e mocidade, antes de chegar ao uso da razão, o homem se dirige com as qualidades adquiridas nas vidas precedentes, isto é, com o que foi gravado no subconsciente, percorrendo assim de novo rapidamente as fases de seu desenvolvimento, até que na maioridade, com o despertar da consciência inicia-se o trabalho da nova construção. Assim, como na sua vida embrionária, o ser vai repetindo em resumo o seu passado fisiológico, da mesma forma depois, na sua vida extra-uterina ele repete o seu passado psicológico. Dois desenvolvimentos consecutivos, que fazem parte do mesmo processo evolutivo que vai da matéria ao espírito, das mais simples construções biológicas, às nervosas, cerebrais, psíquicas, espirituais.

Observamos que essa repetição do passado se realiza de forma tanto mais rápida, quanto mais velha é a lição aprendida, o que quer dizer mais repetida e por isso melhor fixada. E ao contrário, quanto mais a lição é recente, tanto menos ela foi repetida e aprendida, e por isso precisa ser mais profundamente assimilada com uma nova repetição. Isto até ao ponto em que uma lição completamente nova na vida atual deve ser vivida momento a momento, na lenta sucessão dos acontecimentos concretos.

Explica-se assim como é que na juventude há quem se desenvolve rapidamente, revelando inteligência e qualidades superiores, porque já as possuía por tê-las conquistado no passado; e há quem se apresenta subdesenvolvido, apesar da maturidade física, porque ainda é atrasado e se encontra no baixo nível evolutivo dos primitivos. Explica-se, assim, o fenômeno dos gênios precoces, antecipadamente superdesenvolvidos. Tais indivíduos já trabalharam nas vidas precedentes para conquistar essas qualidades, que agora aparecem porque eles as possuem gravadas no seu subconsciente na forma instintiva de conhecimento adquirido, como os outros possuem na mesma forma instintiva as qualidades inferiores próprias da animalidade. Acontece, assim, que os indivíduos superdotados possuem no estado instintivo espontâneo, porque já assimilado no seu subconsciente, o que para os outros, atrasados, representa o superconsciente, isto é, uma posição adiantada que os espera no futuro e que em todas as suas formas a civilização lhes ensina, mas que eles ainda não entendem nem aceitam, e por isso têm que aprender à força. Nasce assim o poeta, o artista, o cientista, o gênio, o herói, o santo, isto é, o super-homem superdesenvolvido, no meio dos subdesenvolvidos que não o compreendem, o desprezam e condenam. É lógico que os mais adiantados, ao aparecerem na terra, encontrem no seu subconsciente, em forma instintiva, espontâneo, o que por eles já foi vivido e aí gravado; e que era os outros, que não evoluíram até

àquele ponto, tudo isto represente um super-concebível a ser conquistado no futuro. Tudo depende do caminho percorrido na subida evolutiva.

Eis então que no período da juventude o homem vai acordando e revelando a sua verdadeira personalidade, latente, escondida no subconsciente. O ambiente terrestre oferece resistências, dificuldades e problemas para todos, mas cada um os vence e os resolve de maneira diferente, mostrando, com o seu tipo de reação, qual é a sua verdadeira natureza. Não há somente o terreno já feito sobre o qual se anda, mas há também o indivíduo que sobre ele anda como quer. Sobre o mesmo terreno nem todos andam da mesma forma, mas cada um de maneira diferente, conforme sua diferente natureza. Tudo depende do patrimônio pessoal que cada um transporta do seu passado, depende dos seus recursos e qualidades. Cada indivíduo não nasce nu, mas traz consigo para enfrentar cada nova vida, armazenado no subconsciente, o fruto de toda a sua experiência passada. Na sua viagem no tempo, o ser traz como que uma mala, que se vai enchendo sempre mais de nova sabedoria e capacidades. Na juventude ele a vai abrindo e tirando dela as ferramentas que ali encontra, para realizar o seu atual trabalho terrestre. No fim da sua vida, ele coloca de novo tudo na mala, modificado ou não, aumentando ou diminuindo, melhorado ou piorado, conforme ele viveu, para, com essa nova bagagem, enfrentar a vida sucessiva. E assim por diante. Cada vida é sempre uma continuação, uma conseqüência, e não se pode construir senão em cima do que foi construído no passado.

E o conteúdo dessa mala que representa a parte determinística do destino, porque estabelece a base, o ponto de partida do seu desenvolvimento, o que já foi escrito no livro da vida, e que agora continuará a ser escrito, estabelecendo quais foram os impulsos já movimentados, que agora querem chegar à sua realização. Eis como é que, chegando ao conhecimento de nós mesmos, por ter analisado as qualidades que possuímos, não somente poderemos reconstruir a história do nosso passado no qual as gravamos em nosso subconsciente, mas pelo mesmo princípio poderemos prever no futuro as conseqüências do presente, em que continuamos gravando no mesmo subconsciente outras qualidades. É possível, deste modo, predizer qual será o desenvolvimento de nosso destino, porque conhecemos os elementos que o compõem, as causas que semeamos e com isso os efeitos que delas não poderão deixar de sair. A lei de causa-efeito liga de maneira incindível: passado, presente e futuro, num único fenômeno em continuação. No passado encontramos o material já adquirido, que utilizamos para construir no presente, mas no presente podemos juntar ao velho material outro novo para construir o futuro, sempre melhor se quisermos. Eis que o homem que for bastante inteligente para chegar a entender tais princípios, poderá tornar-se dono do seu destino, construindo-o à sua vontade e dirigindo-o para onde quiser.

* * *

Esta análise do fenômeno nos permite atingir três resultados:

1) Observando as qualidades que hoje possuímos como elementos constitutivos de nossa personalidade, sobretudo as mais expontâneas e instintivas que emergem do subconsciente, podemos reconstruir o nosso trabalho que em nós as gravou, conhecendo desta forma, o tipo de experiências vividas em nosso passado, que como resultado nos levaram à atual estrutura de nossa personalidade; podemos, por fim, conhecer o conteúdo de nossas vidas passadas.

2) Quando conhecemos o que fizemos em nosso passado, como continuação e lógica conseqüência desse velho trabalho, podemos entender qual deverá ser o novo trabalho a realizar em nossa vida atual. O conhecimento de nosso passado revelará qual a direção que tomou o caminho de nossa vida e o desenvolvimento de nosso destino, de modo que nos será possível prever em que forma ele terá propensão para continuar realizando-se no presente, como lógica conseqüência do passado, e, no futuro, como lógica conseqüência do passado e do presente.

3) Quando tivermos atingido tal visão muito mais ampla da vida, que, além dos estreitos limites de nosso presente imediato, se abre sobre o passado e o futuro, agora que conhecemos o processo evolutivo da

construção da personalidade, nos será possível introduzir nele os nossos impulsos, novos e necessários, para corrigi-lo e endireitá-lo onde existirem erros, e isto inteligente e espontaneamente, antes de sermos constrangidos à força pela reação da Lei a pagar duramente com a nossa dor. Chegamos assim a poder moldar o nosso próprio destino, tornando-nos donos dele através do conhecimento, donos iluminados e não cegos arrastados pelas forças da vida. Que imensa vantagem poder atravessar o oceano da existência em evolução, sabendo dirigir o próprio navio, ao invés de ter que ficar ao sabor dos ventos e das ondas, nas trevas da ignorância, só para bater a cada passo nos rochedos do erro e naufragar, tendo: assim, de aprender qual é o caminho certo através de contínuos sofrimentos! Analisamos esse duro método corretivo da Lei em nosso livro: ***Queda e Salvação***. Assim, para conhecer o nosso passado, seria necessário conhecer este princípio da Lei: "Onde hoje há uma dor, aí esteve no passado o nosso correspondente pecado contra a Lei"; e para conhecer o nosso futuro, seria necessário conhecer também o mesmo princípio da Lei: "Onde hoje se comete um pecado contra a Lei, aí estará no futuro a nossa correspondente dor, penitência encarregada de corrigi-lo". Dada a estrutura do organismo do todo, ninguém pode cindir a complementaridade que liga os dois elementos, culpa e sofrimento.

Aprofundemos estes conceitos. Como é possível descobrir: 1) qual é o conteúdo de nossas vidas passadas? 2) qual será o desenvolvimento de nosso futuro destino? Com qual lógica e com que técnica isto se pode realizar?

1) Exprimindo com estas letras os seguintes conceitos, isto é: **a** = a causa; **b** = o efeito; **x** = o conteúdo das nossas vidas passadas; **c** = as nossas qualidades atuais, poderemos estabelecer a seguinte proporção:

a: b = x: c,

que poderemos ler neste sentido: como a natureza do efeito — **b** nos expressa a natureza da causa — **a**; assim as nossas qualidades atuais — **c**, nos revelam **x**, isto é, o trabalho que nas vidas passadas fizemos para as adquirir. Assim nos será possível, avaliando os elementos que constituem a nossa personalidade atual, conhecer o valor da incógnita **x**, isto é, o conteúdo das nossas vidas passadas.

2) Exprimindo com estas letras os seguintes conceitos, isto é: **a** = a causa; **b** = o efeito; **c** = as nossas qualidades, condições e destino atual; **x** = o nosso destino futuro, poderemos estabelecer a seguinte proporção:

a: b = c: x

que poderemos ler neste sentido: como a natureza da causa — **a**, nos mostra a natureza do efeito — **b**; assim as nossas condições e destino atual, e as qualidades que agora adquirimos com o trabalho que estamos realizando na vida presente — **c**, nos revelam — **x**. isto é, qual será por necessária conseqüência, o nosso destino nas vidas futuras. Assim nos será possível conhecer o valor também desta outra incógnita, isto é, o conteúdo de nossas vidas futuras avaliando os elementos que encontramos em nossa personalidade, como nas condições de nossa vida atual.

A chave para chegar ao conhecimento de nosso passado, como de nosso futuro, está no elemento "**c**", que é o único que podemos controlar com a nossa observação. Trata-se, então, de estudar a nossa personalidade em seus dois aspectos: seja nas suas qualidades atuais, com as quais ele se construiu no passado; seja nas suas presentes condições de vida e no trabalho que ela está agora realizando para adquirir as novas qualidades do futuro.

Este estudo de nossa personalidade significa um profundo ato de introspeção, que se realiza através de um severo e sincero exame de consciência. O psicanalista poderá praticar este exame, dirigindo as pesquisas e ajudando o inexperiente na sua confissão. O homem inteligente o poderá praticar sozinho observando-se a si mesmo, os impulsos que o movimentam, os resultados atingidos, o tipo de acontecimentos que prevalecem na sua vida, a direção para a qual esta tende a desenvolver-se etc. O que interessa conhecer é o valor do elemento "**c**", levando em conta que ele está situado ao longo de uma trajetória, da qual lhe pedimos que ele nos revele o seu antecedente e o seu conseqüente, ou seja, o nosso passado e o nosso futuro, ao longo do caminho da evolução.

Assim o próprio sujeito poderá realizar um processo interior de autopsicanálise, pesquisando no seu

subconsciente para ler o que ele mesmo aí escreveu no passado. O valor dos resultados depende da exatidão e da profundidade desse exame. O método da pesquisa para chegar ao conhecimento da incógnita **x**, nos seus dois sentidos, isto é, conteúdo de nossas vidas passadas, como de nosso futuro destino, se baseia na observação do único elemento que temos nas mãos e que podemos observar, o elemento **c**, do qual, porém, se pode deduzir todo o restante. Isto quer dizer que o exame deve ser completo, nos mostrando qual é o conteúdo de nossa vida atual, pesquisando em duas direções: 1) observar introspectivamente as qualidades da personalidade e os respectivos impulsos instintivos que emergem do subconsciente; 2) observar exteriormente as condições de nossa vida atual, o nosso comportamento e realizações, os acontecimentos com os quais se manifesta o nosso destino atual. Por outras palavras, observando o que hoje somos por nos termos assim construído em nosso passado, e observando qual é o trabalho que hoje realizamos, com o qual estamos construindo a nossa personalidade futura, poderemos prever qual é o nosso destino que para o amanhã estamos preparando. Assim, se concebermos a vida em termos tanto mais vastos, que vão além dos estreitos limites do seu atual trecho terrestre, poderemos ver um nosso maior destino, que vai amadurecendo pouco a pouco, à medida que a personalidade se vai deslocando e subindo ao longo do caminho da evolução, desde o seu ponto de partida no AS, até ao seu ponto de chegada no S.

Essas pesquisas no passado e no futuro, essas descobertas que parecem incríveis se tornam possíveis quando a nossa observação abrange horizontes que estão além dos horizontes habituais, limitados à nossa vida atual, concebidos como um momento de uma imensa vida maior, representada por uma trajetória que, como tal está sujeita a uma lei própria de desenvolvimento, a um seu percurso lógico. E o fato de conceber a vida e o destino como um fenômeno em evolução, em que passado, presente e futuro estão ligados pela lei e a lógica do amadurecimento do mesmo processo, é este fato que nos permite descobrir também as partes que escapam a nossa observação direta, como se pode fazer todas as vezes que há uma trajetória da qual conhecemos só alguns elementos, mas sabemos qual é a lei do seu desenvolvimento. E assim que é possível calcular o valor também das zonas desconhecidas do fenômeno.

É preciso entender que o processo da construção da personalidade é único, canalizado dentro do universal processo evolutivo, sujeito as regras estabelecidas; entender que é orientado dentro de um plano pré-ordenado e necessariamente orientado para um telefinalismo. Tudo isto faz parte da técnica da reconstrução do universo, da qual em outros livros temos falado bastante. A ignorância não deixa ver senão um nosso pequeno destino momentâneo, separado daquele imenso processo, isolado no vazio, enquanto tudo é lógica conseqüência e férrea continuação, como acontece no caminho de um projétil lançado no espaço. Como neste, também no destino, a posição de cada momento está ligada àquelas posições de todos os momentos precedentes e sucessivos, o presente estava contido no passado e no presente está contido o futuro, E, uma vez iniciado um movimento numa dada direção, tudo tende a continuar movimentando-se na mesma direção. Não há dúvida de que, apesar de nossa liberdade de introduzir na trajetória de nosso destino impulsos novos que o possam modificar, esta lei que estabelece o percurso de uma trajetória, uma vez que ela foi iniciada num dado sentido, representa no fenômeno um impulso de tipo determinístico ao qual todo o processo fica inexoravelmente sujeito. Com a sua livre escolha, o ser se lança no caminho da vida numa direção ou outra, da qual ele depois não poderá sair senão por meio de impulsos seus, diferentes, lançados em diferente direção. Mas até que ele realize com o seu esforço esta mudança, tudo continuará avançando na direção precedente. E mudar não é fácil. Não é fácil modificar os instintos. Eles representam u'a massa lançada, uma velocidade adquirida, e por inércia uma autônoma vontade de continuar, que não é fácil corrigir.

Como um projétil tem a sua trajetória no espaço, calculável segundo as suas características, assim a personalidade, no seu desenvolvimento, tem a sua trajetória no tempo, calculável segundo as suas características. Essa trajetória no tempo é o que se chama destino. Seja no espaço como no tempo, logo que aparece um movimento, tudo é consecutivo, aparece uma ligação entre antecedente e conseqüente, à qual o desenvolvimento do fenômeno fica amarrado sem saída. É por isso que o futuro, antes de se tornar presente, já está comboiado ao longo de uma linha marcada, que o prende antes do seu nascimento. O efeito está envolvido, enredado no seio da sua causa, como o feto no seio materno como a planta na sua semente. Tudo chega à existência por esse método de filiação, que é o que permite a conservação dos valores adquiridos, a

continuidade no desenvolvimento, uma orientação constante no caminho evolutivo, um estado de ordem e organicidade neste imenso movimento de todo o universo. Assim nada morre e tudo ressurge nesta contínua repetição do passado. São estes liames que mantêm em unidade a imensa multiplicidade do todo. Não há existência que não esteja em movimento, em perene transformação, mas sempre dentro da disciplina estabelecida por tais princípios. Assim nascemos aprisionados pelo nosso passado, seja como indivíduos, seja como sociedade, constrangidos a andar de novo nos trilhos já percorridos, que no terreno da vida de contínuo escavamos com os nossos pés.

* * *

Agora que conhecemos a técnica do desenvolvimento de nosso destino, nos perguntamos: que adianta, para que é útil saber tudo isto? A vantagem está no fato de que quem sabe não é mais um boneco cego, como a maioria, condenado a aprender duramente através dos seus sofrimentos, mas, pelo contrário, possui o conhecimento para escolher o caminho, para ele melhor, e com isso um meio para dirigir o seu destino inteligentemente, assim evitando erros e as correlativas dores, que cumprem a função de o endireitar. Podemos deste modo evitar tais choques com a Lei e as suas tristes conseqüências. Queremos a felicidade. Mas para chegar a ela, é necessário conhecer e seguir as leis que a ela conduzem, das quais ela depende Assim possuiremos, como já dissemos, a arte de moldar o nosso destino, o que significa possuir a técnica da construção da nossa personalidade: sabedoria fundamental, de libertação e salvação, porque ela nos permite subir para níveis de vida cada vez mais adiantados, e por isso mais felizes.

O destino se poderia definir: o caminho que o indivíduo percorre na construção da sua personalidade. Os resultados dependem da escolha que ele faz deste caminho, conforme ou contra a Lei, aproximando-se ou se afastando dela. Agora sabemos que no destino há uma parte determinística representada pelo retorno e continuação do passado, a qual temos de aceitar à força; mas que há também uma parte livre, na qual podemos tomar novas iniciativas. Então, se o passado foi errado e hoje nos esmaga, é possível libertar-nos dele, neutralizando-o, seja deixando que ele esgote o seu mau impulso e suportando com paciência os sofrimentos decorrentes, seja substituindo aos velhos hábitos contra a Lei por outros novos, de acordo com ela. Eis o que fazem os inteligentes, os sábios. Demonstramos suficientemente que o segredo da felicidade está em nos libertar de nosso passado inferior, da animalidade, para avançar no caminho da evolução, está em nos afastarmos sempre mais do inferno do AS, para nos aproximarmos do paraíso do S. O segredo da felicidade está em saber mudar o nosso destino de involuídos no de evoluídos.

Nisto consiste o processo evolutivo para o homem, trabalho que cada um tem que realizar com seu esforço, para si, sozinho, perante a justiça da Lei, carregando todo o peso do seu passado, mas com a possibilidade de se libertar dele, construindo agora a sua personalidade em sentido diferente. Eis qual deve ser o conteúdo da ética, a sua maior finalidade. O peso das qualidades gravadas no passado, no subconsciente humano, individual e socialmente, é incrível, é ele que dirige a maior parte de nossa vida. Qual é o nosso recente passado e o que se pode exigir de uma humanidade que ainda há pouco tempo estava mergulhada nas trevas e ferocidades da Idade Média? Tudo isto está pronto a ressurgir do subconsciente na primeira oportunidade. Vimos o que aconteceu na última guerra mundial, e todos os dias vemos como as pessoas têm gosto para contos e crônicas de crimes.

Um dos maiores perigos para a vida social é o espírito de luta, ao qual o instinto está fortemente apegado, porque a ele o ser deve a sua sobrevivência, o que é difícil de pagar. Pelo princípio há pouco mencionado, do retorno e continuação do passado, este impulso guerreiro que representa a parte determinística do destino continua funcionando também quando ele não representa mais uma defesa da vida, mas um meio de destruição universal. Com a evolução mudam as leis que regem a vida e o que era útil pode-se tornar um perigo, o que era vantagem, tornar-se dano. Eis que no trabalho da evolução chegou a hora de mudar de caminho, substituindo, como já dissemos, aos velhos hábitos outros novos, instintos diferentes. A humanidade terá de atravessar novas experiências que lhe ensinem uma conduta diferente do passado, outra lição mais adiantada, porque com a evolução estão mudando os valores e os pontos de

referência de nossa ética. No próximo futuro o herói da guerra será simplesmente um criminoso, como hoje é quem mata outro cidadão. A vida fica apegada aos velhos caminhos já bem experimentados e por isso mais seguros. Mas ao mesmo tempo a evolução impulsiona para a subida, e tal impulso representa um elemento de renovação, pelo qual a destruição do velho e a criação do novo se torna inevitável.

É verdade que até agora a guerra foi um meio de renovação, destruindo o velho para lhe substituir o novo. Um contínuo bem-estar na paz é anti-evolutivo. Ela pode ser sinônimo de inércia, a posição de um mundo estático que envelhece e apodrece na rotina, na repetição. Mas aqui não falamos de destruir a luta e o correlativo esforço criador mas de abandonar essa forma involuída de luta, que não sabe atingir a renovação senão por meio da destruição. O trabalho a realizar na atual fase de evolução biológica, é o de seguir os impulsos da luta criadora, mas tirando dela tudo o que a acompanhava no passado, isto é, tudo o que é violência, agressividade, destrucionismo. Trata-se de canalizar os velhos instintos, dirigindo-os para atividades criadoras, não destrutivas. Outro será o inimigo a combater, não o vizinho, mas os males que atormentam o mundo. Descobriremos, então, que a paz tem também um aspecto positivo, e não somente o negativo que vimos. É assim que poderemos ter uma paz maravilhosamente dinâmica e criadora, cujo produto não será a decadência na inércia, mas a construção do bem de todos. Este será o conteúdo das guerras do futuro.

É maravilhoso observar que o homem é constrangido a subir à força pelo impulso evolucionista. Com o desenvolver-se da inteligência e o progresso científico, a guerra a tal ponto transformou a sua técnica, que ela não será mais possível. Assim a mente humana, sem querer, porque movimentada em direção materialista, produziu condições de vida em que o pacifismo e colaboracionismo evangélicos, por milênios pregados em vão, terão agora de se realizar, se a humanidade quiser sobreviver. O instinto de conservação exigirá a realização do que até hoje foi utopia. E os atávicos produtos do subconsciente terão de se modificar gerando novas qualidades, porque experiências apocalípticas estão prontas para corrigir os velhos instintos. ensinando uma nova lição.

Todo o processo evolutivo se realiza com esse método, da substituição do velho pelo novo, por meio de novas experiências que fixam no subconsciente novos hábitos e qualidades no lugar das velhas. É assim que as leis religiosas e civis procuram fazer do homem um ser civilizado, educando-o na ordem da vida social. Aparece nesta altura a luta dos instintos do animal, impressos no subconsciente, contra essa nova lição que eles não querem aprender. Eles representam a sobrevivência do passado que volta, rebelando-se para não ser destruído. Vemos, assim, que a ética é uma luta entre a luz e as trevas, entre o futuro e o passado. O resultado é um esforço do indivíduo para se evadir de todas as leis, e do outro lado é a luta das autoridades para obter obediência, as civis por meio da polícia e cadeias, as religiosas por meio dos diabos e do inferno. É assim que as leis, ótimas em teoria, não podem chegar à sua realização prática senão em forma torcida, que as transforma e adapta às exigências do subconsciente das massas, que é o que mais se impõe na realidade da vida.

As religiões, cuja função é a de traduzir em realização prática princípios superiores que estão acima do nosso nível biológico, estão constrangidas a levar em conta esse fato da resistência do subconsciente e a ele se adaptar, respeitando as suas exigências fundamentais, porque esta é a primeira condição da obediência das massas, sem a qual as religiões ficariam teoria abstrata fora da vida. Assim, o que se encontra nos fatos é um produto híbrido em que se misturam céu e terra, o ideal com os resultados da animalidade. É, assim, que a prática é diferente da teoria, a pregação é uma coisa e a vida vivida é outra. É, assim, que os princípios superiores das religiões acabam sendo aplicados como exigem os instintos inferiores da animalidade. É, assim, que no seio das religiões aparecem fanatismo, sectarismo, intransigência, perseguição etc. Então, é o subconsciente das massas que vence e os princípios superiores que perdem. Isto porque as grandes verdades reveladas pertencem ao céu do qual descem à terra, enquanto na terra a animalidade está bem radicada no seu ambiente natural, e para que neste aquelas verdades se possam tornar realidade é necessário o consentimento das massas, que na terra, pela força do número, são bem poderosas. A involução da maioria se impõe a tudo em nosso mundo e não há coisa que lhe possa escapar.

Com estas observações vamo-nos explicando muitos fatos, dos quais de outro modo não poderíamos entender, nem a gênese nem o sentido e finalidade A utilidade de tudo isto está no fato de que tal conhecimento nos permite dirigir-nos conscientemente no caminho de nossa evolução, por possuirmos a técnica da construção de nossa personalidade. A nossa vida adquire, então, uma significação superior, que a orienta para o ponto final, resolutivo do processo evolutivo. O conteúdo da vida é um processo de experimentação progressiva, que deixa uma marca perene no subconsciente, espécie de fita de gravação, e de armazenagem onde o patrimônio experimental adquirido se vai acumulando na forma de conhecimento e qualidades. Assim, o nosso eu, por essa contínua registração que vai descendo às suas camadas profundas representadas pelo subconsciente, se vai sempre mais enriquecendo, dilatando-se e aperfeiçoando-se, aproximando-se da sua meta, que é o S. Tudo o que nos acontece na vida não é mais um enigma, um mistério que está com Deus e que ninguém pode conhecer. O homem atual vai procurando explicações ao acaso, culpando isto ou aquilo, sem entender nada das verdadeiras causas de um dado desenvolvimento do seu destino.

* * *

Continuemos a aprofundar este assunto, observando outros casos, para entender o seu significado. Com que sabedoria se dirige nas suas ações o homem antes de desenvolver as suas qualidades racionais? Como os animais, ele se dirige pelo instinto. Isto acontece com todos os subdesenvolvidos, sejam animais, sejam primitivos Tudo depende do nível de evolução atingido. Este período infantil pode ser superado, em indivíduos superdesenvolvidos, desde a primeira meninice, como pode suceder que não seja superado nem sequer na velhice, em seres atrasados. Ser dirigido pelo instinto, como já frisamos, quer dizer funcionar obedecendo cegamente aos automatismos adquiridos nas vidas precedentes, isto é, repetindo o que pela experiência passada foi gravado no subconsciente. Só depois de ter atravessado esse período de repetição automática instintiva que resume rapidamente o passado, o indivíduo inicia na fase consciente o trabalho de continuar construindo a sua personalidade. É no período da maturidade que o indivíduo, acordando de um estado como de sonho, no qual ele era dirigido pelo subconsciente, para um estado consciente, toma iniciativas novas, continuando o trabalho de construção da sua personalidade, realizado no passado e armazenado no subconsciente. É o período dinâmico das novas experiências, a fase ativa da exploração e assimilação. É uma viagem do eu que se lança fora, no mundo exterior, onde encontra choques, devora e assimila impressões.

Assim o gasto de energia da qual os jovens são ricos, acaba produzindo a sabedoria da velhice. A carga de dinamismo se transforma em psiquismo. Esta é a função da vida no seio do físio-dínamo-psiquismo que constitui a evolução. Poder-se-ia então definir o fenômeno biológico como um processo de transformação da energia em conhecimento, pensamento, inteligência. Então, o fenômeno biológico representa o trecho dinâmico-psíquico dentro do transformismo físico-dinâmico-psíquico, que é o percurso da evolução. A sabedoria da velhice é o equivalente psíquico dos valores dinâmicos da juventude. Nada se destrói, tudo se transforma. Quando o indivíduo tem esgotado as suas energias por ter experimentado bastante, está rico de novas qualidades, que valem o que ele perdeu com o energia. Na velhice o consciente adormece, se cristaliza de novo na inércia, mas o seu trabalho de toda a vida ficou filtrado no subconsciente do qual estará sempre pronto a ressurgir para dirigir o ser no futuro automaticamente, quando o consciente não estiver acordado para realizar o trabalho de continuar, no futuro, a construção realizada no passado.

É este período ativo, no qual o eu está acordado no consciente, o período em que se pode realizar o esforço da subida e progredir no caminho evolutivo. Os outros períodos têm funções diferentes, de descanso ou compreensão, reorganização, assimilação profunda. É o período de consciência acordada na vida, o que é o mais independente do determinismo do subconsciente, período não mais de repetição automática, mas de livre iniciativa do novo. É neste período que o livre arbítrio pode melhor funcionar, sobrepondo-se ao instinto, para corrigi-lo.

Neste período se descarrega a energia vital da juventude, que existe para essa finalidade, a da nova construção. Trata-se de uma reconstrução imensa que vai do AS ao S. Nisto consiste o processo da

evolução. Cada vida representa um passo para a frente. O desenvolvimento deste processo poderia ser expresso por uma linha em forma de onda, na qual temos um período de descida, no período da velhice até à morte, e um período de subida, depois da juventude, na plenitude da maioridade, subida superior à descida precedente, de modo que o resultado final de todo o movimento ondulatório é uma ascensão contínua. Então, o período verdadeiramente ativo neste processo da reconstrução da personalidade, como de ascensão evolutiva, é o período consciente da vida, no qual é possível a livre escolha, acima dos instintos, ou retorno automático do passado. Depois desse período tudo cai nas engrenagens da Lei, que se apodera dos resultados do trabalho executado naquele período consciente, e fatalmente os dirige para as suas conseqüências, até que o contínuo transformismo não amadureça outro período de vida, ativo e consciente, no qual, baseando-se naquelas conseqüências, continue o trabalho da construção da personalidade.

O desenvolvimento desse processo evolutivo poderia ser expresso também pela abertura de uma espiral, como a encontramos em ***A Grande Síntese***, na figura que representa o "desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomênicos"[1]. O período dinâmico consciente do trabalho construtivo da idade madura, em que se realiza a subida evolutiva, é representado pelo período de abertura da espiral, que expressa o caminho expansionista ascensional da evolução. O oposto período de contração involutiva da espiral, que volta um pouco para trás, fechando-se sobre si mesma, representa o período de involução e inércia da velhice, e o que foi vivido desce ao subconsciente, no qual o indivíduo o encontra gravado, como lembrança do passado, que ressurgirá amanhã. O fato de que no inicio da nova vida até a maioridade, o indivíduo será dirigido por este seu subconsciente, isto é, pelo que nele foi gravado, é representado pelo abrir-se novamente da espiral, que percorre em subida, na juventude, o trecho que na precedente velhice foi percorrido em descida, mas ele acrescentando um trecho novo em subida, que constitui o trecho que cada vida conquista no caminho progressivo da evolução. E assim por diante, até que por esse jogo alternativo de expansão e contração, mas a primeira maior do que a segunda, se pode realizar o processo evolutivo que vai do AS ao S.

Poderíamos agora perguntar-nos: por que está sempre repetida a fase de contração e retrocesso? Por outras palavras: por que existe a velhice? O que produz tais resultados é o impulso do AS, impulso negativo, destrutivo, antievolucionista, que funciona como freio do progresso em subida, porque quereria paralisá-lo. Este impulso do AS triunfa com a morte do ser, mas temporariamente, porque há também o impulso oposto do S, que logo volta e por sua vez prevalece, desenvolvendo-se em cheio com uma nova vida. A revolta gerou o dualismo, que divide o universo em duas partes: S e AS em luta entre si. Por isso a evolução é trabalhosa, porque para se realizar, ela precisa do esforço do indivíduo para vencer a resistência do AS, que quer o reino do anti-Deus, e não o reino de Deus. Tais problemas da personalidade humana não podem ser resolvidos isoladamente, como queria a ciência, mas só em função da solução, já atingida, dos maiores problemas do conhecimento.

O subconsciente representa o passado da evolução, o lado inconsciência, as trevas do AS. O consciente representa o futuro da evolução, o trabalho de construção da inteligência, a conquista da luz do S. Podemos agora entender porque a nossa existência se alterna com duas formas opostas, em luta uma contra a outra, a vida e a morte. Este conceito, que quer dizer reencarnação, se baseia na própria estrutura dualista do nosso universo e na íntima natureza do fenômeno evolutivo. Eis por que o nosso eu oscila, ora acordado no consciente, ora adormecido no inconsciente, entre um estado de luz e outro de trevas, ora na posição de vida, ora na posição de morte. Isto porque ora vence e prevalece o S, ora o AS, fontes de dois impulsos opostos.

Podemos, assim, entender o que em substância é a evolução. Ela vai do inconsciente ao consciente, cumpre o trabalho da destruição do primeiro e da construção do segundo, consistindo na conquista da consciência, ou melhor na reconquista da consciência originária. Por isso vivemos experimentando, para despertar do sono da inconsciência, fruto da queda. Por isso a vida vai do subconsciente ao consciente e ao superconsciente, do mistério ao conhecimento. prestando-se para o desenvolvimento da inteligência. O livre arbítrio que cada ser possui depende do nível da evolução por ele atingido, porque depende da medida na

[1] Cap. XXV, fig 4

qual ele possui consciência, inteligência e conhecimento. Da evolução depende o grau de liberdade, isto é, de libertação do determinismo da Lei, com que esta dirige os cegos involuídos, liberdade só possível quando surgiu a consciência necessária para se autodirigir.

De tudo isto se segue que quanto mais o ser evolui, tanto mais vastos e longos são para ele os períodos de consciência, isto é, de existência em estado acordado, e tanto mais fracos e curtos se tornam para ele os períodos de inconsciência, como a velhice, a meninice, a fase de sono na morte. De fato, vemos as almas superiores ficarem com a mente acordada até à velhice e, quando se encarnam, desde a primeira meninice acordarem mais cedo do que é comum, constituindo os gênios precoces. Com a evolução aumenta a zona da consciência e diminui a da inconsciência. É a extensão dessa zona, num sentido ou outro, que nos revela o nível de evolução atingido pelo indivíduo. Na velhice há para todos um regresso involutivo, como um enrolar-se da personalidade que se fecha em si mesma, encerrando em si os resultados do trabalho da sua vida atual. Depois chega a morte, silêncio, vida introspectiva, em compensação da sua parte inversa e complementar — extrovertida, que chamamos também de vida. Quanto mais o indivíduo é primitivo, tanto mais poderosa e real é a segunda forma de vida, e fraca, misteriosa e irreal é a primeira. Quanto mais o ser é adiantado, tanto mais ilusória é a vida terrena, e mais poderosa, real e viva é a vida extra-corpórea depois da morte. Por isso o primitivo julga a perda da vida física uma grande perda e desesperadamente luta para a conservar, enquanto o evoluído possui a sensação de que a morte não o atinge, porque não apaga o seu estado de consciência acordada, no qual ele fica vivo, apesar da morte.

Ao início de uma nova vida, o eu que, na velhice, se enrolou sobre si mesmo, fechando-se no subconsciente, se desenrola na meninice e juventude da nova encarnação, assumindo como ponto de partida da nova vida o que foi o ponto de chegada no fim da precedente. A conclusão do processo é a conquista da imortalidade. Este é o resultado final da evolução. Imortalidade de fato não é senão um estado contínuo de consciência acordada, de conhecimento da própria existência e da dos outros, de mente que percebe e de inteligência que entende. Potencialmente tudo o que existe é eterno, indestrutível, imortal. Assim também os primitivos são imortais. Mas não sabem disso, porque com a morte perdem a consciência, que os faz vivos. Tudo depende do grau de sensibilidade atingido, da própria capacidade de perceber. Quem não sabe sobreviver à morte senão em estado de inconsciência, está morto, porque não sabe que ainda está vivo. Esta também é imortalidade, mas é a da matéria, a de tudo o que ruiu no AS, imortalidade ao negativo, isto é, vida imobilizada na inconsciência da morte. A verdadeira imortalidade é a que a evolução realiza levando o ser até o S, acima da matéria até ao espírito, do estado de inconsciência próprio do AS ao estado de consciência próprio do S.

Então, a sensação da sobrevivência como capacidade de introspeção no período de desencarnado depende do grau de desenvolvimento de consciência atingido pelo indivíduo. Por isso, com esta capacidade, não é igual para todos o poder de orientar a sua nova vida, de se autodirigir no caminho da evolução. Esta, porque é conquista de consciência, é também conquista de consciente autonomia de existência. É lógico que a capacidade de introspeção, que é ato de um ser consciente, não possa aparecer senão quando o indivíduo está bastante maduro Para os outros, os primitivos, providencia o determinismo da Lei, que com seus impulsos se encarrega de despertar quem ainda se encontra em estado de inconsciência, como a Lei quer e é bom que eles sejam despertados.

Eis então o que acontece. No período da vida todas as experiências ficam registradas no subconsciente como numa fita. Na outra forma de vida que chamamos de morte, o ser transporta essa gravação para observá-la. Essa é a fase de decantação e filtragem, de digestão e assimilação, de interpretação e compreensão, fase oposta e complementar à precedente, trabalho que antes, no meio da luta, não podia ser feito. Essa nova operação será tanto mais profunda e perfeita, quanto mais o ser for evoluído. O que liga uma vida à outra, o fenômeno fundamental que permanece constante, é essa assimilação nas profundezas do eu em contínuo crescimento. Vemos, assim, que o nosso conceito de subconsciente é muito mais vasto e completo do que o da psicanálise atual. Assim como acontece no tronco de uma árvore, cada vida sobrepõe uma nova camada às precedentes, e elas nos contam a história toda daquela existência. Cada um leva consigo o livro onde tudo foi escrito, que não pode ser apagado e pode ser lido, como poderá fazer a

psicanálise do futuro. Cada qualidade, impulso, movimento no presente, não é senão a conseqüência de tudo o que foi vivido no passado. Só poderemos compreender a nossa vida se a encararmos neste sentido imenso, que a abrange em todo o seu caminho evolutivo.

Estamos presos pelas conseqüências do nosso passado, somos o que somos porque assim nos construímos nas vidas precedentes, não podemos sair de nossa forma mental já feita e ela é o único instrumento que possuímos para entender e julgar. A nossa sabedoria atual é filha da escola que no-la ensinou. Tal é a história da formação e presença dos instintos. Há na natureza humana verdades fundamentais que todos aceitam como axiomas que, pela sua evidência, não precisam de demonstração para ser entendidos e admitidos. Por que isso? Como é que todos espontaneamente concordam nestes pontos? Isto acontece porque tais verdades ficaram impressas no subconsciente como fruto das experiências passadas Muitas das idéias que dirigem o mundo não são fruto de lógica e raciocínio, mas de instintivos impulsos do subconsciente. Assim muitas vezes é o irracional o que dirige nossa vida, mas um irracional, cuja origem agora conhecemos e que sabemos ter o seu profundo significado. É assim que há verdades axiomáticas tão profundamente enraizadas na mente humana, que ninguém as pode abalar; elas são as mais antigas, as mais experimentadas como indispensáveis à sobrevivência, as básicas da existência. Estas grandes verdades elementares, construídas pela vida nos níveis biológicos inferiores, continuam vigorando também no plano humano, dentro da mente racional do homem, apesar de sua inteligência e conhecimento.

Para os involuídos que não possuem ainda uma consciência para se dirigir, quem os impulsiona por um caminho certo para o seu futuro é o pensamento e a vontade da Lei. Não é ao acaso que o ser tem de progredir, mas ao longo de um caminho já assinalado, porque a evolução vai de um universo tipo AS, para um universo tipo S. O caminho já está marcado, porque é o endireitamento em subida, do caminho que, em descida, foi percorrido na fase da involução. Eis que o crescimento do eu pode-se realizar automaticamente também nos níveis inferiores, da matéria, plantas e animais, onde ainda não existe uma consciência que possa se dirigir por si próprio. O caminho a percorrer foi já assinalado no período da descida involutiva. Agora se trata de percorrer o mesmo caminho, mas na direção oposta, em subida, em vez de ser em descida. Já está marcado o ponto de partida e o de chegada, e a linha da evolução que os liga e une no mesmo processo. Não é possível uma conquista do nada, um caminho sem uma direção e uma meta. O tipo de desenvolvimento da existência do ser já está escrito na Lei, pela qual o percurso não pode ser senão um caminho de regresso, o trajeto do AS-S.

Seria absurdo pensar que o processo evolutivo tivesse de ficar ao dispor das capacidades de compreensão do ser. O conhecimento aparece quando o ser está bastante adiantado e o mereceu pelo seu esforço e caminho percorrido. O surgir da consciência é um efeito e não é a causa do amadurecimento. E de fato, em nossa própria vida, vemos que o destino não nos explica o porquê. Só age e atua. A explicação do porquê cabe ao indivíduo encontrá-la. E ele não a pode encontrar senão quando se tornar bastante evoluído, para entender o que a Lei exige dele. Ela nada explica, mas o fustiga sempre, até ele entender.

* * *

Observemos ainda outros aspectos do problema da personalidade humana e do destino.

A diferença entre o evoluído e o involuído é que só o primeiro dirige, conscientemente, a sua vida. Esta é uma sabedoria que o ser tem de conquistar com o seu esforço, como faz o menino para aprender a andar, caindo, levantando-se e caindo de novo. Mas aonde o conhecimento do ser não chega, aí funciona automaticamente a Lei, que o leva na sua corrente. Se ele introduzir nesta os seus impulsos errados a procura de desvios, a Lei o corrige com a dor. Com tal método ele por fim acaba aprendendo a nadar dentro dessa corrente, seguindo-a, acompanhando-a com os seus impulsos, movimentando-se não contra ela, mas na mesma direção dos seus impulsos. O progresso se realiza, então, não se chocando com a reação da Lei que se rebela contra as tentativas erradas, mas em forma tanto mais fácil e rápida, porque a evolução não é mais travada pela luta entre dois impulsos opostos, mas sustentada e estimulada por dois impulsos concordantes que se somam, o da Lei e o do ser.

Temos falado bastante destes dois tipos biológicos, o evoluído e o involuído. Eles representam dois extremos, entre os quais há uma multidão de tipos intermédios de indivíduos e destinos. Acontece, assim, que cada um, apesar de ligado às leis da grande corrente que arrasta a todos, pode percorrer o caminho da vida de maneira diferente, a ele particular, continuando a seguir o caminho da sua vida precedente, conforme construiu no passado Na juventude ele abre a mala que contém os instrumentos que aí colocou no fim da vida precedente, e, como os encontra, os usa na sua nova vida. Eles são os seus instintos, impulsos, as suas qualidades de todo gênero.

Nesta altura poderia surgir uma dúvida, outro ponto a esclarecer. Como de tantos destinos, que progridem juntos dentro de uma mesma lei geral que os abrange, pode cada um se desenvolver livre e completo no seu devido caminho, sem ser torcido pela proximidade dos outros? Na realidade temos muitos destinos diferentes que se desenvolvem um perto do outro, mas cada um seguindo o seu caminho particular conforme a lei do seu desenvolvimento. Como nesta rede os fios condutores de tantos destinos não se misturam cada um recebendo o que mereceu segundo a justiça, e dela ninguém pode fugir, ainda que o destino seja por amor ou ódio, bondade ou maldade. Deus não pode permitir que seja violada a justiça da Lei, pela qual cada um pode semear e colher somente no seu terreno, o que quer dizer receber apenas conforme os seus méritos e culpas, sem que ninguém se possa meter no que não é seu. E como tantos destinos diferentes, ao invés do caos, em conjunto, acabam construindo como numa tapeçaria um desenho coletivo maior, no qual cabe e se cumpre o menor de cada indivíduo separadamente? Como se pode conciliar a rigidez da lei de causa e efeito, o seu férreo encadeamento, no qual se baseia o desenvolvimento de nosso destino, com a necessidade de convivência recíproca entre destinos assim entrelaçados? E isto sem que um destino cometa violência contra a liberdade dos outros, a ela impondo-se à força. Se, pelo princípio de justiça, pagar as conseqüências atende a uma necessidade absoluta, sem possibilidade de confusão, empréstimos ou escapatórias, cada um tem de assumir as suas responsabilidades com pleno respeito a seu próprio livre arbítrio, sem que qualquer outra pessoa possa ser responsável em seu lugar. Cada um tem de pagar pelas suas culpas e não pelas dos outros, tem de ser premiado pelas suas virtudes e não pelas dos outros. Pela justiça de Deus, tudo o que nos acontece na vida deve ter sido merecido por nós, a causa deve estar em nós mesmos. É em nosso passado que temos de procurá-la e não nos outros.

Observando como se processa a evolução, vemos que ela procede por tentativas. E é assim porque o seu caminho é percorrido por um ser ignorante que, exatamente através da sua experimentação, está conquistando o conhecimento. Essas tentativas, porém, se representam uma incerteza de oscilação nas experiências, a amplitude delas está contida dentro do trilho preestabelecido pela lei que dirige o plano geral de desenvolvimento do ser. Trata-se, então, de uma amplitude limitada, de uma pequena liberdade de cometer erros, mas fechada dentro de uma ordem maior, a da Lei que, se os admite, logo os corrige e endireita pela dor.

Eis então que em cada ação do indivíduo, concorrem junto três impulsos ou elementos: 1) a ignorância dele, da qual deriva a incerteza das suas tentativas e os seus erros; 2) o rigor da lei causa-efeito, pela qual o indivíduo está sujeito às conseqüências do seu passado; 3) a liberdade de tomar novas iniciativas, sobrepondo novos impulsos aos velhos, que, porém, a limitam, até que eles se esgotem.

Assim, no cumprimento de um destino há uma tendência que, se é irresistível, ao mesmo tempo é suscetível de se adaptar ao ambiente, ao momento, à pressão dos impulsos dos outros destinos que se vão desenvolvendo juntos e que também se querem realizar. No cumprimento de um destino há uma necessidade absoluta de realização, mas ela não é rígida e mecânica, mas uma vontade contínua, uma pressão constante implacável, impulsionando para se realizar, de modo que está pronta para isso, logo que o ambiente o permita. Ela funciona por tentativas, mas com a maior tenacidade, aproveitando todas as oportunidades. Eis, então, que na férrea atuação da lei de causa e efeito penetra uma elasticidade de adaptação às circunstâncias do momento. Se não encontrar logo as condições para se descarregar, a pressão dessa força continuará esperando a oportunidade, mas nessa espera ela se irá concentrando sempre mais porque cada vez mais comprimida pela falta de desabafo. Assim, aquela força continuará impelindo e sempre com mais urgência

no mesmo sentido, estabelecido pela lei causa-efeito, até que estourará conseguindo transformar-se em realidade, no fato concreto. Uma vez que o indivíduo, com o seu livre arbítrio, lançou tais forças, elas automaticamente caem no domínio da Lei, que as canaliza, conforme seus princípios, em caminhos dos quais elas não podem sair e que têm de seguir até seu esgotamento. O indivíduo lhes fica amarrado pois elas fazem parte da sua personalidade, do jogo de forças que a constituem. É assim que o passado está dentro de nós, amadurece conosco definindo o trajeto de nosso destino, e nos acompanha no presente e no futuro, nos ajudando ou nos perseguindo, como merecemos.

O princípio de justiça na realização de um destino fica respeitado, porque ele depende do que o indivíduo escolhe de tudo o que encontra no seu ambiente e do uso que de tudo isto ele faz, assim como as doenças dependem da predisposição clínica do ser, dependendo, também, do mesmo ambiente microbiano geral, a doença pegará ou não. A culpa está na fraqueza congênita, conseqüência do passado, que é a que estabelece uma predisposição para dados ataques uma atracão que representa um convite para dados tipos de agressões. São as conseqüências do nosso passado, na forma de nossas qualidades, se não as corrigirmos, o que nos faz sair vencidos ou vencedores. Assim as forças que o indivíduo no passado movimentou com sua personalidade, agora o dirigem para preferências instintivas, as quais são o que orienta e governa sua vida. Das mesmas coisas, no mesmo ambiente, indivíduos de natureza diferente, podem fazer um uso diferente, com resultados diferentes. É assim que cada um paga pelas suas culpas e não pelas dos outros; e é premiado pelas suas virtudes e não pelas dos outros.

É assim que tantos destinos diferentes, enredados no mesmo ambiente, podem apesar disso se realizar juntos, uns ao lado dos outros, sem se misturar, cada um recebendo conforme seu merecimento. Isto é possível pelo fato de que o impulso do qual depende o nosso destino é provido de elasticidade e adaptação, e ao mesmo tempo de uma poderosa vontade de se realizar, o que significa uma tendência e pressão constante, que não pode deixar de atingir o seu objetivo.

VII

PSICANÁLISE

Para concluir, com este capítulo e o seguinte, o estudo da personalidade humana e do destino, trataremos da psicanálise. Para nós, ela é a arte de fazer pesquisas no subconsciente, para descobrir quais são os elementos componentes da personalidade do indivíduo, o seu passado em que ele assim a construiu, e por fim o seu destino em que, como conseqüência necessária, aquele passado e o presente devem continuar desenvolvendo-se. Estudo de importância fundamental para entender a nossa vida, porque é na profundidade da nossa psique onde se encontra a primeira raiz de nossos atos. O que existe antes de tudo como verdade indiscutível, como premissa axiomática de todo julgamento, é a forma mental do indivíduo, filha do seu temperamento, que representa para cada um a sua unidade de medida dos valores, uma conclusão preconcebida a todo exame. porque a mente é o instrumento com o qual o homem tudo percebe, entende e julga. Tudo é atingido com esse meio e reduzido dentro dos seus limites, seja religião, moral, filosofia prática, política. orientação na vida individual e social, como toda forma de compreensão e comportamento. Não é possível entender o significado dos nossos atos, sem ter entendido de que impulsos interiores a conduta humana deriva.

Isto prova a importância da psicanálise, mas uma psicanálise concebida em sentido mais vasto do que a atual vigorante, isto é, como ciência que desvenda o mistério da alma, descobrindo o que fomos no passado e, por conseguinte, seremos no futuro, nos revelando o conteúdo de uma vida nossa muito maior, da qual a atual não é senão um breve episódio. Trata-se de um mundo desconhecido, que a ciência não leva em conta. O materialismo ateu o ignora, como se não existisse, e no fim da vida nos deixa cair cegos no abismo. As

religiões nada sabem de positivo e, com afirmações vagas, às vezes inaceitáveis porque absurdas, constituem um dever aceitar por fé, e como a vista dos cegos, nos deixam nas mesmas trevas. Só a primitiva forma mental do homem atual pode permitir que ele fique satisfeito com esta sua ignorância a respeito das coisas, que é o mais urgente saber se quisermos viver inteligentemente, compreendendo em função de que longínquos elementos se desenvolve a nossa vida atual.

Eis que, desde o início, logo aparece quão diferente, mais profunda e completa, é esta nova psicanálise, do que a comum hoje aceita Esta fica fechada dentro dos dois limites estreitos, do nascimento e da morte física, abrangendo, assim, só um trecho mínimo de nossa verdadeira existência, o qual é curto demais para nos explicar o que mais é necessário saber. Nos capítulos precedentes vimos que o nosso ser, quando do nascimento físico, traz consigo uma longa história, escrita no subconsciente, no qual ela pode ser lida. Tal é a função desta nova psicanálise, função fundamental, indispensável para compreender a personalidade humana e o significado do seu estado presente. Não pode fazer isto uma psicanálise como a atual, incompleta, porque não vai além do momento do nascimento, ficando assim limitada ao terreno dos efeitos, ignorando o das causas, do qual tudo deriva. Falta-lhe, então, a parte mais importante, aquela onde estão os alicerces que sustentam o edifício do eu, aquela das raízes onde se apoia a árvore, e das razões que explicam e justificam o estado atual do indivíduo.

Então, a primeira característica de nossa psicanálise é a de atingir a parte mais profunda do eu, mais escondida, porém mais enraizada e firme porque a mais antiga, a parte mais verdadeira. porque controlada por mais longa experimentação, a parte que está antes do nascimento. Mas esta psicanálise não abrange somente o passado, mas se estende também no futuro, porque ela sabe que este está contido no passado e no presente, do qual não pode ser senão a lógica conseqüência. Então, não somente psicanálise pré-natal, mas psicanálise que pode prever qual será o destino do indivíduo. No menino está tudo fixado, apesar de latente e invisível, como na semente está potencialmente contido todo o desenvolvimento futuro da árvore. Alargando a sua pesquisa e conhecimento no passado como no futuro, tal psicanálise nos oferece uma visão completa de nossa vida, e não só de um limitado trecho dela, insuficiente para o indivíduo entender o seu caso e posição, sua natureza e porvir. Mas para chegar a conclusões tão vastas, é necessário que a psicanálise seja orientada nas suas pesquisas e sustentada por um sistema filosófico completo, que de tudo dê uma explicação lógica, o que falta à psicanálise atual.

O indivíduo nasce já feito, com uma personalidade sua que se revelará depois, mas que já existe. Quem a construiu e como isto aconteceu? É preciso também desvendar o mistério do nosso futuro. Mas, para isso, não temos de limitar o conceito de nosso destino no próximo amanhã, mas concebê-lo como um percurso imenso que, ao longo de uma mesma linha, se vai desenvolvendo através do passado, do presente e do futuro, um destino cósmico representado pelo caminho que o ser percorre na grande viagem de sua evolução, que vai do AS ao S. Não se pode entender um fenômeno observando-o apenas isolado no seu estado presente, mas é necessário conhecê-lo também no seu transformismo, e no tempo adequado.

As qualidades que cada um leva consigo impressas na sua personalidade, representam os instrumentos com os quais ele terá de realizar o trabalho de sua nova vida, como continuação do trabalho das precedentes. Assim a psicanálise, através da leitura do subconsciente, estudando as características mais espontâneas do indivíduo, pode chegar a uma psicossíntese, que revele qual é a direção que ele tomou no trabalho de construção de sua personalidade. Apesar de que todos se movimentam ao longo do mesmo grande caminho da evolução, o de cada um é diferente do dos outros. por que a evolução leva ao aperfeiçoamento ela especialização não para afastar os indivíduos uns dos outros, mas para depois juntá-los em unidades coletivas, em que eles cooperam como elementos complementares. É lógico que a tendência da evolução seja de atingir o estado orgânico, porque o ponto final dela é o S, que é uma unidade orgânica.

Sem conhecer tudo isto não é possível orientar-nos no caminho e dirigir inteligentemente a nossa vida no seu trabalho mais importante, que é o da construção do eu. A vida vai sempre mudando, em todo momento apresentando a cada um problemas novos a resolver, novas experiências a realizar, novas lições a aprender. Cada um evolui com os recursos que possui, de modo diferente. A sabedoria para se dirigir com

conhecimento tem que ser adquirida duramente com o esforço próprio. O ponto de partida é a ignorância do AS, da qual o ser procura sair por tentativas, movido pela conquista do desconhecido. Mas a tentativa leva ao erro, o erro leva à dor, que nos ensina, repetindo-se até nós aprendermos. Este trabalho. que parece uma condenação, a de ter de aprender tudo à própria custa, é justo porque é conseqüência da revolta e da queda. E é lógico que o destino bata nos pontos mais fracos da personalidade, os mais desprovidos de experiência e conhecimento, onde mais domina a ignorância, e, por conseguinte, o erro e a dor. Assim pela dor, a personalidade se enriquece de sabedoria, o ponto fraco se fortalece, se afasta a dor, conseqüência do erro. A psicanálise tem que descobrir quais são esses pontos onde somos mais vulneráveis, contra os quais se encarniça o destino, porque neles está o desvio que a Lei quer endireitar. Desse trabalho ninguém pode sair, queira ele subir, queira ele descer. Na vida, qualquer que seja o caminho escolhido, há pão duro a roer para todos. Há quem saia dela adiantado, há quem saia atrasado. É à psicanálise que pertence a tarefa de dirigir este trabalho, orientando as consciências de forma científica, positiva, inteligente.

O transformismo que, saindo do estado de AS, tende a levar tudo ao estado de S, constitui a grande corrente da evolução que arrasta todos os seres, porque dentro dela tudo o que existe está imerso. O indivíduo só possui dentro dela uma relativa liberdade de oscilação devida aos seus impulsos particulares. Mas o que domina acima de tudo todos os seres é a vontade da Lei, que dos destroços do AS quer reconstruir o S. É esta vontade que, com a dor, reconduz o ser ao caminho certo, todas as vezes que ele se afasta. É lógico que cada violação da Lei produza nela como que uma ferida que se repercute no eu; é fatal que cada inversão de rota do ser no caminho evolutivo gere para ele uma correspondente inversão de valores, de modo que o positivo se torna negativo, a alegria, qualidade do S, se torna dor, qualidade do AS. Assim, de uma acão em excesso nasce uma reação em forma de carência. É lógico que qualquer violação da Lei, como na primeira revolta, volte a gerar as qualidades do AS, como cada esforço para realizar a vontade da Lei tenda a gerar as qualidades do S. Ora, a psicanálise deveria conhecer a técnica dessas compensações, para descobrir hoje que, onde há uma carência, qual foi no passado o excesso que a gerou, se hoje há um sofrimento, qual foi o gozo ilegítimo que o produziu. Só assim é possível fazer um tratamento das doenças da alma, tarefa de ética e religião, que pertence a uma psicanálise mais evoluída.

O melhor resultado que a ciência pode atingir é o de diminuir a dor, aumentando o bem-estar. Então a tarefa da psicanálise no estudo da personalidade é de descobrir quais nesta são os pontos fracos por carência de positividade, por ter o indivíduo trabalhado às avessas, em descida, em favor da negatividade ou AS; e é de fortalecer esses pontos com injeções de positividade, endireitando o caminho errado do ser, na direção da vontade da Lei, isto é, para o S. Tal psicanálise, conhecendo como já explicamos, a técnica da construção da personalidade, poderá intervir na direção deste importantíssimo processo, agora abandonado à ignorância do indivíduo. Trata-se de canalizar, sem doloroso desperdício de forças, os seus esforços, para atingir o maior resultado útil possível. Trata-se de acompanhar com inteligência a vontade de salvação da Lei, para se aproximar o mais possível, na forma mais rápida e com o menor trabalho, do S, realizando a evolução. Trata-se de dar à vida uma orientação racional, entendendo cada um o seu destino e o significado dos acontecimentos que ele contém. O problema fundamental para atingir a nossa felicidade, que mais nos interessa, é o de saber dirigir a nossa escolha, da qual depois tudo depende, e de saber intervir no terreno das causas, no momento da semeadura e da formação de um destino, no ato do lançamento das forças, porque disto depende o que depois não pode ser senão o automático desenvolvimento da trajetória estabelecida pelo primeiro impulso.

Hoje só existe o médico do nosso organismo animal. O psicanalista do futuro será o médico do nosso organismo espiritual, da saúde do qual depende o bem-estar do corpo. Mas para chegar a isto, é preciso entender como nasce e se desenvolve um destino, conhecer a técnica desse fenômeno para intervir nele, introduzindo novos impulsos corretivos, quando o caminho iniciado estiver errado. Como faz o médico do homem no plano físico, assim o médico do espírito, depois de um exame, através da leitura do subconsciente, da estrutura da personalidade do indivíduo, para estabelecer uma psicodiagnose do caso, deveria tratar o organismo psíquico, fortalecendo-o nos pontos fracos, medicando-o nos pontos doentes, compensando carências, corrigindo complexos, endireitando hábitos errados, controlando a conduta e estabelecendo um regime saudável. Isto significa ter sobretudo de educar, penetrando no terreno da ética, mas praticando

outra, diferente da atual, empírico produto do subconsciente como já explicamos, outra ética, científica, positiva, racional, demonstrada. Os remédios não se encontrarão nas farmácias, porque para doenças psíquicas são necessários medicamentos psíquicos.

Elementos fundamentais da psicodiagnose serão: 1) estabelecer qual é o nível evolutivo do indivíduo, porque disto depende a lei biológica à qual está sujeita a sua vida. A medicina, para tratar um involuído, é bem diferente daquela que é necessária para tratar um evoluído. 2) estabelecer perante que tipo de indivíduo o psicanalista se encontra, qual foi o caminho específico que aquele ser escolheu na sua evolução, isto é, o tipo de sua especialização, para individualizar claramente a sua personalidade. 3) estabelecer qual é o tipo e o percurso do destino do indivíduo, estudando o processo da construção de sua personalidade na estratificação que revela o crescimento do eu. 4) observando os produtos do subconsciente, estabelecer qual é a natureza dos impulsos instintivos que hoje dele emergem como retorno do passado, para assim chegar a conhecer de que tipo e série de experiências o estado presente é a conseqüência. Será deste modo possível descobrir quais foram as causas que nos escapam no passado, o conhecimento das quais nos é necessário para tratar os efeitos que agora temos de enfrentar. Só assim será possível chegar a conhecer qual foi a primeira longínqua origem de nossa atual forma mental, nos seus pontos torcidos e doentes, que são os complexos, e com isso poderá ser encontrado o antídoto corretivo do mal, isto é, o tipo de tratamento psíquico anti-complexo, adaptado àquele caso particular.

Nessas pesquisas, muito fica confiado às capacidades de penetração intuitiva individuais, das quais dependem os resultados. Mas, pelo fato de que, na prática, elas nem sempre existem, seria necessário oferecer ao psicanalista uma técnica de pesquisa já feita, que qualquer pessoa possa usar, mecanicamente, como um aparelho que funcione nas mãos de todos. Mas isto aqui não é possível fazer Limitar-nos-emos, então, a estabelecer os princípios gerais orientadores.

* * *

Por que o passado ressurge e volta a nós, determinando o nosso destino atual? Como, com a nossa livre escolha, podemos criar um destino e como pode ele ser fatal? Já vimos que o fato do passado ressuscitar das suas cinzas é devido à tendência do primeiro impulso a continuar na mesma direção em que foi lançado. Eis as suas características: 1) trata-se de uma força de tipo espiritual; 2) trata-se de uma força que, uma vez lançada pelo seu impulso de origem, se tornou autônoma, como um indivíduo independente, que pela sua vontade quer atingir o seu objetivo; 3) essa força faz parte do feixe de forças que constituem a personalidade do indivíduo, e dentro desta continua movimentando-se, de modo que ele lhe obedece instintivamente, julgando obedecer a si mesmo, porque ela faz parte dele, a vontade dela é a vontade dele. O resultado é que o indivíduo pensa e age, como quer essa força que se tornou parte integrante da sua personalidade. E assim que o ser, imaginando realizar a sua vontade, fica amarrado à necessidade de realizar essa outra vontade, que agora o domina. Eis como surgiu o conceito de fatalidade do destino. Poder-se-ia dizer que o nosso passado nos escraviza, porque lança o eu numa dada direção, assim congelando em determinismo o nosso livre arbítrio, até que, em novas vidas, consigamos libertar-nos da escravidão desse determinismo.

O destino é fatal no sentido de que, nós somos no presente, como nos construímos no passado. Neste, foi por nós construído o nosso mundo interior, conforme o qual percebemos, entendemos e julgamos o que nos chega de fora e contra ele reagimos. E o nosso eu de hoje a conseqüência fatal do nosso eu do passado. Este continua funcionando em nós, criando imagens que nos impressionam, miragens que nos convidam e atraem, impulsos que nos empurram numa dada direção, desejos que reclamam e exigem satisfação, de modo que mais cedo ou mais tarde o indivíduo acaba sendo arrastado. Eis como o passado ressurge e volta a nós, determinando o nosso destino atual. Esta junção do passado com o presente e o futuro é imposta pela necessidade de manter a continuidade do processo evolutivo, que sem ela acabaria despedaçado em inúmeros fragmentos desconexos, perdendo assim a sua unidade de fenômeno único que, tudo abrangendo, vai do AS ao S.

O ser, no momento que está constrangido a obedecer ao seu destino, obedece a si mesmo. Mas se trata

de um si mesmo que é um eu antigo, superado, diferente do atual, cuja vontade pode hoje ser bem diferente da daquele outro eu, que representa coisa velha, obsoleta, atrasada, que é bom abandonar, porque a evolução tem pressa e impulsiona para a frente. Pode assim surgir luta entre duas posições evolutivas dentro do mesmo indivíduo que as contém: de um lado a sabedoria do instinto bem comprovada e confirmada por longa experiência, profundamente arraigada nos alicerces da vida, sabedoria encarregada de defendê-la, garantindo-lhe a continuação. De outro lado, a sabedoria do homem consciente, conquista nova que se coloca acima do instinto, destinada não a conservar o passado, mas a explorar o futuro. Tudo isto corresponde a duas finalidades fundamentais que a vida quer atingir: a conservação do passado e a conquista do futuro. A luta é entre essas duas exigências opostas. É a luta entre a matéria e o espírito, o involuído e o evoluído, a fera e o anjo. São dois impulsos da vida, que podem tomar forma de duas personalidades diversas dentro do mesmo indivíduo como se ele tivesse uma dupla personalidade. Isto se revela na luta consigo mesmo, que se encontra nos indivíduos em fase de transformação evolutiva, que os leva do nível da animalidade ao da espiritualidade, chocando-se uma contra a outra, até a segunda vencer, superando a primeira. É assim que o novo se substitui ao velho, criam-se instintos superiores que tomam o lugar dos inferiores.

A nossa personalidade é constituída por tudo o que herdamos do passado, que foi vivido com a nossa experiência, lançado e confirmado por longa repetição, de modo que agora volta como uma inabalável vontade de se continuar realizando na mesma direção, e resistindo a toda tentativa de desvio. Eis o mundo imenso que o impulso ascensional da evolução quer e deve transformar! Quanto pior tenha sido o nosso passado, tanto maior é o peso da carga que temos de trazer às costas, que nos paralisa no caminho da subida. As forças que uma vez movimentamos, agora nos acompanham, ajudando ou perseguindo, como pessoas vivas. Determinando os movimentos do indivíduo, acabam colocando-o nas posições que elas querem, produzindo as circunstâncias e os acontecimentos, atraindo as pessoas mais adaptadas, para que o destino, que daquelas forças deriva, se realize.

Podemos, assim, compreender como tudo depende de nós, do que fizemos e merecemos no passado e do que por conseguinte fazemos no presente. O ambiente é o mar onde todos estamos e onde cada um, entre as coisas que encontra, escolhe aquelas que prefere conforme seu temperamento. Assim cada um com as suas qualidades do passado, coloca-se na posição que lhe pertence. Agora podemos compreender como a primeira causa do que nos acontece se encontra antes de tudo dentro de nós. Seria suprema injustiça de Deus que aos outros fosse entregue o poder de nos infligir um destino por nós não merecido. Se aos outros fosse dado o arbítrio de modificar o nosso destino à vontade, eles poderiam alterar o caminho da evolução, destruindo a responsabilidade do indivíduo e a justiça de Deus. Quando um indivíduo possui certas predisposições, por se ter construído com dadas qualidades, é fatal que mais cedo ou mais tarde, entre as inúmeras forças com as quais ele na vida terá de se encontrar acabem funcionando aquelas que serão atraídas por afinidade, ou que pela Lei serão impulsionadas a compensar os pontos negativos de carência reequilibrando o desequilíbrio que esta representa.

A função da psicanálise deveria ser a de estabelecer uma psicodiagnose baseada nestes princípios, lendo no subconsciente do indivíduo o que este nele escreveu no seu passado. Uma vez conhecidos os impulsos na sua origem, será possível observar como eles se desenvolveram até ao presente, no qual aqueles impulsos se estão realizando. Será deste modo possível estabelecer qual o tipo de destino, o seu conteúdo e linha de desenvolvimento, no caso particular do indivíduo que estamos estudando. Aqui começa pelo psicanalista a função corretiva do passado, no ponto onde houve erros. O tratamento é psicológico-moral, a receita dos remédios está escrita na Lei, e o médico tem que se tornar intérprete dela para ajudar o paciente a entendê-la e aplicá-la, ensinando-lhe a arte da obediência inteligente que, evitando resistência do indivíduo, evita atritos. choques com a Lei, para que o ser não seja atingido em cheio pelo seu duro método, que é o de corrigir pela dor.

Aqui começa a parte mais importante do trabalho do psicanalista. Uma vez que ele descobriu o fio condutor do destino do indivíduo em exame, a sua função é a de orientar esse destino, dirigindo-o, conforme sua natureza e os elementos que contém, para um futuro melhor, onde, por lógicos corretivos de conduta:

erros, complexos e sofrimentos sejam eliminados. O princípio geral é que o paciente deve ser orientado para que o seu caminho se desenvolva na direção do S, que representa o bem, a felicidade, Deus. Psicanálise profundamente moral e religiosa, ligada aos princípios de ética, que de propósito explicamos neste mesmo volume, como premissa indispensável ao estudo da psicanálise. Explicamos também a estrutura da personalidade e a técnica da sua construção, porque a função maior do psicanalista, depois de ter descoberto no indivíduo qual é essa estrutura, e de guiar aquela construção, para que ela se realize da melhor forma para o bem e a felicidade dos homens de boa vontade. No futuro, o objetivo da ciência não será o de criar armas destruidoras de vidas, assim como o das religiões não será o de perseguir pecadores, mas será o de atingir, com uma conduta sábia e inteligente, o que é mais útil e que por isso todos entendem, isto é, a sua própria felicidade. A tarefa da psicanálise é a de construir destinos sadios e felizes, dando saúde às almas, curando as doentes, fortalecendo as fracas, sanando feridas, tudo isto no terreno do espírito, como o médico do corpo faz no terreno da vida física. Hoje só existe o segundo médico. Mas no futuro os dois médicos trabalharão lado a lado, juntando as suas duas sabedorias numa só. para chegar a uma só diagnose, a um só tratamento físico-psíquico, a uma síntese clínica que ao mesmo tempo abrangerá corpo e alma. numa incindível unidade, como de fato é o ser humano.

* * *

É lógico que o tratamento e a direção dependem do tipo do indivíduo e do seu grau de adiantamento no caminho evolutivo. Erros e sofrimentos, experiências, éticas e as leis que dirigem a vida. são diferentes conforme o plano biológico na qual existe o indivíduo. O psicanalista tanto pode encontrar um primitivo, tipo animal. quanto um super-homem; e entre estes dois extremos uma vasta série de tipos intermediários. O que vale para um, não é adaptado para o outro. O psicanalista tem que conhecer e acompanhar o desenvolvimento da vida e das suas leis, adaptando a sua ação a esta transformação do ser, que tudo muda de um nível a outro. Neste processo, o conteúdo do subconsciente vai-se cada vez mais enriquecendo e dilatando, até que, ao invés de uma vida regida por poucos instintos elementares, contém uma concepção tão vasta da existência, que ela é realizada em função do universo.

O conteúdo do subconsciente da atual maioria humana o prova o cinema, o tipo de crônicas nos jornais, de romances mais difundidos, dos quais o público mais gosta. Basta falar de crimes, processos policiais, roubos, sexo, na forma inferior de violência e vício, que muitos se interessam. O que se encontra no fundo da alma humana é a lembrança da recente experiência da fera. Tudo isto revela quais são os instintos ainda dominantes, que com tais meios procuram desabafar com a fantasia, agora que as leis de um mundo mais civilizado proíbem que tais impulsos se concretizem nos fatos. Assim, a mente se satisfaz com tais substitutos, que revelam sua natureza, sempre pronta, porém, a se satisfazer com fatos, logo que desaparece o freio da ordem, disciplina mantida com a força.

Para calcular os efeitos do que ele encontra escrito no subconsciente, o psicanalista tem que aplicar os princípios de equilíbrio e compensação, que estão escritos na Lei. Ele terá de observar as forças que a personalidade do indivíduo contém, as qualidades e o poder delas, quais as forças de bem a favor, quais as de mal, contra. Trata-se de um verdadeiro exame de consciência, que o paciente tem de fazer perante a Lei, enquanto se está confessando com o psicanalista. Tudo tem que vir à superfície, da profundeza da alma, calculando débitos e créditos perante a justiça de Deus. Os momentos sucessivos do exame psicanalítico, como melhor veremos no Cap. IX, são: exame de consciência, confissão da parte do paciente; interpretação da confissão e dos sintomas psíquicos, leitura no seu subconsciente, definição da estrutura de sua personalidade, das correções necessárias conforme a linha de seu destino, da parte do médico. Arrependimento, vontade de praticar as mudanças necessárias para endireitar o passado, onde esteve errado, realizar tudo isto de verdade, da parte do paciente. Tudo em forma de estreita colaboração entre os dois, unidos por um liame de sinceridade, confiança, inteligente compreensão e vontade de fazer o bem. Pode haver micróbios patogênicos também no ambiente psíquico, e às vezes pode ser necessário esterilizar tal ambiente, assim como o doente.

As diretivas para um involuído podem estar nos antípodas das que estão para um evoluído. O primeiro é um ignorante que é preciso dirigir para formas de vida superior pelo medo do seu prejuízo, que é a única

coisa que ele entende. O que é mais urgente é cortar-lhe as garras da fera, para que se torne um ser civilizado. Ele chegou há pouco no ambiente terrestre, subindo de mais baixos níveis biológicos. A finalidade de sua vida atual na terra é se transformar de fera em homem. O problema é diferente no caso de um evoluído. Ele não subiu na terra de um nível biológico inferior, mas nela desceu de um nível superior. O problema para ele não é o de se civilizar, mas de conseguir sobreviver no meio dos não civilizados. Então, o que para ele é mais urgente não é cortar-lhe as garras da fera, mas ensiná-lo a ser fera, lhe fornecendo as armas de ataque e defesa na luta pela vida, armas que ele há tempo abandonou, para conquistar qualidades superiores. Então, a lição do psicanalista deveria neste caso ser completamente diferente. Ele deveria dirigir o evoluído, ensinando-lhe o que é mais necessário na terra e que ele esqueceu, o que os involuídos praticam, que é assim fácil e instintivo para eles, porque representa uma experiência recente ainda bem gravada no subconsciente, enquanto para o evoluído é uma experiência longínqua, há tempo superada, sepultada nas camadas inferiores do eu, que agora vive em outro nível de evolução.

A maior função da psicanálise deverá ser a de dirigir as consciências, mas com o conhecimento psicológico que as religiões atuais não possuem. O psicanalista deverá, então, ser um educador, mas de alunos diferentes, a cada um dos quais deverá dispensar uma lição diferente, conforme a natureza de cada um. Assim o psicanalista deverá ser psiquiatra, confessor, amigo, confidente, mestre, salvador; deverá possuir intuição para penetrar os segredos da alma, melhor do que o próprio sujeito conheça ou saiba explicar. Os sofrimentos do indivíduo podem depender de sua incapacidade a se adaptar aos valores e medidas que a maioria faz para si. seja isto por defeito, porque ele é atrasado demais, seja por excesso, porque ele é muito adiantado. Claro que nestes dois casos são necessários tratamentos opostos. Os problemas, os sofrimentos, as doenças psíquicas dos seres do primeiro tipo não são as do segundo tipo. Por isso colocamos neste livro, como premissa ao estudo da psicanálise, o da personalidade. O psicanalista terá de possuir a arte de se adaptar ao caso particular. Os complexos de um tipo não são os do outro. A evolução transforma a natureza do ser, que depende do nível por ele atingido. Para um pode constituir problema tremendo e vital, o que para outros ainda não apareceu dentro dos limites de seu concebível. Às vezes um indivíduo pode parecer doente, enquanto ele só se encontra em fase de deslocamento de um nível biológico para outro. envolvido numa crise de crescimento, que não e. doença, mas trabalho criador bem sadio. Então, psicodiagnose e tratamento terão de ser diferentes.

Este não é o caso mais comum, porque a maioria está bem longe de ser evoluída. Mas é o caso mais refinado, difícil e interessante da psicanálise. Surge o problema: como corrigir a falta de adaptabilidade do evoluído no baixo ambiente humano? Deve o psicanalista tornar-se um mestre de involução, para que o evoluído, retrocedendo, possa de novo aprender o que é indispensável para sobreviver na terra, ou deve abandonar tal indivíduo ao seu destino? Este homem se tornou, por evolução, justo, honesto, sincero, evangélico. Tal lição, que os outros apenas começam a aprender, foi por ele tão profundamente assimilada, que se tomou impulso espontâneo, instinto. Assim ele esqueceu o que mais importa na terra, isto é, a arte da luta, do engano, o instinto do egoísmo e da autodefesa. Como poderá na terra sobreviver um ser que por evolução se tornou de diabo em anjo e perdeu as garras? O seu destino é o de se dirigir para outros mundos. Então terá ele que renunciar à vida na terra, escolhendo o caminho do martírio e da morte?

Cabe ao psicanalista a tarefa de dirigir o indivíduo num ou noutro destes dois sentidos. O problema para ele será o seguinte: vou salvar a vida desse homem no ambiente terrestre, mas devo cumprir o crime de o orientar para uma descida involutiva, intervindo no seu destino em sentido negativo? Ou devo estimulá-lo ainda mais no caminho para o céu, salvando-o, mas com isso impelindo-o a se tornar cordeiro, para ser devorado pelos lobos? Qual das duas vidas devo salvar: a presente ou a futura? Deverei cortar-lhe as asas e ajudá-lo a desenvolver as garras para o seu bem imediato? Ou devo acompanhar o seu sacrifício, cortando-lhe as garras e ajudando-o a desenvolver as asas, para o bem futuro? A resposta do psicanalista revelará quem ele é.

* * *

Vale a pena observar o fenômeno mais de perto, porque ele tem também um significado moral,

religioso, social. A primeira coisa que faz uma lei religiosa ou civil é a de estabelecer a sua sanção punitiva pelo não cumprimento. O que se presume, então, não é a obediência, mas a evasão. Que o cidadão tenha de ser constrangido à força, sob a ameaça de uma pena, constitui a base de qualquer lei. O indivíduo é aprioristicamente julgado um rebelde. Por que isso? Porque a base da vida na terra é a luta. O homem isolado, por ser o mais fraco, não possui sanções contra as religiões ou os governos, como estes possuem contra ele. Quem não possui força, não possui direitos .O povo tem direitos somente quando se organiza e a unidade do número o torna o mais forte.

Em nosso mundo, autoridade e dependentes são naturais inimigos. Os indivíduos, sendo os mais fracos, não possuindo a força, procuram evadir-se com o engano, que é a arma dos criados. Os primeiros lutam com a cadeia ou o inferno, os segundos com a astúcia. Que acontece, então, ao indivíduo fora de série, que não luta, não se defende, mas fica por sua natureza espontaneamente obediente e honesto? Neste ponto pode aparecer o psicanalista, para estudar o fenômeno da honestidade como um complexo, descobrindo suas origens e praticando um tratamento. Por que complexo? Porque o homem honesto se coloca fora da regra da luta e do ataque e defesa, em que se baseia a vida na terra. E de fato, na prática, o nosso mundo julga o homem honesto como um fraco de que é bom aproveitar, um deficiente que não sabe vencer, um doente mental.

O caso é doloroso, delicado a resolver - O que deve fazer o psicanalista? Ele poderia dizer ao paciente: "não seja tão simplório. As escapatórias para se evadir das leis religiosas e civis já existem na prática, elaboradas por milênios, sabedoria dos astutos. Não acredite nas palavras e aparências. Atrás delas tudo está pronto e bem conhecido pelo longo uso. Por que você não aproveita, como se costuma? Há na prática uma religião bem adaptada e acomodada, com a qual se pode conciliar tudo, o céu e o mundo, a qual na elasticidade de sua consciência permite e legitima tantas coisas que a tua proíbe. Está tacitamente concordado e presumido que você saiba aproveitar tais oportunidades. Se não o fizer, ninguém lhe agradece, mas pelo contrário, o condenará como inexperiente. Se você vencer por este caminho, será admirado e respeitado. Se você não souber vencer assim, será desprezado"

A conversa com o paciente poderia continuar: "enquanto permanecer honesto, tanto pior para você. Ninguém reclama, porque os outros gostam da sua derrota. Nisto não os incomoda, pelo contrário, na luta pode para eles ser vantajoso encontrar uma vítima a explorar. O perigo aparece quando você começa a exigir que os outros pratiquem a mesma honestidade que você usa. Se você se proclama o que de fato é, isto é, honesto, e por isso acusa os outros de desonestidade, então eles o julgam seu inimigo e iniciam a luta com as suas condenações. Inimigo, porque o método que você prega atrapalha os seus interesses. Você não tem que descobrir as armadilhas do próximo, mas ser amigo, acompanhá-las, delas tirando sua vantagem. Você quer endireitar o mundo? Mas o mundo o esmagará".

Do outro lado o paciente responde que ele não pode funcionar, senão conforme sua natureza, que é a da honestidade; responde que não pode mudar este seu instinto. Então continua o psicanalista: "procuremos entender o fenômeno. Você, como o mundo, segue os seus impulsos, obedece aos seus instintos. Por que tanta diferença entre eles? Vimos que esta espontaneidade depende das experiências vividas no passado e gravadas no subconsciente, que agora as devolve. Que ensinou a vida ao homem no passado? Ensinou que só o mais forte ou o mais astuto vence e pode sobreviver. Para quem não sabe ser tal, há derrota, sofrimento e morte. A honestidade, que por princípio impõe sacrifícios no interesse dos outros, representa em tal mundo um altruísmo antivital, contra o qual a vida se rebela. Colocar-se na posição de cordeiro no meio dos lobos, prontos a devorá-lo, é loucura. Quem quer tomar o Evangelho a sério, sem entender que ele mata, é um doente mental. Acabará sendo martirizado, como aconteceu com Cristo, e como não pode deixar de acontecer com todos os que querem segui-lo de verdade e não apenas com palavras. Então, biologicamente o mundo tem razão".

Continuemos estudando o fenômeno para chegar a uma psicodiagnose. Se no paciente a honestidade se tornou tão profundamente gravada no subconsciente, manifestando-se agora com a espontaneidade irresistível de instinto, enquanto nos outros acontece o contrário, isto quer dizer que a experimentação que

ele viveu e assimilou no passado, a lição que ele aprendeu, é diferente daquela que viveram e aprenderam os outros. O presente só se pode explicar com o passado. Então, perguntamos: o estado presente do paciente é anormalidade de doente, é um complexo a curar, ou é posição de inferioridade somente relativa ao mundo que o julga, mas não o é em sentido absoluto, em relação às leis da vida?

Um sistema de conduta pode ser produtivo e, por isso, aceito até um dado nível de evolução, além do qual se torna contraproducente para os objetivos que a vida quer atingir, e, então, esta o abandona. Assim, o sistema de luta entre indivíduos pode ser útil num mundo de elementos separados, no qual a defesa da vida está confiada a cada ser isoladamente, conforme os recursos que ele possua. Mas este método se torna contraproducente, porque cheio de atritos destruidores, num mundo de elementos sabiamente coordenados, numa sociedade organizada, na qual a defesa da vida está confiada à inteligência que dirige o bom funcionamento do conjunto, e à regular obediência a ela, de todos os elementos daquela sociedade. Então à iniciativa individual se substitui a do poder central, que monopoliza a força e a autoridade, tirando-as dos cidadãos, mas para manter a ordem, que dá segurança e é vantagem para todos. Essa transformação já se realizou dentro dos limites de um povo, no seio das nações que já chegaram a viver no estado orgânico. Mas fora desses limites, nas relações entre nações, vigora ainda o método individualista dos elementos separados, o método contraproducente das rivalidades e da guerra. Entretanto, a evolução da vida exige que a vantagem que foi atingida dentro do limitado plano nacional, no interesse de cada povo, tenha de ser atingida também no mais vasto plano internacional, no interesse de toda a humanidade. O principio é o mesmo, e o processo de sua realização já foi iniciado. Trata-se somente de o continuar.

Este exemplo nos mostra como a vida está pronta a abandonai um método, quando este não lhe seja mais útil, para o substituir por outro mais vantajoso. E o que está acontecendo hoje com a humanidade. Ela terá de acabar compreendendo a utilidade de passar do caos à ordem, também no terreno internacional, como já o fez no nacional. Então, acabará com o sistema atual da luta, das rivalidades, das guerras, e correlativo estado de insegurança e sofrimento.

Ora, o método do homem honesto, que não vive mais fechado no seu egoísmo em estado de guerra contra todos e de insegurança mas vive em estado de paz com todos e de segurança, representa a posição do tipo mais evoluído que entendeu a utilidade de passar do caos à ordem, acabando com o sistema contraproducente da luta. egoísmo, agressividade, e correlativo estado de atrito, insegurança e sofrimento. A evolução da vida terá de levar o homem até esta nova posição biológica: ao invés de seres fortes ou astutos, terá de produzir seres honestos, porque só eles se poderão tornar elementos de um novo estado orgânico da humanidade. Isto porque tal posição de ordem representa uma vantagem que a vida aceita, porque é utilitária, um aperfeiçoamento que a evolução deseja.

Podemos agora entender o que representa o biótipo de homem honesto relativamente às leis do nível biológico da humanidade. Tal biótipo representa uma antecipação da evolução, pertencendo, por isso, a um plano de vida mais adiantado, ao qual porém terão de chegar também os outros, a maioria humana que agora o condena, porque ela vive num outro nível de evolução. Neste ambiente ele se encontra como um desterrado, movido por impulsos que poucos compartilham, por instintos fora de série, que o deixam parecer um ser avulso da realidade, um inexperiente, um doente mental. Mas de fato ele assim parece, porque tal julgamento sai da forma mental de uma humanidade atrasada, porque o ponto de referência é a fase evolutiva de nosso mundo atual.

O método do homem honesto representa o que será a vida do homem de amanhã. Então, a dele é somente posição de inferioridade relativamente à atrasada fase evolutiva de nossa humanidade atual. Mas em função da história desta, aquela é uma posição de superioridade. Um ser de grande inteligência e bondade é um desprezível inepto num mundo de feras. Não possuindo armas, base da vida, ele será devorado. Todavia representa o germe do futuro desenvolvimento da humanidade, a única esperança e meio que esta possui para sair da barbárie. Este biótipo representa o progresso. Se o mundo está contra ele, as forças da evolução estão a seu favor. Se a vida o repele nos seus níveis inferiores, aceita-o e glorifica-o nos superiores. Ela aceita os atuais métodos do mundo enquanto eles lhe são úteis, porque proporcionados ao

ambiente, mas está pronta a repeli-los logo que, numa posição biológica diferente, eles se tornem prejudiciais. Então, será quando o homem desprezado triunfará.

Esta é a análise do caso, como nos propusemos fazer, para chegar a uma psicodiagnose do que chamamos complexo de honestidade. Eis quais são os elementos que o psicanalista deveria levar em conta. Mas nesta altura temos de lhe oferecer a resposta a outra pergunta: por que processo o indivíduo chegou ao seu estado de maior compreensão que o faz honesto, apesar de que isto lhe custe prejuízo imediato? E como tal forma mental tão profundamente se radicou nele, até se tornar impulso espontâneo, hábito, instinto? Que experiências pessoais levaram o indivíduo a esse amadurecimento? Esta é a parte que mais interessa ao psicanalista para o tratamento do caso.

A inteligência da vida usa um método muito eficaz para educar, convencendo sem constrangimento, com todo o respeito pela liberdade do ser. A vida o deixa errar à vontade correndo atrás das suas miragens, deixa que ele obedeça aos seus impulsos, desabafando os seus instintos inferiores, que pela sua própria natureza estão condenados a se chocar contra a reação da Lei e a se corrigirem automaticamente pela dor. É o próprio homem que, pela sua natureza, carrega a sua punição. Sua cobiça, insaciável e espírito de egoísmo e revolta o levam ao abuso, que representa o erro em que é mais fácil cair e que abre as portas à dor, encarregada de o corrigir. O homem, assim conhecedor das astúcias do mundo, mas ignorante das leis da vida, enquanto julga poder escapar-lhes, acaba ficando preso nelas, para tudo pagar.

Eis como o homem pode chegar à honestidade, por ter experimentado as conseqüências dolorosas do abuso. Assim como se chega à virtude por ter sofrido demais pelo vício, a humanidade chegará a paz por ter sofrido demais pela guerra etc. Neste caso o ser leva consigo, gravada no seu subconsciente, uma experiência dolorosa, que lhe ensina a não mais cometer aquele erro. O ser aprendeu à sua custa, pelas duras conseqüências, a não cometer mais excessos. Eis como pode nascer o que chamamos de complexo de honestidade. O indivíduo aprendeu que o mal que ele fazia aos outros acreditando com isto chegar à sua própria satisfação, o levou ao seu sofrimento. Ele se tornou honesto porque se queimou pela sua desonestidade. Um complexo é uma queimadura .do espírito, que não a esquece.

Esta fase da punição do pecado representa o primeiro passo no caminho da subida para um nível de vida superior. O sofrimento mostra onde ocorreu o erro e convence a não cair mais nele. Começa assim a desenvolver-se a inteligência, até entender a vantagem de praticar métodos de vida mais adiantados, substituindo-os aos velhos. O indivíduo vai, assim, repetindo experiências cada vez mais completas, até o novo estilo de vida se tornar bem assimilado, os impulsos de honestidade espontâneos, a nova qualidade se torna instinto, como aconteceu com o evoluído. No fim não é mais a repulsa da Lei que impele o ser a subir, mas é a própria atracão da Lei que recompensa quem progride no caminho do bem.

Podemos agora chegar a estas conclusões: não há dúvida de que destruir tal complexo de honestidade representa uma imediata vantagem para o indivíduo, porque ajuda a sua adaptabilidade a um mundo, com o qual há inimizade recíproca, um estado de luta que um tratamento poderia afastar. O problema para o psicanalista é o seguinte: tal complexo deve ser curado, isto é, destruído, porque ele representa um defeito, ou deve ser confirmado e aperfeiçoado porque ele representa um valor? Mas o defeito é só perante o mundo, enquanto o valor é perante a maior entre as leis da vida: a evolução. É lícito, para eliminar os choques com um mundo inferior. sacrificar valores superiores? Para atingir uma vantagem imediata, pode o médico intervir negativamente no processo evolutivo, paralisando-o, impulsionando o indivíduo a retroceder, com um prejuízo muito maior do que aquela vantagem imediata? Então o psicanalista não deveria lutar para eliminar o complexo, mas para o alimentar, aumentando a doença. E para fazer isto, ele deveria colocar-se contra o mundo, ao mesmo tempo condenando o seu paciente a derrotas e sofrimentos.

A solução depende do médico, e sobretudo do paciente. Se este é verdadeiramente anjo, nunca se adaptará a tornar-se diabo, nunca aceitará um retrocesso involutivo, que para o ser representa a maior condenação. Ele nunca aceitará o mundo como é, mas procurará cada vez mais afastar-se dele, prosseguindo no seu caminho. Ele nunca renunciará ao seu direito de fazer parte de outras humanidades mais adiantadas.

É preferível retroceder o ser e ficar depois condenado a vir no atual nível humano. Para o biótipo evoluído não há outro caminho.

VIII

A NOVA PSICANÁLISE

Explicamos nos capítulos precedentes que os instintos são automatismos adquiridos nas vidas precedentes e gravados no subconsciente, no qual o psicanalista pode ler, impresso, o que no passado foi vivido pelo indivíduo. E nesta experimentação por ele vivida, que se baseia o processo da construção da personalidade que o médico está observando. Vimos então que a idéia de pesquisa no terreno, que existe antes do nascimento físico, é fundamental em psicanálise, pesquisa sem a qual esta não pode entender o presente, que é conseqüência daquele passado, que representa sua raiz.

Eis, então, que uma das características mais importantes da nova psicanálise que aqui apresentamos é essa penetração no terreno pré-natal, a qual falta à clássica psicanálise atual. O tipo, que desta ciência aqui oferecemos, é mais completo, é integral, pelo fato de que procura reconstruir toda a história da personalidade, seguindo o processo de sua formação, levando em conta elementos que escapam à psicanálise hoje praticada. O subconsciente contém um mundo muito mais vasto do que o que ela julga, um imenso passado em que o eu viveu infindas experiências, que constituem sua atual sabedoria inata, diferente para cada um, conforme o caminho por ele percorrido.

Não há dúvida de que a parte da psicanálise que mais interessa na prática é a do tratamento das neuroses e complexos. Por isso o próprio Freud preferiu deixar de lado o aspecto filosófico e espiritual da psicanálise, o problema das causas longínquas, dirigindo-se para o seu lado prático, o do tratamento. E foi isto que tornou Freud popular. Acontece, porém, que também esse problema prático não pode ser resolvido sem se apoiar na base de uma teoria fundamental, de um sistema filosófico completo que tudo oriente no seio do funcionamento universal, sem o que qualquer ação será uma tentativa cega, porque carente dos seus princípios diretivos, que só o conhecimento do plano geral da vida pode oferecer. A ciência descobriu leis particulares, sem levar em conta que, funcionando elas dentro de uma lei maior, universal, que a todas abrange e coordena, não é possível entendê-las no seu verdadeiro valor, nem colocá-las em ação no terreno da prática, no estado de incerteza de quem não conhece todo o problema. Como cada fenômeno menor se processa em função de fenômenos maiores, assim cada problema particular não pode ser resolvido, senão em função do conhecimento do problema universal e de sua solução. Assim, o problema de um tratamento certo das doenças psíquicas e espirituais não é solúvel senão em função da solução já atingida de outros problemas mais vastos, como o do conhecimento da natureza da personalidade, da técnica de sua construção, da finalidade de tal processo evolutivo, da leitura do passado pré-natal, lendo-o no subconsciente etc. Trata-se de curar um sofrimento. Por isso é indispensável conhecer o que é a dor, por que ela existe e num dado momento aparece, qual é sua origem e função no plano geral da existência. Uma verdadeira psicanálise, se quiser ser completa, deve abranger horizontes de amplitude bem maior que os atuais. Ela não pode ser entendida só como fenômeno psicológico, mas também como fenômeno ético, religioso, biológico, evolutivo, social etc.

A originária psicanálise do prof. Sigmund Freud recebeu sucessivas modificações e desenvolvimentos por Adler, Rank, Jung, Stekel etc. Freud viu na personalidade humana, antes de tudo, o elemento sexo, aceitando seus impulsos como fator fundamental. Seu seguidor Jung lhe respondeu que: "o cérebro não pode ser somente um apêndice das glândulas genitais". Assim, a concepção feminina da personalidade humana, baseada no instinto sexual, foi por Jung substituída pela concepção masculina baseada na vontade de

domínio. Cada um dos dois cientistas viu um dos dois aspectos fundamentais e complementares do mesmo fenômeno, portanto, não se contradizendo, mas completando-se. A personalidade humana é um conjunto de dois elementos ou aspectos: macho e fêmea, isto é, espírito de luta, para a função biológica da conquista, e espírito de bondade e amor, para a função biológica da proteção e conservação. O primeiro impulso executa a tarefa da defesa para a afirmação e sobrevivência do indivíduo, o segundo impulso assegura a continuação da raça. Era inevitável que na psicanálise tivesse que aparecer e se revelar o fato da existência destas duas funções fundamentais da vida, assumindo as duas posições: a do macho e a da fêmea.

Mas eis que o próprio Jung se encaminhou para uma concepção mais vasta referindo-se aos princípios gerais de uma lei superior. No seu livro: ***O arquétipo é uma presença eterna***, Jung explica o seguinte: (. . . .) "que muitas neuroses do homem moderno nascem de ofensas que o consciente gerou nos arquétipos. Então, estes reagem do inconsciente, perturbando o equilíbrio psíquico do indivíduo. Atinge-se a cura, ajudando o doente a individuar os símbolos do seu próprio subconsciente".

Eis antes de tudo que Jung admite, como nós, que a ação saia do consciente, mas faz isso sem explicar, como fizemos, que este fato representa a parte ativa do processo da construção do eu. A parte mais importante da afirmação de Jung é que as neuroses nascem de ofensas que o consciente gerou nos arquétipos. Isto corresponde ao nosso conceito de violação da ordem da Lei de Deus, conceito que explicamos no livro: ***Queda e Salvação***. Corresponde também à nossa afirmação de que a desobediência a essa Lei representa uma ofensa contra a qual ela reage, devolvendo-a ao violador na forma de dor, que neste caso é a desordem da neurose. Mas Jung não explica essa técnica do fenômeno. Também neste caso, porém, não pôde deixar de aparecer na psicanálise e, de se revelar, o fato da existência de uma lei na qual se baseia a estrutura do universo e que dirige seu funcionamento. Os arquétipos eqüivalem ao que chamamos os imutáveis princípios da Lei. A reação surge aquele mundo que para o homem ignorante é o inconsciente, isto é, situado acima do seu conhecimento ou consciência, que representa a sua forma mental que contém toda a sua sabedoria, adquirida pela sua experiência passada no trabalho de construção do eu. O resultado da violação da Lei é uma perturbação como reação, que altera o equilíbrio psíquico do indivíduo. O efeito é da mesma natureza da causa. A Lei devolve ao ser, desobediente à ordem, o mesmo choque e desordem que este lançou contra ela, e que agora ricocheteia para trás e para cima do ofensor. Eis que nas doenças nervosas e psicopáticas se trata de um choque, como reação, de uma restituição do mal, da mesma violação e desequilíbrio que o indivíduo gerou dentro da Lei e que assim ele gerou dentro de si mesmo. Esse impulso negativo, lançado em sentido anti-Lei, que é também anti-vida, e que o ser no âmbito da sua liberdade movimentou em sentido errado, agora repercute nele e o fere no espírito.

Já frisamos que um complexo é uma queimadura do espírito. Este fica magoado por tal choque de reação que, sendo de natureza negativa, produz uma doença no organismo mental, um trauma psíquico, uma ferida na alma, que dói naquele ponto, com todas as suas conseqüências cerebrais, nervosas e até físicas. Eis o que é uma neurose, psicose etc. Depois que a livre vontade do ser movimentou o primeiro impulso, todas as conseqüências, até esta última que é a doença, se desenvolvem automaticamente em forma determinística, fora da vontade e liberdade do indivíduo. É por isso que neuroses e complexos se manifestam como automatismos que estão fora do controle da consciência. É assim que Jung teve de aconselhar que a cura se atinge ajudando o doente a individuar os símbolos do seu próprio subconsciente. Por que isto? É para chegar a deduzir, do conhecimento da natureza dos atuais impulsos do subconsciente, o conhecimento da natureza das causas que no passado determinaram a origem deles, observando agora o que, como conseqüência, surge do subconsciente, que se expressa por símbolos ou imagens, não por processos conscientes racionais. Dado que o tratamento tem de se dirigir, mais do que contra os efeitos, sobretudo contra as suas causas, para endireitá-las, neutralizando o mal na sua fonte, só agora que assim as conhecemos, podemos saber qual deve ser a solução. Este, então, deverá consistir em contrapor novos impulsos volitivos na direção certa, em sentido oposto, os quais assim podem corrigir os primeiros, lançados no passado em direção errada. Trata-se de dirigir a atividade do paciente, não mais em sentido negativo, contra a Lei, para se arruinar, mas em sentido positivo, conforme a Lei, para se salvar. Assim este novo caminho para se aproximar novamente da Lei pode constituir o tratamento do velho caminho, que foi de afastamento dela: o novo processo, em obediência, pode curar o velho, que foi de revolta.

Neste ponto, onde aparece uma terapia mais ampla e integral, Jung parou. A porta de uma psicanálise mais profunda estava aberta, mas ele não entrou. Não podia, porque, não levando em conta as vidas precedentes, lhe escapava toda possibilidade de pesquisa no terreno do passado pré-natal, que é o que mais interessa, porque é nele que se encontram as primeiras causas da doença, aquelas que o tratamento tem de corrigir, determinando no paciente impulsos opostos. Além disso a Jung faltava o que já mencionamos, isto é, um sistema universal, para se dirigir nessa pesquisa, uma visão cósmica que lhe explicasse qual é a finalidade da vida e de sua evolução, qual é o futuro que espera o eu no seu desenvolvimento, que o leva do AS ao S. Só possuindo uma tal premissa, conhecendo a técnica da construção da personalidade e levando em conta não somente o passado do eu, mas também o futuro que o espera, é possível curar o velho que está errado, destruindo-o com a substituição pelo novo, sabendo escolher este, conforme a Lei, o que a ela corresponde e o que está errado, o tipo que dá saúde ou doença. Nesta altura a psicanálise tem de entrar no terreno do superconsciente, no qual se realizam as novas construções do eu; tem de usar a técnica da superação evolutiva, praticar tratamentos das neuroses pelo caminho estranho da sublimação, agora ainda limitado ao terreno da ética e religiões e desconhecido pela ciência positiva. Então, a doença pode ser resolvida em sentido evolutivo, cortando o mal pela raiz, com o deslocar o indivíduo, que é capaz de amadurecer, do seu nível biológico para outro superior, com todas as conseqüências decorrentes. Mais adiante explicaremos melhor.

* * *

Eis, então, que chegamos a uma nova psicanálise, concebida de outra maneira. Ela é a ciência que, observando os produtos instintivos que surgem do subconsciente, procura reconstruir a história passada do indivíduo, marcando onde e em que forma no seu caminho evolutivo ele se movimentou em sentido errado, diante da Lei, que representa o ponto de referência que permite julgar a respeito. A doença da neurose é um efeito desse movimento em sentido anti-Lei, é um sofrimento, fatal conseqüência de cada violação. Se a causa foi uma desobediência que gerou desordem, o remédio está na obediência que reconstrói a ordem. O tratamento consiste na reintegração dessa ordem, da qual dependem a saúde e o bem-estar, assim neutralizando a desordem, da qual dependem a doença e a dor. Já explicamos bastante os princípios em que se baseia essa interdependência entre erro e sofrimento, entre o conceito de pecado e o de penitência. Assim se pode reconstituir o equilíbrio psíquico perturbado do indivíduo: corrigindo o erro, que foi a causa, elimina-se a doença, que é o efeito.

Eis que a psicanálise, antes de tudo, deve conhecer o conteúdo da Lei, para se orientar no tratamento. Eis que nessa ciência, ao lado do elemento psicológico e biológico, entra o elemento filosófico, o ético, o religioso. Já uma nova tendência revolucionária da medicina psicossomática sustenta que existe um liame entre distúrbios emotivos e distúrbios físicos. Eis então que a própria medicina, apoiando-se na psicanálise, procura entender por novos caminhos o significado da doença, afirmando que o indivíduo adoece porque naquele ponto houve uma culpa dele, pela qual se colocou numa posição errada, contra as leis da vida. Culpamos os micróbios, o regime, o ambiente, mas estes podem ser só as causas próximas, secundárias, enquanto as verdadeiras as fundamentais, são mais longínquas e profundas É verdade que a ciência poderia objetar que por esse caminho nos afastamos da realidade suscetível de observação direta e de controle experimental imediato. Mas é verdade também que à ciência que segue esse caminho positivo escapam elementos que podem ter importância fundamental também a respeito da doença e seu tratamento, o que mais interessa à ciência.

Muda assim o conceito de doença e o método de seu tratamento Eis uma medicina que levaria em conta também o elemento moral e espiritual, tratando o ser humano não somente como organismo animal, senão também no seu aspecto completo, que é um conjunto físico e psíquico ao mesmo tempo. Pode-se, assim, chegar à conclusão de que a doença é o resultado de um deslocamento de forças mal dirigidas, de elementos que se colocaram fora do devido lugar. Se, então, a doença representa uma desordem, e pela sua natureza nos mostra qual foi o tipo particular e específico dessa desordem, eis que implicitamente ela nos indica qual deverá ser o tipo particular e específico de tratamento necessário para reconstruir naquele ponto a ordem

violada.

Há, ainda, mais para quem entendeu o conceito de doença perante a Lei, isto é, em função dos princípios de equilíbrio, ou seja, de justiça, nos quais ela se baseia. Pode-se então chegar também a esta conclusão: se a primeira causa de uma doença foi um impulso negativo, oposto, de desordem e desequilíbrio, um movimento contra as leis da vida, o que no plano ético se chama culpa, pecado, então a própria doença não somente representa, na forma de dor, como já demonstramos, a lógica conseqüência do erro, a justa e fatal reação compensadora da parte da Lei, como constitui o pagamento da dívida, a devida penitência pela culpa, a necessária expiação, o corretivo do erro, o que é mais idôneo para reconstituir a ordem e o equilíbrio. Então a própria doença representa o tratamento da doença, que assim seria um mal como julga a ciência, mas tal só na hora da sua gênese pelo erro, mas que, na hora do amadurecimento atual do processo, seria um mal saudável, um curativo necessário. Então suprimi-lo, como faz a medicina, só como efeito, sem conhecer as causas para as eliminar, significa sufocar o natural descarregar-se do mau impulso, que assim fica comprimido. porque impedido de se desabafar, constrangido a se concentrar até chegar a uma nova explosão, que lhe é indispensável, devido ao impulso equilibrante da Lei. Isto muda os atuais conceitos de doença e seu tratamento.

Se fecharmos esta válvula de segurança que é a doença, esta acabará explodindo de novo Assim, procurando eliminar somente os efeitos, sem neutralizar suas causas, sem cortar na raiz o impulso que gera doenças, procurando suprimi-las à força, tratando apenas os últimos resultados que vemos, e ignorando suas origens longínquas, com tal método acabaremos gerando sempre novas doenças. Isto, para a ciência positiva parece fantasia, fora da realidade Mas não é o que está acontecendo no mundo atual, no qual, ao lado de tantas descobertas e doenças vencidas. surgem sempre novas em forma diferente? E a ciência, como explica esse fato?

As causas longínquas cabe à psicanálise descobrir, porque, na interdependência espírito-corpo, pode haver doenças físicas dependentes de causas psíquicas, da estrutura da personalidade, que o indivíduo construiu no seu longo passado Eis, então, que para resolver um caso pode ser necessária, ao lado da diagnose do médico, a do psicanalista, porque o ser humano é uma unidade indivisível de dois pólos, e uma doença orgânica não pode ser tratada artificialmente isolada, sem levar em conta a sua correspondente parte espiritual. A moral desta conversa é que o primeiro remédio é não ter merecido a doença com os nossos erros. Mas, uma vez que estes foram cometidos e, por isso, escritos em nosso destino com todas as suas conseqüências, não nos resta senão aprender, com o sofrimento, a lição, para não repeti-los mais. Então, a doença é uma experiência de salvação, em que se manifesta a sabedoria da vida pata tirar o indivíduo do impasse em que ele, por ter errado, caiu. O homem recebe o mal que, na sua inconsciência, lançou contra si próprio, e que agora é obrigado a suportar. Mas no íntimo da doença a vida trabalha para o levar de novo à saúde, no fundo do sofrimento está o impulso para o bem-estar, como a morte contém o princípio da ressurreição, como dentro da ruína do S decaído no AS, está presente e trabalha o Deus imanente, para tudo conduzir de novo ao estado perfeito de S. Eis os profundos equilíbrios aos quais a vida obedece

A conclusão deste parágrafo é que a doença não pode ser "definitivamente" eliminada senão pelo método da penitência e correlativa lição aprendida para não errar mais, transmitida ao subconsciente, que a retêm para o futuro. Esta conclusão concorda com a do parágrafo precedente, que as neuroses podem ser tratadas como o método da obediência à Lei e da sublimação, que corrige os velhos impulsos ensinando a praticar novos, os de um plano biológico superior.

O mundo luta desesperadamente contra a dor, sem saber o que ela é, nem por que ela existe, qual é a sua função no seio do equilíbrio universal. Assim o mundo luta contra os últimos efeitos, sem atingir as causas e a dor fica. O resultado de tais métodos é que ela permanece. É necessário entender que, só se agirmos conforme a Lei, seguindo sua vontade e impulsos, o caminho de suas forças, poderemos alcançar bons resultados. Mas se quisermos agir contra a Lei, isto é, contra a vontade que dirige e movimenta o universo, contra a corrente em que tudo se canaliza, então não encontraremos senão resistência e dificuldades, e nossos esforços serão vãos, porque lançados contra poderes superiores, que não é possível

vencer.

* * *

Observemos agora outros aspectos da pesquisa psicanalítica para individuar outro método para o tratamento das doenças mentais, isto é, por penetração introspectiva nas camadas profundas da personalidade do paciente.

Para entender toda a personalidade humana é necessário observá-la nos seus vários níveis. O consciente está na superfície, onde se realiza a vida, desenvolvendo-se a parte ativa da nova experimentação, a que aumenta o patrimônio do conhecimento e das qualidades do indivíduo. Esta é uma zona em contínuo movimento feita de pequenos fatos sucessivos no tempo, encadeados uns aos outros; uma zona analítica, feita de pormenores exteriores, práticos e concretos, que constituem o que chamamos a realidade da vida. Nesta zona se realiza o novo trabalho de construção da personalidade, ao longo do caminho evolutivo.

Debaixo desta zona, na qual o homem comum vive a sua vida de cada dia, há outras zonas, sobrepostas, situadas fora desse consciente, no inconsciente. A tarefa da psicanálise é a pesquisa nessa imensa parte de nós, que está submersa e escondida no subconsciente. Ela é fundamental no ser humano, sem que esse tenha conhecimento dela, mas que existe, constituindo o âmago, sempre mais íntimo, no nosso eu. Aqui as tempestades sensórias da superfície se acalmam, o pensamento não é mais analítico, feito de pormenores exteriores, mas é vasto, interior, profundo, por visões de conjunto, não dirigido para a exploração do novo e construção do eu, mas para a assimilação e conservação do velho. Nessa zona temos camadas diferentes, uma debaixo da outra, cada vez mais profundas, às quais desce e, estratificando-se, se fixa o que foi vivido pelo consciente na superfície. Enquanto para se realizar no plano da vida prática, o homem tem que se projetar ativo e dinâmico para fora, no seu ambiente, para conhecer esse seu mundo interior, ele tem que, ao contrário, se concentrar em si mesmo, em calma e silêncio, e escutando as vibrações sutis desse outro ambiente subterrâneo. A maioria vive somente da vida de superfície, que contém apenas uma parte dos valores do ser, escapando-lhe o restante num profundo mistério.

Qual é a lógica desse comportamento? A projeção neste mundo exterior dos sentidos e da matéria é o resultado da queda, que é descida do espírito na matéria, do S no AS. É no terreno deste, isto é, na matéria, que o homem, no percurso do seu caminho involutivo-evolutivo, está trabalhando para voltar ao S, isto é, ao espírito, reconstruindo-se, como tal, através da sua experiência exterior no seio da matéria, que agora é o seu reino. Por esse processo o homem vai acumulando nele o que, lutando no seio do AS, vai reconquistando o S. Assim a experiência de cada vida deixa afundar debaixo da superfície uma nova camada acima das velhas. Ao mesmo tempo o ser transporta o seu trabalho de conquista criadora para um nível mais alto, e a zona da experimentação ativa se levanta para um plano biológico mais adiantado, onde se repete o mesmo processo. E assim por diante.

O homem que mais se encontra em nosso ambiente terrestre é o biótipo extrovertido, isto é, dirigido para fora, para o seu ambiente material, onde realiza sua vida, enquanto é mais raro o biótipo introvertido, dirigido para dentro, para o seu mundo interior, onde realiza a sua vida. O primeiro representa o mundo involuído da matéria, que gravita para o AS; o segundo representa o mundo evoluído do espírito, que gravita para o S. Os dois estão nos antípodas, e um julga o outro em relação à sua posição. O primeiro avisa o segundo que é perigoso perder contato com a realidade da matéria, esquecendo-se das férreas necessidades da luta pela vida. O segundo avisa o primeiro que é perigoso acreditar no mundo, que não é senão uma grande ilusão, ignorando as grandes verdades das quais a vida depende. Quem tem razão?

O fato de quem vive apenas no nível da superfície, percebe somente os pormenores e as aparências, sabe resolver os pequenos problemas e vencer na luta de cada dia, mas está cercado de mistérios, desnorteado a respeito dos grandes problemas, nos negócios a longo prazo faz erros que depois terá de pagar, e no fim a morte o pega desprevenido. Ele tem razão e vence, mas só relativamente ao seu mundo enquanto nele vive. Além disto, quase nada ele sabe e pode fazer.

Pelo contrário, quem olha na profundeza, descobre, atrás das aparências exteriores, uma realidade interior mais profunda, atinge o conhecimento da sua verdadeira natureza e do seu destino numa visão de conjunto. Assim ele pode orientar-se a respeito dos grandes objetivos de sua vida, dirigindo-se inteligentemente por si próprio para os atingir, conforme vastos planos maiores, que ao outro tipo escapam completamente. Assim este é servo, enquanto o outro é dono do seu destino.

Há resultados diferentes, com vantagens e desvantagens, em cada um dos dois casos. Um ser completo deveria saber realizar as duas formas de pesquisa. Mas é raro que isto possa acontecer. Assim cada um dos dois acaba vivendo o seu tipo de vida: 1) a exterior, prática, compensada por sucessos imediatos, acabando com desejos insatisfeitos na desilusão e com a morte no desconhecido; 2) a vida interior, incompreendida no mundo, condenada por derrotas imediatas, desembocando com a morte numa continuação de vida, conhecida e prevista, na qual o indivíduo bem orientado realiza seus desejos. Também nas religiões a maioria pertence ao primeiro tipo. Mas tal religião aparecerá irreligiosa, ou falta de religião, ao homem do segundo tipo.

Para os dois tipos os valores da vida são diferentes. O que vale para o primeiro são os recursos materiais. O que vale para o segundo são os recursos espirituais. Para o 1.º, a finalidade da vida está na terra e, em função disto, ele entende e trabalha. Para o 2.º a finalidade da vida está fora da terra e, em função disto, ele entende e trabalha. Para o 2.º tipo, a maneira prática e interesseira do 1.º tipo de conceber as coisas espirituais representa uma profanação contínua, apesar de que este tipo esteja convencido de ser honesto e religioso.

Ora, a função da psicanálise é de penetrar neste mundo interior do 2.º tipo, ajudando o homem comum, do 1.º tipo, a descobrir o conteúdo de sua personalidade, ensinando-lhe a praticar pesquisas interiores profundas por introspeção, desvendando assim o mistério escondido fora do consciente, e com isso revelando o destino individual, em função dele orientando a conduta, até chegar ao tratamento das doenças, neuroses e complexos, que deste mundo interior dependem. Estes problemas são todos conexos e fazem parte do grande problema da personalidade humana, que é o problema central da psicanálise.

As grandes descobertas da psicologia e parapsicologia do futuro nascerão desta análise que desce às mais secretas camadas interiores do eu. Esta nova ciência aparece hoje, porque agora os limites da mente humana estão-se ampliando para novos horizontes, como resultado da evolução, o que exige um conhecimento mais profundo de nossa personalidade. A continuação da vida no tempo leva a um aumento progressivo de experiências e de conhecimento adquirido, a uma fatal acumulação em nós mesmos de um material que se torna sempre maior, de modo que não pode deixar de acabar explodindo para além dos velhos limites. Este é o resultado atual do amadurecimento biológico da raça humana. Por isso, hoje surgiu a psicanálise, ciência inconcebível nos séculos passados, que viviam satisfeitos na mais profunda ignorância dos problemas da personalidade humana. Então a conduta, as leis civis e religiosas, tudo era dirigido pelos impulsos instintivos do subconsciente e correlativa forma mental, que representava a unidade de medida das verdades dominantes. Hoje, com o prevalecer cada dia mais do elemento psíquico em nossa cada vez mais complicada vida social, se torna cada vez mais necessário o conhecimento de nossa personalidade, com tudo o que ela contém e dela pode nascer. A prática de uma vida psicologicamente mais refinada exige a solução de problemas até agora desconhecidos, situados além da superfície das aparências. O homem começa a entender a vantagem de viver com maior conhecimento e inteligência.

Neste ponto pode surgir uma dúvida, que é necessário esclarecer. Para a finalidade de orientar o indivíduo para uma vida melhor, dirigindo-o mais inteligentemente na sua conduta, que valor podem representar as profundas pesquisas interiores da psicanálise. quando sabemos que o subconsciente não contém senão o nosso passado, isto é, a parte inferior do nosso ser, atrasada, involuída, animal, hoje superada? Que vantagem poderemos tirar deste mergulho na parte pior de nossa personalidade? Por que, então, descer a estas camadas profundas, onde não se pode encontrar senão o que foi vivido nos níveis biológicos inferiores?

É verdade que, por este caminho às avessas, poderíamos chegar até ao fundo do AS, isto é, da queda. Mas é verdade também que antes dele há toda a história da descida, desde o seu ponto de partida, que foi o S. Esta história não foi destruída, apenas está latente, esquecida, sepultada na ignorância do ser. O período atual de evolução está contido nesta história, como segunda fase, oposta e complementar, do primeiro período, o involutivo, do mesmo ciclo de ida e volta. O percurso evolutivo depende do precedente percurso involutivo, sem o qual não pode existir. A segunda parte do fenômeno não pode ser entendida senão como conseqüência da sua primeira parte. Sendo conseqüência, a evolução não pode existir sozinha, nem pode criar uma nova lei própria, mas só pode existir em função do precedente período de involução, isto é, só como reconstrução do que foi destruído pela queda, isto é, do S e do domínio da Lei de Deus. Temos de entender bem essa afirmação: que a evolução não pode ser uma criação de coisa nova. É por isso que seu caminho já está marcado antes de ser percorrido, porque não se trata senão de passar através dele em sentido oposto, repetindo em subida o caminho que já foi percorrido em descida. É por isso que a evolução já possui o seu ponto de partida e de chegada, porque é um fenômeno contido na ordem da Lei, da qual nada pode sair; é orientado com antecedência, nunca abandonado ao acaso, mas sujeito a princípios estabelecidos, que o dirigem para um seu telefinalismo evidente.

Eis o mundo imenso que as profundas pesquisas interiores podem revelar. Além das camadas inferiores situadas no subconsciente, há esta grande história maior, de cujas profundezas o S continua enviando os seus apelos, para conduzir o ser à salvação no seu seio. Eis então que, se os impulsos piores, nos chegam dos baixos níveis da evolução, os melhores chegam desse passado muito mais longínquo, mas nem por isso morto. Ele está só adormecido, e com a evolução, vai despertando e se reconstituindo. Eis, então, que esta observação introspectiva pode nos revelar toda a nossa história, com tudo o que ela contém, isto é, não somente o nosso passado inferior, mas também o nosso mais longínquo passado superior, do qual decaímos. Eis que essa introspeção pode nos revelar também o que no plano geral da evolução está potencialmente contido, o que quer dizer, também, o seu futuro desenvolvimento, que representa o nosso porvir.

Eis, então, que esta nossa pesquisa interior, depois de ter atravessado as camadas inferiores situadas no subconsciente, pode dilatar-se além delas, na visão de um mais vasto inconsciente, que contém um passado mais longínquo, que volta e já alvorece na consciência dos mais evoluídos, na qual ele se revela como antecipação do futuro, percebido pelas intuições do superconsciente. Eis como a introspeção, as profundas pesquisas de uma psicanálise muito mais vasta podem orientar o indivíduo para uma vida melhor, dirigindo a sua conduta. Uma psicanálise completa não se pode limitar ao tratamento das doenças nervosas e mentais, mas tem que entrar no terreno ético, para dirigir com inteligência a conduta humana. As suas pesquisas têm que abranger todo o imenso campo do inconsciente, que escapa ao controle imediato do consciente, isto é, deve penetrar os mistérios da personalidade, não somente no terreno do subconsciente, mas também no do superconsciente, deve atingir não somente o passado do indivíduo, mas, o que é mais importante, o seu futuro, numa visão de conjunto em que passado e futuro se fundem no mesmo problema. Assim, a penetração psicanalítica do inconsciente poderá ser completa, porque atingirá ambos os seus aspectos: o subconsciente e o superconsciente.

Depois destas explicações, poderemos entender melhor o sentido das palavras que encerram o primeiro parágrafo do presente capítulo, em que a psicanálise tem de entrar no terreno do superconsciente, no qual se realizam as novas construções do eu. Agora podemos compreender como e porque isto se pode realizar, até a psicanálise usar a técnica da superação evolutiva, praticando tratamentos das neuroses pelo caminho da sublimação.

* * *

Observemos agora posições mais próximas da personalidade, enfrentando problemas mais específicos e acessíveis, que é tarefa da psicanálise atual tratar, os problemas do subconsciente e de seu conteúdo nas camadas mais recentes nele estratificadas nas vidas precedentes, os problemas da pesquisa no período pré-natal. Desenvolveremos assim, os conceitos com os quais iniciamos este capítulo.

Tal pesquisa não tem somente importância teórica filosófica, mas também prática. No tratamento das doenças, a ciência vai até às causas próximas e não às remotas. Mas enquanto estas não sejam atingidas também, o problema da libertação da dor não poderá ser resolvido. Para tratar exaustivamente os seus casos, a psicanálise tem de conhecer com que técnica se realiza, no duplo ritmo vida-morte, o crescimento e construção da personalidade; qual é o trabalho que o ser realiza no período pré-natal, antes do nascimento físico; como é que as experiências da vida precedente se incorporam no eu para se tornarem lição aprendida, e depois impulsos instintivos que emergem do subconsciente; como se realiza o fenômeno da estratificação das camadas sobrepostas, e por que processo o que foi vivido na forma de consciente sensório numa vida se torna depois automático produto de subconsciente na vida sucessiva; onde e como se constrói a parte determinística de nosso destino, à qual estamos fatalmente sujeitos, porque ela é efeito fatal da sementeira feita no passado.

Sem conhecer a sua primeira origem, a psicanálise não poderá fazer um verdadeiro tratamento dos complexos. Dos mais profundos e radicados, não será possível encontrar as causas determinantes na vida presente, e por isso é necessário procurá-las nas vidas precedentes, cuja história a psicanálise terá de aprender a ler, pois está escrita no subconsciente, como já explicamos Há qualidades individuais, cuja presença a hereditariedade pais-filhos antepassados-descendentes, não basta para explicar. Todo o processo evolutivo não pode ficar confiado somente à transmissão do organismo físico, pelo fato de que a reprodução se faz na juventude, quando os pais possuem um mínimo de experiência adquirida, enquanto, para que a evolução possa assegurar a sua continuidade e acumular os frutos de seu trabalho, a reprodução deveria realizar-se na velhice, ao fim da vida, quando os pais possuem o máximo de sabedoria a transmitir.

A biologia só conhece o canal da evolução da forma física, pelo qual se transmitem as qualidades orgânicas, as conquistas fisiológicas. Mas, para transmitir as qualidades e conquistas espirituais, que são de natureza diferente, e que se tornam cada vez mais importantes quanto mais a vida evolui, tem de existir outro canal de transmissão, que, no dualismo universal, representa o outro pólo do fenômeno, a sua parte inversa e complementar, que completa e equilibra o processo Este outro canal deve ser individual, pessoal. Sem ele não se pode realizar o fenômeno da evolução com a construção do eu, porque o trabalho de uma vida ficaria desligado de uma outra, ao progresso faltaria continuidade e desenvolvimento lógico, porque seria o resultado de muitas experiências realizadas por indivíduos diferentes, desconexas e misturadas na desordem de um caos. Nesta confusão cada um deveria viver em função e como conseqüência fatal das ações de outros, antepassados até desconhecidos, e isso contra a justiça, porque sem liberdade, nem responsabilidade individual; contra a justiça porque o indivíduo teria de sofrer pela culpa dos antepassados, e ter de aceitar um destino feito por outros.

A psicanálise não pode prescindir do exame do paciente, também no período pré-natal. Ela já admite o registro das experiências no subconsciente, no qual ficam gravadas, e do qual depois emergem no consciente. Mas nesta pesquisa a psicanálise pára no momento do nascimento, ignorando o que houve antes, sem retroceder até atingir o terreno onde foi feita a primeira sementeira das condições atuais. Entretanto, como se pode desfazer um trabalho errado, endireitar um caminho torcido, sem conhecê-lo todo, desde o seu início? Como se pode corrigir um defeito com um tratamento oposto, sem conhecer todo o processo de sua formação e desenvolvimento.

A psicanálise trabalha na parte espiritual do ser, cuja evolução é um processo único devido à persistência do eu individual, que vai percorrendo o caminho ascensional que vai do AS para o S. O médico do organismo físico pode até um certo ponto limitar-se ao presente, isolando-o desse seu imenso passado. Mas não o pode o médico do organismo espiritual. O psicanalista tem que observar o processo do desenvolvimento da personalidade do paciente, para descobrir qual foi o choque inicial e o caminho percorrido pelo complexo a tratar, para acompanhá-lo até o seu estado presente, que só assim pode ser entendido. Enquanto não levarmos em conta tudo isto, os nossos métodos diagnósticos serão incompletos. Mas nem o médico só do corpo pode prescindir completamente de tais fatos. Espírito e matéria são conexos. Pode haver doenças físicas devidas a causas espirituais. Há doenças que são conseqüência de desequilíbrios no sistema nervoso, que dirige o funcionamento do sistema vegetativo. Então, doenças com verdadeira base

atômica podem representar a última fase desta série de momentos sucessivos: 1) desordem espiritual; 2) desorientação psíquica; 3)desequilíbrio nervoso; 4) distúrbios funcionais; 5) alteração do ritmo vegetativo; 6) doença orgânica, aquela que o médico percebe e trata, isolada, sem levar em conta os seus precedentes, nem eliminar as suas primeiras causas.

O subconsciente do qual a psicanálise toma conhecimento é parcial, incompleto, porque abrange só as camadas mais recentes e superficiais da personalidade. Ora, o conhecimento de só um trecho da história do paciente não pode bastar para julgar o seu caso, e para o tratar. É necessário prolongar a pesquisa até às camadas profundas do eu, não parando no momento do nascimento, no qual a personalidade aparece já feita, como resultado do seu longo passado. Ótimo é o método da observação de tudo o que é manifestação instintiva do subconsciente, de tudo o que dele vemos ressurgir nos sonhos. Mas não poderemos entender o significado destes produtos e como neutralizá-los, se não soubermos retroceder ao longo de todo o caminho de seu desenvolvimento.

Acompanhemos, então, esta nova psicanálise no seu caminho retrospectivo na vida do indivíduo antes do nascimento. Há, antes de tudo, o período de prelúdio à existência física, vivido no ventre da mãe. Com a fecundação do óvulo materno se inicia a queda e fusão do espírito na matéria, o trabalho do eu para se revestir de uma forma que lhe permita entrar em contato com o mundo físico. Esta fase representa a descida no AS e é o período da vida mais obscuro e doloroso, tanto mais quanto o ser é evoluído, porque então tanto maior é a descida como perda de liberdade e conhecimento. Mas nem por isso o ser se torna insensível e perde a sua receptividade. É neste estado de permanência dentro do ventre materno que o ser é mais vulnerável, porque não possui nenhum meio para se defender e reagir, encontrando-se em posição de completa passividade e impressionabilidade. Ele tem de aceitar e absorver tudo o que lhe chega da parte do organismo físico-psíquico da mãe, que lhe fornece todo o material para a construção do corpo. O estado orgânico e mental da mãe vai-se assim imprimindo no eu do feto, e pode ser bom ou mau, alegre ou triste, sadio ou doente, como tal se transferindo à personalidade do filho. O feto percebe todos os movimentos maternos, suas crises nervosas, seus esforços e sofrimentos, assim recebendo impressões e choques que ficam gravados no subconsciente, do qual depois ressurgirão na forma de impulsos e complexos. O terreno da psicanálise é sobretudo este das influências mentais da parte da mãe sobre o organismo psíquico do filho, terreno importante de pesquisas para descobrir a origem de tantos impulsos instintivos, atitudes mentais e complexos do filho.

Apesar de tudo isto, a sua personalidade estava já feita. A estratificação deste período não é senão uma das mais recentes, debaixo da qual existem camadas mais velhas e profundas, as das vidas precedentes. Para chegar até lá, é preciso aprofundar a pesquisa no período pré-natal. O que se encontra no feto, utilizando o material orgânico fornecido pelo pai e mãe, é uma personalidade que já se construiu até um dado ponto de sua evolução, e que agora inicia em continuação um novo trecho daquele caminho e trabalho, do qual representa o resultado. Ora como passa este resultado de uma vida para a outra? Que acontece, qual é a forma de vida, no período de além-túmulo? E preciso enfrentar o problema da personalidade humana em todos os seus aspectos, conhecer a sua história em todos os seus momentos, inclusive nos períodos de existência que chamamos de morte.

Kant afirmou que passar da forma de vida, a do ser vivo, à forma de vida, a do ser que e chamamos de morto, significa: uma metamorfose da percepção sensória em percepção espiritual. Isto é o que constitui o outro mundo. Não se trata então de um lugar diferente, mas só de uma diferente maneira de perceber". (Kant's Vorlesungen úber Psychologie). Eis que Kant intuiu a presença de duas formas de percepção opostas. Mas, que quer dizer mais exatamente percepção sensória e percepção espiritual? Procuremos responder a todas estas perguntas.

* * *

Pela lei do dualismo universal, que tudo divide e reúne em duas partes inversas e complementares, como conseqüência da originária cisão em S e AS, também o ser na sua unidade está dividido em duas partes inversas e complementares, que constituem os dois pólos, positivo e negativo do eu, isto é, o

consciente e o inconsciente. No início da fase evolutiva, no nível do AS ou matéria, o inconsciente era total, era ignorância que dominava todo o ser. Era um vazio que à experimentação do existir cabia encher, por camadas sucessivas como vimos, sobrepostas ao longo da subida da evolução, para escalar o céu, assim voltando ao espírito, ou seja ao S.

Em nossa vida essas duas partes cumprem duas funções opostas, dois trabalhos que se completam reciprocamente. O ser oscila de um ao outro nas suas duas formas de existência, que são a vida e a morte. Eles são alternos. Um funciona no período de vida de encarnado, o outro no período de desencarnado. A vida nunca pára no seu trabalho evolutivo, sempre ansiosa de atingir o seu objetivo final. Nesse trabalho há, porém, uma contínua inversão, ele se realiza sempre emborcando a sua posição relativamente à precedente. Quais são, então, esses dois tipos de trabalho?

No período de vida de encarnado, o ser executa na forma de consciente a fase do seu trabalho de construção da personalidade, projetando-se por meio dos sentidos no mundo exterior, no ambiente físico terrestre, aí realizando experiências, recebendo impressões por reações que lhe vão ensinando, por intermédio da dor, o que nos seus movimentos foi certo e o que foi errado, em relação à Lei que representa a lição que o ser tem de aprender para voltar ao S. De momento tudo fica registrado e armazenado no inconsciente.

No período de vida de .desencarnado, o ser faz o trabalho oposto, ou melhor, a fase oposta do mesmo trabalho bipolar, em forma que, relativamente à precedente, parece passiva e inconsciente, mas que em substância não é senão uma forma situada nos antípodas, esta também de atividade e de consciência. Trata-se, então, somente de dois tipos de trabalho, cada um por sua vez e ambos ativos e conscientes, ou melhor, trata-se de duas posições do mesmo trabalho construtivo do eu, mas cada uma, alternativamente, ativa e consciente com relação à outra, que ao mesmo tempo se encontra na fase oposta, de descanso, passiva e inconsciente.

O trabalho que o ser realiza no período de desencarnado é interior, introspectivo, em ambiente imaterial, para transformar em substância própria o que em vida foi rapidamente engolido, para meditar, entender, organizar o que foi só registrado e armazenado no período de encarnado. As experiências vividas nessa fase, as impressões recebidas, foram só guardadas e gravadas, sem por isso constituírem um ensinamento compreendido e aprendido. É necessário agora um trabalho diferente, que complete o precedente, um processo inverso, de elaboração, digestão e assimilação desse material, para que ele se torne qualidade da personalidade, patrimônio do eu, impulso instintivo, forma na qual tudo deverá depois ressurgir na fase de atividade, no consciente. Sem esse segundo trabalho de assimilação, não se poderia realizar o crescimento do eu através das suas vidas, o seu enriquecimento e desenvolvimento, que representam o conteúdo e a realização da evolução.

Eis o tipo de trabalho que o ser realiza no período de desencarnado, numa forma de atividade que é inversa e complementar à do período de encarnado. Eis o que em duas formas opostas garante a continuidade do processo evolutivo. Eis o fio condutor que a psicanálise pode seguir para percorrer de novo, para trás, o caminho percorrido pelo indivíduo no passado, até ao momento atual de sua história.

O ser existe em duas posições, a do dia e a da noite, isto é: no período de encarnado num estado acordado no que respeita à matéria e adormecido no que respeita ao espírito; e no período de desencarnado num estado adormecido no que respeita à matéria e acordado no que respeita ao espírito._A passagem da vida desta sua forma à outra de morte representa um deslocamento do centro ativo do eu do exterior para o interior, um voltar-se para dentro do que antes estava dirigido para fora. E ao contrário a passagem da morte à vida representa um deslocamento do centro ativo do eu do interior para o exterior, um voltar-se para fora do que antes estava dirigido para dentro. Assim o período de exteriorização se completa com o oposto de interiorizarão. Mas em relação ao mundo físico é ativada e positiva a fase vida, e passiva e negativa a fase morte; e em relação ao mundo espiritual é ativa e positiva a fase morte, e passiva e negativa a fase vida. Um desencarnado é um adormecido a respeito dos vivos, o qual acordará em nosso mundo da matéria pelo seu

nascimento físico. Um encarnado é um adormecido a respeito dos mortos, o qual acordará no mundo espiritual pela sua morte. Com esta inversão de posições é possível para o ser um trabalho contínuo, alternativamente num dos dois lados, ao mesmo tempo que ele descansa do outro.

A vida só é completa se concebida juntando ambas as fases opostas. Ela é um contínuo adormecer de um lado e acordar do outro e ao contrário, sempre trabalhando no lado acordado, enquanto repousa no lado adormecido. Eis, então, que a vida do além-túmulo significa um acordar na profundeza do inconsciente, enquanto no período de vida na matéria, a consciência fica limitada à superfície do eu. Mas é naquela profundeza que está escrita a história do indivíduo, e está escondida a parte mais importante e secreta da sua personalidade, aquela que é tarefa da psicanálise descobrir. Em substância, trata-se de dois aspectos ou momentos do mesmo fenômeno, da mesma consciência que vai oscilando de um pólo ao outro do eu, assim percorrendo-o todo, seguindo duas diferentes formas de atividade e aprendizagem, nas quais ele fica sempre desperto, trabalhando para a sua construção, uma vez durante o período de encarnado, outra vez durante o de desencarnado. Ambas as formas de atividade são necessárias, como a de comer e a de digerir A primeira representa a fase da conquista para se apoderar do material, a segunda a fase de sua absorção, para o mesmo objetivo que é sempre o enriquecimento do eu.

Assim tudo fica vivo, o que pertenceu à vida que morreu. Assim a morte é relativa e aparente, é só um parêntese de repouso com respeito à parte oposta, que está ativa no período da vida. Assim a verdadeira vida, que é a do espírito, na forma de desencarnado, fica interrompida pela sua forma oposta no período de existência na matéria, devido à queda no AS, que aquele período representa, mas do qual, com a evolução que é regresso ao S, o ser, cada dia mais, vai se libertando. Podemos agora compreender quanto uma psicanálise que fica limitada à observação apenas do período físico desse duplo processo da vida, seja incompleta e incapaz para julgar tudo o que pertence à personalidade humana.

O mais interessante para descobrir os mistérios da personalidade humana é penetrar o conteúdo e o sentido dessa outra vida interior, que na fase atual de vida física está adormecida no inconsciente. Que acontece nesta estranha forma de existência que vivemos depois de ter pertencido ao mundo físico e antes de voltar a ele? Podemos agora ver como se realiza o processo do crescimento do eu em evolução. As experiências da vida descem ao subconsciente, nele se estratificando por camadas sucessivas e aí ficando gravadas e armazenadas. No período de desencarnado não se trata de captar novas experiências no mundo exterior, mas de ficar no mundo interior, para elaborar o que foi adquirido, meditando sobre o que foi vivido. Este é o material a analisar, compreender, ordenar, num profundo exame de consciência, para entender o que foi feito e o que é necessário ainda fazer, para se orientar e resolver, tomando decisões e diretrizes, para continuar o caminho da evolução em nova vida que seguirá. Isto pode significar tomar resoluções tremendas, às quais depois o ser poderá ficar acorrentado fatalmente. No estudo da personalidade humana, é necessário levar em conta também tais auto-sugestões por nós mesmos impressas no subconsciente no período pré-natal, porque depois no período da vida física elas poderão ressurgir do subconsciente na forma de impulsos instintivos e idéias inatas enxertando-se irresistíveis na parte determinística de nosso destino.

Nas jazidas do subconsciente fica depositado tudo o que nele colocamos. De lá ele está pronto para ressuscitar no consciente da vida atual. Em substância, se trata de uma restituição, pela qual o subconsciente devolve ao consciente o material que na vida este conquistou e lhe transmitiu, e que agora o consciente recebe de volta, mas elaborado e assimilado em forma de impulsos e qualidades pessoais. Isto prova quanto as duas formas de vida estejam fundidas na mesma unidade, da qual não representam senão dois aspectos ou momentos. Há entre elas, como entre dois vasos comunicantes, uma contínua troca do material construtivo da personalidade, o qual, assim viajando de uma para outra, pode sucessivamente ser adquirido, ingerido, elaborado, assimilado, atravessando esta forma todas as fases do processo construtivo do eu, até ficar por fim definitivamente assimilado.

Temos de levar em conta também outro fato. Nestes dois tipos de vida (apesar de interrompidos a cada passo, cada um para se mudar na sua forma contrária), há uma continuidade pelo fato de que, depois dessa

interrupção no período oposto, cada um volta à sua forma de vida precedente. Vemos assim que em substância se trata só de duas imensas vidas, uma num pólo do ser, o positivo, e outra no outro, o negativo, vidas maiores que abrangem todo o caminho evolutivo, nas quais os pequenos trechos de cada vida particular se juntam numa série, que é o que constitui uma vida completa de cada um dos dois tipos. Temos, assim, de um lado uma imensa vida de tipo físico, e de outro lado, outra imensa vida de tipo espiritual.

Que acontece com a evolução? A vida de tipo negativo ou físico corresponde ao AS. A vida de tipo positivo ou espiritual corresponde ao S. A tarefa da evolução é a de transformar o primeiro tipo de existência no segundo. Trata-se de um processo evolutivo, isto é, de endireitar o inverso processo involutivo, que foi de emborcamento do tipo de existência do S, no oposto tipo de existência, o do AS. Com a evolução, vai gradativamente diminuindo a forma de existência de tipo físico (AS = matéria), e aumentando a forma de existência de tipo espiritual (S = espírito). Em substância, trata-se de uma só vida, que perde suas características negativas e adquire as positivas; trata-se de um processo de transformação das qualidades do AS nas do S, até que estas prevaleçam e cubram todo o terreno da vida. Então, ela se torna toda positiva, porque todo o negativismo do AS foi reabsorvido e neutralizado pelo processo evolutivo, cujo objetivo é assim atingido.

Trata-se de duas imensas vidas, ou melhor de dois aspectos de todo o existir: o negativo, do AS, poderoso, ao máximo, no início do processo evolutivo, mas que vai diminuindo com este até desaparecer; e o positivo, do S, pela precedente involução reduzido ao mínimo no início do processo evolutivo, mas que se vai potencializando com este, até atingir o domínio absoluto e assim eliminar o outro. Em conclusão, temos então uma existência única que se realiza em duas formas opostas, oscilando entre o seu lado negativo e o seu lado positivo, mas pelo impulso da evolução sempre mais para o positivo, até que o tipo de existência todo negativo se transforma no tipo de existência todo positivo, isto é, o AS no S. É lógico que a vida não possa estar senão em função do maior fenômeno do universo, que é por evolução a transformação do AS em S.

Nesta altura é necessário esclarecer dúvidas que podem surgir focalizando alguns pontos há pouco mencionados, que agora podemos compreender melhor, coisa que pode interessar à psicanálise. Os fenômenos da personalidade humana são diferentes conforme sua natureza, a qual depende da posição atingida ao longo do caminho da evolução. O ser entende e pode livremente dirigir-se em proporção ao seu grau de desenvolvimento. Só o evoluído sabe viver em estado de lucidez no período de desencarnado. O involuído, nesta fase, fica ignorante. como ele o era em vida. Então a sua compreensão das experiências vividas é limitada, não sabe ir além de reações automáticas, retraindo-se para trás, mudando de caminho e se dirigindo para outros, nos pontos onde ele acabou chocando-se com a dor. Assim as resoluções, de que há pouco falávamos, para orientar sua vida futura, são diferentes para cada indivíduo, tanto mais inteligentes, livres e poderosas, quanto mais o ser é evoluído. Com a evolução se torna sempre maior a reserva de sabedoria armazenada no inconsciente, de modo que a de um evoluído pode ser imensa, apesar de não emergir na consciência normal no período de vida material.

Do nível evolutivo depende a intensidade da vida de desencarnado, como clareza de compreensão, profundidade de penetração, autonomia de juízo, poder de decisão, organicidade de movimentos, liberdade de orientação. No período de desencarnado o ser vive tanto mais acordado, quanto mais ele é evoluído. Com a evolução, que é destruição do AS, o sono da morte, que é produto dele, se torna cada vez menos profundo, de modo que representa um estado bem desperto para o evoluído. Ora, com a descida involutiva se potencializa a vida na matéria e se enfraquece e adormece a vida no espírito; assim também, a subida evolutiva se potencializa a vida no espírito e se enfraquece a vida na matéria. Com a evolução aumenta a parte do eu constituída pelo inconsciente. Mas este é considerado como tal só a respeito do consciente na vida da matéria, enquanto por sua vez constitui o consciente na vida do espírito. Isto significa que com a evolução aumenta o patrimônio espiritual, por reabsorção do AS na reconstrução do S. Esta é uma conquista do existir em sentido positivo, isto é, vida no espírito ou S, por eliminação do seu emborcamento ao negativo, isto é, morte na matéria ou AS. Esta é a função da evolução: conquista de vida por destruição da morte; acordar-nos no espírito, libertando-nos da inconsciência, fruto da involução.

O patrimônio, com o qual o indivíduo nasce, é aquele que ele possuía no período de desencarnado. Então a vida do indivíduo nos pode revelar o trabalho que ele fez naquele período, o que ele elaborou, entendeu e assimilou das experiências vividas, e o que ele resolveu fazer na vida atual como conseqüência de seu passado. Claro que um evoluído, ficando consciente, pode pensar e resolver muita coisa, inteligentemente dirigindo sua evolução com uma sábia e esclarecida escolha das condições de sua nova vida. Um involuído nada sabe fazer de tudo isto. Então no seu sono não há para ele outra possibilidade, senão ser arrastado como um destroço pelas correntes da vida, cegamente obedecendo à vontade da Lei. Eis que o conteúdo e o trabalho da vida de desencarnado não são iguais para todos. Quanto mais o ser evolui, tanto mais pelo maior conhecimento ele se torna consciente das diretrizes da Lei e de suas decisões em função dela. A evolução é conquista de consciência, de autonomia, de liberdade, porque vai do AS ao S. A vida se torna, assim, sempre menos trabalho passivo e cega tentativa, e sempre mais trabalho orgânico de construção do eu.

O evoluído vive sabendo, o que representa uma imensa vantagem, porque o conhecimento evita o erro do qual deriva a dor. O involuído vive sem saber, o que significa errar a cada passo e ter de pagar o erro com a dor. Ele ainda tem de errar e muito sofrer, até conquistar a sabedoria que os mais adiantados já conquistaram, e que agora é inalienável patrimônio seu. Cada um vive com o que possui. Patrimônio diferente de um indivíduo para outro, conforme foi o seu trabalho no passado. O primitivo conhece só alguns jogos de astúcia para enganar o próximo nesta vida, e nisto está toda a sua sabedoria, que ele usa como lícito meio de defesa porque, como os animais, não possui coisa melhor. O evoluído, para cada ato seu exige conhecer as razões profundas que o justifiquem e o tornem útil para ele, em função das supremas finalidades da existência.

De tudo isto se pode entender quão desiguais sejam no período de desencarnado os trabalhos de preparação para uma nova vida, se se trata de um involuído ou de um evoluído; quão diversas são as premissas com que tal vida nova aparece em nosso mundo; quão diferente, como qualidade e quantidade, pode ser a bagagem que cada indivíduo leva consigo, escondida no seu subconsciente. Eis qual é o terreno imenso no qual a psicanálise tem de penetrar com as suas pesquisas, eis o que é tarefa dela descobrir para entender, e como assim lhe seja possível inteligentemente tratar das doenças psíquicas e espirituais de sua competência.

IX

TÉCNICAS DE TRATAMENTO

Agora que tratamos bastante da penetração introspectiva nas camadas profundas da personalidade, para conhecer o produto do seu trabalho no período pré-natal, possuímos mais elementos de pesquisa no terreno mental para proceder a uma psicodiagnose, mais completa podemos voltar com maior conhecimento ao problema central da psicanálise, que é a cura das neuroses e complexos, para chegar finalmente a explicar o método de tratamento por sublimação, como prometemos.

A psicanálise freudiana admite que os complexos sejam devidos aos choques que surgem na luta entre subconsciente e consciente, isto é, entre o que o primeiro incondicionalmente quer para satisfazer os seus impulsos instintivos, e as negações que o segundo a tudo impõe, pelos princípios da ética e da razão, exigindo, ao invés de espontânea satisfação, disciplina, sacrifício, dever. Conforme as teorias de Freud um complexo é o produto de um desejo subconsciente reprimido. Trata-se, porque é automática continuação do passado, de uma inconsciente e irracional vontade de manifestação que bate à porta do consciente, pedindo o

apoio do seu consentimento, mas que o consciente nega, rebelando-se, porque isto não concorda com os princípios que o dirigem. Esse contraste pode provir do encontro entre os produtos de um passado, que ainda não morreu e ressurge das camadas inferiores do ser, e o impulso da evolução que impele para a frente, faz pressão para que se realizem as novas construções do futuro. As velhas experiências estão ainda vivas e se agitam no fundo, e de lá voltam, enquanto novas experiências estão se sobrepondo e querem se substituir a elas. É assim que se pode verificar, dentro da mesma personalidade, um choque entre dois impulsos antagônicos, um devido à inércia do misoneísmo conservador, e o outro devido ao dinamismo ascensional do transformismo evolutivo, que exige renovação e superação.

Quando não é possível um acordo entre subconsciente e consciente, eles entram em luta Então ocorre o choque e se desencadeia a neurose. Isto pode acontecer sobretudo com os imaturos. quando o indivíduo quer sufocar demais e à força instintos que querem explodir, ou quer reprimir a vontade do inconsciente que se quer realizar, ou é o próprio ambiente que torna essa realização impossível. Então o impulso comprimido acaba produzindo formas mentais torcidas e, com esse esmagamento, a própria personalidade fica magoada e ferida.

Nesse ponto surge, como já mencionamos, um trauma psíquico ou doença particular do organismo mental. Ora, muitas vezes, a primeira origem de tais contrastes e choques não se pode encontrar na vida atual, mas só no período pré-natal. Os complexos que deles derivam são os mais profundos e radicados, os mais difíceis a corrigir, porque mais velhos e confirmados pelo tempo, e por isso bem impressos e fixados na personalidade.

Entremos agora no terreno que mais interessa à maioria, o prático do tratamento dos complexos. A primeira coisa a fazer é a de chegar a conhecer qual foi a sua origem, o que agora é possível fazer porque possuímos os princípios para nos dirigir nesta pesquisa Trata-se de descobrir qual foi o ponto da personalidade onde se verificou o choque e se iniciou o desvio, ou caminho torcido ou desabafo do impulso comprimido. Trata-se agora não somente de cessar. reprimindo em sentido antivital, o que as leis da vida não querem seja suprimido, mas de ajudar a desenvolver-se, porém endireitado na posição certa, melhor dirigido, canalizado com inteligência em sentido vital, tudo o que representa os sadios e necessários impulsos da existência.

Eis então que o trabalho do psicanalista se desenvolve em dois momentos: 1) *Pesquisa* sobre a origem e o decurso da doença para estabelecer uma *diagnose* do mal; 2) *Tratamento,* eliminando o contraste e atrito, causa da doença, pondo em acordo os impulsos opostos, base do choque, suprimindo a luta interior entre eles, cicatrizando a ferida, orientando e deixando agora desabafar pelo caminho certo o que não se pôde desabafar senão pela via errada, nada suprimindo dos impulsos da vida, mas corrigindo tudo o que estava torcido, substituindo a satisfação oblíqua e doente pela reta e sadia. É preciso procurar educar de novo o indivíduo, até chegar a imprimir na sua personalidade novos hábitos, que serão amanhã suas qualidades e impulsos instintivos, o que significa libertação do mal e a cura da doença.

Para chegar a tais resultados o psicanalista possui cinco meios:

1) A análise, como já explicamos, da *estrutura da personalidade e do destino do paciente,* observando os seus impulsos instintivos, para reconstruir com o exame deles o trabalho feito para os gerar e fixar no passado do indivíduo. 2) Análise de tudo o que é produto espontâneo do subconsciente e que pode melhor aparecer quando é afastado o controle do consciente. Por isso o psicanalista, colocando o paciente em estado de distensão nervosa, escuta e analisa as suas *confissões,* desabafo espontâneo de seu subconsciente. 3) Outro meio para penetrar no íntimo do paciente é a análise dos seus *sonhos,* com a qual se atinge o objetivo do psicanalista que é o de abrir o livro do subconsciente, onde tudo está escrito, para nele ler. Deixemos de lado, como fez Freud, o método da hipnose, que nos levaria longe demais. 4) *Tratamento por substituição* do velho pelo novo, enxertando-o no contínuo transformismo da evolução. 5) *Tratamento por sublimação,* processando essa substituição em sentido evolutivo, isto é, com um tipo de vida biologicamente mais adiantado. Observemos melhor estes pontos.

1) Do primeiro já falamos bastante. Trata-se de observar como funciona a vida do indivíduo, por que motivos ela é dirigida, a que estímulos ele responde e como contra eles reage, quais são as suas idéias inatas, a que impulsos seus, espontâneos, ele obedece. É possível assim reconstruir a história do paciente, estabelecendo o tipo e linha de desenvolvimento do seu destino, como já explicamos. A história menor dos seus complexos está contida nessa sua história maior, que constitui a base do exame da origem, natureza e desenvolvimento das doenças. Trata-se de um método de pesquisa racional, baseado na lógica e na observação, método positivo, importante também pelo fato de, por intermédio dele, uma pessoa inteligente poder tornar-se observador de si mesma, isto é, o psicanalista do seu próprio caso. O paciente, ele próprio, pode realizar em si tais pesquisas. Chega-se assim à autopsicanálise, que permite atingir resultados introspectivamente mais completos, porque a observação pode ser melhor percebida e conduzida, já que o observador é também o paciente, o que lhe permite descer na profundeza do fenômeno, porque ele mesmo é o fenômeno. Afinal de contas a psicanálise faz parte do problema fundamental do: "Conhece-te a ti mesmo".

2) A confissão, feita, ao psicanalista, ou no caso de autopsicanálise feita a si mesmo, com um sincero exame de consciência, é o meio para descobrir o conteúdo do subconsciente, isto é, daquela parte desconhecida do nosso eu, que pensa e funciona fora de nossa consciência atual, como automática conseqüência dos impulsos por nós lançados nas vidas passadas. A condição fundamental é a espontaneidade e sinceridade, de modo que a confissão revele qual é na verdade o conteúdo do subconsciente. É necessário por isso analisar tudo com olho imparcial e sem preconceitos, afastando as resistências e todas as barreiras inibitórias do controle e da autocrítica, atrás das quais o indivíduo se procura esconder e disfarçar, a isso constrangido na luta pela vida para defender a parte mais íntima e preciosa de sua personalidade, aquela que contém a reserva das suas qualidades. Assim, para que o paciente possa abrir completamente a sua alma, é necessário que ele tenha absoluta confiança no seu psicanalista, que por sua parte terá que a merecer e saber aproveitar, para proceder a uma profunda pesquisa com perguntas inteligentes e sábia interpretação das respostas.

A confissão pode ter também outra função. Ela pode representar não somente um meio de pesquisa, mas também ser útil para desabafar e, assim, eliminar a carga interior, deixando o paciente desabafar com o seu psicanalista, que deve ser seu amigo e confidente. A confissão se torna, assim, um alívio, primeiro passo para chegar ao tratamento. O paciente se fortalece com a convicção de ter um apoio que lhe permite entregar os seus sofrimentos nos braços de um amigo. Assim o psicanalista pode iniciar o seu trabalho antes de tudo acalmando as águas, colocando o paciente em estado de tranqüilidade que, neutralizando a tempestade, permite iniciar o caminho oposto, o da correção e endireitamento. Esse é o primeiro passo, o de enfraquecer o inimigo do tratamento, que é a resistência do indivíduo para ficar nas velhas posições, seguindo os velhos caminhos. Método que muitos procuram instintivamente realizar, apoiando-se em pessoa amiga. Método que também o catolicismo pratica, mas que presume um confessor inteligente apto na difícil arte de dirigir consciências, o que e raro encontrar, porque depende de qualidades pessoais, que nem todos possuem. Assim, na prática, a confissão se reduz à aplicação mecânica de regras estabelecidas, lista de pecados e correlativas penitências, tudo estandardizado no nível baixo da consciência média da maioria, para facilidade prática, reduzido a formas administrativas burocráticas, exteriores, que permitem ao confessor ficar juiz imparcial, mas ausentando-se do mundo interior do penitente, com a vantagem de não se meter em problemas psicológicos difíceis de resolver, de não se comprometer assumindo responsabilidades, mas, também, nada dando de si mesmo e, com frias pregações regulamentares, pouco realizando de espiritual.

Pelo contrário, o psicanalista deve possuir qualidades pessoais de intuição para saber adaptar a pesquisa e o tratamento ao caso particular. É necessária muita compreensão e compaixão, penetração e bondade, porque se trata de penetrar no mais íntimo segredo da alma, de manobrar as forças espirituais das quais depende o destino do indivíduo, a sua felicidade e sofrimentos, a sua conduta e o seu futuro. Trabalho difícil e de grande responsabilidade. Trata-se de uma intervenção, mais do que no cérebro, na própria alma, difícil porque pode salvar, mas pode também matar. Trata-se de desvendar mistérios ao próprio paciente, de penetrar, com o desapiedado bisturi da pesquisa, no terreno mais cioso das culpas secretas, que o ser não revela nem mesmo a si próprio. Com essa confissão se trata de fazer juntamente com o paciente um exame de consciência que revele antes de tudo a ele quais foram no passado os seus pecados, isto é, os erros que

constituem o ponto fraco que deu origem à doença, da natureza dos quais agora depende o trabalho atual de endireitamento que realiza a cura.

3) A análise dos sonhos do paciente representa outra forma de pesquisa para penetrar no subconsciente e descobrir o seu conteúdo. No sono ele se mostra qual é, quando pela falta de controle do consciente fica abandonado aos seus impulsos espontâneos. Então, o psicanalista aproveita esse fato para observar os sonhos, e, interpretando o desabafo, emersão do mundo interior do paciente, chegar à reconstrução de sua história passada, na qual está contida a história da doença. Pode-se, desta forma, descobrir quais foram as exigências não satisfeitas ou mal satisfeitas, os choques recebidos e as feridas, traumas e chagas que se seguiram na personalidade, qual foi o erro inicial que deu origem aos desvios e depois à doença e correlativos sofrimentos, como e onde nasceu o primeiro germe que se aninhou na personalidade com todas as suas conseqüências. Estamos ainda na fase da pesquisa e análise do caso para chegar à sua diagnose, da qual depois derivará o tratamento. Temos de seguir esse caminho, porque se trata de desatar o nó que foi feito no passado.

A psicanálise estuda os sonhos porque eles contêm a realização imaginária dos impulsos que não foi possível realizar nos fatos, impulsos que, assim, aparecem nos sonhos, tanto mais se revelando quanto mais eles foram comprimidos. Os sonhos representam um trasbordamento do subconsciente para além dos limites impostos pelo consciente, quando este adormece e, na sua passividade, deixa a personalidade sem o seu controle, livre de se manifestar à vontade. É assim que nos sonhos o subconsciente nos devolve as impressões recebidas, nos revela os seus segredos, nos conta a sua verdadeira história, o que lhe é proibido de dia pela consciência acordada, que sabe quanto, na luta pela vida, cada sinceridade seja fraqueza perigosa. De dia a personalidade tem que estar desconfiando de todos e fica calada, cercando-se de prudência. Mas os impulsos que de dia não foi possível realizar, se satisfazem realizando-se no sono, na forma de imagens e miragens, com uma criação psicológica interior que representa o substituto da impossibilitada realização concreta dos desejos.

* * *

Com estes três pontos temos esgotado o primeiro período, que é o da pesquisa e análise do caso, do qual agora conhecemos a origem e a história. E possível, então, concluir esta primeira fase com a diagnose, nela depois se baseando para enfrentar a última fase de nosso trabalho, que é a do tratamento. Mas, antes de estudar este outro aspecto do problema, completemos o assunto com algumas observações mais.

O psicanalista deve chegar a conhecer a personalidade do paciente, o que ele pode fazer observando todas as suas manifestações por meio de exames psicológicos, grafológicos, testes de inteligência etc. O psicanalista deve possuir qualidades pessoais de intuição para penetrar na alma do paciente, orientando-se nas suas pesquisas com estas teorias gerais, aplicando-as e adaptando-as ao específico caso particular do indivíduo, com a sagacidade que o caso exige. Chegar a ler no subconsciente não é fácil, porque ele está bem fechado, protegido pelo próprio paciente que o defende por que contém e revela a verdadeira personalidade, mesmo nos seus pontos fracos, o que é perigoso mostrar porque, na luta pela vida, é mal necessário esconder para se defender de todos os inimigos, sempre em busca de agressão e destruição.

É preciso individuar em que profundidade do eu se verificou o trauma psíquico, até que camada da personalidade do paciente é necessário descer na longa história do seu passado, para encontrar a primeira origem da doença mental atual, que assim surgiu. Temos, então, que ir à procura do ponto em que ela nasceu, seja descobrindo-o enquanto ele está colocado ao longo da história da vida do paciente, isto é, no tempo mais próximo ou longínquo, seja localizando-o na correspondente profundidade da personalidade, na série das estratificações sucessivas de suas experiências. Tal ponto de origem dos choques pode se encontrar situado na superfície, isto é, história recente, de há poucos anos, na vida atual, como também na profundidade, isto é, história mais velha, de há muito tempo, nas vidas precedentes. Ora, as doenças não podem ser tratadas senão voltando ao seu ponto de origem. E, quando este é longínquo, torna-se necessário, onde quer que ele esteja, atingi-lo, porque de outro modo não é possível realizar o tratamento por correção

do caminho percorrido.

Pode-se verificar o caso em que o choque aparece recente, enquanto em substância ele não o é. Como nas doenças físicas, também nas nervosas, o fato delas serem ou não contagiosas, depende da predisposição do indivíduo, a qual se encontra nos pontos onde ele antes já tinha recebido outro choque com relativa ferida ou trauma psíquico. É por isso, então, que o paciente ficou magoado pelo novo complexo ou neurose, porque este encontrou o terreno já preparado e adaptado para isso por choques precedentes, que são o ato que constitui a predisposição e vulnerabilidade à correlativa doença mental. É assim que os indivíduos que não foram deste modo preparados são mais resistentes e menos sujeitos a adoecer. Por isso é necessário conhecer a história toda do indivíduo, porque a primeira origem das neuroses e complexos a que é necessário voltar para corrigi-los, não está no ponto próximo recente como parece, mas muito mais longe, no passado. Temos, assim, no tratamento de levar em conta o fato que às vezes lutamos contra doenças, que se desenvolveram e cada vez mais se fixaram na personalidade, sobrepondo-se e somando-se.

Vimos aqui só alguns aspectos do difícil caminho que o psicanalista tem de percorrer na floresta de problemas que podem surgir no tratamento de cada caso particular. Para descobrir qual é o verdadeiro temperamento, as qualidades e reações do paciente, o psicanalista deveria, pelo menos por um período de tempo, conviver com o doente. Não é por meio de uma pesquisa rápida e superficial, realizada numa consulta, que é possível penetrar na personalidade, entender e resolver um caso. Mas, em geral, o médico está assoberbado de consultas, em série, adaptadas aos tipos dominantes, orientadas pela preocupação do ganho material, e por isso, pela necessidade de satisfazer o cliente adaptando-se à sua forma mental. Tudo na vida funciona num regime de luta, que tudo domina, enquanto o trabalho do psicanalista deveria ser independente de preocupações econômicas, praticando como missão e sacerdócio, com espírito de compreensão e amor. O nosso mundo está cheio de sofredores, que pedem e precisam de ajuda. E são os próprios métodos de vida de tal mundo que, pela competência feroz, geram tais doenças e tornam difícil o seu tratamento. Em última análise, elas são o resultado de um imenso erro coletivo, de uma forma mental e regime de vida desviados, erro que abrange todos, médicos e doentes, a sociedade toda.

O próprio psicanalista precisa de um ponto de referência, em função do qual possa realizar o seu trabalho. Por isso ele deve estabelecer, como modelo a propor ao doente, um tipo biológico a imitar. Ora, este não poderia ser um super-homem evoluído, porque tal tipo poucos podem entender e muito menos imitar por falta de amadurecimento. É necessário que a distância entre o doente a educar e o seu modelo não seja grande demais, se queremos que um homem comum consiga superá-la. Então, o modelo, ponto de referência, deve ser o biótipo médio, medíocre, não demasiadamente evoluído, de pouco valor biológico, mas que em compensação possua uma forma mental compreensível e acessível para a maioria Quem não é feito assim, está errado. Em nosso mundo e necessário antes de tudo ser normal, de nível comum, nunca ser excepcional, porque então seremos anormais e, por isso, condenados e expulsos.

4) Neste ponto, como há pouco mencionávamos, o psicanalista, concluída a sua pesquisa com a diagnose, pode enfrentar a segunda e última parte, que é a do tratamento. Falamos de tratamento por substituição. Como pode ele realizar-se?

Ele se baseia no fato de que a vida é um fenômeno em evolução, pelo que está sujeita a um contínuo transformismo. Isto se verifica ao longo de um caminho feito por uma concatenação causa-efeito, efeito que por sua vez é causa de outro efeito, e assim por diante. Isto significa, não somente, que o presente é conseqüência fatal do passado, e o futuro conseqüência fatal do presente e passado, mas que é possível enxertar na sucessão desses movimentos de forças encadeadas, outras diferentes que podem corrigir a trajetória daquele caminho. É assim que se torna possível endireitar o que foi lançado em sentido errado. Este método se baseia no fato de que, pelo seu livre arbítrio, o indivíduo pode gerar novos impulsos que funcionam como novas causas que, substituindo-se às velhas, podem gerar novos efeitos, que neutralizam os precedentes, conseqüência das velhas causas. É esta atmosfera de movimento, devida ao transformismo evolutivo, que, deixando atravessar novas experiências, permite essa contínua renovação do ser, e com isso a correção do passado.

A tarefa do psicanalista é a de provocar e dirigir o lançamento de novos impulsos corretivos da parte do paciente, porque nisto consiste o tratamento. Este é constituído pela neutralização dos movimentos errados iniciados no passado, dos quais deriva a doença. Trata-se de substituir a velha por uma vida nova, diferente, para educar o indivíduo, de modo que com uma nova experimentação ele possa assimilar, transmitir e armazenar no subconsciente qualidades melhores. Aqui o remédio e a cura. Por isso antepusemos a estas observações um estudo sobre o processo da construção da personalidade.

Ao longo do caminho evolutivo, o tempo mede fatalmente o incessante transformismo, sobrepondo na estrutura da personalidade uma camada sobre a outra, assim levantando o edifício do eu. É uma longa história que o ser vai escrevendo e que nele fica escrita indelevelmente. Este é o livro que o psicanalista deve ler, para nele introduzir algumas páginas inéditas, páginas de sublimação da psicanálise. Ele se deve tornar o engenheiro da grande obra da construção da personalidade, a obra do levantamento do edifício do eu. Se a função da psicanálise fosse somente a de tirar doenças e dores, poderia ela fazê-lo suprimindo o atrito entre consciente e subconsciente, causa dos complexos, e deixando o subconsciente animal desabafar à vontade. Mas assim a psicanálise se tornaria uma escola de involução, traindo a sua maior finalidade: a de ser um meio de evolução.

Tudo isto implicitamente contém e nos indica o sentido para o qual se deve dirigir a obra do psicanalista. Então, o tratamento melhor é o que atua realizando uma transformação em sentido evolutivo, levando o paciente para o alto, atingindo assim não somente o objetivo de corrigir o passado, senão também o de um progresso espiritual, o que significa chegar a um plano biológico mais adiantado e a um melhoramento nas condições de existência. A função fundamental da psicanálise pode ser não somente a de corrigir defeitos e curar doenças, mas a de ajudar o ser a evoluir seguindo o caminho que vai do AS ao S, impulsionando-o para formas de vida progressivas e, por isso, mais felizes.

* * *

5) Eis como surge na psicanálise a idéia de sublimação, como método de tratamento. A ela já nos referimos, e agora chegou o momento de desenvolver este assunto, como prometemos no início deste capítulo.

A força em que o psicanalista tem de se apoiar é o sadio impulso vital que anseia pelo crescimento, o progresso, o aperfeiçoamento, a subida para a felicidade. Mas há seres atrasados, surdos a tudo isto, mergulhados na sua ferocidade e ignorância, que não sabem conceber formas de vida superiores, seres cujo subconsciente não possui senão o resultado de experiências de tipo animal. A sua ética, proporcionada ao seu nível, é uma ética primitiva, inadaptada para viver na sociedade dos civilizados, enquanto seria ótima na floresta das feras. Eles constituem os delinqüentes. O mundo pensa sobretudo em defender-se deles e os afasta e isola nas cadeias, punindo nos involuídos a culpa de serem movidos por uma ética de violência, que no passado foi o ideal do homem sadio e que agora. pelo progresso, se tornou crime. O resultado é a repressão violenta. que gera reações piorando a situação, porque confirma o criminoso na sua revolta e na convicção da sua justiça. Pelo contrário, a função da sociedade deveria ser a de educar, melhorando as condições de vida onde nasce o crime, seguindo, quanto possível, a técnica da superação, que eleva para o que é melhor, ao invés do método do esmagamento, que confirma o direito à revolta, leva o ser para trás para o que é pior.

O método de tratamento por sublimação pode ser aplicado com tanta maior amplitude, quanto mais o paciente é evoluído. O tratamento deve ser proporcionado às capacidades de compreensão e reação do indivíduo. Cabe ao psicanalista assim entender e julgar. É possível que ocorra o caso em que o doente seja mais evoluído e inteligente do que seu médico. Então, pode acontecer que seja o paciente que faz a psicanálise do psicanalista. E o próprio fato de que o primeiro vai no consultório do médico, já estabelece as posições recíprocas, pela qual um se coloca a *priori* em posição de inferioridade, para ser julgado, e o outro em posição de superioridade, de quem julga. Tudo se baseia na interpretação que, do que ele percebe e

entende, faz o psicanalista com a sua forma mental, que é a premissa axiomática de todo julgamento. Então a psicologia do psicanalista faz parte do fenômeno e da observação do fenômeno psicológico do doente. Carl Gustav Jung, nos seus contatos com Sigmund Freud, fez a psicanálise dele, chegando à conclusão que o complexo de Edipo fosse o complexo do próprio Freud, que este tomava como base das suas teorias. Conforme o julgamento de Jung, a psicologia freudiana teria sido uma psicologia neurótica. O psicanalista pôde, assim, praticar uma psicanálise fantástica e destrutiva, baseada no seu próprio temperamento. Por isso, aqui sustentamos que ela se deve basear num sistema filosófico positivo e completo que a oriente, realizada em relação a um dado modelo biológico, em função das leis da vida, sobretudo da mais fundamental que é a evolução.

O problema do tratamento dos complexos e neuroses não é fácil e, na prática, requer sagacidade e adaptações ao caso particular. Mas em linha geral esse trabalho se pode dividir em duas partes fundamentais: 1) a parte negativa, cujo objetivo é a destruição do velho, que esteve errado, extraindo assim a causa da doença. Trata-se de arrancar o dente estragado, que dói. 2) a parte positiva, cujo objetivo é a substituição do velho pelo novo, um novo que não está errado, enchendo com um conteúdo certo o vazio produzido pela destruição precedente. É um erro perigoso, na qual caíram as religiões na sua perseguição da natureza humana inferior, o de destruir a vida embaixo, esmagando-a sem substitui-la por formas de existência mais adiantadas. Qualquer destruição é elemento negativo, antivital, que pode ser tolerado só como condição de progresso. Não basta arrancar o dente estragado que dói, é preciso substituí-lo por outro, com o qual o indivíduo possa comer.

O método de tratamento por sublimação representa esta segunda parte positiva do trabalho do psicanalista. Mas este tem de iniciar com a primeira parte, o que exige muito cuidado. Pode acontecer que, para mais rapidamente resolver o caso, ele seja levado ao bombardeio dos complexos, para os eliminar. Ora, esta luta para destruir o velho, substituindo-o pelo novo, tem de ser praticada sem que o paciente se aperceba, sem excitar com isso as suas resistências inibitórias, prontas a paralisar o tratamento. É necessária a aceitação, a boa vontade, a obediência do doente. Ora, pelo fato de que a sua personalidade está formada com os seus complexos, qualquer tentativa de destruição destes pode ser percebida e entendida por ele como uma tentativa de destruição da sua personalidade, que, apesar de doente, constitui o seu eu, que pelas leis da vida ele mais se defende com o seu instinto de sobrevivência. Então, se o psicanalista não soube disfarçar com outro tratamento aparente o verdadeiro conteúdo do seu trabalho, poderá encontrar no doente uma inconsciente reação, uma oposta vontade que quer neutralizar o seu trabalho de salvação. É necessário, então, oferecer ao doente um tratamento fictício, contra o qual ele possa dirigir a sua luta de resistência, ao mesmo tempo que assim ele, sem o suspeitar, se deixa guiar pelo tratamento verdadeiro, ao qual não presta atenção. Este consiste em colocar o sujeito vivendo num ambiente oposto ao precedente, ambiente novo no qual os complexos não encontrem mais alimento que os sustente, e os velhos hábitos tenham, assim, que morrer por desuso e atrofia.

Chega-se deste modo à segunda parte do trabalho do psicanalista. A primeira parte representa a forma mais elementar de tratamento, adaptada aos menos evoluídos. A segunda dirige-se aos mais maduros, que por isso podem tentar escalar um novo degrau da evolução, resolvendo o seu caso pelo caminho da superação, canalizando as suas energias do nível animal-humano, para formas superiores. Mas como não existem duas classes separadas de amadurecidos e imaturos, mas há entre estes dois extremos uma série de formas intermédias, o psicanalista terá de praticar nos seus pacientes injeções de superação proporcionadas à sua capacidade de absorção e assimilação, se ele não quiser fazer um trabalho inútil, ou pior, por reação da parte do paciente, levá-lo para o sentido oposto.

No caso dos mais adiantados, pode acontecer que a neurose seja o resultado de uma crise de crescimento. Sair da animalidade, passar de um nível biológico a outro, representa deslocamentos e esforços enormes, necessidade de trabalhosa adaptação progressiva a uma atmosfera diferente. rarefeita demais para os pulmões do homem atual, representa ter de realizar uma profunda transformação do organismo, sobretudo nervoso e cerebral, para acompanhar o nascimento e permitir a vida do novo tipo biológico espiritualizado. Pode ser, então, que os distúrbios neuro-psíquicos sejam devidos ao esforço que um desenvolvimento da

personalidade demasiadamente rápido requer.

Nestes casos o problema da neurose deve ser enfrentado de maneira completamente diferente, isto é, como fenômeno não patológico, de natural evolução biológica. A presença das neuroses pode, então, assumir um sentido e valor diferente. Neste caso o trauma psíquico é o resultado de um esmagamento do subconsciente, devido à luta contra ele da parte do consciente, que quer substituir aos seus impulsos inferiores outros superiores. Então a doença não é uma derrota, porque ela existe em função de uma superação, faz parte do processo da evolução, pelo qual o direito de vencer pertence ao consciente, que é mais adiantado do que o subconsciente, que deve ser superado, porque a lei da vida é o progresso. O trabalho da construção da nova personalidade do futuro realiza-se no consciente, ao qual pertence o comando e deve estar sujeito o inferior subconsciente animal. Então o que parece uma derrota não o é, porque é só destruição de um mundo inferior, condição necessária, porque sem ela não é possível subir. Logo, doença e sofrimento são meios naturais e inevitáveis, inerentes ao processo evolutivo, indispensáveis instrumentos de progresso; eles são as feridas do guerreiro, saudáveis, porque só descendo à luta se pode realizar a coisa mais importante da vida, que é a evolução. Tais males representam, na justiça da Lei, o preço do resgate para se remir da queda, o trabalho necessário para se voltar ao S.

Neste caso, a função do psicanalista não é a de combater as neuroses só para as destruir, mas é a de acompanhá-las utilizando-as para ajudar o desenvolvimento do paciente. A doença neste caso não é senão um elemento do processo evolutivo. A atenção do psicanalista deverá, então, dirigir-se para o fenômeno mais importante, que é a evolução do indivíduo, e, só em função desta, cuidando do fenômeno secundário que são os males conseqüentes do esforço necessário para obter-se uma conquista biológica. Isto não quer dizer que o psicanalista não tenha de tratar os distúrbios nervosos, mas ele terá de fazer isto em função do que mais importa, que é a transformação evolutiva que se está realizando no paciente. Então, os distúrbios poderão desaparecer por si próprios, quando tiver acabado o processo de transformação, do qual eles são o efeito

Vemos aqui quão mais complexo possa ser o problema do tratamento das neuroses e vasta a tarefa do psicanalista. Ele pode tornar-se construtor da personalidade, artífice da evolução. Há energias vitais em todos os indivíduos. Em alguns casos elas foram comprimidas, torcidas, estragando-se na tentativa mal sucedida de se evadir à lei de evolução, expandindo-se para baixo, ao invés de para o alto. Por isso chegou a dor e temos almas aleijadas, doentes. A descida é a direção perigosa, a que leva para baixo, enquanto a direção certa é a da subida, a que leva para a verdadeira saúde. A expansão das energias em descida confirma e fortalece no subconsciente os instintos inferiores da animalidade, prendendo o ser sempre mais aos sofrimentos de um plano de vida atrasado, do qual o médico, doador de saúde, deveria procurar afastar o paciente, ajudando-o a deslocar-se não em descida, mas em subida.

Eis, então, que o psicanalista pode-se tornar um canalizador de energias comprimidas, orientando-as e dirigindo-as para um mundo superior, realizando assim o progresso do indivíduo, o que significa atingir um resultado muito maior do que somente o de tratar uma doença. E para um indivíduo maduro, apto para isso, tal método de tratamento por sublimação representará a valorização de seus esforços evolutivos. O paciente será sustentado pela idéia de que a sua doença não é doença, mas uma crise de evolução, que ele não é um doente, mas um indivíduo em crescimento, que os seus sofrimentos são a condição necessária de seu progresso. Esperança grande, que leva a uma aceitação mais fácil, idéia que ajuda, saudável e salvadora, tanto mais quanto ela corresponde à verdade. E, para os menos amadurecidos, tal tratamento por sublimação pode ser aceito enquanto se apoia no natural amor próprio do indivíduo que, assim pode acreditar, que vai logo pertencer à classe mais adiantada dos evoluídos. Entretanto, baseando-se nesta fé, ele começará fazendo alguns esforços em direção da subida, que em todo caso lhe serão vantajosos, representando pelo menos uma tentativa de superação da animalidade.

Em resumo, na prática, o psicanalista tem que lutar contra duas exigências opostas: 1) a de impulsionar o paciente pelo caminho da evolução, superando os instintos inferiores, porque este é o caminho da salvação; 2) a de tratar os complexos eliminando os choques que os gerou, no esforço para realizar aquela

superação.

Se a doença nervosa pode ser o resultado de uma crise de crescimento, isto é, de um esforço concentrado para realizar uma evolução rápida demais, assim representando o preço que o indivíduo paga por ela, eis que neste caso o tratamento para eliminar o complexo consistiria, como já frisamos, em deixar o subconsciente desabafar livremente na sua espontaneidade, sem constrangimentos, conforme os seus instintos inferiores, como procura fazer a maioria que, por isso, não possui complexos. Mas eis que, assim agindo, o psicanalista impulsionaria o indivíduo não a progredir, mas a retroceder, paralisando a evolução, que é a maior finalidade da existência.

Há pouco acima dizíamos que, para tratar um complexo, é útil colocar o paciente em ambiente oposto àquele que continha as condições que geraram a doença. Mas se esta nasceu por querer substituir uma virtude por um vício, isto é, uma forma de vida mais adiantada por uma involuída, então para eliminar o complexo seria necessário abandonar a virtude e voltar ao vício, isto é, à forma de vida que não exige esforço para evoluir, resultando espontânea para o indivíduo atrasado. Mas isto representa o desvirtuamento da função do psicanalista que, como já mencionamos, é sobretudo a de educar, impulsionando para a subida. Hoje, alguns psicanalistas revelam fraqueza em face do doente, preocupados, antes de tudo, em tirar-lhe os sofrimentos. E assim procuram que, custe o que custar, ele fique curado e satisfeito. Dessa forma, o doente, ao invés de aprender novos hábitos melhores, continua praticando os velhos piores, que deste modo, em vez de serem eliminados por desuso, se fortalecem por novo uso.

A sabedoria do psicanalista está em conciliar as duas exigências opostas, reclamando do paciente o esforço que ele pode dar no sentido da evolução, ao mesmo tempo deixando-lhe o mínimo de satisfação inferior necessária para acalmar o complexo. Por isso é bom que a arte da substituição de hábitos, dos novos no lugar dos velhos, se realize com inteligência, por degraus, adaptando-se ao indivíduo, para não gerar choques, isto é, novos complexos, para que o próprio tratamento, ao invés de curar, não acabe piorando a doença. Se, de um lado é preciso eliminar os complexos, de outro é preciso também evoluir Se exigirmos esforço demais no sentido evolutivo, perseguindo o paciente, acabaremos gerando novos complexos. Mas, se o deixarmos completamente ao sabor dos seus instintos inferiores, curaremos os complexos, mas seremos mestres não de progresso, mas de atraso. A sabedoria está em se equilibrar no meio, para atingir o máximo resultado útil, seja no terreno do tratamento, como no da evolução; está em saber proporcionar o tratamento às capacidades de progresso e ao grau de evolução do indivíduo.

* * *

Vemos, assim, que a psicanálise pode entrar também no terreno, até agora reservado à ética e às religiões, da direção psicológica e espiritual para a salvação das almas, agindo, não em forma empírica, mas com competência científica. Eis que, num mundo mais inteligente, esta nova psicanálise poderá oferecer-nos um método positivo de redenção, praticando, com conhecimento da natureza do fenômeno, os princípios das religiões, que ensinam que é útil aceitar a dor, porque a podemos transformar em instrumento de ascensão evolutiva e, pois, de salvação. Tudo isto nós sabemos, não por aceitação cega de fé, mas por demonstração positiva e pela lógica da fenomenologia universal, que é convincente a quem queira pensar. Assim as ciências psicológicas se amplificam, atingindo horizontes muito mais vastos, tornando-se ciência do espírito, conquistando, pelo seu conhecimento dos problemas da psique, que as religiões não possuem, o direito de dirigir as almas.

Assim podemos entender com a nossa forma mental moderna, em termos de psicanálise e evolução, o método da sublimação, o das religiões, que estas praticam há milênios. Elas quiseram fazer de cada fiel um soldado do ideal, para a conquista de um plano de vida biologicamente superior (o reino de Deus). Foram elas que no passado estabeleceram as normas de conduta, encarregando a consciência de as impor ao subconsciente para dominar os seus inferiores instintos de animalidade e transformá-los no sentido evolutivo. A mesma coisa deveria fazer a nova psicanálise, isto é, colocar o indivíduo no caminho da evolução, impulsioná-lo para a frente, aplicando, mas com conhecimento, o velho método empírico das reli-

giões, que consiste em colocar o paciente extraviado no AS, que é o caminho da doença e da dor, no caminho do S, que é o da saúde e felicidade. Trata-se de acompanhar e dirigir o crescimento do ser, a transformação do animal em homem e o nascimento do super-homem do futuro.

De fato, o método das religiões é o de acordar a consciência (o consciente), para que ela controle os impulsos inferiores (subconsciente instintivo) aos quais o involuído é levado a obedecer. O exame de consciência faz parte deste método. Trata-se, de fato, de uma observação introspectiva dos impulsos aninhados no subconsciente, assim submetidos ao controle e domínio do consciente, que conhece e está encarregado de impor as regras de conduta que as religiões lhe ensinam. Este método faz parte do processo da descida dos ideais do alto para a terra. Assim, os maus hábitos podem ser transformados em virtudes, com a repetição podem ser gravadas no subconsciente novas e melhores qualidades, sendo possível educar o homem e realizar a evolução, construindo a personalidade em formas cada vez mais adiantadas. Eis o ponto de contato entre psicanálise e religiões, a ponte pela qual elas podem comunicar-se.

Assim, a primeira se poderá enriquecer da longa experiência das segundas, e estas do conhecimento dos fenômenos psicológicos, que só a primeira possui. Desta forma a ciência poderá entender o significado biológico da sublimação religiosa e do misticismo, bem como o valor positivo dos métodos psicológicos praticados pelas religiões Assim, o que foi descoberto por intuição, mas ficou empírico na prática, poderá ser sustentado pela lógica de uma demonstração racional.

Eis o que Carl Jung escreve a respeito da relação entre psicanálise e religião: "Entre todos os pacientes que encontrei na segunda metade de minha vida, não houve um cujo problema em última análise não fosse o de encontrar uma concepção religiosa da vida. Todos estavam doentes, porque tinham perdido o sustentáculo e o apoio que as religiões oferecem, e posso afirmar que nenhum deles foi verdadeiramente curado, sem ter antes conquistado uma concepção religiosa".

Há, porém, uma diferença entre a psicanálise e as religiões. Nos seres primitivos, que funcionam mais por sugestão do que por raciocínio e entendimento, é ótimo o sistema da fé, pelo qual o indivíduo se entrega cegamente, como na hipnose, nas mãos de quem o dirige, deixando-lhe toda a responsabilidade, porque sozinho ele não sabe pensar, nem sabe o que fazer. Para essa massa de gente simples são bem adaptadas e bastam as religiões. O mundo moderno está, porém, se tornando cada dia mais racional e inteligente, a ciência lhe ensinando que, antes de crer, é necessário exigir demonstrações e provas. Por isso a psicanálise, quando se dirige para esse outro tipo de homem, tem de oferecer uma orientação demonstrada, que convença, dando prova das razões pelas quais temos de segui-la, o que só é possível possuindo o conhecimento do problema. Somente uma religião assim concebida pode resistir aos assaltos do materialismo científico. Talvez seja exatamente uma tal religião positiva o que mais falta ao nosso mundo moderno, e é esta falta de orientação certa a causa da angústia que o oprime. Ele precisa de uma idéia que dirija a sua vida, de uma esperança que o sustente, de uma meta a atingir, de uma razão para lutar e sofrer. Necessita mais dela para curar as suas neuroses, do que de tranqüilizantes e divertimentos que intoxicam. O sistema filosófico racional, que em nossa Obra oferecemos para dirigir com conhecimento a nossa conduta, quer cumprir a tarefa de dar ao mundo um meio para o salvar da loucura. A causa da neurose coletiva, que se vai cada dia mais espalhando, é a desordem espiritual, que é a coisa mais urgente a curar. Eis como a psicanálise, se cumprir uma função orientadora, pode adquirir importância social.

Com o método da sublimação, a psicanálise aplica um tratamento das neuroses oferecendo uma válvula de segurança, que permite descarregar os impulsos comprimidos do subconsciente, na direção mais útil à vida, isto é, em sentido evolutivo, na forma de conquista e progresso biológico. Assim, o caminho errado pode ser endireitado, a doença pode ser neutralizada com um substituto sadio, resolvida por superação, trabalho confiado ao consciente acordado, que representa a parte do eu encarregada da obra da construção da personalidade. Assim, a psicanálise adquire uma importância nova, muito maior, porque se torna uma escola de evolução, cuja função não é mais só aquela de tratar doenças, mas a de ajudar o homem novo a nascer, realizando o milagre da transformação biológica do involuído em evoluído, isto é, do primitivo atual, no biótipo que deverá constituir a humanidade do futuro. Então, a psicanálise se torna a arte de educar o

homem para o levantar a um plano de vida superior. Ela pode desse modo colocar-se ao lado da ética e religiões, iluminando-as no terreno difícil da direção das almas, trabalho que hoje elas fazem empiricamente, com métodos obsoletos, às vezes contraproducentes, se não danosos.

É inevitável que assim seja, quando tudo tem de ser feito em série, seguindo uma medida universal, que está adaptada apenas ao tipo médio. Pode assim acontecer que o indivíduo superior, que é muito mais moral e religioso do que o tipo médio, seja condenado. E nestes casos que a psicanálise, ao invés de se dirigir para o subconsciente, que é a parte inferior, tem de acompanhar o indivíduo na sua exploração e antecipação do superconsciente que, pelo amadurecimento do ser, já começa a transparecer, procurando-se manifestar, enquanto fica comprimido pela incompreensão dos atrasados, que impõem a todos as regras oficiais que melhor lhes convêm. Então, a psicanálise pode ajudar os evoluídos, que têm de se defender para não retrocederem ao nível de involuídos.

Eis que o próprio Jung escreve a este respeito: "O homem "normal" é um modelo ideal para todos os que estão ainda abaixo do nível normal de adaptação. Mas para os homens que possuem capacidades superiores à média, a idéia e a obrigação moral de não ter que ser outra coisa senão homens normais, constitui um leito de Procusto, um enjôo mortal e intolerável, um inferno estéril e sem esperança. Quantos neuróticos há que adoecem porque não se podem tornar normais!"

Parece que em nossa sociedade é dever ser involuído. Este é o modelo para todos, a unidade de medida que a maioria, porque lhe convém, escolhe e impõe a todos. Pertence ao evoluído defender-se, se ele quer sobreviver como tal. Pude observar vários casos nos quais a neurose foi gerada em evoluídos pelo esmagamento que eles tiveram de suportar da parte da maioria dos involuídos, que lhes quiseram impor a sua maneira de conceber a religião e a moral. Infelizmente, em muitos casos, esta maneira não representa senão um desabafo de instintos primitivos, de impulsos do subconsciente. que se procuram justificar, disfarçados em formas diferentes, praticadas até em nome de Deus. Coisa natural para um involuído, mas horrível para um evoluído que possui outra sensibilidade moral. Assim, no passado ninguém se apercebia da terrível contradição entre o Evangelho e as guerras santas, a inquisição, as perseguições e matanças de heréticos etc. Pude observar o caso de um indivíduo que teve de se afastar da religião, porque nela não encontrava senão pessoas que, com sua forma mental e conduta, paralisavam as suas tentativas de superação da neurose pelo caminho da sublimação. Não era culpa das religiões, mas dos involuídos que as representavam. O resultado foi que, para conservar uma religião sem ter que perseguir as outras e para seguir os caminhos da sublimação que salvava sua vida, aquele indivíduo foi constrangido a fechar as portas de sua alma, suprimindo qualquer manifestação exterior, que é o que atrai a intromissão dos involuídos e, para salvar a sua espiritualidade, e continuar sozinho, apenas interiormente, aonde eles não chegam, as suas vivas relações com Deus.

* * *

Mas temos de observar, também, o outro lado da medalha. Nem todos os indivíduos estão prontos para aceitar uma intervenção no sentido de uma sublimação. Por isso o psicanalista tem que estudar a personalidade do paciente, para ver se tal método lhe está adaptado. Tudo depende do estado de amadurecimento do indivíduo. A sublimação não é coisa que se pode impor à força a quem não está pronto para a receber. Neste caso, ela se torna uma forma de perseguição, o que representa aquele esmagamento da personalidade, que é o caminho direto para a neurose. A destruição do que é inferior, sem uma contemporânea substituição pelo que é superior é somente negatividade suicida, contra a qual a vida tem razão de se rebelar, defendendo-se com as suas reações, porque a perda causada pela destruição não é compensada por uma paralela construção positiva. Nestes casos uma tentativa de sublimação pode excitar revolta ou adaptações torcidas, desvios, ao invés de superações, o que é descida e não subida.

No ambiente humano se encontram todas as possíveis formas de vida. Quem escolhe é o indivíduo, conforme seu gosto, atracões e forma mental, nisto revelando a sua natureza. A espiritualidade das religiões só oferece exemplos de sublimação a todos, aconselhando e impulsionando nessa direção. Mas o primeiro

instinto do involuído é o de se rebelar contra o esforço de superação e, se isto não for possível, de se evadir. Então, o sadio impulso em sentido evolutivo se resolve na prática à procura de escapatórias, de fingimentos para se disfarçar, de mentiras para esconder a realidade, de adaptações para satisfazer os instintos da besta, salvando as aparências. Eis o tipo de sabedoria que as religiões, impondo a superação, muitas vezes acabaram gerando nos seus seguidores Eis como as entende o involuído, ainda mergulhado no plano animal. Nem por sonho ele pensa que os ideais de superação sustentados pelas religiões possam ser praticados na realidade. Nestes casos o método da sublimação se torna uma escola de enganos. Isto é tudo o que o involuído pode entender dos princípios de uma vida superior, porque eles estão situados acima de seu nível biológico. E dado que tal biótipo representa a maioria, esta é a maneira de viver os ideais, que prevalece em nosso mundo com um subentendido consentimento geral. Isto não acontece por maldade, mas por falta de capacidade de compreender. Tais indivíduos fazem isto em perfeita consciência (a do seu nível), assim convencidos, conforme sua forma mental, de ser honestos e religiosos, de possuir e praticar a verdade. Por isso em nome dela, concordam em condenar quem quer levar a sério os ideais o condenam porque ele exige dos outros o que para eles é inaceitável, porque inconcebível.

O evoluído diz: "mas acabai com esta vergonha d adaptações para intrujar a Deus, praticando uma religião de mentiras e uma moral só de interesse". O involuído responde: "mas eu não engano ninguém, sou sincero e honesto, é assim que se pratica a religião. Temos o dever de levar em conta as necessidades concretas da vida e de não nos matar vivendo fora da realidade, nas nuvens. Para ser bom religioso, bastam as formas exteriores. Nós as praticamos. Então somos religiosos".

Como pode o biótipo, que entende apenas a matéria, suspeitar que as religiões possam valer sobretudo pelo seu conteúdo espiritual? Tudo depende da forma mental, que é o instrumento com o qual se julga. Para um evoluído a parte formal, que para um involuído pode representar toda a religião, assim desprovida de um conteúdo espiritual, pode parecer uma profanação e uma mentira. Perante maneiras tão diferentes de conceber a religião, cada um está convencido de possuir a verdade. Mas claro que ele não possui senão a sua verdade pessoal, estabelecida a priori por aquela premissa absoluta e indiscutível, que é o temperamento individual.

Ora, quando um indivíduo entra a fazer parte da nossa sociedade, logo se coloca junto dos que possuem a sua forma mental, assim se agrupando com os seus semelhantes. Os seus impulsos espontâneos, fruto de sua experimentação nas vidas passadas, o que constitui a sua sabedoria, lhe dizem qual é a verdade que ele tem de escolher entre as que encontrou no mundo. E ele, com segurança e em consciência, escolhe a verdade que mais lhe convém, aquela verdade temporária e relativa que, para ele, porque corresponde a seu temperamento, representa a verdade absoluta. Entre os indivíduos do mesmo tipo biológico, logo surge um entendimento recíproco porque, pela sua idêntica forma mental, eles escolhem a mesma verdade, a concebem da mesma forma, falando a mesma linguagem. Assim eles se unem por afinidade, para funcionar em série, seguindo os mesmos princípios e métodos. "Diz-me para onde vais e te direi quem és". É o impulso de atração que instintivamente liga entre si os semelhantes.

Quando o indivíduo entra na vida da coletividade, vai buscar ao armazém de seu subconsciente a idéia que o dirigia na vida, e não pode tomar senão o que nele pode encontrar. Vai depois procurando no mundo o ambiente onde possa realizar aquela idéia. Esta é a parte determinística da vida do indivíduo, a que representa o seu destino Ora, o primitivo, quando chega à terra, traz consigo no seu subconsciente, pronto, todo o conhecimento necessário para viver no baixo nível de existência de nosso mundo. Aqui tal biótipo encontra um ambiente a ele bem adaptado, feito de medida para os seus instintos animais. O problema lhe é fácil de resolver, porque a sua sabedoria inata lhe basta, representando exatamente o que é necessário para viver aqui. No caso do evoluído acontece, porém, o contrário. Ele, sendo mais adiantado, assimilou na sua personalidade as qualidades de um nível biológico superior, com as quais é instintivamente levado a dirigir a sua conduta, mas que o fazem inepto a viver na terra, que pratica outros métodos, obedecendo a outras leis, que condenam e punem a superior maneira de conceber e de agir do evoluído. Este chegou a possuir em forma de instinto ou qualidade adquirida o que para a maioria do mundo é somente um ideal longínquo situado no futuro e, dada essa sua posição biológica, não pode de modo algum retroceder ao nível da

animalidade humana, dirigida por instintos inferiores.

Tivemos de salientar a importância de uma interpretação do tipo de personalidade, porque é nela que se baseia a possibilidade de tratar as doenças nervosas com o método da sublimação. Este será tanto mais adaptado, quanto mais o paciente for um biótipo evoluído, e ao contrário. Como já frisamos, aqui confirmamos que querer fazer o tratamento por sublimação com um involuído, não maduro para isso, pode ser inútil, até contraproducente. Não há dúvida, porém, no caso de indivíduos que demonstram ter já conquistado instintos superiores, um tratamento psicanalítico por sublimação representará o método mais adaptado, um impulso para a salvação, uma ajuda que o paciente aceitará de todo o coração. Eis que o estudo, que aqui antepusemos, da personalidade humana, é indispensável para o psicanalista, porque não é possível fazer com sucesso tratamento algum, sem ter antes conhecido a qual biótipo ele se dirige.

Pode assim acontecer que, em alguns casos, o tratamento se possa basear não somente na correção do subconsciente, mas também na antecipação do superconsciente. De fato, relativamente à própria posição na escala evolutiva, para todos existe uma zona superior a conquistar apesar de que o seu conteúdo e nível sejam diferentes, para cada indivíduo, de modo que sempre o psicanalista se pode tornar, além de médico, mestre de evolução para todos, funcionando também como construtor de personalidade. Esta, para quem a entenda, poderia ser uma maravilhosa tarefa, uma grande missão.

Eis como poderíamos imaginar o indivíduo que progride ao longo do caminho da evolução. O superconsciente é como uma lista de alimento que se prolonga na frente, ainda a atingir e devorar. O consciente é a boca do ser, que segue aquela lista e trabalha para mastigar e engolir aquele alimento. O subconsciente é o estômago que o recebe e assimila, processo pelo qual o corpo vai engordando, isto é, a personalidade vai crescendo, se enriquecendo, progredindo ao longo do caminho marcado pelo superconsciente. Eis, o que se realiza na vida, apesar de cada um ter posição diferente ao longo do caminho da evolução.

Então, qualquer forma de progresso é sempre uma sublimação relativamente à precedente posição inferior. Por sublimação entendemos o progresso dos mais maduros, o que significa superação por espiritualidade. Então, a regra para o psicanalista no tratamento das neuroses é a de proporcionar o método da sublimação ao amadurecimento espiritual do indivíduo. Quando este estiver pronto, ele mesmo instintivamente será levado a solucionar o seu caso pelo caminho da superação em sentido espiritual, porque as fases precedentes já foram percorridas, e ao psicanalista caberá acompanhar somente dirigindo o natural processo evolutivo.

Não se trata de novidade, porque está implícito e funcionando pela própria estrutura da Lei de Deus. A psicanálise pratica o que a Lei já realizava sem o homem saber. A finalidade de reeducar endireitando o passado errado, como faz a psicanálise, é a mesma que a Lei quer atingir quando corrige o indivíduo, endireitando o seu erro por meio de uma dor proporcionada. Então, a tarefa do psicanalista é a mesma que a da Lei, isto é, a de impulsionar e dirigir o paciente para que ele volte ao caminho certo, reconstituindo-se na ordem da qual se havia afastado. No caso da Lei, ela faz o mesmo trabalho de endireitamento que o psicanalista faz, com a diferença de que ela dirige o indivíduo para a autocorreção por intermédio da dor, que neste caso representa o remédio no tratamento, é o agente encarregado de endireitar o torto, o mestre que ensina a lição a aprender para não errar mais. Pode-se, assim, verificar o caso em que o psicanalista tem de aceitar o método de tratamento usado pela Lei, reconhecendo a utilidade e às vezes a necessidade destas lições de dor. Há casos em que esta não pode ser suprimida, porque faz parte do tratamento que automaticamente a própria Lei realiza. Então o psicanalista terá de aceitar a dor como parte integrante e meio de cura, porque suprimi-la seria tirar o remédio. O médico, porém, pode explicar ao paciente qual é o sentido e a função do sofrimento, e ensiná-lo como utilizá-lo para seu próprio bem.

Vemos, assim, quantos problemas outros o psicanalista tem que levar em conta e resolvê-los, para praticar o método do tratamento por sublimação As lições que os indivíduos têm de aprender na vida são diferentes uma da outra. A maioria, que subiu há pouco do nível animal, tem de aprender o que lhe pode

ensinar a luta para vencer e satisfazer as suas necessidades materiais, conquistando deste modo, os primeiros graus da inteligência. É uma forma de experimentação e um tipo de aprendizagem que não têm mais sentido para o ser mais evoluído, que se tornou apto a viver, não mais no caos dos primitivos, mas num estado social orgânico, no qual o trabalho da vida não consiste mais somente na luta para o domínio material, mas na conquista do conhecimento e da espiritualidade.

Tudo o que existe está no seu devido lugar. O nosso mundo inferior está adaptado para o homem atual, para que ele realize as suas experiências de primitivo. É lógico que, para os mais adiantados, este mundo não possa ser senão lugar de desterro e sofrimento. Ele não é terreno para a realização do superconsciente (aqui o ideal é utopia fora da realidade), mas é terreno para o domínio e desabafo dos impulsos inferiores do subconsciente. Em nosso mundo não é o espírito que quer subjugar a matéria, mas é a matéria que quer subjugar o espírito. Apesar de tudo isto, o evoluído, em que os ideais já estão assimilados no subconsciente, não poderá deixar de se realizar no mundo em sentido elevado, ainda que haja martírio como o involuído não poderá deixar de se realizar no sentido da animalidade. Isto porque, para o evoluído, os ideais superiores se tornaram instinto, impulso espontâneo, que se querem realizar deterministicamente, como parte integral do destino do indivíduo, porque conseqüência fatal das causas semeadas e das qualidades adquiridas nas vidas precedentes. O psicanalista deve conhecer a lógica e a técnica desses processos, o que nos levou a explicações.

Eis a psicanálise que aqui apresentamos: uma psicanálise tanto mais vasta, porque é uma ciência da alma, que abrange os maiores problemas da vida, os da personalidade humana e da evolução biológica, da orientação individual e social, da direção da conduta, da espiritualidade, os da ética e das religiões; uma psicanálise que segue o percurso do nosso eu até às suas passadas encarnações, a que, por mais completa em conhecimento, se pode confiar a tarefa de dirigir-nos para os mais altos destinos, seguindo a Lei de Deus e trabalhando em função do plano geral da existência. Atinge-se assim um objetivo muito maior do que o de tratar doenças mentais, mas o da construção da personalidade, levantando-a com inteligência para formas de vida superior e reconhecendo que algumas vezes o que parece doença se assemelha às dores do parto, necessárias para gerar um novo ser. Psicanálise que não é uma ciência avulsa e isolada, mas que está fundida no funcionamento do todo, concebido como um fenômeno orgânico, do qual esta ciência faz parte; psicanálise que penetra o mistério do espírito e trabalha na luta entre a animalidade e o ideal, para a superação dos instintos inferiores em favor da espiritualidade, para a transformação do biótipo primitivo do homem evoluído do futuro; psicanálise que se enxerta no âmago do funcionamento das leis da vida, penetrando e operando no drama cósmico da evolução e da redenção.

Muitas coisas mais profundas poderíamos acrescentar, já amadurecidas no pensamento. Mas, para sobreviver, todas as energias devem ser absorvidas na luta pela vida contra os piores elementos. Em nosso mundo infernal, cada dia se torna mais difícil para se encontrar segurança e sossego, para nos abstrairmos em trabalhos de ordem superior, que, por não terem remuneração, não produzem os recursos indispensáveis para viver.

X

ÉTICAS DO SEXO

Pela sua atitude em relação ao problema do sexo, os povos, como os diferentes períodos históricos, se poderiam distinguir em duas grandes categorias: a dos sexófilos e a dos sexófobos. E por quê?

Para compreender é necessário subir aos conceitos fundamentais. Assim, vejamos: pelo princípio do

dualismo universal, devido, através da revolta e da queda, à quebra da unidade do todo em Sistema e Anti-Sistema, tudo o que existe está dividido em duas partes opostas, inversas e complementares que, apesar de lutarem como inimigas, uma contra a outra, devido ao princípio divisionista da revolta dirigida para o Anti-Sistema, ao mesmo tempo se abraçam, atraindo-se reciprocamente, em virtude do princípio oposto que quer reconstruir tudo em unidade. Em nenhum fenômeno biológico aparece tão claramente esse contraste e ao mesmo tempo essa atração entre opostos, como neste caso do sexo que é um dos mais nevrálgicos da vida, no qual os dois princípios: o do egocentrismo separatista (Anti-Sistema) e o do amor reunificador (Sistema) lutam para prevalecer um sobre o outro.

Essa é a primeira origem do fenômeno da divisão dos sexos, que se poderia chamar uma bipolaridade biológica, caso particular da bipolaridade universal. Explica-se assim, no amor, esse contraste, que todos conhecem, e constatamos a toda hora, entre o instinto de generosidade altruísta que tudo quer dar sem nada pedir, e o oposto instinto de cobiça egoísta que de tudo se quer apoderar sem nada retribuir. A primeira forma de amor é a do evoluído mais próximo do Sistema, a segunda é a do involuído, mais próximo do Anti-Sistema. A segunda evolui para a primeira, o que quer dizer que o amor se torna cada vez menos egoísmo, avidez de possuir. agressividade e ciúme, e cada vez mais altruísmo, generosidade, benevolência e desejo de ajudar; tudo isto mais acentuadamente sucederá quanto mais estivermos próximos da espiritualidade, afastando-nos dos níveis inferiores onde vigora a animalidade.

Eis a estrutura do fenômeno do sexo e seu fundamento. Eis, então, o nosso mundo biológico dividido de acordo com este esquema: macho e fêmea. Vimos agora as primeiras origens deste fato. Mas esta cisão da unidade dividida em duas partes representa também uma divisão no trabalho da luta pela sobrevivência, que por sua vez é meio de evolução. O macho luta contra o ambiente hostil, feras e elementos Tem, assim., de desenvolver a sua força e inteligência nos seus níveis mais baixos, os da agressividade, da ferocidade, da guerra como objetivo da conquista, do egoísmo para o domínio. A fêmea luta por outro caminho para o mesmo objetivo, vencendo a morte com a geração. Desenvolve os instintos de proteção maternal, de pacifismo conservador, de altruísmo e submissão ao poder do macho. Em forma diversa, os dois opostos colaboram, canalizados ao longo do mesmo caminho e dirigidos rumo à mesma finalidade, que é a de viver para evoluir. Para esta finalidade converge o esforço que, ao mesmo tempo que defende, ensina e, ensinando, realiza a evolução. Isto porque a ascensão tem de ser atingida pelo esforço da criatura que, com a sua revolta decaiu. Eis aqui o motivo desta luta desapiedada e contínua para vencer a morte (Anti-Sistema) e voltar à felicidade (Sistema). Neste fato também encontramos novas confirmações dos princípios gerais desenvolvidos nos nossos precedentes volumes. As últimas conseqüências, vemo-las em nosso mundo, até na estrutura física do organismo do macho e da fêmea: o primeiro tem os ombros largos, desenvolvidos para a luta e para o trabalho, com a inteligência mais aguda para a função de dirigir; o tipo fêmea, pelo contrário, têm os quadris mais desenvolvidos para as funções da geração, com mais agudas qualidades de sensibilidade, intuição e sentimento.

São os dois tipos complementares da atividade humana: no macho a força para vencer, na mulher, o amor para gerar. É por isso que no primeiro caso temos o que foi chamado o sexo forte, e no segundo, o belo sexo. E, de fato, o que é mais apreciado no homem é a força, enquanto na mulher é a beleza. Estas são as qualidades que um sexo mais procura no outro. Conforme estas suas qualidades, cada um dos dois tipos, pelo seu egocentrismo, quereria impor-se dominando o outro. Isto porque, se quanto mais eles são evoluídos, tanto mais são aliados, quanto mais são involuídos, como em nosso mundo inferior, tanto mais são rivais. Acontece assim que, para o macho, que é o ser da força, o amor se torna um ato de conquista; e, para a fêmea, que é o ser do amor, a conquista se torna um ato de amor. Assim o amor é uma luta em que o macho ama com a força, enquanto a mulher conquista com o amor, com as armas da beleza e da bondade. Deste modo os dois biótipos, apesar de raciocinarem com forma mental oposta e concebendo como antípodas, se atraem e se unem fora do próprio raciocínio, sem se compreenderem se invertem um no outro, conseguindo deste modo atingir uma fusão em que ambos ficam satisfeitos, porque assim cada um pode compensar com o outro a sua complementaridade, cedendo aquilo de que tem demais, e adquirindo aquilo que mais falta lhe faz.

Estes são os dois modelos que a vida nos oferece em nosso planeta com respeito ao fenômeno do sexo, inclusive a raça humana. Deste fato é que derivam neste terreno dois tipos fundamentais de ética

1) a ética masculina da força, de natureza sexófoba.
2) a ética feminina do amor, de natureza sexófila.

Trata-se de dois aspectos inversos e complementares da ética humana do sexo e a razão dessa sua estrutura. A história da humanidade desenvolveu-se seguindo ora um, ora outro, destes dois tipos de ética. E houve e há povos e raças do 1.º tipo, com a respectiva forma mental, amarrados à ética sexófoba; e houve e há povos e raças do 2.º tipo, com a respectiva forma mental, amarrados à ética sexófila. Agora que observamos as origens, a natureza e a razão deste fenômeno, podemos compreender o problema do sexo e da sua ética.

* * *

No mundo encontramos povos de diversas naturezas: os guerreiros conquistadores, com virtudes masculinas de força, trabalho e inteligência e com a respectiva forma mental que despreza o amor, da qual deriva uma ética sexófoba; e os povos pacíficos, sensíveis, com virtudes femininas de bondade, tranqüilidade e sentimento e com a respectiva forma mental que aprecia o amor, da qual deriva urna ética sexófila.

Essa distribuição que encontramos no espaço, também a encontramos no tempo. A história oferece-nos períodos masculinos e femininos. Assim, o ser humano vai oscilando alternadamente de um pólo a outro do fenômeno Ora prevalece, desenvolvendo-se um lado, ora outro, enquanto o seu contrário fica à espera. Trata-se de posições e qualidades opostas e complementares. O povo ou o tempo que desenvolve uma, não pode desenvolver a outra. Assim elas têm que funcionar em rodízio, uma de cada vez. Nos períodos de paz, o ser trabalha em sentido feminino (requinte, sexualidade, arte, exterioridade religiosa etc.). Nos períodos de guerra o ser trabalha em sentido masculino (agressividade, conquistas, expansão política e comercial, inteligência e progresso no conhecimento etc.). No primeiro caso o modelo é a mulher, e o homem torna-se efeminado (como no século XVIII). No segundo caso o modelo é o homem, e a mulher se masculiniza (como no tempo atual de emancipação e independência feminina). No 1.º caso é o espírito feminino que domina tudo, inclusive o homem. No 2.º caso é o espírito masculino que domina tudo, inclusive a mulher. No 1.º caso é a mulher que vence e prevalece, e o homem vive em função dela (como amante). No 2.º caso é o homem que vence e prevalece, e a mulher vive em função dele (reduzida a máquina para gerar guerreiros).

Os dois pólos do dualismo lutam um contra o outro para prevalecer. Logo que um, por ter funcionado, se esgota, o outro leva vantagem sobre ele, e ao contrário. Oscilação que é também compensação, porque o que se perde de um lado se ganha do outro, e ao contrário. Não se pode existir na plenitude duma posição, sem que isto gere um vazio correspondente na posição oposta Não se pode triunfar em cheio em ambos os pólos opostos ao mesmo tempo. Ou um, ou outro. Assim no 1.º caso, quando é a mulher que domina, o homem perde a sua virilidade, as suas qualidades de luta, trabalho e agressividade (tipo Luís XV e XVI na França). No caso, quando é o homem que domina, a mulher perde a sua feminilidade para tornar-se masculinizada, trabalhadora, independente, lutadora ao lado do homem e até contra ele. E o que ocorre nos períodos revolucionários ou bélicos, destrutivos-reconstrutivos, em que se realiza o maior esforço evolutivo. O contrário sucede nos períodos opostos. Depois de ter realizado o seu esforço, cada tipo repousa, enquanto funciona o tipo contrário, gozando neste intervalo dos frutos do seu trabalho precedente, para depois iniciar outro como antes, e assim por diante. Deste modo, nesta forma alternativa, progride o trabalho para ambos os opostos, trabalho em que cada um dos dois tipos complementares, compensa e corrige o outro porque, se assim não fosse, o princípio feminino sozinho acabaria apodrecendo na estagnação da inércia, enquanto o princípio masculino sozinho, não compensado pelo seu oposto, acabaria destruindo tudo.

Como se vê, logo que colocamos tudo no seu devido lugar, de tudo aparece a sua razão de existir, a sua função lógica que o justifica. Nada há de errado nas leis da vida. Tudo cumpre a sua devida tarefa útil. Não há que falar de superioridade ou inferioridade, mas só constatar a inteligente divisão de trabalho. Por isso.

não há lugar para desprezo ou condenações. Ao completarem-se na diversidade, todos têm razão. Aqui procuramos mais observar e explicar o que acontece na realidade dos fatos do que impor conclusões e opiniões.

Notamos acima que em geral os povos guerreiros e conquistadores seguem uma ética sexófoba, enquanto os pacifistas e sentimentais seguem uma ética sexófila. Perguntamos agora: por que acontece isso? Procuremos compreender a razão desse fato. É lógico que as energias humanas não se possam encaminhar ao mesmo tempo para um ou para outro desses dois canais, porque cada um é por si bastante para absorver todo o esforço possível. Acontece então que, quanto mais o ser se torna poderoso e tem abundância de um dos lados, tanto mais ele se enfraquece e sente falta do outro A vida completa essas unilateralidades opostas, espalhadas no espaço como no tempo, compensando reciprocamente a complementação de cada um dos dois termos com a do outro. Assim a vida atinge o equilíbrio e a ordem num conjunto completo, permitindo que funcionem as duas qualidades opostas, uma de cada vez. Foi assim que à corrupção do reino de Luís XV, com a sua ética sexófila, dirigida para o prazer, se seguiu na França a revolução com o feroz puritanismo de Robespierre, e o período guerreiro napoleônico, com a sua ética sexófoba, dirigida para a conquista. Assim, a vida acordou e renovou aquela sociedade, que de outro modo teria apodrecido na inércia.

Trata-se de dois impulsos fundamentais, dirigidos por dois caminhos diferentes, para a defesa e a conservação da vida. Trata-se de duas qualidades complementares: fortalecer os instintos de agressividade quer dizer enfraquecer os eróticos, e ao contrario. Por isso, nas sociedades militaristas e imperialistas, o que vale e domina é a força, não as qualidades do amor, o qual é desprezado como fraqueza feminina. Nos povos e tempos em que vigora a ética sexófoba, a guerra ou o trabalho são as coisas mais importantes, e o que vale menos é o amor. Nos povos e tempos em que vigora a ética sexófila, a guerra ou o trabalho são as coisas menos importantes, e o que vale mais é o amor. O fato é que, quando o ser humano segue o caminho da força e agressividade, negligencia o do amor e ao contrário. Assim os dois termos opostos, que não podem existir juntos, são: espírito de luta e abandono à sexualidade. Quando um dos dois prevalece, há a absorção de todas as energias para um, que as tira do outro. Quem está preso ao esforço de ataque e defesa não se pode abandonar às satisfações do amor; e quem ficou enredado nestas, não se pode defender na luta e facilmente será vencido por qualquer agressor. É assim que o espírito de luta se une à sexofobia, e com esta ética o encontramos com ela; e é assim que o amor gera a sexofilia, e com esta ética o encontramos com ela.

A vida tem que se defender numa luta contínua contra todos os inimigos do ambiente hostil, para sobreviver como indivíduo e como raça, vencendo a fome e a morte com a agressividade do macho e o amor da fêmea. Acontece, porém que, quanto mais o homem se distrai na luta pela sua atividade sexual, tanto menos ele se encontra pronto à defesa, sempre necessária no meio de mil perigos. Ora, este enfraquecimento das suas virtudes defensivas de guerreiro, em favor das de amante, pode levar a conseqüências terríveis num mundo onde a sobrevivência depende de uma vitória contínua, numa luta desesperada contra todos. No subconsciente instintivo tiveram de ficar gravadas as impressões de muitas dessas derrotas, devidas e conexas a momentos de fácil abandono à ingênua alegria de viver nos gozos do sexo. Então, no subconsciente, as idéias de satisfação sexual, de enfraquecimento, derrota com as suas terríveis conseqüências, se juntaram e soldaram uma à outra, até que a dura experiência tantas vezes repetida levou à assimilação do conceito conclusivo de todo o processo, gerando deste modo o instinto de condenação da sexualidade. Explica-se assim esse fenômeno e encontra-se a primeira origem dessa forma mental e respectiva ética sexófoba.

Permanece o princípio geral que diz: quando o ser tem, por qualquer razão, de cumprir um esforço, deve canalizar todas as suas energias nesse sentido, evitando qualquer desperdício em outros lados. Assim, quando um indivíduo ou povo tem de realizar uma luta defensiva ou uma conquista, nesse objetivo ele tem de concentrar todas as suas forças, abandonando todo o restante. E neste momento que a vida impõe ao ser o que para ele agora é necessidade absoluta, isto é, a forma mental e a respectiva ética sexófoba. Acontece, deste modo, que os povos machos, conquistadores, são naturalmente sexófobos, até vencerem os obstáculos e atingirem o domínio. Então a vida dá um prêmio ao esforço bem sucedido com o bem-estar. Mas eis que neste ponto, o esforço, não sendo mais necessário, é lícito finalmente descansar, entregando-se às satisfações

do sexo. Prevalece então o principio, não o do esforço, mas o da vida fácil, com a forma mental e respectiva ética sexófila. Mas eis que, por este caminho o ser esquece as suas virtudes guerreiras. necessárias à defesa, engorda e se enfraquece no bem-estar, até que outra gente mais acordada pela necessidade e mais pronta à luta, o agride e facilmente o vence. O problema do sexo está conexo com todos os outros, dos quais nos revela a posição. Assim o ciclo se fecha, aquela civilização de bem-estar sexófilo acaba na corrupção em favor dos novos vencedores sexófobos, até que o mesmo ciclo se verifique para eles também, e assim por diante.

Tudo isto é lei geral da vida e se realiza para os povos e para as classes sociais, as famílias, os indivíduos. Assim decaiu o Império Romano, quando as antigas virtudes se corromperam e os costumes se amoleceram no luxo e comodidades que o poder oferecia. Assim declinou a aristocracia francesa, com Luís XV, o rei das mulheres, até cair na boca da revolução. O mesmo está pronto a acontecer à velha Europa, rica e civilizada, saboreado petisco para as bordas russas e asiáticas, cada vez mais famintas, devido ao aumento da população, prontas a repetir a história das invasões bárbaras dos povos germânicos contra Roma. A vida está sempre alerta vigiando, escuta e percebe esses pontos fracos, e acorre para fortificá-los. Faz-se isto destruindo quem perdeu a força e substituindo-o por novos agressores mais poderosos, como nas doenças os micróbios para a mesma finalidade acorrem ao ponto fraco, de menor resistência, que em cada organismo representa o calcanhar de Aquiles, cuja vulnerabilidade constitui um convite para o mais forte aproveitar. É por isso que a ética sexófoba da agressividade e a ética sexófila do bem-estar são rivais. Quem se abandona a esta segunda, perde a força e cai presa de quem vive a primeira. O que assegura a vida é a ética sexófoba da agressividade e não a sexófila do bem-estar. Assim os bárbaros conquistaram o Império de Roma, a revolução francesa com Napoleão conquistou a Europa realista, e a Ásia guerreira, militarizada pelo Comunismo imperialista, se prepara a conquistar a velha Europa. Assim, em rodízio, todos percorrem o mesmo ciclo, obedecendo à mesma lei.

Estas observações podem-nos explicar algumas coisas. E um fato que em geral os regimes velhos, maduros, acomodados ao bem-estar da classe dominante, são sexófilos. Os regimes jovens, filhos de guerras ou revoluções e conquistadores, são sexófobos. Exemplo: os antigos Romanos em relação ao povo etrusco que eles venceram e quase destruíram, eram o que em nosso século podiam ser os prussianos de Hitler. Naquele tempo os Etruscos mais civilizados em relação aos Romanos eram corrompidos sexófilos, enquanto os Romanos, cheios de todas as virtudes da agressividade, eram puritanos sexófobos. O mesmo aconteceu quando os bárbaros do Norte desceram na península itálica para conquistá-la. Quem venceu foram os povos de costumes severos contra os povos de costumes relaxados, devido ao mesmo principio pelo qual a ética austera, espiritualmente lutadora, puritana sexófoba, do Cristianismo, venceu no plano religioso a ética fácil e enfraquecida, livremente sexófila dos descrentes e enervados pagãos de Roma.

Os mesmos conceitos se poderiam hoje repetir a respeito dos regimes totalitários, como o fascista, o nazista, o comunista, que procuraram canalizar todas as energias dos povos no esforço dirigido para o domínio (a filosofia de Nietzsche se tornou a de Hitler), realizando por isso uma ética sexófoba. E isto se explica com o fato de que tais regimes são filhos de revoluções, isto é, de uma revolta contra a ordem precedente. Então, para que os rebeldes possam sobreviver, é necessário vencer custe o que custar, e por isso o ser forte é problema de vida ou de morte. Eles têm de realizar a ética da agressividade, naturalmente sexófoba, porque para quem vive de luta não se admite fraqueza, que significa derrota e a sua própria destruição.

Então todas as energias têm de ser canalizadas de maneira a tornar-se agressividade, o que é mais urgente é possuir o espírito varonil de luta, enquanto o feminino do sentimento é desperdício perigoso. São, então, exaltadas as virtudes de coragem e de força, e desprezadas as de bondade e de amor, que se tornam fraqueza imperdoável. Tudo tem de se transformar neste sentido. Fica a família, mas de tipo coelheira, como fábrica de filhos para deles fazer novos guerreiros e poder demográfico-bélico. Do amor se percebe só o valor prolífico, e a mulher se transforma numa lutadora ao lado do homem, para o trabalho e a conquista, as suas verdadeiras funções de mulher ficando reduzidas só às de máquina reprodutora. Regimes guerreiros onde o Estado é tudo, tudo é devorado por ele os filhos lhe pertencem como meio de luta para o domínio.

É assim que, no choque entre as duas éticas, vencem os povos sexófobos, porque os outros, enfraquecidos, não sabem resistir e os invasores os destroem, ou os escravizam. Mas eis que neste mesmo ponto a natureza reage, para reconduzir ao equilíbrio o desenvolvimento demasiadamente unilateral. Aparece, então, a reação sexófila da vida, através da mulher para isso construída e encarregada. Logo depois do movimento dos machos conquistadores, ela entra em ação para conquistá-los por sua vez, compensando assim a destruição de vidas por eles realizadas, com a geração de novos seres que preenchem os vazios da morte, neste trabalho de renovação, chamando a colaborar como amantes os vencedores destruidores. Desta forma, logo que tiver sido atingida a vitória e a conquista, a ética sexófoba do macho conquistador tende a transformar-se na ética sexófila do macho enamorado. Todos por instinto, neles falando as leis da vida. são levados para este caminho. Ninguém está mais ansioso de gozar dos frutos da vitória do que os vencedores, que tanto lutaram para atingi-la, e agora precisam de descanso. As belezas de uma mais adiantada civilização, com a qual eles tomam contato, são para eles um convite irresistível. Por outro lado, trabalha para o mesmo objetivo o instinto na mulher que, atraída pela fascinação que sobre ela exerce a força do vencedor, sente-se impulsionada a lançar-se nos seus braços. Então todas as mulheres dos vencidos pertencem aos vencedores, e para estes a satisfação do domínio se transforma na satisfação do rico banquete do bem-estar. Assim, o vencedor fica absorvido e submisso ao ambiente do vencido. Assim, a ética sexófoba do primeiro se transforma na ética sexófila do segundo. Assim, por sua vez, paulatinamente, os dominadores assimilam as qualidades dos dominados e, como eles, se acabam enfraquecendo, a fim de realizarem o mesmo ciclo, seguindo o mesmo destino.

Deste modo, cada um dos dois termos cumpre a sua função: o macho, para chegar à sua posição de domínio, desenvolveu força e inteligência; a fêmea, para chegar à multiplicação, e com isso à conservação da raça, realizou o trabalho da geração, tanto mais valiosa porque selecionada pelo concurso de um tipo biologicamente superior, qual é o vencedor. Eis que a vida, movimentando, pelos instintos, os seres inconscientes, atinge com a sabedoria das suas leis os melhores resultados, porque assim, não somente preenche os vazios produzidos pela destruição realizada pelos agressores, mas renova os falecidos da velha raça enfraquecida com filhos mais fortes, porque descendentes dos vencedores. No fim a raça se liberta dos fracos e se fortalece com o sangue dos fortes. Este é o verdadeiro conteúdo das guerras, o sentido da história, do qual, porém, ela não fala, apesar de ser ele o mais importante e duradouro.

* * *

Eis como se cumpre o ciclo da transformação dos resultados dos das duas lutas complementares. Vemos, assim, como o impulso da agressividade acaba abrindo as portas à realização do impulso da sexualidade; e como o impulso da sexualidade acaba abrindo as portas à realização do impulso da agressividade. No primeiro trecho, trabalha o homem, enquanto vigora a ética sexófoba; no segundo trabalha a mulher, enquanto vigora a ética sexófila. Cada um quereria suplantar o outro, substituir-se a ele, invadindo todo o terreno, e para isso ambos lutam como rivais, ao mesmo tempo que colaboram para o mesmo objetivo. A razão que funde em unidade os dois termos da contradição está no fato de que eles são de natureza complementar, de modo que cada um dos dois egocentrismos opostos necessita do outro para se completar. O resultado final de todo o processo é que os dois opostos, conservando o seu egocentrismo, trabalham em concordância, como os dois pólos que são da mesma unidade, para cumprirem a metade que a cada um cabe do mesmo ciclo comum.

Este fato mostra-nos que a vida não resulta de modo nenhum dividida pelo dualismo universal, inconciliavelmente em dois termos separados, numa cisão irreparável, antes pelo contrário, tudo fica sempre mais fundido em unidade, porque o egocentrismo separatista de cada um dos dois termos permanece sempre compensado e corrigido pelo egocentrismo oposto que o equilibra na mesma balança que os unifica. Assim a vida oferece trabalho e descanso a cada um, em rodízio, deixando um trabalhar, enquanto o outro repousa. O ciclo se inicia do negativo para o positivo, para se inverter, depois, do positivo para o negativo. Na primeira metade do ciclo, o movimento começa partindo do negativo, representado pela necessidade que excita no macho (elemento positivo) a sua reação que, conforme a sua natureza, é positiva. Da necessidade

(—) nasce o esforço que o macho (+) tira de si próprio, de que se segue a masculinização, a sexofobia, a agressividade, a conquista, a vitória que representa o clímax da positividade.

Atingido o cume da subida neste sentido, o fenômeno se emborca e retrocede para o seu ponto de partida. Eis então que na segunda metade do ciclo, o movimento inverso começa partindo da saciedade e cansaço do elemento positivo e esgotamento do seu impulso, O que gera um vazio que permite a intervenção do elemento oposto, que agora pode funcionar conforme a sua natureza, que é negativa. Como o ponto de partida da precedente metade do ciclo era a necessidade que acorda, o ponto de partida desta sua segunda metade é o bem-estar que adormece. Do repouso na paz (—) nasce a atividade que a fêmea (—), conforme a sua natureza, que é negativa, tira de si própria, de que se segue a feminilização, a sexofilia, a conquista do macho, a vitória do sexo, que representam o clímax no sentido oposto. Neste ponto, o ócio, o enfraquecimento das virtudes guerreiras e o aumento da população levam novamente ao ponto de partida precedente, que agora é de um novo ciclo semelhante.

Chamamos de positiva a primeira metade do ciclo, e de negativa a segunda, porque o nosso ponto de referência foi o macho. Mas se nós escolhermos como ponto de referência fêmea, poder-se-ia chamar esta metade de positiva, e de negativa a outra metade. Nada há de verdadeiramente positivo e construtivo, e nada de negativo e destrutivo em sentido absoluto; mas cada um dos dois elementos é tal somente em relação ao outro, seu oposto Na substância, ambos sempre cumprem uma função útil a favor e em vantagem da vida, porque cada um, destruindo o que o outro constrói, constrói o que o outro destrói. Isto quer dizer que onde o macho como lutador, destrói com as guerras as vidas que a mulher constrói, acontece também que com a vitória e o trabalho ele constrói os recursos que, para viver, gerar e criar filhos, a mulher destrói. E ao contrário, isto quer dizer também que onde a mulher, para viver, gerar e criar filhos, destrói os recursos que o macho com a vitória e o trabalho constrói, acontece também que com a geração a mulher constrói as vidas, que o macho com suas lutas destrói.

Tudo isto nos mostra que dentro da natureza existe uma proporção, como que uma equivalência entre a massa vital e os recursos que a sustentam. O que leva a esse equilíbrio nos revela a tendência da vida a transformar o bem-estar na abundância, que representa o fruto da vitória das lutas do princípio masculino, em aumento demográfico. O bem-estar enfraquece os instintos de agressividade e excita os sexuais, adormece o impulso de luta da ética sexófoba, e acorda o impulso oposto da ética sexófila, em que funciona não mais o macho, mas a fêmea. Neste momento a vida entra na segunda metade do ciclo; agora o objetivo que ela quer atingir não é mais a conquista, utilizada pelo homem, mas é a geração, utilizada pela mulher. Podemos observar como isto se verifica nos animais quando, pelo fato deles viverem no cativeiro do homem, a sua existência está assegurada sem necessidade de luta, e a nutrição não falta nem exige esforço para procurá-la. Então esse estado de segurança liberta as energias destinadas à luta e as canaliza para o caminho da sexualidade, que vemos despertar nos animais que se encontram nessas condições. Um caso parecido se verifica no ser humano quando começa a civilizar-se.

Com esse método a vida estabelece o equilíbrio demográfico em relação aos recursos disponíveis. Método corretivo equilibrador a *posteriori*, automático, porque se trata de coletividades que ainda não atingiram o estado orgânico, enquanto nas sociedades animais que o atingiram, a geração é regra a *priori* em proporção aos meios de subsistência. Isto acontece por exemplo nas famílias de abelhas e formigas, como unidades orgânicas, mais adiantadas do que a sociedade humana. Neste caso a natureza mostra-nos um estado de inteligente controle da multiplicação, em proporção às reservas armazenadas, o que representa, em defesa da vida, uma sabedoria que o homem tem ainda de conquistar.

Eis como a vida equilibra as duas metades do ciclo, a da agressividade conquistadora e a da sexualidade geradora, colocando o impulso da luta e o fruto da vitória a serviço do aumento demográfico, de modo que seja o maior possível o número dos que desta aproveitam. Assim, a vida abaixa o nível de existência, volta à necessidade para estimular novo esforço varonil para novas conquistas, e assim por diante. O resultado final dessa seqüência de períodos alternados é uma perene atividade, seja do princípio masculino no seu esforço para a conquista, seja do princípio feminino no seu esforço para a geração,

atividade cujo fruto é a continuação da vida e a sua evolução.

* * *

Temos até aqui explicado qual é a origem da ética sexófoba. O princípio geral é que, quando um indivíduo ou povo tem de fazer um esforço que lhe é necessário para vencer na sua luta pela vida, neste esforço ele tem de concentrar as suas energias, canalizando-as todas para essa finalidade, evitando todo desperdício, e por isso desinteressando-se da sexualidade que enfraquece. Eis por que, quem tem de lutar, deve tornar-se sexófobo.

Ora, o esforço que o ser deve fazer, pode não ser somente de tipo guerreiro — conquistador, qual até agora observamos, mas também de outro gênero. Permanece da mesma forma a necessidade de concentrar todas as energias num dado objetivo, mas este pode não ser mais a conquista bélica. Em nosso mundo a luta pela vida assume formas mais adiantadas, como a da conquista econômica. Pode-se, então, chegar à ética sexófoba sempre pela mesma necessidade de fazer um esforço e de canalizar as energias todas num sentido particular, mas desta vez esforçando-se não para atingir, com a agressividade bélica, a conquista material, mas por exemplo para atingir, com o trabalho pacífico, a supremacia econômica, o poder comercial e financeiro, a conquista do domínio do dinheiro etc.

Vigorando sempre o princípio geral acima desenvolvido, ele pode agora aplicar-se também a um esforço de tipo diferente, dirigido para outros objetivos, o que leva sempre, como todo esforço, à ética sexófoba. Encontramos essa ética ligada não somente ao esforço da conquista bélica, de tipo militarismo imperialista mas conexa também a outros dois diferentes tipos de esforço: 1) o econômico, trabalho produtor de riqueza; 2) o espiritual, para atingir a sublimação pela superação evolutiva.

O primeiro caso é o da nação Norte-Americana. O segundo é o do Cristianismo. Observá-los-emos, porque, por caminhos diferentes, ambos acabaram na ética sexófoba e nisto se assemelham. Assim, depois de termos estudado as relações entre agressividade e sexofobia, examinaremos agora as que existem entre dinamismo produtivo e sexofobia, as relações entre sublimação espiritual e sexofobia. Trataremos neste fim de capítulo do penúltimo destes três casos, o da América do Norte. Desenvolveremos o último, o do Cristianismo, nos outros três capítulos seguintes, porque ele é muito mais vasto e importante, por abranger o problema da ética sexual vigorante em nossa civilização ocidental cristã.

O fato de que a América do Norte nos oferece no terreno da ética do sexo, é que aí prevaleceu o princípio sexófobo, como aconteceu no fascismo, no nazismo, no comunismo, apesar de que, como há pouco dizíamos, isto tenha acontecido por razões diversas e para atingir finalidades diferentes. Observando os fatos, vemos que os Estados Unidos nos oferecem um tipo de mulher emancipada, trabalhadora, masculinizada, que luta no mesmo plano do homem, às vezes em competição com ele, na corrida para a afirmação pessoal. Essa masculinização da mulher nos diz que é o princípio varonil da luta que prevalece contra o seu oposto, que é o feminino do sexo. Ali nos encontramos, então, não em fase sexófila (feminização do homem), mas no seu oposto (masculinização da mulher). Por que aconteceu isso? Como, e por que causas, é que neste caso prevaleceu a ética sexófoba?

Há duas razões fundamentais:

1) A civilização Norte-Americana recebeu essas suas características pela intransigência puritana que os primeiros emigrantes levaram, às colônias da New England. Por sua vez, a atitude sexófoba do puritanismo não é senão um caso particular da assumida pelo Cristianismo. Mas deste problema trataremos separadamente no próximo capitulo.

2) A sociedade norte-americana encontrou-se na necessidade de fazer um esforço gigantesco indispensável para a conquista de um continente. Aquele povo tinha de realizar esse esforço, para alcançar este objetivo, porque aquela terra era a sua pátria, procurada pela cobiça das nações européias, que a reclamavam como colônia. Tratava-se de uma revolução, também de princípios, os da revolução francesa

contra os da velha Europa, e toda revolução não se pode sustentar senão com a luta e a vitória do novo contra o velho. Instava e impelia a necessidade de conquistar a independência, conquistar o território, conquistar como poder político uma posição entre as nações do mundo.

Temos aqui a necessidade de fazer o esforço necessário para realizar essa conquista. Mas não se trata de luta de guerreiro para submeter outros povos, o que desenvolve os instintos da agressividade, mas da atividade do trabalhador para dominar um continente virgem, o que desenvolve os instintos da laboriosidade. Urgia a necessidade de vencer. Impunha-se, dessa forma, a atuação do princípio que acima desenvolvemos, pelo qual quando um indivíduo ou povo deve esforçar-se para obter uma conquista, tem de canalizar todas as suas energias no sentido da luta, deixando de lado o restante, abandonando a forma mental sexófila. Então tudo se masculiniza, inclusive a mulher, e prevalece a ética sexófoba do lutador, enquanto no caso oposto, do bem-estar sem esforços para a conquista, tudo se feminiza, inclusive o homem, e prevalece a ética sexófila do amante.

Os Estados Unidos encontram-se num caso diferente na forma, do lutador guerreiro, mas igual na substância. Eles tiveram de enfrentar o esforço de todas as revoluções, como francesa, a fascista, a nazista, a comunista, porque os princípios da vida funcionam iguais para todos. Há, porém, uma grande diferença: o esforço norte-americano tomou o caminho do trabalho produtivo, dirigindo-se para a atividade econômica, a fim de atingir a riqueza e levantar o nível de vida, não tomou a forma de agressividade guerreira, dirigindo-se para a conquista de outros países e do domínio sobre outros povos.

É assim que se pode explicar a presença do puritanismo sexófobo e a posição social da mulher nos Estados Unidos. Não foi a luta para a conquista bélica, mas para o dinheiro, foi a adoração do sucesso econômico, que tomou o lugar da adoração da feminilidade. O impulso do sexo foi absorvido pela febre do trabalho para o progresso e a supremacia econômica. Em primeiro lugar estava não a agressividade bélica, mas a supremacia do dólar. Chegou-se deste modo ao triunfo da ética sexófoba como efeito da luta para a conquista do dinheiro, o que em forma diversa, como resultado final, é equivalente à ética sexófoba como efeito da luta para a conquista bélica. Trata-se sempre de um esforço que exige a canalização das energias num dado sentido, subtraindo-as às outras finalidades. Assim prevaleceu a forma mental do trabalho, que absorveu a da sexofilia.

A raça foi, assim, submetida a um processo de masculinizarão do qual nasceu o biótipo da mulher norte-americana. Evolvida nesse processo, ela tomou parte na corrida para o sucesso, que se tornou o objetivo principal, de modo que as energias desabafaram como atividade de trabalho, que assim substituiu a atividade e as qualidades naturais da feminilidade. A mulher se tornou econômica e socialmente independente, livre da sua habitual e natural submissão ao homem. Mas se ganhou de um lado, não pôde deixar de perder de outro. Conquistou respeito, liberdade, poder, mas perdeu a sua posição de rainha no domínio do amor, que, se interessa ao homem, é também fundamental para a mulher. Essa transformação da sexofilia em sexofobia pode ter gerado um povo rico, de elevado padrão de vida, economicamente poderoso, mas nem por isso um povo feliz. A riqueza, sem o amor e tudo o que ele gera e traz consigo, não dá felicidade. O indivíduo fica preso na engrenagem da luta sem saída. No meio de toda a abundância, a alma pode permanecer na mais amarga necessidade, por falta de bondade e de carinho. Quando os dois elementos fundamentais da vida, porque complementares efeitos para se fundir, constituindo uma só unidades, ao invés de se juntarem por amor, ficam divididos pelo seu egocentrismo, neste fechados como rivais um contra o outro, a vida desiludida chora dentro deles, sobretudo na mulher, cuja função específica é o amor. Nem há para ela vantagem que possa compensar tal perda.

XI

A ÉTICA SEXÓFOBA DO CRISTIANISMO

Vejamos agora, a respeito da ética do sexo, um caso bem mais importante: o do Cristianismo A sua evidente moral sexófoba responde sempre ao mesmo princípio do esforço necessário para realizar qualquer conquista. Vigora então, também neste caso que parece tão diferente, o mesmo princípio biológico fundamental pelo qual, quando a luta pela vida o exige, é necessário canalizar neste sentido as energias, para que elas não sejam desperdiçadas por outros caminhos, sobretudo o erótico. Neste caso também, se a forma é diferente, a substância é a mesma. Podemos assim compreender quais foram as primeiras origens e explicar o fenômeno dessa atitude sexófoba do Cristianismo, nas suas formas de catolicismo, protestantismo etc.

A diferença entre a atitude sexófoba das revoluções acima mencionadas (francesa, fascista, nazista, comunista etc.), devida à sua agressividade expansionista; entre a mesma atitude dos norte-americanos, devida à concentração de todo o esforço na atividade produtora; e à atitude puritana do Cristianismo, está no fato de que neste caso a concentração das energias necessárias para sustentar a luta não está dirigida para a conquista bélica, ou econômica, mas para a conquista espiritual. Os elementos e a técnica do fenômeno são iguais, mas o objetivo é diferente. Esta última também é conquista dura, que requer muito esforço. Daqui a necessidade de praticar a ética do puritanismo sexófobo, para que, como nos outros dois casos, neste também, todas as energias sejam canalizadas só para o objetivo atingir, evitando todo desperdício, o que seria fraqueza imperdoável. Isto nos mostra como as leis biológicas dominam a vida toda, mesmo quando esta assume aspectos religiosos de sublimação espiritual.

Desta vez o grande inimigo a vencer, contra o qual se lança o instinto de luta e agressividade, não são outros povos ou o ambiente hostil, mas é a própria natureza humana, ainda submersa na animalidade. Então, o conteúdo fundamental que explica, justifica e valoriza o princípio sexófobo dentro do Cristianismo, é o conceito de sublimação espiritual. Nem se pode dizer que isso seja biologicamente errado. Pelo contrário, o processo de espiritualização interessa de perto à vida, porque ele significa progresso ao longo do caminho da evolução, que nos seus níveis mais elevados se resolve em espiritualidade. A bondade do objetivo não pôde, porém, impedir que a tentativa para realizar tal transformação evolutiva fosse executada com os meios disponíveis que o homem tinha ao alcance das mãos, isto é, com a sua forma mental de lutador e com os seus inferiores instintos animais. Aconteceu assim que, para superar a animalidade, ele começou a agredi-la a fim de destruí-la, praticando contra ela uma guerra em que os instintos inferiores funcionavam em cheio, e assim confirmando-a e fortalecendo-a sem quererem, em vez de eliminá-la. O processo se revelou contraproducente, porque, tornando uma atitude de autoperseguição, muitas vezes se resolveu num desvio, em vez de se tornar um progresso.

Assim o resultado final foi que, para vencer a animalidade, o que foi chamado a funcionar plenamente foi a animalidade. Mas, como podia o ser humano atuar diferentemente, se esta era a sua natureza e ele não possuía outros recursos? Não conseguindo sair do nível dos instintos, tudo o que ele fez foi lançar o seu instinto de agressividade contra o do sexo. Quando ele enfrentou o problema da evolução espiritual, não soube e não pôde utilizar senão a forma mental que já possuía, isto é, a da luta pela vida. Foi assim que, chamada a funcionar, essa psicologia instintiva de ferocidade se fortaleceu, em vez de ser vencida e eliminada e, ao procurar-se a evolução espiritual, foram atingidos resultados contrários. Pela concentração de toda a atenção e esforço na guerra contra o inimigo representado pelos instintos inferiores, quem se valorizou foi esse inimigo mesmo, que acabou sendo o grande pesadelo da vida espiritual da Idade Média. Mas, naquele tempo era desconhecida a crítica da psicanálise, para que fosse possível aperceber-se da verdadeira natureza de tais fenômenos.

Nasceu assim, por esse impulso de agressividade e psicologia de perseguição, o conceito de amor-culpa, de sexo-pecado. O instinto de luta (sexofobia), prevaleceu sobre o instinto do amor (sexofilia). O divino milagre da gênese foi condenado e repelido como um mal, o ser humano tornou-se filho de um pecado, só tolerado porque indispensável meio de geração, reduzido apenas a essa finalidade. Assim, para

atingir a sublimação do amor, foi estimulado e reforçado o instinto de agressividade, que sobre o outro levou vantagem. Vamos, assim, penetrando na estrutura do mecanismo biológico e psicológico de que derivou a atitude repressiva sexófoba do Cristianismo, da qual nos é possível deste modo compreender a gênese e a razão de ser: fenômeno interessante, porque essa atitude espiritualmente representa um fracasso, por que neste caso, em vez da ascensão para o alto, isto é, progresso evolutivo, foi atingido o resultado oposto, uma descida para os impulsos inferiores que o Cristianismo combate, isto é, um retrocesso involutivo. Sem querer, a religião havia penetrado e mexido no terreno cioso de um dos problemas mais fundamentais da vida, o da evolução, e havia tocado um dos pontos mais nevrálgicos desta, o problema do sexo, ao redor do qual mais refervem todas as lutas, sobretudo a luta para a seleção. E tudo isto o Cristianismo da Idade Média fez sem conhecimento algum das leis biológicas e psicológicas que regem tais fenômenos, nem da ação do subconsciente, da técnica da formação dos instintos, seguindo princípios empíricos desprovidos de qualquer controle racional, sem conhecimento nomeadamente dos métodos da psicanálise e da psicossíntese.

É perigoso esquecer que atrás dos bastidores das aparências exteriores e das teorias religiosas e filosóficas, há uma invencível realidade biológica que reage, se ofendermos as suas leis, que não é lícito ignorar sem depois ter de pagar as conseqüências do erro. Mas é essa realidade a chave que nos explica o porquê de tantos fatos que depois, sem sabermos como, aparecem na vida. O fenômeno da sexofobia tem as suas razões e raízes profundas na estrutura das leis biológicas e da psique humana, levada por seu egocentrismo (tudo só para si) à rivalidade ciosa na posse, e por isso pronta a lutar contra todos os outros. Isto sobretudo na posse sexual, pela lei de seleção, reservada aos mais fortes. Essa é a realidade biológica, situada, e muitas vezes despercebida, no fundo desses problemas, essa a verdade escondida atrás das afirmações humanas, mesmo quando elas sobem até ao plano filosófico, religioso, teológico.

Um exemplo nos pode melhor esclarecer. Observemos, com todo o respeito, o Cristianismo, mas com olhos de psicanalista, o caso da proclamação oficial da virgindade da Mãe de Cristo. Só pela grande importância dos impulsos do instinto sexual, fundamental no subconsciente, é possível explicar como, entre tantos problemas, haja sido escolhido exatamente este para ser definido, deixando em suspenso tantos outros, espiritualmente mais importantes e urgentes, seja para o indivíduo, seja para a coletividade. Nem a divindade de Cristo precisava do apoio desse dogma para se sustentar. Se em primeiro lugar surgiu esse problema no intelecto masculino dos representantes do Cristianismo, assim ocorreu como reflexo dos instintos que queimavam, aninhados no subconsciente, onde o impulso do sexo é mais vivo e ativo, apesar de escondido. O subconsciente é uma mina secreta de impulsos inferiores, assimilados na vida animal do passado, sempre prontos a aparecer no intelecto, disfarçados na forma mais nobre para satisfazer a consciência e, assim, sendo admitidos, conseguirem desafogar-se. De uma coisa não há dúvida: se os ministros do Cristianismo, em vez de terem sido representados pelo biótipo homem, o houvessem sido pelo biótipo mulher, que concebe o amor na forma passiva de silêncio, tal problema a respeito da Mãe de Cristo, em vez de ter sido resolvido entre os primeiros, haveria sido enfrentado por último, ou nunca.

Mas desses involuntários jogos de ilusão psicológicos, os homens da Idade Média, desprovidos de qualquer crítica psicológica, nada suspeitavam, e neles caíram com pleno convencimento da verdade Neste caso se percebe claramente que o problema foi resolvido pelos homens, com a forma mental do macho, para o qual o problema mais imediato para que uma mulher fique respeitável, é o afastamento, a ausência de qualquer outro macho. E principalmente neste caso, em que a mulher tinha de ser honrada e venerada com amor, como santa, o que para um homem é impossível quando outro homem se haja aproximado, o que quer dizer ter-se apoderado dela. Isto significa então que só este é o proprietário, e se outro se aproxima isto já é considerado furto. E acordado logo o instinto fundamental da luta pela seleção, bem vivo e difundido, porque foram os indivíduos, que com as suas experiências mais o praticaram e assimilaram, os que mais se reproduziram. Eis o substrato psicológico desse problema da gênese de Cristo, eis a escondida realidade biológica que tudo rege e impulsiona, por detrás das aparências teóricas. Para tranqüilizar o instinto do subconsciente masculino, sempre pronto a impor-se, eis a necessidade da castidade de S. José, pai ideal que não deve possuir os direitos do homem, surgindo a idéia de um substituto espiritual: a concepção por intermédio do Espírito Santo.

É possível, como neste caso, atingir um acordo universal por espontâneo consentimento coletivo, quando este se refere a uma idéia que tem as suas raízes profundas no subconsciente das massas, onde os indivíduos funcionam em série e é fácil assim chegar à aprovação da maioria. Esta aprovação em geral não é resultado raciocinado do conhecimento, mas um produto descontrolado do subconsciente. Neste caso, sem querer, só se idealizou e assim se legitimou o desabafo do instinto que energicamente afirma que a mulher é profana se aproximar-se de qualquer outro homem, que não seja o sujeito. No fundo reaparece sempre a realidade biológica, em que é fundamental o instinto da luta pela conquista e exclusividade sexual, fato do qual deriva a sexofobia, mas que é dirigida contra todos os outros e em favor de si próprio. Não há teologia que possa paralisar esse impulso pelo qual cada macho é rival do outro, como cada fêmea é rival da outra. A sexofobia é também um derivado subconsciente do instinto de rivalidade (ciúme). Cada um é sexófobo para com os outros, mas não para consigo próprio.

Ninguém é culpado, nem é condenável por isso, pois que ainda não conseguiu superar, apesar do Cristianismo, este nível evolutivo de animal humano, onde vigora o princípio da luta, pelo qual a satisfação sexual deve constituir prêmio, só para quem deu prova de ser mais forte que os outros, vencendo-os na conquista da fêmea. O que mais interessa à vida nesse plano é chegar à seleção desse biótipo, ao qual mais que a todos os outros pertence o direito de se reproduzir. Os outros que sejam expulsos do banquete. Os fracos têm de desaparecer.

* * *

Vão assim, surgindo as razões desta atitude sexófoba e as causas biológicas deste instinto repressivo contra os outros, impulsos próprios também dos homens das religiões, porque, ninguém se pode evadir das leis do seu plano de vida. Neste seu plano eles permaneceram, apesar de vislumbrarem de longe um mundo superior e, na sublimação espiritual, procurando a superação e a libertação. Fora o que ficou nos domínios do sonho, na realidade as virtudes tornaram-se mais uma pregação para os outros e uma caça ao pecador, do que um desejo de realizar a sua sublimação.

Disto não se pode culpar o Cristianismo. Trata-se aqui da transformação de um biótipo num mundo. Se ela representa o objetivo principal das religiões, nem por isso deixa de constituir um trabalho longo e difícil, que se realiza na profundidade do fenômeno biológico, renovando-o no seu ponto mais central e substancial. Aconteceu assim que dentro do Cristianismo, vestido com a nova roupa de Cristão, ficou o biótipo guerreiro Romano enfraquecido, acrescido do bárbaro do norte, não enfraquecido, ambos grandes lutadores que, não podendo oferecer senão o que tinham, isto é, o seu instinto de agressividade, o deixaram prevalecer também no terreno do Cristianismo, na forma de perseguição sexófoba.

Isto não quer dizer que o princípio da sublimação, vigorante no Cristianismo, não seja ótimo. Ele corresponde perfeitamente às leis da evolução biológica. Mas exatamente por isso pressupõe indivíduos evolutivamente maduros, prontos para que possam dar esse salto para a frente. A menos que se não tenha o estofo necessário, quem sabe fazer isso? Não há dúvida de que, neste sentido, o Cristianismo produziu exemplos maravilhosos, heróis do espírito, os santos, grandes lutadores e vencedores nesse terreno. Mas eles foram antes de tudo fruto da vida que neles tinha atingido o grau de amadurecimento necessário. Chegaram depois as religiões, que os enquadraram nos seus princípios e os assimilaram, transferindo-os para o seu seio. A sua glorificação chegou posteriormente, como conseqüência da sua vida, que era por sua vez conseqüência da sua natureza. Onde esta não se encontrava, as religiões geraram apenas seres medíocres. O reconhecimento oficial não representa senão a última do fenômeno, com o que o mundo dá prova de ter percebido a presença de um ser superior, o que de resto nem sempre acontece, apesar de que a vida os produza em todos os tempos e lugares.

O Cristianismo aceitou e confirmou muitos desses seres excepcionais. Mas, se eles viram o lado positivo, construtivo das virtudes, e foram criadores poderosos no terreno dos valores espirituais, a grande massa do povo, por não ser nada amadurecida, rebaixou tudo a seu nível e, da sublimação espiritual, viu apenas o lado negativo, o da perseguição contra a animalidade. Por ser esta representada pelo corpo, que é tudo o que o involuído conhece, ele transformou as renúncias nas virtudes, não num meio para evoluir, mas

numa moral de agressão, num impulso de destruição contra a vida, seguindo que a tendência dos seus instintos, que representavam o caminho mais curto e menos difícil.

Foi assim que o sexo se tornou sinônimo de pecado e castidade regra ideal de vida. A agressividade, desta vez dirigida não contra um inimigo para a conquista bélica, mas contra si próprio e os semelhantes, gerou uma ética sexófoba repressiva, nos antípodas do espírito do Evangelho, às vezes com conseqüências opostas ás que este queria atingir, de desvio e retrocesso involutivo, em vez de progresso evolutivo. Os inimigos do Cristianismo salientam este fato, como de devastação milenária, que abrange toda a Idade Média, e cujos efeitos até hoje atormentam a sociedade moderna com urna ética sexualmente agressiva e antivital. Mas, se é fácil condenar, lançando a culpa aos outros, isto não explica e não resolve nada.

Cada medalha tem o seu reverso. Quem nos fatos resolve esses casos é a maioria com a sua forma mental, filha dos seus instintos, que obedecem às leis biológicas vigorantes no nível evolutivo em que o ser vive. É o peso enorme da maioria que, seguindo o seu subconsciente, estabelece as correntes de pensamento e os pontos de concordância, determinando o que é verdade. E quando a verdade chega à realidade, feita por revelação, a massa humana a interpreta, a transforma, a adapta a si, porque de outro modo ela não seria utilizável. Se o Cristianismo quis sobreviver, teve de aceitar essa adaptação: trabalho despercebido, absolutamente de boa fé, porque fruto os impulsos instintivos do subconsciente, em que a sabedoria da vida, fora do conhecimento consciente dos seres humanos, procurou resolver o contraste num compromisso de adaptação. Para isto não acontecer era necessária uma maioria de santos. Mas, já que ela não existe, que se podia esperar de uma maioria de involuídos?

Não há dúvida de que o Evangelho representa a lei da liberdade e do amor. Mas a humanidade não estava pronta para isso. Como se pode conceder liberdade a quem não sabe senão aproveitar-se dela para cair no abuso? Para quem possui apenas instinto de revolta, é necessário salientar, não a bondade de Deus, mas o seu poder punitivo, com a ameaça do inferno. O Evangelho é amor. Mas a única forma de amor normalmente conhecida e concebível era o amor carnal, fruto de imediata experiência, e não o espiritual para Deus e para o próximo, natural inimigo, pelo egocentrismo instintivo de cada um. Então, se para as massas o amor não pode ser senão desabafo e sexualidade animal, não se pode permitir o amor, mas só a castidade. Se o ideal está no espírito, e se este permanece inatingível porque a vida humana está concentrada toda no corpo. então lançamo-nos com toda a nossa ferocidade contra este corpo, que não conhecemos outro caminho para atingir o espírito. Não se pode negar, apesar da sua falência, a potência e a beleza desse esforço titânico, dessa desesperada tentativa de superação, em que foi envolvida a Idade Média, povoada de delinqüentes e de santos.

Na teoria, a palavra amor tinha um sentido. Mas na prática tinha outro bem diferente. Na luta entre o amor espiritual e o material, o segundo era o mais forte. Os instintos, que representavam o impulso maior, estavam todos deste lado. O contraste entre os dois mandamentos, o da natureza física e o do espírito, era vivo, sendo a guerra inevitável. Mas nem todos eram santos para conseguir vencê-la em favor do espírito, e muitos a perderam em favor da animalidade, ou pior, evadindo-se da luta por desvios e substitutos, que constituíram a base de tantos complexos e formas psicológicas torcidas e aberrantes, que atormentam os cidadãos da nossa civilização moderna. A falência do ideal cristão neste terreno está no fato de que, em vez de realizar uma revolução espiritual do amor, o que significa ir ao encontro da vida, o ideal tomou uma atitude negativa ou de perseguição contra o amor, que é o maior impulso vital da existência, o que significa ir de encontro à vida. O erro e o prejuízo no terreno biológico foi que, neste caso o esforço humano, em vez de se dirigir para o sentido positivo, construtivo, evolutivo, se dirigiu para o sentido negativo, destrutivo, involutivo. Em vez de se chegar ao paraíso de um amor sublimado, chegou-se assim ao inferno da negação e perseguição de todo o amor. Por esse caminho de destruição não foi possível chegar senão ao vazio, onde puderam crescer e prosperar os instintos egocêntricos da luta e agressividade, os que são mais inimigos do Evangelho e do progresso conseguindo através da organização coletiva da sociedade humana. Repetimos: isto não foi culpa do Cristianismo, porque o objetivo estava certo. A culpa foi do animal humano que, para evitar o obstáculo, procurando atalhos e escapatórias, se afastou do caminho e caiu em desvios e becos sem saída. Assim, do ideal religioso ficou somente o seu aspecto antivital, de virtudes negativas, de moral

opressora, porque a destruição do inferior não foi compensada com a construção do superior, nada o substituindo. Difícil e longo é o trabalho de domesticar no homem o animal, e o Cristianismo encontra-se ainda no começo.

* * *

Foi como conseqüência de todos esses fatos que o Cristianismo assumiu uma atitude sexófoba. O anseio de sublimação, em vez de ser incremento de vitalidade em favor do espírito, pela imaturidade da maioria dirigida como agressividade antivital contra o corpo, acabou, sem querer, canalizando as energias comprimidas pela falta de desafogo sexual, no sentido da ferocidade perseguidora, da doença mental, dos complexos psicológicos, dos instintos torcidos, dos desvios e substitutos eróticos, em lugar de as canalizar no sentido da subida.

Por detrás das teorias teológicas o que vigorou de fato foi uma ética de subconsciente, em que os impulsos dos instintos procuravam desabafar-se cegamente às escondidas, torcendo aquelas teorias para com elas cobrir-se e justificar-se, ou buscando escapatórias. Hoje a psicanálise nos revelou a verdadeira origem de tais atitudes e ilusões psicológicas. O programa cristão de sublimação espiritual por vezes se tornou, assim, uma estratégia contra a vida, com todas as suas conseqüências reativas. Desta luta contra si mesmo nem todos saíram vencedores, mas muitos ficaram torcidos, feridos, atropelados, condições que, pela repetição milenária, se fixaram como qualidades na raça, gerando o biótipo atual da nossa sociedade neurótica. Podemos, assim, compreender a causa desse seu estado, sobretudo nos países mais civilizados do mundo ocidental cristão.

O ótimo objetivo ideal era a sublimação espiritual, mas o que prevaleceu de fato foi o instinto de luta. Sem dúvida não há luta que não sirva para atingir uma das maiores finalidades da vida, que é a de desenvolver a inteligência. Mas aqui a inteligência se aguçou e aperfeiçoou no sentido dos imaturos, isto é, no nível mais baixo, que é o da astúcia e da mentira, quais meios de ataque e defesa, que eram o que num regime de luta mais interessava. Se o mundo dos séculos passados tivesse conhecido as exigências absolutas das leis da realidade biológica, teria compreendido que era melhor procurar aproximar-se da atuação do ideal, por degraus, evolvendo, e não agredindo a animalidade para destruí-la, respeitando e não forçando a natureza, passando pelo caminho do aperfeiçoamento natural do amor desde os seus níveis inferiores, ajudando e não oprimindo a evolução, sem excitar as perigosas reações da vida, a sua revolta, a isto constrangida porque ofendida num dos seus pontos mais importantes. É lógica tal ignorância das leis biológicas e psicológicas nos séculos tenebrosos da Idade Média, deles mais não se podia exigir. Todavia as conseqüências de tal ignorância pesam hoje sobre a estrutura psicológica da sociedade moderna.

Teria sido melhor enfrentar o problema da sublimação dos instintos com mais inteligência e sinceridade, para resolvê-lo honestamente, com conhecimento, levando em conta as exigências fisiológicas. Assim, para suprimir tudo, exigindo demais, o ser se enredou nas areias movediças do fingimento. Desenvolveu-se e aperfeiçoou-se o método da hipocrisia dos aparentemente puros, com a qual, por caminhos oblíquos, se vai evadir, às escondidas, da agressividade sexófoba dos pregadores de virtude. Explica-se, assim, como nasceu o tipo de moral vigorante no mundo atual, herdada desse passado, pela qual os sinceros ingênuos, caindo no erro visível, são condenados, enquanto os astutos, que sabem representar a comédia da virtude, vão para o céu. Explica-se, deste modo, como é que nos resultados práticos, o impulso para a ascensão e a correspondente evasão mística do sexo, muitas vezes se tornou uma contorção da verdade e uma depravação dos instintos.

A atitude de ferocidade repressiva era natural e passava despercebida na Idade Média, porque era proporcionada à insensibilidade da maioria, e não chocava como hoje nos choca a nós, que a percebemos porque nos encontramos na posição diferente de mais sensibilizados. Por isso, só hoje nasceu aquela diferença, que é o que permite a percepção. O conceito da sublimação dos instintos se tornará sempre mais compreensível, à medida que a humanidade for evoluindo. Mas devia ser coisa difícil entendê-la num mundo herdeiro dos pagãos Romanos e dos bárbaros invasores ainda mais pagãos. É lógico que os primeiros passos para a superação no sentido cristão não podiam tomar senão a forma de luta para subjugar, o que

representava o universal método de vida. Se o ideal impunha domesticar no homem a fera da animalidade, a primeira coisa a fazer era de submetê-la à força . Este era o modelo psicológico dominante na forma mental do ser humano naqueles tempos. Eis como o princípio da sublimação espiritual se transformou num sistema de guerra, apesar de que em si ele nada contenha de agressivo.

Mas não podia acontecer de outro modo. Nesta primeira fase, a do primeiro degrau da subida, espírito e corpo estavam longe demais um do outro, para que fosse possível concordarem colaborando. Eles eram terríveis inimigos, tanto mais que o espírito procurava tirar a vida ao corpo, para deslocar o centro dela para o seu nível mais alto. É necessário entender que, para o ser que vive no plano físico, a vida espiritual representa a negação e a morte daquela forma de existência. É natural, então, e conforme a economia da vida, que o corpo não queira morrer e reaja em legítima defesa, quando a evolução para o espírito se apresente numa forma de agressão destruidora. E o corpo com a sua animalidade bem sabe fazer a guerra que está no centro dos seus instintos de vida, e pode fazê-la porque ele se encontra na plenitude do seu plano no mundo físico, que é a sua pátria e terreno, e é, por isso, mais forte que o espírito, que ali não é senão um pobre desterrado.

Estas são as duas dificuldades que os primeiros dois milênios de Cristianismo tiveram de superar. Hoje que este primeiro degrau foi galgado, vislumbra-se a possibilidade de um trabalho espiritual mais requintado, todo pacífico, sem guerra e suas conseqüências reativas, um trabalho não mais com inimizade, mas em colaboração entre os dois termos opostos. Então, o corpo domesticado por um cérebro mais inteligente se torna obediente instrumento do espírito, para ajudá-lo numa obra de progresso que conduz à vantagem comum. Já falamos noutro lugar que a ética é relativa e em evolução. É lógico, então, que a nossa ética seja diferente da ética da Idade Média, porque o plano evolutivo em que o homem vive hoje não é o do passado. Como somos diferentes, a psicologia medieval hoje nos aparece feroz, e compreendemos que ela é contraproducente, o que naquele tempo não se concebia que o fosse, porque ela parecia bem natural para os que possuíam aquela forma mental. Ninguém se escandaliza e ofende do que corresponde à sua natureza, mas somente isso sucede quando nos encontramos numa posição diferente.

Pela mesma razão, a idéia de um inferno eterno, que noutros tempos era necessária porque o ser irracional não obedecia senão pelo receio do seu próprio dano, hoje convence cada vez menos e por isso se torna tanto mais contraproducente, quanto mais o homem aprende a raciocinar. Não é com a severidade das punições, quer civis, quer religiosas, que se pode eliminar o mal e civilizar o mundo. Temos visto quais os resultados que produziu o sistema do terror, civil e religioso, na Idade Média: a humanidade evoluiu não graças a ele, mas apesar dele. A imposição gera reação defensiva, não educa, gera por defesa a mentira, não a sinceridade e a verdade, produz a revolta, não a colaboração. A obediência obtida com a força, é a traidora do escravo que odeia o patrão, e espera qualquer oportunidade para se rebelar.

Aquele método foi, porém, útil no seu tempo porque, com a punição, começou a estabelecer-se uma conexão de idéias entre o ilícito e o dano. Pelo fato de que todas as vezes que ocorria a desobediência aparecia o sofrimento, as duas idéias começaram a ligar-se no subconsciente. Então, conexa com o mal, surgiu a idéia de medo, de remorso, de culpa, de arrependimento, uma consciência do mal cometido, e que é uma forma de educação. Assim, a desobediência levava a um estado psicológico de insegurança, todo erro se tornou culpa, pecado, fato que despertou o medo da desobediência por si mesma e com isso um sentido de responsabilidade individual. Foi por esse caminho que o ser foi acabando com o hábito dos velhos instintos da fera, para substitui-los por novos instintos, menos atrasados. Já noutro lugar explicamos que a longa repetição gera automatismo e, com isso, a assimilação no subconsciente de novas qualidades, que constituem depois os novos instintos. É assim que, armazenando experiências, com a vida o ser vai evoluindo.

Estamos observando o verso e o reverso do problema, para conhecê-lo de todos os lados. Foi assim que o mundo medieval se enredou no culto terrorista do diabo, mais que no culto vivificante do amor de Deus. Muitas energias se canalizaram para a negatividade destruidora, num caminho às avessas, para o AS, em vez de se dirigirem para a positividade construtora, que representa o caminho direto para o S. Movimento

oposto, não evolutivo, mas involutivo, tortura, não sublimação do espírito, triunfo de Satanás e não de Deus. Religião opressiva, de sofrimento, não alegre, de satisfação. E, quando o homem queria alívio, bem sabia onde encontrá-lo, fora e contra a religião, nos gozos materiais da animalidade.

Nasceu assim no seio do Cristianismo um outro mundo completamente anticristão, nos antípodas do pregado por Cristo. Contra o Deus da bondade, do perdão, do amor, prevaleceu o Deus da vingança, da punição, do terror, a religião da inquisição, das fogueiras, dos feiticeiros, das bruxarias, do inferno com os seus diabos. A sublimação mística se tornou uma forma de perseguição sádica do corpo, com todos os seus castigos infligidos à carne (penitência, flagelação, cilícios) Dessa repressão sexófoba nasceram os erotismos torcidos, a sua degeneração no sadismo e masoquismo, ou a explosão dos instintos comprimidos e corrompidos, em forma de psicoses individuais e coletivas. Isto por se ter à força exigido demais de indivíduos imaturos, por não se ter compreendido que a sublimação do espírito não se pode atingir com uma agressividade destruidora da vida, mas educando-a e ajudando-a a levantar-se. Nasceu assim um Cristianismo às avessas, que não vai ao encontro da vida, vitalizando, mas de encontro a ela, destruindo. Prevaleceram, assim, disfarçadas como forças do bem, as do mal. Não se pode destruir o amor, sem destruir o impulso fundamental da existência, o que é ir contra Deus. Assim, chega-se ao suicídio, não à elevação espiritual. Não há dúvida de que a tarefa fundamental da evolução é de sublimar esses impulsos; mas é erro grande, que se paga caro, o de querer destruí-lo.

Por detrás dos bastidores das aparências e das verdades proclamadas pelas teorias religiosas, foi vigorando uma verdade diferente, a da feroz realidade da vida, feita de luta desapiedada para o triunfo do mais forte. Quem sofreu mais com a atitude de agressividade antivital, foram os sinceros, os honestos, os obedientes sugestionáveis, prontos a aceitar a verdade que lhes é oferecida. Mas biologicamente eles são os mais fracos, os que a vida, com a sua luta, procura eliminar. Quem de fato no terreno biológico venceu, não foram as meigas ovelhas, mas os lobos ferozes, os rebeldes que não se deixaram submeter, os inteligentes que souberam transformar a forca em astúcia e venceram com o engano. Foram estes os que triunfaram, porque eram os mais providos de qualidades para vencer na luta pela vida. Realizou-se assim no Cristianismo a comum seleção biológica, que para ele representa entretanto, uma seleção involutiva, às avessas, a falência dos seus ideais. Assim, o biótipo inferior do AS venceu contra o superior do S, o qual apareceu só em casos excepcionais, nos santos, fora da realidade comum.

A substância da vida ficou sendo a luta feroz (Maquiavel), prevalecendo os que não acreditavam de forma alguma na sublimação espiritual, mas que utilizaram a religião para sua vantagem material, estabelecendo uma escola de hipocrisia, até hoje ainda vigente.

* * *

Estamos observando a atitude do Cristianismo medieval, porque nela se encontram as raízes de que deriva, e que nos explicam o estado atual da sociedade moderna da civilização ocidental de origem cristã. Podemos assim compreender como nasceu a forma mental e respectiva ética hoje dominante, as que vigoram na substância e não na aparência, nos fatos e não nas teorias, que sustentam outra verdade

Temos falado de hipocrisia. Se a sabedoria das leis da vida permitiu que ela aparecesse e se fixasse na realidade biológica dos fatos, é que a hipocrisia cumpre uma função que justifica a sua presença.. Por que razão, então, ela surgiu, se desenvolveu e existe em nosso mundo.

Não há dúvida de que a evolução humana progride para a sublimação espiritual, que o Cristianismo sustenta. Mas ela é um cume, para atingir o qual é necessário desenvolver paulatinamente a inteligência, por graus, um após outro. Ora, o Cristianismo, apontando desde o início o ideal supremo, se colocou em absoluto contraste com a realidade da vida que existe e quer continuar existindo no seu terreno de nível inferior, bem afastado daquele cume. Daí o choque entre as duas exigências opostas dentro da vida, a do ideal e a dos fatos, e a necessidade de conciliá-los de qualquer maneira, resolvendo-se o conflito na prática

para que seja possível viver.

O problema é este: a realidade biológica baseia-se na luta para seleção do mais forte. Ora, como prover a necessidade de lutar, quando o Cristianismo corta as garras à fera e lhe tira todas as armas de defesa? Então, que pode fazer o cristão, que assim se encontra desprovido dos meios que lhe são indispensáveis para sobreviver num mundo que se baseia na luta? A vida, no seu conjunto de massas humanas, não pode aceitar a posição do cordeiro que se oferece em sacrifício somente para engordar os lobos vorazes.

Então o homem, preso dentro desta armadilha, tem que aguçar a sua inteligência para encontrar uma solução. Aqui começa ele a galgar o primeiro degrau neste novo sentido. Até agora foi apenas força brutal e estúpida, ou força dirigida com astúcia. Neste ponto da sua evolução, o homem tem que deixar a força de lado, para substitui-la por outra força mais sutil: a da inteligência. Todavia é inteligência primitiva, míope, que vence no momento obtendo a vantagem imediata na luta, mas perde a batalha maior, a longo prazo, e vastos resultados. Desenvolve-se deste modo a inteligência que encontramos em nossa civilização atual, a inteligência da astúcia e do engano. Mais não pode compreender e melhor não pode fazer um ser ainda fechado no seu egocentrismo. É lógico que ele terá de sofrer todas as conseqüências dolorosas desse método ainda imperfeito. Mas o sofrimento está aí exatamente para cumprir a sua função, que é a de ensinar a quem ainda não sabe.

Na substância, evolução biológica e sublimação espiritual são a mesma coisa. Esses são os primeiros passos no caminho da subida. Trata-se de transformar o mundo da matéria no do espírito, com todas as suas qualidades. Quer dizer, transformar a ignorância em conhecimento, desenvolvendo a inteligência, atingindo a compreensão de tudo o que pertence à vida, a sabedoria para se orientar com consciência de si próprio a fim de evitar o erro e o mal, que trazem sofrimento, e praticar a verdade e o bem, que trazem felicidade. O ponto de partida da sublimação espiritual é a fera. O ponto de chegada é o anjo. O caminho é um só, é o mesmo, emprestem-se-lhe as palavras da ciência, ou as das religiões. É o caminho que vai subindo do AS para o S, o que corresponde ao impulso fundamental do existir do universo e ninguém o pode parar.

Hoje estamos ainda nos degraus mais baixos desse caminho. O espírito está ainda envolvido nas trevas da ignorância, preso na cadeia da matéria, de erro e do sofrimento, constrangido a viver dentro de um corpo que não pode sobreviver a não ser à custa de uma luta feroz. Em vez de luz de inteligência, temos armas para o ataque e defesa. Eis de que se necessita no mundo: força. No terreno da inteligência, a mais útil é uma inferior, ao nível da astúcia, para enganar o próximo e vencê-lo na luta, armando ciladas com as armadilhas da mentira. Isto terá que durar até o homem chegar a compreender, à sua custa, quanto esse método seja contraproducente e perigoso. Então ele o abandonará para seguir o método, muito mais vantajoso, da sinceridade e honestidade, e novo degrau da subida será galgado.

O Cristianismo não existe fora da vida, nem pode sair das suas leis, ficando por isso sujeito a esse processo de desenvolvimento biológico e à forma que ele assumiu. Se, com a sua lei de amor, ele suprimiu a força, nem por isso o ser se pode permitir o luxo de ficar fraco, sem defesa alguma. A cobra que não tem dentes e garras, teve de desenvolver o veneno para se defender e sobreviver. Assim, a natureza criou outras armas mais sutis. Eis, então, a necessidade de passar da fase da força, à fase mais refinada de astúcia, que a seguinte no caminho da evolução. Aparece automaticamente então, esse outro método de luta, necessário para ensejar uma seleção mais adiantada, onde começa a aparecer a inteligência. Ora, esse fato tinha de se verificar no seio do Cristianismo que, com o seu princípio de sublimação dos instintos, se havia tornado instrumento de evolução. Mas, de que grau de evolução? Se o Cristianismo não pode sair das leis da vida, é lógico que ele tinha de operar dentro do nível atingido pelo ser humano. Quer dizer: a transformação biológica que ele podia realizar não era a teoricamente proclamada e pregada, da sublimação espiritual, mas a que agora observamos, a do plano animal-humano, isto é, a transformação da força em astúcia. Assim, o Cristianismo realizou somente o que podia biologicamente realizar, conforme a sua natureza.

Isto não é culpa de ninguém. A universal luta pela vida não é brincadeira, é uma necessidade terrível para todos. Cada fraqueza pode custar a vida. Não condenamos o Cristianismo. Mas reconhecemos que ele

não podia fazer mais do que fez, porque não há religião que possa permitir ao homem sair de súbito do seu nível de evolução sem ter de obedecer às leis que nele vigoram. Assim aparece o problema, se o enfrentarmos com a forma mental positiva da psicanálise, observando-o objetivamente, como fenômeno biológico.

Tudo isto dissemos para explicar como nasceu em nossa civilização cristã o hábito e o método da mentira. O fato é racional e biologicamente justificado. Respondemos, assim, à pergunta que há pouco nos fizemos.

De tudo isto se segue que neste caso a lição que muitos aprenderam foi a única possível no seu nível, isto é, a da astúcia, que se substituiu à forca, como arma necessária, mais refinada, porém, a que permitia o afastamento da violência que revela o lobo, para usar em seu lugar a astúcia, que permite ao lobo esconder-se nas aparências de cordeiro. É assim que em nossa sociedade puderam tornar-se possíveis as aparências duma tranqüila convivência social.

A nossa sociedade atingiu o triunfo desse método no frívolo século XVIII em que, com o maior respeito formal pela religião e com o pleno triunfo do poder da hierarquia eclesiástica, com a mais hipócrita homenagem aos ideais religiosos e o puritanismo sexófobo, a classe privilegiada, fervorosa em todas as práticas edificantes praticava uma feroz exploração dos pobres e, debaixo da moral oficial, uma vida de livre licenciosidade. Esse foi o século mais corrompido, em que, porém, se construíram mais igrejas e capelas, quase para cobrir com a plenitude exterior, o vazio interior. Triunfo da hipocrisia, com a qual foi possível conciliar as duas exigências opostas: a de ficar de posse de um ideal, mas colocando-o, longínquo, no céu e no futuro, bem afastado, para ele não incomodar, e a exigência de vencer na luta, o mais facilmente possível, conduzindo-a às escondidas, coberta de ideais, com aparência evangélica.

* * *

Em terreno algum prevaleceu tanto este método do fingimento, quanto no dominado pelo puritanismo sexófobo. Observemos as razões desse fenômeno. O fingimento representa a válvula de segurança, a escapatória da vida, e por isso aparece todas as vezes que ela precisa resolver um caso em que lutam dois opostos, que é necessário conciliar. Neste caso temos de um lado o princípio da agressividade sexófoba que o Cristianismo da Idade Média estabeleceu em nossa civilização ocidental. Prevaleceu, assim, o conceito da satanizarão do amor, que se tornou condenável como culpa, pecado. Da luz da sublimação espiritual não chegou à terra senão essa sombra de negatividade a respeito do maior impulso da vida. Assim, o estímulo para a evolução se emborcou, torcido, em sentido antivital. De outro lado, temos o princípio oposto, muito mais próximo e percebido, porque constituído não por ideais e teorias, mas pela realidade biológica: o principio da continuação da vida que se impõe por meio do instinto do amor. Instinto que se torna tanto mais poderoso quanto mais é comprimido, e tanto mais reage quanto mais é agredido com condenações.

Os dois princípios, o sexófobo em nome da sublimação espiritual, e o sexófilo da natureza, estão um contra o outro. Os seres humanos, mergulhados nas trevas da ignorância, não compreendem nada desse fenômeno que eles estão vivendo. Então, é a vida que resolve o conflito no subconsciente deles, é ela que automaticamente oferece o resultado final da operação com que resolve o problema. Como cada uma das duas forças é bastante poderosa para não ficar vencida pela outra, não podendo ser eliminada com a vitória completa de só uma das duas, os dois impulsos opostos ficam existindo um perto do outro, cada um deixando um pouco do seu espaço para o outro. Atinge-se desta maneira, que é a única possível, um estado de amigável convivência, fazendo na superfície brilhar os ideais com a sua moral perfeita de puritanismo sexófobo e, debaixo dela, deixando funcionar as concretas satisfações materiais que respondem aos instintos da vida.

Se isto se pode chamar hipocrisia do ponto de vista do ideal, para quem o queira tomar a sério, é, entretanto, ótimo para a maioria que não pensa nisso, porque sacia todas as exigências, isto é: nas aparências satisfaz os ideais do espírito, na substância satisfaz a realidade do corpo. Assim, tributando todas as honras

exteriores aos princípios das religiões, e dando toda a satisfação positiva aos instintos materiais, o caso foi bem resolvido, como de fato acontece, com a satisfação de todos.

Não estamos formulando julgamentos e muito menos condenações, mesmo porque isso seria presunção inútil que não altera nada. Estamos apenas observando o que vai acontecendo em nosso mundo, para encontrar uma explicação e compreender o fenômeno pelo qual, com a mentira, foi possível chegar a um compromisso que concilia as duas exigências opostas, assim resolvendo o caso com a coexistência pacífica. O ideal da sublimação espiritual é pesado, a ascensão requer muito esforço mas também surgem prontas as escapatórias que permitem a evasão. Eis como se estabeleceu o método da proibição oficial, em perfeita obediência aos princípios-ideais, assim respeitados e triunfantes, e ao mesmo tempo o método da desobediência tacitamente praticada e tolerada, assim satisfazendo as exigências da animalidade humana. Deste modo, porque a vida resiste a tudo e não há puritanismo sexófobo que a possa subjugar, ficou o insuprimível impulso do amor, em muitos casos olhado como pecado que leva às punições eternas do inferno, em vez de ser uma forma de bondade para compensar tantas maldades de que está cheia a vida.

Foi assim instituída uma automática e contínua fabricação de pecados, por seres naturalmente nascidos pecadores. Mas eis que, como para as doenças há prontamente médico e farmácia, para os pecados as religiões oferecem todos os remédios. A função delas é exatamente a de limpar pecados, de modo que, para a sua difusão e prosperidade, a abundância de pecadores e de pecados é útil, assim como, para a prosperidade dos médicos e farmácias, é útil a abundância de doentes e doenças. Chegou-se desse modo a um acordo tácito entre autoridades espirituais e pecadores, que puderam assim permanecer como tais, enquanto necessários para justificar a presença dessas autoridades com o seu trabalho de salvação, com que as organizações religiosas se sustentam tornando-se necessárias. Felizmente atingiu-se a solução do conflito com satisfação de todos, porque no mundo deve haver lugar para todos em paz, e o compromisso subentendido convinha a todos. Por fim, tudo acaba sendo lógico e equilibrado. Dado os dois impulsos opostos em ação, cada um exigindo a sua satisfação, essa é a solução perfeita.

Como é lógico, venceu o mais forte, isto é, a lei vigorante no nível biológico em que está situado o ser humano, venceu a realidade da vida qual é neste plano, e ela continuou funcionando, enquanto sobre as torres desfraldava-se ao vento a bandeira do ideal, para testemunhar, satisfazendo o orgulho, a nobreza substituindo a animalidade (bem escondida) do ser humano. Assim, a honra foi salva, como também a satisfação dos pecadores, ao mesmo tempo que as religiões com a sua posição terrena. Ficou a pregação dos ideais para embelezar o mundo, ficou a obra salvadora da redenção dos pecadores, sempre em grande número, quais fregueses indispensáveis e razão de ser do poder social, econômico e político das organizações religiosas.

Dessa forma os pecadores ficaram satisfeitos com os seus pecados, como os condenadores com as suas condenações. Assim a secreta satisfação dos instintos satisfez o corpo, como a pública condenação da culpa satisfez o espírito. É como a vida, sempre utilitária, consegue atingir o acordo entre opostos, por meio de um ajuste no qual cada um dos dois cede de um lado para ganhar do outro, deixando o que para ele é menos importante e ficando com o que lhe interessa mais. E cada um pôde ficar com a sua parte: os pecadores com os seus pecados, o que mais lhe interessa; e os pastores com as suas posições, que para eles são a coisa mais importante, posições bem assentes sobre um vasto rebanho de pecadores, sempre pecadores, um nunca acabar, porque logo que isso acontecesse desapareceria o trabalho que justifica a posição. É necessário um rebanho de seguidores continuamente rebeldes para converter, mas que nunca se convertem, é preciso um estado de pecado universal e permanente, que deixe o problema não resolvido, à espera de solução. E com isto concorda perfeitamente a maioria, que nada mais almeja: ficar pecadora.

Deste modo, cada um realizando os seus objetivos, concórdia maior não se poderia atingir. Eis como tal posição se estabeleceu nos séculos e por que a encontramos em nosso mundo Não se pode negar que, no seu gênero, esta não seja uma obra prima de arte, que a sabedoria da vida realizou, conseguindo, nesta fase de transição no caminho evolutivo, conciliar temporariamente dois impulsos opostos sem destruir nem um, nem outro, porque ambos necessários. Ambos têm de existir, porque cada um deve cumprir a sua função; de

um lado a geração livre e abundante, como quer a natureza, e de outro, a ascensão espiritual, como quer a evolução. É necessário imparcialmente reconhecer o direito de a vida atingir, com todos os meios, custe o que custar, a sua finalidade, que é a geração da quantidade, que lhe é necessária para dela depois, com a seleção, tirar a qualidade, que faz a evolução. Não está contra as leis da vida que, para a maioria ainda imatura, os esforços que a sublimação espiritual requer representem um empecilho, um peso do qual se deve libertar. Não se pode exigir que um involuído obedeça às leis superiores, que estão fora da sua forma mental, porque situadas acima do seu nível de evolução.

Tudo isto não escandaliza a vida que contém em cada nível de evolução uma respectiva ética diferente, proporcionada a ele. Podemos escandalizar-nos se escolhermos como ponto de referência o ideal, porque então nos apercebemos da posição atrasada da nossa ética humana em relação superior. É então que, pelo contraste, se reconhece que o ideal seja mentira na Terra. Mas para a vida tudo é natural e justo, se colocado no seu devido lugar e julgado a respeito do seu e não de outros planos de evolução. Em cada plano de existência a vida raciocina de modo diferente. Amanhã, numa humanidade mais evoluída, a vida quererá aplicar princípios mais adiantados, quais são os da sublimação espiritual. Mas hoje, estes, para a involuída humanidade atual, para a maioria imatura, podem representar uma negação antivital, contra a qual a vida reage defendendo-se. Na obra de Deus não se pode dizer que coisa alguma não seja perfeita, enquanto estiver cumprindo a sua função. Se nos aparece de uma maneira diferente, é porque não entendemos o seu lugar e a sua função.

É lógico que as exigências do plano de vida, onde se encontra hoje o homem, e as do nível de evolução que ele atingirá no futuro, quando chegar a realizar os ideais das religiões, sejam completamente diferentes. O ideal da vida no nível humano atual é a seleção do mais forte através da luta. Só quem venceu por ter desenvolvido os instintos de agressividade egoísta, sobreviveu e foi escolhido para formar a raça atual e o biótipo hoje dominante. É lógico, então, que ele siga esses instintos, que com eles funcione, deles dependam a sua forma mental e a sua conduta. Então é natural que ele tenha no sangue o gosto da agressividade, se a esta ele deve a sua sobrevivência. Oferecer a este tipo alguma coisa para agredir e destruir, significa oferecer-lhe oportunidade para satisfazer os seus instintos.

Ora, quando esse indivíduo, no mundo civilizado, se encontra perante a lei que lhe pede que viva na ordem, ele nada compreende desse princípio superior, mas nele vê só um obstáculo que se opõe à sua liberdade, uma provocação que o estimula à revolta e à luta. Explica-se assim a instintiva satisfação na violação da lei, considerada não como uma vantagem em lhe obedecer, mas como um ataque contra o qual é bom defender-se. Tudo acorda a cada passo o instinto do lutador e a reação do rebelde. A coisa proibida, só por isso, se torna mais preciosa e procurada. Possuí-la significa ser forte e vencedor, e, como tal, possuir mérito e ter direito ao respeito. Eis como tudo se transforma nas mãos do involuído, conforme o que ele é. O indivíduo, forte nesse plano, é lutador e, como tal, gosta de proibições para violá-las, de inimigos para vencê-los, de perigos para superá-los. Essa é forma inferior, mas na luta há um princípio de esforço, que é evolução.

Chegamos ao final. Que acontece então quando tal biótipo se encontra perante a proibição do puritanismo sexófobo? Para tal ser cada obstáculo representa uma dificuldade a vencer e com isso um convite à luta. Então, só pelo fato de que uma coisa é condenada, ela se torna mais interessante e procurada, o perigo representa um desafio que excita o desejo de vencer, a idéia do não permitido confere um sabor de coisa especial e preciosa. A proibição aumenta a falta, com a falta o desejo e, com o desejo, o valor. É a lei natural da procura e oferta. Assim funciona a psicologia humana. Uma coisa permitida, que se pode encontrar em abundância, só por isso perde parte do seu valor; e ao contrário, uma coisa rara, difícil de obter, que não se pode atingir senão às escondidas e que custa esforço, só por isso adquire valor.

Eis, então, a que se reduz no plano animal-humano este conceito do puritanismo sexófobo do Cristianismo: reduz-se a um convite para o indivíduo lutador experimentar o seu valor. O objetivo atingido foi completamente diferente do previsto. Acima dos princípios-ideais das religiões, os que venceram foram os inferiores da realidade biológica atualmente vigorante. Ora, isto contradiz absolutamente com as

finalidades da sublimação espiritual do Cristianismo, o que quer dizer a sua falência nesse terreno, porque na vida real o homem chegou a um ponto contrário ao qual ele deveria chegar. As leis que venceram foram as biológicas, vigorantes no atual nível de evolução, as do presente, e não as leis do mundo espiritual, vigorantes num mais alto nível de evolução, as do futuro. Estas ficaram longínquas, nos céus, à espera de descer um dia à Terra, para aqui serem concretizadas.

Aqui realizou-se a verdade deste nível, que é bem diferente Aqui de fato a vida recompensa o guerreiro que sabe vencer, porque neste plano ele é o biótipo que mais vale, o que a vida quer que se reproduza. E de fato ela fala neste sentido no instinto da mulher no momento da escolha sexual Nesta o mais procurado é o homem forte, que é o que garante a defesa, enquanto é desprezado o meigo homem do Evangelho que, pelo fato de tomar a sério e viver os ideais das religiões, na prática é julgado um ser inútil, porque fora da realidade da vida.

Então, o que de fato prevaleceu em nosso mundo não foi a realização da moral cristã, mas da moral do mais forte. Nesse nível vigora o princípio que lhe pertence o direito de estabelecer à vontade a sua verdade: a do seu egoísmo. Ele construiu, assim, a sua ética sexual de domínio e completa liberdade, enquanto para a mulher, porque fraca e por isso sem direitos, tinha de vigorar a lei da obediência. Para o macho audacioso ficou reservado todo o direito de seduzi-la e abandoná-la, se ele for astuto Neste caso o filho tem de nascer ilegítimo e a mãe ser desonrada. Para eles, porque mais fracos, toda a culpa e todo o dano. E, também no casamento, o instinto leva o homem a considerar a mulher como sua propriedade

Assim a vida continua o seu caminho, indiferente às pregações de princípios superiores, torcendo-os continuamente. As proibições do puritanismo sexófobo são utilizadas pela vida para realizar a seleção dos mais rebeldes e astutos, que melhor sabem violar essas proibições, dando assim prova do seu valor e com isso adquirindo o direito de serem escolhidos pela vida para se reproduzirem, multiplicando-se com a geração, aquele tipo. O que de fato prevalece na realidade é a vida inferior, da animalidade, não a superior das religiões, o que nos prova que o nosso mundo atual está mais próximo do AS que do S. Para o homem evangélico, que toma Cristo a sério e o segue, não há outra posição a não ser a Dele, isto é, a do crucificado.

XII

O SEXO COMO PROBLEMA ATUAL

Observamos os princípios gerais da ética do sexo e o caso da atitude sexófoba do Cristianismo, no seu significado e conseqüências. Procuremos agora observar a ética do sexo como problema atual, qual ele se nos apresenta no tempo presente. Coloquemos os elementos na mesa do laboratório da vida, imparcialmente, não para lutar e condenar, mas para compreender e resolver.

Os elementos do problema são os seguintes: 1) De um lado, o Cristianismo, com a sua ética sexófoba, cujas origens e razões explicamos, concepção que levamos em conta porque é a que domina a nossa civilização cristã ocidental. 2) Do outro lado, a realidade biológica, com as suas leis vigorantes no atual nível de evolução atingido pela raça humana. Essa realidade é o que de fato prevalece na vida e dirige o indivíduo por meio dos instintos, para que sejam atingidas as necessárias finalidades biológicas. Temos de levar em conta ambos estes elementos, com os respectivos impulsos, objetivos e resultados.

Ora, no tempo presente acontece que, enquanto a atitude sexófoba do Cristianismo fica inalterada, no terreno da vida se verificaram fatos novos devidos à ciência moderna. Antes de tudo o homem civilizado acabou por encontrar-se em condições biológicas diferentes das velhas. É um fato controlado na

domesticação dos animais que, quando eles se encontram protegidos e, por isso, sem necessidade de concentrar as suas energias na luta para a defesa e a alimentação que agora lhes está assegurada, então, corno já mencionamos, essas energias se canalizam, na direção do sentido erótico. Diminuem a ferocidade e a agressividade, enquanto aumenta o impulso do sexo. Assim, é, porque a natureza quer utilizar cada bem-estar supérfluo, logo este apareça, não para o gozo do indivíduo mas a multiplicação da raça, o que lhe interessa muito mais. Assim a vida abaixa o nível de existência em favor do número.

O homem civilizado encontra-se nessas condições. Pela segurança atingida no que diz respeito à defesa e à alimentação, diminuíram nele os instintos de ferocidade e agressividade e, como já vimos, pela complementaridade dos dois caminhos (ou agressividade ou sexo), as energias se dirigiram no sentido do sexo, que levou vantagem sobre os outros impulsos. Com isso a natureza quer utilizar o melhoramento atingido no nível de existência, em favor da multiplicação da vida.

Mas outro fator importante concorre em favor do aumento do número. O progresso da medicina diminuiu a mortalidade porque, com as suas descobertas e novos métodos, estabeleceu, como noutro lugar mencionamos, um verdadeiro controle da morte, com a conseqüência automática de um notável e sempre maior aumento de população, pelo fato que se lhe não seguiu um proporcionado controle dos nascimentos. Isto tanto mais se verifica quanto a vigorante ética sexófoba do Cristianismo condena o correspondente controle dos nascimentos, que é o único meio que poderia equilibrar o controle da morte.

O resultado final de tudo isto é um aumento vertiginoso de população. A conseqüência é que a humanidade se está encaminhando para um desastroso estado de fome O progresso técnico para aumentar a produção alimentar não consegue preencher a falta devida ao consumo de tão grande multidão de seres humanos. Disto se segue que hoje, dois terços da humanidade, especialmente na Ásia sobretudo para os 400 milhões de Indianos, recebem uma alimentação inferior à que recebia no passado e menos do que é necessário para viver.

Os fenômenos estão ligados um ao outro como os anéis de uma cadeia. Acontece assim que, quando de um lado, graças à civilização, a vida se torna mais segura, porque defesa e alimentação estão garantidas, e por isso os impulsos eróticos se intensificam e a geração aumenta, ao mesmo tempo de outro lado a ciência médica, diminuindo as mortes, aumenta a sobrevivência. A conseqüência inevitável é que a produção dos recursos alimentares não corresponde em proporção ao aumento da população. O homem não regula o fenômeno com um controle dos nascimentos, e deixa tudo nas mãos da natureza que intervém com as suas leis desapiedadas e automaticamente resolve o problema. Ela, então, age por dois caminhos: 1) ou mata a superpopulação com a fome; 2) ou, acordando os instintos da agressividade (adormecidos pelo bem-estar produto da civilização) desencadeia guerras, invasões, destruições, mortes, que estabelecem de novo o equilíbrio. Dois caminhos que levam igualmente à morte. À natureza pouco interessa a vida e o bem-estar do indivíduo. A sua finalidade é a seleção de uma raça de fortes e, por isso o sacrifica.

O raciocínio da vida não é o do homem. Neste ciclo de impulsos e elementos há como que um princípio de determinismo do qual ninguém pode sair. O instinto de alguns insetos, quais as abelhas e as formigas, mais evoluído que o do homem, como já mencionamos, os impulsiona a gerar só em proporção aos recursos alimentares que eles possuem, aumentando o número da sua população apenas na base da alimentação armazenada. O homem não sabe fazer isto, porque ainda não atingiu o estado orgânico dessas sociedades; vive, pelo contrário, numa fase atrasada de egocentrismo individualista, coletivamente caótico. Mas, pela lei de evolução, o homem também terá um dia de atingir o estado orgânico de verdadeira sociedade. Ele terá então de tomar as rédeas dos fenômenos biológicos, dos quais depende a sua vida, sobretudo do fenômeno biológico fundamental que é o da geração. Este não será mais abandonado ao acaso, ao poder da ferocidade das leis da natureza, mas será regulado inteligentemente em relação às possibilidades de sustento dos que vão nascendo, para não ocorrer o crime de gerar seres, destinados, não à vida, mas à morte.

Esta é a realidade biológica, da qual ninguém pode fugir. Não se pode resolver o caso sem a levar em conta, baseando-se sobre princípios teóricos, que nada têm a ver com ela. E a solução que nos oferece a

natureza, os seus meios de controle demográfico, vimos agora que são terríveis. A ética sexual do Cristianismo, condenando o controle, resolve o problema otimamente em teoria, com a castidade ou continência, mas o faz em visível contraste com as condições atuais de intensificação do impulso sexual, devida, como vimos, à civilização. Que acontece então? Acontece que a natureza continua por sua conta, rindo-se das proibições da ética sexófoba, a impulsionar o ser para um maior erotismo, dirigido para a multiplicação descontrolada da vida, com todas as suas conseqüências. O choque então é inevitável entre aquela ética repressiva e os impulsos da natureza. Como resolve o caso o indivíduo que está no meio desse choque? Qual as duas exigências sairá vitoriosa? É possível que o mundo não deva ter outra escolha a não ser a de continuar com o velho método das escapatórias e da mentira, fazendo todos às escondidas o que todos publicamente proíbem e condenam? Mas esta não é solução e, se por falta de melhor pode parecer remédio momentâneo, ele não é nem inteligente, nem vantajoso, nem honesto.

Este método só é eficaz nas aparências da superfície, deixando todo o mal amadurecer na profundidade, porque na realidade provoca grande prejuízo por todos os desvios, substitutos e resultados torcidos que gera. Isto pelo fato de que um impulso não pode ser destruído: quanto mais o comprimimos, tanto mais força ele adquire e se descarrega em direção errada, se não lhe for possível descarregar na direção certa. Se quisermos, então, pelo menos encaminhar-nos para uma verdadeira solução, racional, e não produto instintivo do subconsciente, é mister encarar corajosamente o problema, como é, com toda a sinceridade. Não sustentamos uma teoria contra a outra, nem aconselhamos uma ou outra solução. Só deixamos falar os fatos, escutando o que eles nos dizem e observando as suas conseqüências.

* * *

Perguntamos: o uso do sexo tem significado e valor apenas como função reprodutiva, como máquina de multiplicação de seres, ou tem também outro significado e valor, como função neuro-psíquica, que ele cumpre em benefício do indivíduo? Se ignoramos ou perseguimos esta segunda função de sexo, como não cair nas conseqüências desastrosas da neurose patológica, fazendo surgir por toda a parte complexos psicológicos, como de fato se encontram em nosso mundo, praticamente como produto dos erros da civilização, quais a psicanálise de Freud nos revelou? Eis o perigo da ética sexófoba.

E perguntamos ainda: qual é o significado e valor biológico dessa ética? É ela um produto racional, que merece consideração, ou é somente um produto descontrolado do subconsciente, que aparece em obediência aos instintos de agressividade, que acima observamos? Então, como pode considerar-se um dever moral, a sustentação de uma ética substancialmente baseada no princípio da agressão? Não são porventura os instintos de agressividade os mais atrasados, os que, para nos civilizarmos, é mais urgente superar e eliminar? Então, sustentar a ética sexófoba do Cristianismo, desviada não por culpa dele, mas dos homens que não entenderam, pode significar sustentar não o progresso que a religião quer, mas uma involução em métodos inferiores, que são os da ferocidade agressiva. Sustentar tal ética pode significar ir de encontro ao objetivo maior do Cristianismo, ou seja a paz e o amor fraternal, e não a luta que a sexofobia gera acordando os instintos de agressividade. Eis que essa atitude sexófoba, produto patológico dos homens da tenebrosa Idade Média, e não do Cristianismo originário, o levou a um torcido sentido de sublimação que representa o seu emborcamento. Neste caso, não foi o espírito cristão o que venceu, mas o instinto do homem. Prevaleceu assim a ética de agressividade do involuído, em retrocesso e biologicamente contraproducente, porque negativa em relação ao objetivo fundamental da vida como das religiões, que é o do progresso evolutivo.

O fenômeno da riqueza e geração, quando não é dirigido pelo homem, mas deixado nas mãos da natureza, é um fenômeno de produção e consumo, de desenvolvimento automático. Para sair da necessidade, o homem, com o seu esforço, gera a abundância. Instalado no bem-estar ele procura satisfação na mulher. Segue-se a geração dos filhos. Mas, quanto maior é essa geração, tanto mais desaparece a abundância, porque aumentam os consumidores. O número abaixa o padrão de vida e destrói o bem-estar. A mulher cumpriu a sua função e o homem regressa à necessidade, para cumprir a sua função que é a de criar novamente, com o seu esforço, a abundância, e assim por diante, cumprindo-se em rodízio as duas funções

complementares. A necessidade acorda o dinamismo masculino. Então as energias do homem dirigem-se no sentido da agressividade conquistadora, com a guerra, ou com o esforço produtivo do trabalho. Chega-se, assim, à abundância. O principio masculino já funcionou bastante, atingiu o seu objetivo, o impulso esgotou-se e a sua atividade tem que descansar para recuperar energias. O homem, então, descansa no bem-estar, entregando-se às satisfações do sexo. Atraído pela riqueza, de que ele necessita para se sustentar e cumprir a sua missão de gerar, entra em função o oposto princípio feminino. Como, perante a necessidade despertou o dinamismo masculino, conquistador de recursos, agora, perante a abundância, desperta o dinamismo feminino, gerador de filhos. Enquanto o homem descansa e se recupera no bem-estar, a mulher trabalha e se esgota na geração. Chega-se assim à multiplicação do número dos seres, o que destrói a abundância, e com isso despertando, na necessidade, novamente o dinamismo masculino que, agora que descansou bastante e no gozo recebeu a sua recompensa, pode começar novamente o seu trabalho.

Assim, esse trabalho é contínuo nos dois sentidos e o seu fruto vai-se sempre transformando em aumento demográfico, o ciclo pequeno dos dois elementos homem e mulher, no grupo familiar torna-se o ciclo maior dos povos famintos e agressivos, e dos ricos civilizados e pacíficos: os primeiros cumprindo a sua função masculina de atividade conquistadora, e os segundos a sua função feminina de passividade conquistada e fecundada pelos invasores, a eles fornecendo a abundância dos ricos, necessária para uma nova multiplicação de seres. A realidade biológica que sustenta a história e os seus movimentos, é esse dualismo ou principio de complementaridade entre os dois termos opostos e em equilíbrio, o masculino e o feminino.

Assim se desenvolve o ciclo das civilizações. No seu início o que domina é a necessidade e o esforço (período masculino). No fim, domina a abundância e o descanso (período feminino). Acaba, então, de funcionar o primeiro princípio e prevalece o segundo. Quando repousa o homem guerreiro e trabalhador, movimenta-se a mulher geradora. Elementos complementares, mas rivais, porque cada um produz só no sentido que lhe cabe, e não produz, mas destrói, no terreno do outro. E de fato, o trabalho da mulher multiplicando os seres destrói a abundância que é fruto do trabalho do homem, como o homem com a sua agressividade bélica e seu esforço de lutador, destrói as vidas, que são fruto do trabalho da mulher. Estabelece-se, desta forma, na economia da natureza, o equilíbrio entre recursos e filhos, e ao contrário. Esta dá novamente lugar à abundância, nova geração de filhos, nova necessidade, novo esforço, e assim por diante. O resultado final é a queda das velhas civilizações e o nascimento e desenvolvimento das novas, em rodízio, através de um contínuo estado de esforço do ser humano, ora do homem, ora da mulher, com o resultado final da expansão demográfica, da conquista do mundo e do progresso da raça humana.

Tudo vai muito bem, mas não pode continuar assim ao infinito. Há um limite, representado pelo espaço determinado pela superfície do nosso planeta. Tal processo pressupõe um regime demográfico e econômico fechado dentro dos limites de um povo, pronto a intervir no terreno igualmente cercado de outros povos. A humanidade hoje, porém, está se tornando um só povo e aquela compensação não é mais possível. Aumentar o poder demográfico de cada povo como meio de invasão bélica, vai-se tornando cada vez mais coisa sem sentido, inclusive pelo fato de que a guerra hoje se faz cada vez menos com massas humanas e cada vez mais com armas, com a técnica que as dirige e a ciência que as produz.

Se a abundância da geração pôde já representar uma bênção para um povo, porque a riqueza demográfica constituía um poder para vencer outros povos, hoje tal conquista está se tornando cada vez mais difícil e absurda. Então o aumento da população não tem já na invasão de outros países uma porta de saída para se descarregar. O processo fica fechado em si próprio, no ponto que diz: o número destrói os recursos, a quantidade aniquila a qualidade. Que a civilização aumentou o número dos habitantes do planeta, é um fato. E as novas condições de vida impedem à natureza equilibrar o fenômeno praticando os seus habituais meios de destruição. Se no tempo do Império Romano a população do mundo poderá ter sido de

uns duzentos milhões, temos hoje mais de dois bilhões e meio, e prevê-se que, se não sucederem novos acontecimentos, chegaremos no fim do século ao número assustador de cerca de seis bilhões de habitantes. Que acontecerá depois? Para onde nos leva esse caminho?

Agora a válvula de segurança da agressão contra outros povos não funciona mais. Estamos fechados na superfície desse planeta, e não vamos agredir outros. Então, não há outro caminho no caso de superpopulação, a não ser a descida do nível de vida, até chegarmos à necessidade, á fome. Antigamente, para isto, havia o remédio de pilhagem da casa do vizinho. O ciclo que vimos está agora quebrado no ponto em que a necessidade costumava acordar o dinamismo masculino, dirigindo as energias do homem no sentido da agressividade conquistadora. Nem há trabalho que possa renovar completamente o ciclo da produção de alimentos. O homem entrou num beco sem saída. A conseqüência fatal é uma descida involutiva que paralisa a civilização. Se é verdade que multiplicação dos seres destrói a abundância, e se hoje a superpopulação não representa mais um poder como meio de conquista para voltar à abundância, todo o processo do ciclo fica parado sem compensação no ponto morto da necessidade, do baixo nível de vida, da fome, o que quer dizer: retrocesso involutivo para os estados primitivos da humanidade. Eis que se impõe a exigência de regular inteligentemente o fenômeno demográfico, controlando o aumento de população, de modo que o número não destrua o progresso conquistado pela civilização.

O problema não é solúvel com os métodos do puritanismo sexófobo do Cristianismo. Essa regulamentação dos nascimentos não se pode realizar com sistemas repressivos, porque ninguém poderá aniquilar o instinto do amor que é fundamental na vida. Se o comprimirmos, ele estourará como já mencionamos, em forma diferente, com característica patológica, o que representa outro perigo e, para evitá-lo, é necessário escolher caminho diferente, se não queremos cair na perigosa evasão dos substitutos, na vergonha da hipocrisia ou no desastre dos complexos e doenças mentais.

* * *

Para resolver o problema, é necessário equacioná-lo de outra maneira. Antes de tudo, o amor não é só uma necessidade fisiológica do indivíduo, mas também nervosa e espiritual. O amor não é somente um elemento da mecânica da geração, o qual tem direito a existir apenas em função dela. Esta é uma concepção primitiva, bestial, anticristã e antiespiritual. É necessário reconhecer que o amor cumpre duas grandes funções: uma em favor da espécie, outra em favor do indivíduo. O amor deve então ser defendido em ambos os casos. O indivíduo pode ter absoluta necessidade do amor para sustentar o seu equilíbrio fisiológico, nervoso e mental. Mas pela moral vigente, o seu direito ao amor só é tolerado enquanto é meio indispensável para a geração e dentro dos limites desta finalidade. O indivíduo não possui outro direito a não ser o de cumprir a função de instrumento multiplicador de seres. Então, se ele quer defender a sua saúde, tem que gerar, com todas as conseqüências, entregando-as ao acaso, sem que seja possível prever, tomar, e depois cumprir as suas responsabilidades, deixando assim tudo cegamente nas mãos da natureza, a qual já vimos com que métodos ferozes sabe depois tudo resolver.

A posição atual do problema, com os seus elementos, dos quais não se pode fugir, é a seguinte: o homem ainda não tomou a direção do fenômeno da sua reprodução, que ficou abandonado às leis da natureza, que são as da animalidade. O mundo vê-se, assim, obrigado a aceitar o controle demográfico realizado pela natureza, o que significa: fome, ou guerra. O Cristianismo, com as suas teorias fora da realidade biológica, não resolve, nem se responsabiliza pelas conseqüências. De fato, com a sua ética sexófoba, ele não leva senão a um destes dois resultados: 1) ou reprime, gerando desvios patológicos; 2) ou canaliza as energias para a agressividade em vez de o serem para o amor. Em ambos os casos o remédio é pior que a doença. Hoje o sistema de desafogar a superpopulação, atingida por falta de diretrizes do fenômeno da procriação, com a invasão de outros países, torna-se cada vez menos aceitável, cada vez mais difícil e perigoso. Vimos o que custou ao mundo a recente tentativa da Alemanha, para a conquista do seu espaço vital. Deus sabe o que poderá acontecer agora que a Ásia superpopulosa despertou. A conclusão é que o homem deve tomar inteligentemente a direção do fenômeno da sua reprodução, para que não fique abandonado às leis inferiores do plano biológico da animalidade, com todas as suas conseqüências. O

progresso consistiu sempre no esforço bem sucedido, para que a inteligência humana substitua com a sua ordem mais evoluída a desordem dos níveis de vida mais involuídos.

É necessário compreender, ajudar, desenvolver o impulso do amor, e não agredi-lo, para o suprimir. Ele é o princípio da gênese e também da restauração individual. Perseguindo-o, colocamo-nos do lado das forças destruidoras, atentamos não somente contra a vida da espécie, como também contra a vida do indivíduo. As civilizações futuras reconhecerão e garantirão sempre o amor, como um direito à satisfação de uma das fundamentais necessidades da vida. É necessário, então, um amor completo, e não somente a metade, um amor que cumpra ambas as funções: não somente a função em favor da espécie, mas também a função em favor do indivíduo É necessário um amor que cumpra as duas funções: a da geração e a do bem-estar individual. Temos, então, que individuar os dois aspectos e momentos do fenômeno, para que seja possível isolá-los, quando necessário, evitando a confusão atual na qual eles estão misturados indiscriminadamente.

Então, uma coisa é gerar, outra coisa é amar. A primeira satisfaz as exigências da espécie, a segunda as do indivíduo. As duas podem ficar juntas, mas há casos em que elas têm de ficar separadas. No caso de pobres absolutamente necessitados, gerar significa criar fome. No caso de doentes com marcas hereditárias, gerar quer dizer criar sofrimento. Para não gerar condenados, os pais não têm outra escolha a não ser condenarem-se a si próprios à castidade. O impasse é que tem de haver sempre uma vítima. Se não pagam os pais, têm que pagar os filhos. Com o sistema atual não há outra escolha: os pais que não querem sofrer, têm de condenar os filhos ao sofrimento. E isto infelizmente é fácil porque os filhos não se podem defender. A sociedade carrega-se assim de produtos de refugo, destinados apenas à criminalidade, às cadeias, aos hospitais.

Eis, porém, que, perante a necessidade de intervir no fenômeno da geração para dirigi-lo acima dos impulsos primitivos da natureza, surge o problema de saber fazer tudo isto com inteligência, sinceridade e honestidade. Para chegar a este ponto seria mister possuir essas qualidades, ou dirigir-se a educação necessária para atingi-las, de maneira a não se cair em outros erros. Para nos apoderarmos das alavancas dos fenômenos biológicos e manuseá-las, é necessário conhecermos a arte e possuirmos o amadurecimento de quem sabe dirigir. Na prática, encontra-se, pelo contrário, um amontoado de conceitos absurdos radicados no subconsciente, os instintos primitivos da animalidade, o espírito dominante de egocentrismo e agressividade. Se as leis religiosas muitas vezes seguem a direção sexófoba, não é por sua culpa. Elas tiveram de tomar essa atitude, porque estava em relação com a falta de amadurecimento do ser humano. É perigoso conceder liberdade a um ser que ainda não possui capacidade para dela fazer bom uso, e que, pelo contrário, é instintivamente levado ao abuso. A sexofobia do Cristianismo justifica-se assim com a necessidade de impor à força ordem e disciplina a um homem ainda involuído, inexperiente e inconsciente, levado a procurar na lei mais um meio para dela se evadir, do que compreender a vantagem de lhe obedecer.

Então, tudo está proporcionado: o homem à sua lei, como a lei ao seu indivíduo. Há um equilíbrio entre as normas que regulam a conduta humana de um lado, e os instintos dominantes do outro Para que seja possível realizar a reforma do homem são necessárias leis mais adiantadas; mas para que seja possível, sem perigo, suavizar as leis nesse sentido, é necessário um biótipo humano mais adiantado - Os dois termos se influenciam reciprocamente, de modo que na prática o progresso se realiza deste modo: um deles dá um pequeno passo para a frente, segue o outro, de modo que o primeiro pode avançar ainda um pouco mais, e depois o outro por sua vez pode seguir progredindo ainda um pouco, e assim por diante -

A reforma é grande, porque se trata de mudar a atual comum psicologia do amor. Trata-se de não concebê-lo mais apenas como função animal reprodutiva, para a qual, pela sua satisfação, se unem dois corpos, mas sobretudo como função de geração espiritual, para a qual se fundem duas almas. Eis que a sexualidade aparece com um significado positivo, inclusive para além da sua função de multiplicação no plano material. Esta não pode representar todo o conteúdo do amor. Sustentar que o represente, significa viver exclusivamente no plano da animalidade. Quando falamos de amor, entendemos sobretudo este amor maior e mais nobre. Mas o biótipo atual não pode alcançá-lo de um salto. O ponto de partida está nos

instintos. É necessário então nobilitá-los, não agredi-los para os destruir. E preciso secundá-los, canalizando as suas energias em sentido evolutivo, para que o amor, que é impulso fundamental da vida, seja utilizado para atingir a sua suprema finalidade, que é a ascensão. Se não a dirigirmos nesse sentido, esta força tão poderosa tomará o caminho da agressividade e da luta, desafogando-se, descendo e não subindo. Então iremos contra o verdadeiro espírito do Cristianismo, cuja tarefa é a de melhorar as condições de vida, amansando a fera e suavizando as relações sociais, para se chegar à pacífica colaboração. Por isso é necessário canalizar as energias no sentido do amor, bem entendido, e nunca no da agressividade. Mas é mister compreender que ele contém alguma coisa mais do que somente o sexo e a função animal da reprodução Então será possível o amor, de que o indivíduo precisa, sem que ele o leve para um aumento de população, o que em muitos casos significa ter de voltar à luta e à ferocidade.

Estes são os elementos do problema, que nos dizem só haver uma solução: a de canalizar as energias, não para a guerra, mas para o amor, sem que ele tenha sempre e necessariamente que implicar a geração. Não há razão para que se tenha de esperar que a natureza, com a fome ou a guerra, mate os filhos, para restabelecer o equilíbrio, quando este pode existir sem ser perturbado, porque o homem se tornou dono do fenômeno e o sabe regular com inteligência, não gerando filhos no caso acima citado, em que a natureza tenha depois de intervir para equilibrar, destruindo. Há povos que se encontram em condições diferentes, mas estas são raras e excepcionais.

A reforma é grande e não se pode realizar senão por degraus. A evolução é um monte, que tem de ser escalado, um passo após o outro, utilizando os elementos que a vida nos oferece. Um dos fundamentais é o impulso do amor. Nos seus primeiros degraus ele é só conquista animal para que vença o mais forte. Mas não se pode prescindir deste elemento básico, nem se pode substituir, porque não há outro. Tudo o que podemos fazer é utilizá-lo, aperfeiçoando-o, requintando-o, espiritualizando-o. Este é o caminho lógico e natural, conforme a lei da evolução. O erro dos representantes do Cristianismo foi o de não levar em conta esta realidade biológica, foi o de se lançar contra a animalidade para destruí-la, tomando, com a ética sexófoba, uma atitude negativa, de agressão contra a vida, em vez de ajudá-la a subir, reconhecendo o que ela é de fato e utilizando o grande impulso do amor para a construção da espiritualidade. O erro foi exigir a realização de um modelo espiritual quase inconcebível para o biótipo comum, e de impô-lo à força, com o método da agressividade, que é o mais contraproducente e o que está mais nos antípodas do verdadeiro espírito cristão do amor.

O problema da espiritualização do amor é problema da evolução individual, e dirigi-la é tarefa sobretudo das religiões; enquanto o problema da geração interessa mais à coletividade, e dirigir esse fenômeno é tarefa das leis civis e da ciência médica. Vimos a que resultados desastrosos pode levar uma geração descontrolada Não é possível que a humanidade mais organizada do futuro queira ficar em poder de uma produção indiscriminada do elemento fundamental da vida social. Num mundo mais ordenado não poderá ser permitido que a inconsciência dos simplórios semeie à vontade as causas da fome, das revoluções, das guerras e de tantos sofrimentos. Então, a vida terá de ser protegida e garantida para todos. Por isso a geração não será apenas fruto de cego desafogo de instinto, mas de um plano raciocinado em que seres conscientes tomam as suas responsabilidades. Será julgado um crime o egoísmo dos pais que geram só para sua satisfação, fugindo às conseqüências. Hoje todos podem proliferar, os doentes de doenças hereditárias, sejam físicas como mentais, os criminosos, os ineptos, todos geradores de desgraçados. Hoje tudo isto é lícito, até abençoado no casamento, e é conseqüência da confusão entre amor e geração, e da ética sexófoba pela qual não é lícito amor sem geração. Infelizmente a humanidade é ainda como um relógio em que cada roda anda por sua conta. Terá, porém, de se tornar um relógio em que cada roda funcione de acordo com a outra, em movimentos calculados e coordenados. Para chegar a isto, o mundo terá de se educar, adquirindo consciência eugênica.

Reconhecido a todos o direito de amar, inclusive aos que não geram porque não devem, não existe mais a desculpa do direito ao amor que constrange a gerar. Então, uma geração em que ninguém se entrega ao acaso, será uma coisa séria, feita com plena consciência das conseqüências, para se assumir a seu respeito todas as responsabilidades. A vida, evoluindo, ficará sempre menos no poder dos seus impulsos elementares,

no estado de caos em que cada indivíduo tem de procurar o seu caminho na luta, mas estará cada vez mais sujeita ao poder da inteligência do homem, num estado orgânico em que tudo é previsto e garantido. Ninguém pode impedir que tudo esteja relacionado e que tantos desastres que atormentam a humanidade não possam ser evitados, senão regulando inteligentemente, com a devida antecedência, os fenômenos cuja causa eles representam.

A vantagem não será apenas para a sociedade que passa a não ser mais perturbada por maus elementos; não será só dos filhos que encontrarão uma vida agradável, porque mais aptos a ela, num ambiente melhor, porque mais selecionado, mas será também para os pais que, sejam doentes ou não, criminosos ou não, ineptos ou não, terão o direito de se sustentar com o conforto do amor, sem ter por isso que praticar o crime, hoje lícito, de gerar mais desgraçados, condenados ao sofrimento. Hoje, a geração está abandonada ao acaso como uma tentativa cega, em que pouco é previsto e o indivíduo é deixado sozinho às suas forças, para encontrar o seu caminho num caos onde impera o método do individualismo egoísta pela inteligência do homem, mas pelas leis brutais da animalidade, nem o homem está maduro para sair desse nível evolutivo. É um fato, porém, que ninguém pode parar por isso a evolução e impedir que a humanidade atinja a sua fase orgânica, na qual estas teorias, por encontrarem um ser mais adiantado, poderão tornar-se realidade.

* * *

Nestas páginas não estamos aconselhando ou sustentando teoria alguma. Estamos só observando o fenômeno de todos os lados. Gerar é uma coisa séria, que leva a conseqüências graves e duradouras e que por isso não se pode fazer levianamente. Não se trata somente de um fato pessoal, que pode ser deixado ao poder do capricho do indivíduo, mas trata-se de um fato de interesse coletivo, no qual está implícita a vida de outros seres impossibilitados de se defenderem. Não há outra saída: se não quisermos aprender a dirigir inteligentemente o fenômeno, alguém terá que suportar as conseqüências de cada erro e desordem. A ética vigorante neste terreno é produto empírico dos instintos do subconsciente, nada resolvendo. Uma nova ética não se pode encontrar a não ser subindo a um plano de vida superior, onde o ser funciona com outra forma mental, aquela que é necessária para agir com inteligência e consciência. Mas isto não é fácil, porque se trata de subverter e renovar uma psicologia radicada através de milênios no subconsciente, e intervindo no próprio âmago da vida, onde se realiza o fenômeno da evolução. Levantar o homem de um plano de existência para outro, significa realizar uma transformação biológica profunda. Até que isto aconteça, será difícil aplicar estas teorias acompanhadas das qualidades necessárias, e por isso não cair em outras conseqüências tristes. Tudo o que podemos agora fazer é demonstrar a necessidade lógica de algumas soluções, que poderão ser realizadas num longínquo futuro, por uma humanidade mais inteligente e honesta. Até então a atual terá de ficar, como é lógico, na sua posição presente e sofrendo as suas conseqüências.

Pelo princípio de que se deve todo o respeito às autoridades civis e religiosas, têm de ser respeitados também os princípios que elas sustentam no terreno do "birth control"[2], tanto mais que isto cai sob a sua responsabilidade. No código penal italiano há um artigo (553) que proíbe qualquer forma de propaganda anticoncepcional. É interessante, porém, observar como o mundo atual resolve o problema com tal ética e forma mental. Neste caso acontece o que já dissemos em geral a este respeito, isto é, prevalece o método do fingimento pelo qual se faz particularmente o que todos concordam em condenar oficialmente. Assim, apesar das leis, o ser humano vai livremente experimentando, para ter depois de aceitar as conseqüências. Como sempre, estamos perante o método da tentativa. Nem outro é possível num regime em que o homem foi feito livre por Deus, mas, devido à queda, é ignorante. É lógico que não se possa chegar, também neste terreno, ao bom uso da liberdade, com todas as suas vantagens, antes se faz mau uso dela, e se experimentam todos os prejuízos conseqüentes.

O que deslocou completamente os termos do problema, até agora imóvel na sua posição de indivisibilidade entre geração e amor, somente admitida a castidade para a não-geração, foi o fato novo realizado pelo progresso da ciência médica pela qual os dois termos, geração e amor, se puderam tornar

[2] "Controle da natalidade". (N. da E.)

independentes um do outro. A conseqüência destas descobertas, se fossem bem entendidas, deveria ser que uma geração, que não encontra mais desculpa no desafogo sexual teria de ser realizada com plena consciência e responsabilidade. Isto leva a muito maior valorização da vida humana, que assim não é mais gerada por acaso ou por erro, fruto não desejado da própria satisfação, mas é uma vida mais protegida e garantida, porque fruto de uma vontade consciente das conseqüências, que neste caso são desejadas, e das quais assim se assumem todas as responsabilidades. O objetivo a atingir com o método do controle deveria ser o de garantir sempre mais a vida aos filhos que, gerados propositadamente, constituem um sagrado dever, do qual agora não há mais desculpa para evasões. Esta é a finalidade e não a de uma ilimitada satisfação pessoal, fugindo-se às conseqüências. Este é o mau uso que o ser humano está pronto a fazer desta nova posição do problema, de tudo aproveitando inconscientemente. E esta é a razão que justifica e torna necessárias as proibições atuais, que por isso têm direito a todo respeito. Infelizmente, dada a ignorância e inconsciência do ser humano atual, não há pelo momento outra solução.

O problema do divórcio está implicitamente resolvido em função desta orientação geral que aqui explicamos. Com o método da geração não mais casual, mas prevista, no caso que ela se verifique, o primeiro direito pertence aos filhos. Quando não há filhos, é o interesse dos pais que pode prevalecer, sem prejuízo para ninguém. Mas quando há filhos, é o interesse destes que tem de prevalecer acima do interesse dos pais. Quando só há os pais, a eles o problema fica limitado; então, se lhes convier, o divórcio é possível, porque não implica o prejuízo de outras pessoas. A presença dos filhos torna o liame entre os pais não mais uma união só em função de si próprios, mas também em função do interesse dos filhos, para cuja criação é necessária a colaboração dos pais. Neste caso, quando desponta o prejuízo de outros, não pode ser lícito um divórcio, pois que cria vítimas. Ele será possível quando os filhos estiverem criados não precisando mais dos pais. A posição da mulher moderna, menos sujeita ao homem, porque, com o trabalho, se tornou economicamente independente, alterou a posição do problema do divórcio, tornando-o mais fácil em relação à mulher que assim possui meios de subsistência, permanecendo, porém, sempre o mesmo princípio pelo qual o divórcio deveria ser possível só aos casais sem filhos ou depois do seu casamento.

Não resolve esconder no silêncio ou sob hipócritas aparências estes assuntos escaldantes, ou procurar solucionar ou eliminar o problema com condenações e proibições. Que ele está vivo, prova o fato de que muito se fala nele, nem nós podemos esquecê-lo, junto com os outros que estamos observando. O cirurgião não cobre a chaga para não a ver, julgando, assim, curar o doente, mas antes a observa e faz a diagnose da operação, aceita ou não pelo doente.

Já observamos o problema nos seus dois pólos opostos: de um lado a condenação oficial, do outro os impulsos da natureza; e como ele na prática foi resolvido com o método do fingimento. Que temos, então? O homem não se rebela abertamente contra o ideal, porque não quer parecer nem mau nem atrasado. A presença de um sonho tão bonito embeleza a sua vida e satisfaz o seu orgulho de homem respeitável e respeitado. Mas ao mesmo tempo ele não é tão simples que tome a sério o ideal, e, por isso, renuncie à sua satisfação, que é coisa bem positiva e sensível. E ele está bem apegado à realidade. Então resolve o caso praticando particularmente e o que oficialmente condena em público e nos outros; e nesse jogo desenvolve a sua inteligência. O resultado final não poderia ser melhor, porque permanece o ideal bem visível, e com ele a consciência satisfeita, que sustentou a virtude. Mas permanece na realidade dos fatos a satisfação positiva, o que mais interessa.

E otimamente se conciliam os dois opostos: para Deus a parte espiritual, para si próprio o gozo saboroso. Assim o engenho humano chegou a resolver a contradição, tanto as coisas da terra representam uma vantagem imediata e concreta, enquanto as do céu são duvidosas e longínquas! Foi, assim, atingida a convivência pacífica. As autoridades religiosas e civis continuam pregando com satisfação de todos a moral teórica perfeita, justificando desta forma, a sua posição social. Os seguidores e cidadãos continuam criando as suas comodidades, satisfeitos e quietos, que é aquilo de que as autoridades mais precisam, ou seja, bons súditos, homens de bem. Elas assim gozam também da vantagem de não assumir responsabilidades, porque se houver culpa, esta é dos pecadores desobedientes. Estes gostariam muito de ser oficialmente autorizados, para fugirem de toda condenação e responsabilidade. Mas os dirigentes sabem bem defender-se e não

assumir essa responsabilidade perigosa. Assim tudo continua sendo feito em forma proibida, mas com risco e perigo apenas para quem o faz.

Assim, debaixo das proibições oficiais, o mundo continua por sua conta fazendo as suas experiências, para aprender. Neste nível em que o homem se debate atualmente, a tentativa não é o método normal da vida para explorar o desconhecido? Então, se se chega a constatar que os novos métodos não trazem prejuízo, mas vantagem, eles se tornam universais. Mas, quando se tornarem um estado de fato aceito por todos, porque deles se viram os bons resultados, então, porque não é mais perigoso assumir pessoalmente a responsabilidade, que antes pesava somente nas costas do violador, as autoridades reconhecem como certo todas as coisas, e aceitam tudo, justificando a sua mudança como sendo o seu progresso, que acompanha os tempos. É lógico que, num mundo de luta, esta exista também entre autoridades e súditos, e que aquelas tenham de pensar antes de tudo na sua defesa e não na deles, que por outro lado quereriam a autorização oficial somente para lançar sobre os chefes a responsabilidade de sua culpa, e dessa forma satisfazerem-se, livremente, sem o incômodo freio da proibição e a responsabilidade da violação.

Então, resumindo, eis qual é a posição atual do fenômeno:

1) A ciência médica está realizando meios de controle cada vez mais simples, baratos, acessíveis a todos.

2) A proibição não impede, mas ajuda a divulgação, porque o que é proibido é mais interessante e, por isso, procurado. Pela lei da luta o ser é levado mais para a desobediência do que para a obediência, que é julgada uma derrota reservada aos fracos, que não sabem defender-se.

3) Os métodos de controle podem representar uma proteção dos fracos que não se podem defender, e isto conforme a moral cristã, porque assim se realiza a eliminação dos filhos ilegítimos, que não existiriam mais, como no caso da mulher que está desonrada, porque gerou fora do casamento, com todas as suas conseqüências (aborto, mulher ou filhos abandonados, prostituição etc.). Nestes casos a sociedade condena e persegue os efeitos e não as causas, porque e mais fácil perseguir os fracos que os fortes.

4) Alguns países sustentam o controle abertamente. Nos países onde é proibido, ele é praticado da mesma forma, mas às escondidas, o que oferece uma oportunidade para experimentar e assim conhecer qual é o valor prático, os danos e vantagens de tal método. O mundo vai, assim, aprendendo, como sempre o faz com o novo, com seu risco e perigo, com o habitual sistema da tentativa, como quem vive no escuro ou não tem olhos para ver, não pode avançar senão tateando o seu caminho no acaso. É lógico que as massas, dirigidas por educadores, que desses problemas novos sabem menos do que elas, tenham de se educar por si mesmas, pagando se errarem, e assim, como é justo, conquistando com o seu esforço a sua sabedoria.

XIII

CONCLUSÕES — AMOR E CONVIVÊNCIA SOCIAL

Já observamos qual é a posição assumida pelo Cristianismo perante o problema do sexo. Não estamos tomando posição contra ele, censurando as suas condenações. O que mais nos interessa é explicar os fatos. Sabemos que tudo o que existe tem a sua razão de ser, de outro modo não existiria. As condenações também se explicam, e, do seu ponto de vista, se justificam. O Cristianismo teve de iniciar uma luta titânica contra a animalidade humana, bem enraizada poderosa, luta realizada em tempos muito mais ferozes do que os nossos, quando a forma mental, os pontos de referência e os problemas eram diferentes dos atuais. Mas

também o Cristianismo não pôde deixar de ser arrastado pelo progresso que tudo renova. Não lhe é possível, porém, correr demais, para não se destacar das massas lentíssimas nos seus movimentos evolutivos. Por isso não pode operar transformações rápidas demais, nem tornar-se pioneiro do novo, o que poderia parecer revolução, e na massa gerar desordem.

O Cristianismo teve o grande mérito de lançar em tal ambiente, apesar de que às vezes em forma feroz (como naquele ambiente era necessário), o conceito da superação da animalidade para a espiritualidade, da sublimação da matéria, conceito que está de pleno acordo com as leis da evolução, mesmo sendo este fato desconhecido, porque desconhecidas eram estas leis biológicas. O que dominava no mundo era o ideal pagão do bem-estar terreno, baseado no direito do mais forte e nos gozos materiais. Foi contra essa concepção, que era a concepção dominante, que o Cristianismo teve de impor um ideal que está nos antípodas daquele, do qual representa um emborcamento completo de valores.

O Cristianismo teve de fazer o esforço do primeiro impulso de quebrar o anel de ferro do egocentrismo dos involuídos. É lógico que, no seu desejo de realizar esse objetivo, o homem fosse levado a usar o seu velho e habitual método da luta, nele enraizado, que sabia ser necessário para alcançar qualquer conquista. E a luta automaticamente o levou para a agressividade. Mas é lógico que ele não podia de uma só vez tornar-se outro biótipo e, apesar do ideal, não podia deixar de se revelar cidadão do AS, qual ele é.

Como podia, no início, o Cristianismo usar o método da bondade evangélica, como um ser levado por instinto à desobediência e à luta, pronto a abusar de qualquer liberdade que lhe fosse concedida? Nos níveis inferiores de existência aparece o ideal da ordem, qualidade do S, mas não há outro meio para a efetivar, senão o de uma imposição à força, que é qualidade do AS. Quando toda a humanidade está mergulhada num nível inferior de evolução, a pregação de uma teoria nova não pode assumir o poder de subverter as leis biológicas, deslocando de uma só vez os seres daquele seu plano de vida para outro mais adiantado. Isto pode ser apenas o resultado final do processo, e não o que o Cristianismo podia fazer no seu início, mas o que ele poderá realizar no fim do seu trabalho terrestre. Por isso o evangelho é uma meta longínqua, ainda a atingir, e não uma forma de vida atual. No presente estágio de evolução da humanidade vigoram leis bem diferentes do que as da biologia muito mais evoluída do Evangelho e o Cristianismo, para iniciar o trabalho lento de civilizar o homem de maneira a que ele chegasse até lá, não teve outra possibilidade a não ser a de assumir, ele também, os métodos da ética de luta, os únicos compreensíveis naquele ambiente. Foi assim que o Cristianismo, para sobreviver, teve de se adaptar às condições do mundo, usando os métodos deste, impondo-se à força como regra de disciplina, antes de tudo organizando-se na Terra como hierarquia de lutadores, providos de recursos materiais e de armas espirituais.

Este foi o mundo contra o qual o Cristianismo teve que se impor. Era o mundo corrupto do Império romano na sua decadência. A sexofobia nasceu como reação a esse estado de fato, em que o amor era só sexo, abuso e vício, isto é, um meio destruidor da civilização. Dentro dos impulsos que se revelaram no Cristianismo, era a própria vida que estava presente, reagindo para se salvar dessa queda. Foi por isso que se tornou sexófoba, para negar aquele tipo de amor que a levava para a decadência, e em compensação canalizando as energias para o dinamismo da luta salvadora. Foi assim que no Cristianismo apareceu o princípio da agressividade, o princípio daquele mundo inferior, não mais dirigido para a guerra e a conquista material, mas ficando de pé aquele instinto fundamental, como que torcido porque utilizado para outro tipo de luta e dirigido para outra conquista: a dos valores espirituais. Se hoje, em posição histórica diferente, essa ética sexófoba nos pode aparecer como uma contradição e um anacronismo, ela se explica, porém, e se justifica, porque representava a única forma que a luta, para superar a animalidade, podia tomar naquele momento e condições de ambiente Da ascensão espiritual apareceu, assim, antes de tudo o seu lado negativo, o da destruição do velho e não, o da construção do novo. O que se impunha de imediato era afastar o inimigo presente, representado pela animalidade vigorante, pela licenciosidade, à qual se contrapunha o ideal da sublimação espiritual, que representava o impulso novo que a vida procurava ressurgir da decadência. Além disso, a natureza não costuma realizar inovações rápidas, mas proceder por continuidade.

* * *

A posição biológica e as exigências históricas atuais são diferentes, outros são os nossos problemas. Hoje, a psicanálise revelou-nos os desvios e doenças mentais que o método repressivo da agressividade sexófoba pode produzir. Pelas diferentes reações de um organismo, em sentido psíquico e nervoso, mais sensibilizado, hoje pode ser prejudicial o que uma vez foi útil e necessário. A ética sexófoba cometeu o erro de separar e contrapor o espírito à carne, fazendo de dois amigos que deveriam colaborar, dois inimigos que lutam para se destruir um ao outro, quando eles a final são dois elementos que em nosso ser humano, que é um, têm de viver juntos e, por isso, entre eles deveria existir harmonia e equilíbrio, e não antagonismo própria de rivais. Alma e corpo formam, pelo menos enquanto vivemos na Terra, um composto único, um conjunto matéria-espírito. É impossível dividi-los, perigoso contrapô-los. Assim, neste terreno, o Cristianismo, sem querer, seguiu uma concepção errada e patológica da vida, que pode representar um verdadeiro desvio dos princípios de bondade e amor, que nele são fundamentais. Desta luta entre os dois, espírito e corpo, às vezes o primeiro, em vez de sublimar saiu estropiado, de modo que um método, que no início parecia ótimo, se revelou contraproducente, porque acabava levando para resultados opostos aos previstos.

O amor tem que ser reabilitado deste estado de condenação como pecado ao estado de divina força criadora e defensora da vida, de impulso positivo de bem, dirigido para o S, que pretende vencer o impulso negativo do ódio, da morte, do mal, dirigido para o AS. É necessário compreender que o amor está do lado de Deus, porque representa as forças amigas da vida, e não do lado do anti-Deus, isto é, das forças inimigas da vida. É necessário desenvolver, não suprimir o amor. Qualquer agressão e tentativa de destruição neste sentido significa ir de encontro à vida, e não ao seu encontro. No castos, inertes, e nas pedras não há impulso algum para sublimar; os frígidos não possuem o calor do amor que é indispensável para se tornarem santos. Com o Cristianismo apareceu na Terra o ideal magnífico da sublimação espiritual, mas ele se enredou na luta contra a animalidade, que em vez de ser vencida por ele, muitas vezes acabou vencendo-o, dele nos oferecendo a forma torcida, que vemos hoje vigorando. O trabalho hoje a fazer seria o de endireitá-la nova-mente, e esta poderia ser a obra de um Cristianismo mais inteligente e iluminado, para que não fique inutilizado e desperdiçado um ideal que representa um dos maiores valores construtivos no terreno da evolução.

O caminho para Deus está, não nos atritos da luta, mas na harmonização, porque a vida evolui da desordem para a ordem, e não ao contrário. Por isso é necessário não contrapor, mas harmonizar espírito e corpo, moralidade e sexo, misticismo e sentidos, ideal e instintos. Permanece o fato de que a experiência nos ensinou que a concepção sexófoba não levou a humanidade para a sublimação no espírito, mas para uma cisão da natureza humana, em vez de uma fusão entre os seus dois pólos opostos. A influência das religiões (deveria ser sempre benéfica, em favor da vida, deveria ser sempre construtora, e não destruidora. A santidade não pode ser regra, mas só exceção. Alguns ideais de perfeição não podem descer ao seio da maioria a não ser desviados e corrompidos. Foi o homem que abaixou tudo ao seu nível e que, com a sua inferioridade, transformou o amor em luta de egoísmos, em culpa e mal.

A humanidade dos séculos passados, muito mais grosseira, ignorava os nossos problemas psicológicos, tal qual Freud no-los revelou, demonstrando como nascem tantos complexos que alteram a estrutura da personalidade. A humanidade atual está se tornando neurótica, e precisando, assim, duma ética menos grosseira e mais inteligente, menos agressiva e mais benévola. A civilização é uma forma de ascensão em benefício da vida, de modo que não pode deixar de tudo suavizar com o tempo.

Não se pode menosprezar a função do sexo como elemento equilibrador na formação e na saúde psíquica da personalidade. Um dos aspectos fundamentais do valor da obra de Freud é o ter demonstrado a grande importância da influência do sexo na vida individual e social, é a intuição clara do prejuízo que a harmonia do indivíduo e a da coletividade recebeu com a moral sexófoba. Essa se reduziu por fim num desabafo de instintos de agressividade contra a mais poderosa, benéfica e cristã das forças da vida, que é o amor, com todas as conseqüências morais, sociais e patológicas, daí decorrentes. Freud num escrito seu declara: "Todo o nervosismo do nosso mundo contemporâneo é devido à ação deletéria da repressão sexual, típica da nossa civilização". O tema central da doutrina freudiana é de fato: "a origem sexual de quase todas

as neuroses.

Estamos acostumados à junção dos dois princípios, o da sublimação espiritual com o da condenação da sexualidade. E por isso que temos medo de destruir os maiores valores ideais da nossa civilização, representados pela espiritualidade, se acabarmos com a sexofobia vigorante. A experiência milenária do Cristianismo fixou essa conexão de idéias no subconsciente das massas. Para corrigi-las seria necessário submetê-las a um trabalho de psicanálise às avessas. No estado atual parece que não seja possível conceber a evolução espiritual senão na forma agressiva de autoperseguição e de autodestruição, o que representa a premissa natural das neuroses sadistas e masoquistas. É lógico que as conseqüências estão reservadas para os fracos que acreditaram e obedeceram. Isto não aconteceu com os rebeldes que se souberam defender, não tomando a sério a religião, que desenvolveram a sua inteligência para se conseguirem evadir. Estes são os que se chamam fortes, os que pensam com a sua cabeça e não com a dos outros. Mas se eles foram condenados e expulsos, dentro das religiões ficaram as ovelhas meigas, o rebanho dos fracos que nelas se refugiam em busca de defesa na luta, o grupo, não dos vencedores do espírito, mas dos vencidos da vida, doentes na alma atormentada, porque uma sublimação espiritual mal interpretada não gerou outro amor maior, mas o destruiu. Não é fácil intervir nas leis da vida. É necessário vê-las com inteligência positiva, e conhecer o que elas são de fato na realidade biológica, e não baseando-se apenas em abstrações filosóficas e teológicas.

Parece que a civilização cristã tenha trazido consigo o desenvolvimento de uma quantidade de formas psico-patológicas individuais e sociais. Freud descobriu a chaga que havia debaixo das aparências, com o que o homem moderno procura cobrir essa sua falência. Mas infelizmente Freud limitou-se a ficar no terreno curativo, e não entrou no das reformas sociais, porque isto lhe teria sido muito mais difícil, pela resistência que a própria humanidade opõe a toda reforma de idéias que se encontrem profundamente assimiladas no subconsciente.

As ideologias políticas, os diversos sistemas em que se divide o mundo, em substância são só formas diversas do mesmo egoísmo e espírito de agressividade para chegar ao domínio em favor de algumas classes escolhidas. O que pode, para a grande maioria, suavizar e embelezar a vida é o amor: mas um amor bem compreendido, anti-egoísta, sem perseguição nem mentiras, um amor que aplaca os ódios, abranda a agressividade, acalma as invejas, a cobiça, o orgulho, tranqüiliza e serena a alma, gerando paz onde há guerra, alegria onde há dor, ordem e harmonia no indivíduo como na sociedade.

Ordem, harmonia, eis para onde progride a evolução. Neste sentido é necessário canalizar as nossas energias, não lançando um contra o outro, os dois pólos do nosso ser, alma e corpo, mas, como já mencionamos, harmonizando-os, para que concordem e colaborem no objetivo único, que é o da vida, o da ascensão espiritual. A humanidade precisa de se equilibrar na harmonia, por dentro e por fora, isto é, o indivíduo consigo mesmo, e na sociedade cada um com os seus semelhantes. Não é o alto nível econômico e o padrão de vida, nem é o poder político, ou a supremacia bélica, ou o domínio do mundo, que podem sanar o mal, mas só um amor que nos encha de simpatia para com todos os seres e nos devolva a perdida alegria de viver. A inimizade em que vivemos, de todos contra todos, tudo divide, seca, destrói. Precisamos de bondade que tudo una, alimente, construa. Só isso poderá dar um alívio à nossa adoentada alma moderna. À atual tendência do mundo para concentrar tudo na conquista bélica ou na superioridade econômica, igual princípio de luta ao qual obedecem hoje as duas maiores potências do mundo, o Brasil poderá contrapor uma contribuição sua e única no planeta, a da bondade e do amor. A Europa já viu bastante os resultados da aplicação das teorias do herói da força, o super-homem de Nietzsche. A nova mensagem é a de viver em paz e amizade com todas as criaturas do universo.

Hoje, o trabalho que mais interessa à vida, não é o de se esmagar uns aos outros para selecionar o mais forte, mas o de fazer da humanidade um corpo coletivo unitário, como sociedade orgânica. Quando se construiu a sociedade orgânica das células que constituem o corpo humano, esse resultado não foi atingido inventando-se sistemas ideológicos e com métodos organizadores exteriores, mas antes transformando a natureza dos elementos singulares componentes para torná-los aptos a viver, com todas as qualidades

necessárias, não mais num estado de desordem como indivíduos separados, mas no estado orgânico, em que as células se encontram no corpo humano. Da mesma forma, ao estado orgânico da sociedade humana, mais que com sistemas exteriores políticos e sociais, se poderá chegar pelo amadurecimento evolutivo dos indivíduos considerados isoladamente, que desenvolverão as qualidades necessárias para que saibam viver, funcionando como elementos constitutivos de uma sociedade orgânica. O ser humano terá de se educar nessas novas formas de coexistência, mais adiantadas do que as atuais. Isto não é desprezo ou condenação do estado presente. É um convite para civilizar-se que se faz, porque representa uma imensa vantagem para todos.

* * *

Os problemas estão todos juntos, ecoam e repercutem uns nos outros. Por isso a solução do problema do sexo significa também ajudar a solucionar o problema da convivência social. Tudo depende de nós, do que somos e queremos ser, porque com isso nos colocamos numa ou noutra posição diferente no plano orgânico do universo, com todas as suas conseqüências. As tristes condições de nossa vida atual dependem de nossa primeira concepção errada. Vivemos em estado de cisão e de revolta. À posição inicial se seguem todas as outras, porque da revolta nasce a reação corretora da parte da Lei, o estado de culpa, isto é, de desordem, que é o que gera o sofrimento. Esses elementos estão encadeados um ao outro, e todos juntos constróem o nosso mundo inferior. O termo final, que é o sofrimento, existe em função da revolta, que é o termo inicial. Mas se tirarmos o primeiro termo e o substituirmos com o seu oposto, o mesmo acontecerá também aos outros termos que o seguem, encadeados até à conclusão. Assim, se suprimirmos a desobediência à ordem, desaparecerá a reação da Lei, a culpa, o estado de desordem e o sofrimento; e, se no lugar daquele primeiro termo colocarmos a obediência à ordem, aparecerá a ajuda da parte da Lei, a nossa posição certa num estado de ordem, e a respectiva felicidade. Tudo isto é automático e lógico. O sofrimento está ligado à revolta e respectiva desordem, a felicidade, à obediência e respectiva ordem. Na obediência, o sofrimento tem de desaparecer, porque então não tem mais razão para existir.

Quanto mais o ser evolui e se civiliza, tanto mais se harmoniza com os ditames da Lei, e com isso se liberta da dor. Quanto mais a parte inferior do ser humano se liberta da sua animalidade e se torna menos besta, tanto mais se torna possível aproximá-la e uni-la à parte superior que é o espírito, porque então elas estão mais próximas uma da outra. Só nos níveis inferiores de existência, o corpo é inimigo do espírito, num ambiente em que tudo é luta e rivalidade. Subindo, porém, na escala evolutiva, tudo se harmoniza e irmana, o corpo não é mais uma fera rebelde que é necessário subjugar, uma prisão em que está encadeada uma alma revoltada, mas é uma casa para morar e trabalhar, é o templo onde vive a divina centelha dum espírito evoluído. Então, perde todo o sentido, e se desfaz automaticamente com a evolução o assalto do Cristianismo sexófobo contra o corpo.

Na sua essência o amor é um impulso próprio do S, porque possui as qualidades deste, sendo que a sua função é a de unificar e gerar. O que pertence ao AS é pelo contrário o impulso oposto, o egocentrismo separatista e destruidor. Quanto mais o ser sobe na escala evolutiva, tanto mais esquece o seu individualismo de ser que se isola no todo, para se fundir em unidade com todos os outros seres, não mais lutando contra eles, mas colaborando com eles. Nisto aparece evidente a passagem dos métodos do AS para os do S. Em nosso mundo, que está situado ao longo do caminho evolutivo, é lógico que não prevaleça nem um nem outro dos dois métodos, mas que os encontremos funcionando juntos e, pelo fato de que eles estão em oposição muitas vezes se encontram em luta para se eliminar reciprocamente. É assim que em nosso mundo o princípio altruísta do amor (S) se encontra unido ao princípio egoísta da posse (AS), e o amor costuma ser antes de tudo a procura da nossa satisfação, apesar de acompanhada pelo sacrifício dos outros, e não a sua satisfação com o nosso sacrifício. Assim, como a luz é oposta às trevas, o princípio da união (S), luta contra o da divisão (AS), e ao contrário. E reconhecemos que é perfeito o amor que tem as do S, como é condenável o que tem as qualidades do AS. Tanto mais é superior o amor, quanto mais se afasta da animalidade, perdendo as suas características.

E assim que, em nosso mundo, podemos encontrar em cada ato nosso, misturados, o método do S e o do AS, e a todo o momento estamos oscilando em nossa escolha entre o bem e o mal, isto é, entre o caminho

que vai para o S e o que vai para o AS. É assim que no nível humano encontramos um amor corrompido pelo egoísmo, a pureza ideal do S manchada pela imundície do AS, e o divino princípio de vida torna-se até pecado. Mas todas as vezes que isto acontecer, é porque o AS prevalece sobre o S. O que encontramos na realidade é luta entre amor e egoísmo, entre egoísmo e amor. O mais forte vence, conforme a posição do indivíduo ao longo da escala da evolução, revelando a sua natureza. O amor liga em sentido positivo, o egoísmo liga em sentido negativo, porque o amor só quer dar, enquanto o egoísmo só quer receber, tirando dos outros. Há assim quem do amor faz negócio e quem por amor fica espoliado. Porém. quem enriquece explorando, se aprisiona; e quem empobrece dando, se liberta. Isto porque o primeiro involui para o AS, e o segundo evolui para o S. O primeiro se enriquece também com as qualidades que o isolam da vida, e cada vez mais o abismam no reino da prepotência e da mentira; o segundo ganha qualidades que o unificam com a vida, e cada vez mais o levantam para o reino da bondade e sinceridade. Então a evolução, como a nossa vantagem, está no eliminar do amor o egoísmo, realizando-se quando o conseguir.

Se este não é o problema atual, mas que poderá ser resolvido apenas no futuro, tal eliminação ainda não foi realizada e, se a inferioridade de instintos é o que se entende hoje com a palavra amor, as reformas sexófilas não podem ser efetuadas no estado atual porque, se o amor que hoje prevalece tem a forma de animalidade, sexofilia seria proteção dos seus baixos instintos que seria involução e não evolução. Esta nossa conversa se reduz a uma explicação dos fatos e a um programa para as gerações futuras que, por terem conquistado outras qualidades e instintos, tornarão possível viver-se uma concepção de amor mais adiantada, como liberdade e espiritualização, a qual sem prejuízo não pode hoje ser entregue às mãos do homem atual. Numa sociedade que não é um organismo de seres conscientes, mas um amontoado de elementos inimigos, não pode haver lugar para o que se poderia chamar de um super-amor. A triste conclusão é que, enquanto o amor continuar sendo concebido e praticado, sobretudo, como uma inferior função animal, na qual estão despertos os mais baixos instintos de egoísmo e de luta, a ética não poderá sair, sem gerar prejuízo, da atitude sexófoba do Cristianismo.

Quando o moralista invoca o amor como tranquilizador e elemento de pacificação social, ele se refere a esse tipo de amor bondoso e inteligente. Mas foi neste mesmo sentido que lutou o Cristianismo que, com a sua sexofobia, se revoltou contra o que no amor é inferior instinto de egoísmo e animalidade, e não contra o que nele é superior anelo de bondade e espiritualidade. O Cristianismo procurou ser uma escola de superação, de evolução da vida. Mas, que podia ele realizar, quando a maioria, seja dos dirigentes, seja dos dirigidos, era constituída de involuídos? É lógico que abaixaram tudo ao seu nível, o da animalidade, tudo concebendo, inclusive o amor, com a respectiva forma mental. A culpa não é dos princípios do Cristianismo, mas do estado de involução do biótipo pelo qual ele teve de ser representado na Terra. Foi assim que, entregue nas mãos do involuído, o ideal da sublimação, ao invés de se realizar como impulso para o alto, acabou desviado e torcido para baixo, transformando-se em perseguição sexófoba. Nem podia acontecer de outra maneira, num mundo regido pelo princípio e forma mental da luta, que tudo domina e transforma em agressividade. E de fato esta é a psicologia vigente, que aparece nas mais diferentes manifestações humanas, seja fascismo, nazismo, comunismo, negocismo Norte-Americano, Cristianismo etc., porque é sempre o mesmo homem que, de formas diferentes faz as mesmas coisas.

Se é verdade que a tentativa do Cristianismo de transformar o mundo não alcançou os resultados esperados, e que grande parte do esforço acabou na forma torcida das psicoses modernas, é verdade também que a tentativa foi feita, foi lançada a idéia, e o mundo chegou a possuir o conceito da sublimação espiritual, que corresponde ao outro biologicamente verdadeiro de superação por evolução. Esta concepção pode transformar o amor animal num super-amor mais rico, espiritual e nobre. É lógico que os primitivos da Idade Média entendessem a espiritualização somente como podia entender a sua forma mental, conforme o tipo desta, isto é, no seu aspecto negativo e destruidor, porque tais são as qualidades dos atrasados do AS, e não como um processo positivo e construtor, qualidades que só os evoluídos do S possuem. Mas um esforço para subir foi feito. Sem ele, a humanidade teria ficado apodrecendo por falta do impulso que essa idéia nova lançou no mundo. Em alguns seres mais adiantados, aptos a compreender, aquela chama de dinamismo referveu e realizou o ideal cristão. Nasceram assim os santos, as estrelas que iluminaram os tenebrosos céus da Idade Média.

* * *

Para concluir, a posição do problema nas condições atuais da evolução humana se poderia resumir nos seguintes pontos: 1) Respeito ao Cristianismo, reconhecendo o valor biológico da idéia da superação pela sublimação espiritual, sem por isso se cair na perseguição sexófoba. 2) Abolição da sexofobia, pelas conseqüências deformatórias que ela pode produzir na personalidade, como neuroses, desvios, complexos etc., assumindo-se uma atitude mais racional e compreensiva em face da sexualidade. 3) Uma reta educação sexual para construir uma consciência eugênica, necessária para dirigir inteligentemente os instintos eróticos e as suas conseqüências, aceitando-se toda a responsabilidade da criação dos filhos no caso de geração, sempre prevista e voluntária por meio do controle, somente admissível amanhã, nas mãos de indivíduos conscientes. 4) A direção do fenômeno biológico no planeta, confiada ao homem, sobretudo na parte que lhe pertence, para procriar em proporção aos recursos disponíveis, ao número, às condições de ambiente, evitando-se necessidades, fome, guerras, invasões, revoluções etc., como convém numa sociedade civilizada que chegou ao estado orgânico, em que nada pode haver de imprevisto.

Poderiam deste modo ser atingidos os seguintes resultados: 1) Defesa do ideal cristão da pureza, como bem entendida sublimação de instintos. 2) Defesa do normal e sadio desenvolvimento da sexualidade, tratamento e supressão das causas dos respectivos desvios. 3) Defesa dos filhos, com uma geração não mais casual e irresponsável, mas conscientemente controlada, com o conseqüente e absoluto sentido de responsabilidade. 4) Defesa da humanidade dos perigos que hoje a ameaçam, como necessidade, fome, guerras etc., e suas conseqüências.

Assim, evitando o atrito que os destrói, poderão ser salvos os maiores valores da vida, ao mesmo tempo prevendo-se e evitando-se tantas calamidades que hoje afligem o mundo. Deixamos que os fatos nos levassem a estas conclusões. Se não as aceitarmos, eis as conseqüências: 1) Perda dos valores espirituais do ideal cristão, necessário para conseguir a superação, que é fenômeno que interessa de perto à vida, no seu ponto central, que é a evolução. 2) Triunfo de uma sexualidade-pecado, comprimida e torcida em todos os seus desvios patológicos, fonte de distúrbios e sofrimentos, em vez de uma sexualidade sadia, fonte de alegria e bem-estar. 3) Em muitos casos, falta de qualquer garantia de defesa dos filhos, fruto de uma geração descontrolada e irresponsável, conseqüência de desafogo apenas de instintos. Fica de pé o prejuízo individual e social dos filhos ilegítimos e da mulher desonrada e abandonada, com todas as suas conseqüências. 4) Nenhuma defesa contra o controle por meio da morte, com que a natureza equilibra o aumento demográfico devido à falta de controle dos nascimentos. A humanidade ficará, então, em poder de métodos ferozes e desapiedados, quais a fome as guerras etc., com que a vida tudo corrige e compensa, eliminando com a destruição a superpopulação.

É lógico que o homem tem a liberdade de continuar com o sistema atual; ele não está livre, porém, de fugir das respectivas conseqüências. Não é possível deixar de levar em conta as leis da vida. O impulso do sexo não pode ser esquecido nem destruído, porque ele quer atingir os seus objetivos fundamentais. Então, os pontos fixos preestabelecidos dos quais não é possível fugir, são os seguintes: 1) Se destruirmos os valores espirituais, involuiremos sempre mais para a animalidade. Com isso pagaremos o erro. 2) Se não dermos aos instintos um desabafo natural, certo, eles partirão para outro, cego e errado, gerando complexos neuróticos e outras alterações da personalidade. Com isso pagaremos o erro. 3) Se não gerarmos em função das nossas boas qualidades de saúde os meios de subsistência, criaremos filhos doentes ou necessitados. Das conseqüências do egoísmo ou da leviandade ninguém poderá fugir. Com isso pagaremos o erro. 4) Se a humanidade não aprender a gerar inteligentemente, em proporção aos recursos e espaço disponíveis, a natureza providenciará, matando os que são de mais. Com isso pagaremos o erro.

Se tudo isto, pela imaturidade humana, não é hoje realizável, terá fatalmente de se realizar amanhã, porque teremos de sofrer até aprendermos, e a dor nos ensinará. A evolução não pode deixar de guiar o mundo para uma nova ordem dirigida pela inteligência do homem, mas de tipo diferente do atual: um homem consciente da sua posição dentro da Lei de Deus e do funcionamento orgânico do universo; um homem que, por isso, não se movimenta mais ao acaso, cegamente, por tentativas, movido só pelos seus ins-

tintos, errando e pagando a cada passo, mas atua inteligentemente, com conhecimento e honestidade Se quisermos acabar com o sofrimento, é necessário começar a encaminhar-nos desde agora, para chegar até lá. Devemos cessar qualquer impulso de agressividade, sempre destruidora em todos os campos. É preciso conciliar os opostos, levando em conta a realidade freudiana e os ideais das religiões; isto sem cair em excesso, nem de um lado nem de outro. isto é, nem na repressão sexófoba com a idéia de sexo-pecado, nem na licenciosidade e corrupção com o descontrolado gozo, fim em si mesmo. Temos que levar em conta as necessidades da alma, juntamente com as do corpo, e ao contrário, dando a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. É urgente educar o ser humano para que, tornando-se mais consciente, seja possível confiar-lhe liberdades das quais hoje não pode gozar, porque tudo tem de ser proibido a quem de tudo está pronto a abusar. É necessário civilizar o homem no terreno religioso como no erótico, para que ele encontre o equilíbrio do seu eu entre os dois pólos opostos, o da animalidade a superar e o da espiritualidade a conquistar. Por isso se deve chamar a colaborar, em vez de condená-lo e sufocá-lo, este grande impulso vital que é o amor. Nunca destruir, mas tudo respeitar, enobrecer, dignificar, dirigindo-o para o bem: assim devemos utilizar tudo, inclusive o amor, para chegarmos à sublimação cristã.

A estas soluções a natureza humana involuída está pronta a cada passo a opor resistência, a imaturidade paralisa qualquer aperfeiçoamento. A maior dificuldade a vencer é a atávica forma mental do homem, que construiu uma ética sexual em seu benefício, pelo direito do mais forte. É lógico que a moral do sexo reservada para a mulher seja completamente diferente, porque se trata de um ser fraco. Se neste nível biológico a lei que vigora é a da força e do egoísmo, se tudo para o macho vai bem, para que preocupar-se com os outros? É ridículo pensar que num tal mundo os fracos possam exigir direitos. Naquela forma mental não há razão pela qual o mais forte renuncie à posição de favor que, naquele plano, lhe pertence de direito. Se isto representa prejuízo para os outros, a culpa é deles; e eles que aprendam a defender-se. Se não sabem fazê-lo com a força, façam-no com a mentira, dando prova de possuir pelo menos a astúcia, que neste nível representa o valor da inteligência. Tudo é lógico, porque o princípio é que qualquer vantagem só pertence a quem sabe conquistá-la, assim demonstrando que possui capacidade para vencer. Quando escolhemos um princípio, ficamos presos as suas conseqüências e não podemos fugir da sua lógica desapiedada até ao fundo.

Caminha assim o nosso mundo, sobrecarregado de injustiças e sofrimentos, como um tapete triunfal de vítimas, sob os pés do vencedor. E o amor, o maior impulso salvador da vida, está reduzido a uma fonte de lutas e aflições. A solução está na canalização das energias deste grande impulso no sentido da evolução e não da perseguição, está no refinamento, que faz do amor, além das funções reprodutivas, um meio de regeneração espiritual e de pacificação social. Lembremos que a natureza nada destrói, mas tudo transforma. A evolução exige que o amor se torne alguma coisa que é mais do que função de fecundação animal, ou satisfação do instinto; é tarefa consciente de cooperação criadora junto da obra divina da vida, para vencer a morte e continuar sempre subindo. Tudo, por evolução, tem que se espiritualizar, e o amor tornando-se prodígio de sintonização de almas que, em comunhão mística com a essência criadora do universo, no mistério da gênese, cumprem, com a descida duma alma que se encarna, a função religiosa da ascensão para Deus. Elementos vitais, sem os quais, hoje, pode existir o mais regular dos casamentos, elementos, entretanto, que são fundamentais e sem os quais o matrimônio, apesar de formalmente perfeito, é apenas uma acasalamento físico-animal. A evolução nos levará a uma nova concepção do amor, que se torna instrumento de superação do egocentrismo separatista, um amor que nos mostra que nós somos complementares com todos os outros seres e todos necessários uns aos outros, em mútua interdependência, quais elementos da mesma vida, incluídos na mesma unidade, fundidos no mesmo organismo universal, no seio e em função do qual todos existimos.

O que mais almejamos é que a humanidade amadureça para chegar a compreender tudo isto, de modo que possa gozar das liberdades que, hoje, ainda não pode receber sem prejuízo. A esperança para o futuro é o advento de uma humanidade mais consciente dos seus deveres, para que ela possa fruir de maiores direitos; mais inteligente para compreender a vantagem de viver na ordem, sem a ameaça contínua da força, das cadeias, do inferno. Conhecemos as leis da vida e sabemos que ela não poderá deixar de passar do seu estado de guerra-destruição ao seu estado de amor-construção O progresso vai do mal que semeia ruína,

para o bem que semeia paz e felicidade. Terá de ser superada a forma mental do super-homem da força, do dominador esmagador de vítimas. A Alemanha pagou com a sua ruína o ter acreditado nas nefastas teorias nietzschianas.

O amor representa o elemento unificador que pode corrigir e superar o egoísmo separatista, sendo o único meio para quebrar esse estado de divisionismo caótico feito de rivalidades. Se destruirmos o amor, não resta senão egoísmo. Quem não irradia para os outros, concentra somente para si. Eis o orgulho, a cobiça de posse e de domínio. O caminho do amor é o da evolução, que vai para a unificação do S. O caminho do egoísmo é o da involução, que vai para o separatismo do AS. Cabe ao primeiro corrigir o segundo. Eis o grande valor do amor: o de ser instrumento da evolução, de nos levar para o S, o que significa salvação.

* * *

Se nestes capítulos falamos de sexofobia, foi porque o fenômeno do amor tem uma significação profunda, universal. Dele depende a solução do problema da convivência social. Ele é um dos mais vivos e urgentes a resolver, porque da sua solução depende a pacífica colaboração entre os semelhantes, acabando-se os atritos da luta, de que nascem os sofrimentos. Ninguém pode viver sozinho Quanto mais a humanidade evolui, tanto mais se organiza e funde os seus elementos. A coexistência se consolida cada vez mais e torna-se problema vital em todos os campos: política, indústria, religião, família, cultura; trabalho etc. O problema das relações sociais é um .problema de reciprocidade e compreensão. Neste sentido a máquina social, hoje, funciona muito mal, fato que custa lutas, resistências, duras reações, choques e dores para todos. Com isso pagamos, como é justo, o nosso erro. Constituiria uma vantagem incrível tornarmo-nos suficientemente inteligentes de maneira a sabermos evitar o erro, que tão caro nos custa.

Isto é ciência psicológica, uma arte a aprender, com as suas regras, técnica, dificuldades. Como nas células do corpo humano, também cada indivíduo lança o fruto do seu funcionamento na panela comum do corpo coletivo do ambiente social, do qual cada elemento faz parte e recebe a resposta correspondente. São motivos psicológicos, impulsos mentais que circulam de indivíduo para indivíduo, numa troca de ações e reações, de atrações e repulsões, de simpatia e antipatia, que continuam ecoando de um para outro, de alma para alma, até que acabam voltando à fonte, como fechados dentro dos limites dum espaço curvo. O fato é que a humanidade é um todo psicológico, dentro do qual fica tudo o que nele nasce. Ali as vibrações nervosas circulam como o sangue no corpo humano. Para a vida de todos e de cada um, é necessário que o sangue circule. Conforme as células sejam sadias ou doentes, ele traz saúde ou sofrimento. Mas é sempre preciso comunicar, seguindo os caminhos do grande corpo coletivo; e para comunicar têm que ficar abertos os canais de circulação. A bondade os abre, a agressividade os fecha. Fazer o bem é vital, fazer o mal é antivital para todos. No primeiro caso despertaremos confiança e todas as portas se abrirão. No segundo caso despertaremos desconfiança e todas as portas se fecharão. Então, o próximo será constrangido a colocar-se em posição ataque e defesa, ele se movimentará no sentido da luta e, uma vez movido o primeiro passo neste sentido, esse impulso negativo continuará repercutindo, tudo destruindo no seu caminho, até que um oposto impulso de amor o vença, o neutralize, o apague, a ele se substituindo com a sua positividade salvadora. Assim cada um vai enviando mensagem e esperando resposta Mas como é possível receber boas respostas de más mensagens? Todos gostariam de receber confiança e amor, mas às vezes estão transmitindo o oposto Seria necessário levar em conta o que temos de pensar a respeito dos outros, para receber dos outros o que quereríamos que eles pensassem a nosso respeito.

Como podemos receber bondade, se semeamos veneno? A ilusão de nossa ignorância está em acreditar que o mal possa ser lançado só contra os outros, sem que ele repercuta em nós. O egocentrismo faz-nos acreditar no absurdo de que vivemos divididos, quando vivemos todos juntos; que o dano dos outros possa ficar isolado do nosso, quando na vida nada há que possa existir separado. Assim, o sofrimento vai-se espalhando, atingindo todos. Para sofrer menos é necessário ser melhor e menos egoísta. O mal não se pode endireitar com o mal, a violência com a violência, mas somente com o bem e a bondade. Perseguir, inclusive em nome de Deus, não melhora, mas piora. Perante quem diz "eu" para se impor, todos instintivamente são

levados a contrapor o seu "eu". Eis a luta. Logo que na Terra surge uma força, eis que aparece a sua contra-força, que a equilibra. Mas, se ao invés de dizermos "eu", dizemos “nós” então também os outros são levados a dizer "nós". Eis a concórdia e a paz. A mansidão nos outros nos tira a vontade de lutar, porque não mais motivo para isso. Há leis psicológicas que os inteligentes podem usar melhor ainda do que se faz quando se usa uma técnica de box. Logo que se aproxima um amigo, todos abrem os braços, logo que se aproxima um inimigo, todos se armam. Não há vantagem cuja conquista possa compensar a destruição material e espiritual que a luta gera, compensar a morte que a guerra semeia.

A primeira fonte de tantos sofrimentos nossos está nessa forma mental atrasada, feita de egocentrismo separatista, de agressividade. A culpa fundamental é a falta de amor, que é como falta de luz, de ar, de calor, necessários para viver. É esta falta que nos faz afundar no negativismo, o que significa nas trevas, na incompreensão, na luta, no erro, no sofrimento. Este é o ponto final de todo o processo. A culpa não é de Deus, não é que a Sua obra seja mal feita. A culpa é do ser que não se sabe movimentar inteligentemente dentro das regras com que a Lei tudo regula. Pregar, explicar, não hasta para renovar o homem. Não há outro remédio senão continuar sofrendo, até que a dor abra a mente, a fim de que se compreenda qual é o verdadeiro caminho, e o homem aprenda à sua custa a lição, renove a sua forma mental e acabe conduzindo-se melhor. Nós só podemos fazer votos que isto aconteça o mais rapidamente possível. De uma coisa não há dúvida: enquanto o homem não aprenda a arte da conduta certa, terá de viver num estado de inimizade entre indivíduos, como entre povos, de luta contínua, de insegurança universal, de perigos e sofrimentos sem fim.

FIM